

37

2º
semestre
2019

sociedade e as novas modernidades

INTERAÇÕES



sociedade e as novas modernidades

INTERAÇÕES

3 PREFÁCIO/PREFACE

ARTIGOS/ARTICLES

- 11 Examining Selected Newspapers' Framing of the Renewed Biafran Agitation in Nigeria (2016 – 2017)
Examinando os Enquadramentos Noticiosos de Jornais Seleccionados da Renovada Agitação Biafrense na Nigéria (2016-2017)
Victor Chinedu Eze
- 34 Framing of Maternal and Child Healthcare Issues in Nigerian Newspapers
Enquadramento das Questões de Saúde Materna e Infantil nos Jornais Nigerianos
Raheemat Adeniran, Olujimi Kayode, Lai Oso
- 58 O Documentário Interativo em Ambientes Digitais: uma Taxonomia do Género Baseada em Modos de Imersividade
Interactive Documentary in Digital Environments: a Gender Taxonomy Based on Immersive Modes
Ana Catarina Monteiro
- 84 North Perspectives for a Better South? Big Data and the Global South in Big Data & Society
Perspetivas do Norte para um Sul melhor? Big Data e o Sul Global na Big Data e Sociedade
Guilherme Cavalcante Silva
- 108 O Mito Trágico de Salvador Dalí
The Tragic Myth of Salvador Dalí
Nuno Pinto Ferreira, Carlos Farate, Henrique Testa Vicente
- 144 The Importance of Music for Alzheimer's Disease Sufferers
A Importância da Música no Contexto da Doença de Alzheimer
Joana Maia
- 159 Reflexões em um Campo de Fronteiras: Educação e Comunicação em Diálogo
Reflections in a Field of Borders: Education and Communication in Dialogue
Ricardo Cocco
- 183 Exploring The Nexus Between Family Size Planning and Retirement Planning in Ghana
Explorando o Nexo entre o Planeamento Familiar e o Planeamento da Reforma no Gana
Delali Adjoa Dovie
- ENSAIOS/ESSAYS
- 217 A Internacionalização do Ensino Superior
Da Mobilidade de Pessoas à Internacionalização do Currículo
*The Internationalization of Higher Education
From People's Mobility to Curriculum Internationalization*
Maria João Barata

Prefácio

O volume abre com um artigo de Victor Chinedu Eze sobre os enquadramentos noticiosos que a imprensa nigeriana fez do movimento biafrense, entre 2016 e 2017, aquando da celebração dos 50 anos da tentativa de criação do Biafra. Assumindo a teoria do enquadramento como quadro teórico, o autor aborda os enquadramentos mediáticos de conflitos através de uma análise de conteúdo quantitativa e qualitativa. Considerando que os enquadramentos noticiosos ocidentais da II Guerra Mundial e da Guerra Fria não permitem uma leitura fidedigna dos acontecimentos em diferentes geografias, Eze apresenta uma interessante revisão da literatura sobre a teoria do *framing* analisada a partir da lente do conflito. O autor analisou 421 artigos de dois jornais nigerianos durante um período de dois anos (2016-2017). O objetivo era compreender quais os enquadramentos noticiosos para os acontecimentos e as principais fontes de informação. Os resultados revelam que os enquadramentos mais comuns estão relacionados com direitos humanos e o quadro separatista. As fontes de informação que promovem estes enquadramentos são os correspondentes dos jornais, o governo nigeriano e o movimento Povos Indígenas do Biafra. A principal conclusão do artigo é de que os media nigerianos retratam a agitação biafrense a partir de uma perspetiva dicotómica conflito *versus* ativismo.

No artigo “Framing of Maternal and Child healthcare Issues in Nigerian Newspapers”, Raheemat Adeniran, Olujimi Kayode e Lai Oso procuram analisar a cobertura noticiosa sobre questões de saúde materna e infantil na imprensa nigeriana. Considerando a relevância dos media na comunicação de saúde, fazem uma interessante incursão sobre os enquadramentos noticiosos de questões ligadas à saúde. O estudo empírico procura compreender qual a adoção do enquadramento de saúde pública na cobertura noticiosa sobre questões de saúde materna e infantil, assim como de que forma os enquadramentos de *coping* e alarme são utilizados e combinados. A abordagem metodológica é a de análise de conteúdos a partir de uma lista de enquadramentos codificados. O *corpus* de análise foram 1235 textos publicados em quatro jornais nigerianos de grande circulação. Os resultados permitem concluir que o enquadramento de saúde pública raras vezes é utilizado em textos sobre saúde materna e infantil, sendo que a maioria dos itens analisados sobre a temática não apresenta um contexto que possibilite uma melhor compreensão por parte da audiência. O estudo revela ainda um recurso frequente ao enquadramento de *coping*, mas essencial-

mente na cobertura noticiosa de eventos organizados. Ocorrências não agendadas são reportadas a partir de um enquadramento de alarme.

Ana Catarina Monteiro propõe uma definição e taxonomia de documentário interativo a partir da análise da composição formal do gênero e da relação com a audiência. Ancorada à representação de novas lógicas de realidade no documentário interativo, a investigadora desenvolve uma revisão do estado da arte que incorpora os conhecidos modos do documentário de Nichols à contextualização das narrativas interativas nos ambientes digitais propostos por Murray. Monteiro prossegue com a abordagem da imersão em contexto interativo, considerando a definição de narrativa não-linear proposta por Manovich para uma definição do conceito de interatividade. A autora analisa a imersão no documentário interativo a partir de uma abordagem multimodal recorrendo às taxonomias de modos de representação de Nichols e de modos de interação de Gaudenzi. Ana Catarina Monteiro explica que “sendo a imersividade um termo tão complexo houve necessidade de criar modos de imersividade, de modo a ilustrar como é que esta característica do documentário interativo tem sido entendida e usada, assim como para ter uma caracterização mais consistente das relações protagonizadas entre autor, *medium* e utilizador”.

No artigo “North perspectives for a better South? Big Data and the Global South in Big Data & Society”, Guilherme Cavalcante Silva propõe uma análise de artigos publicados na revista *Big Data & Society* com o objetivo de identificar se existe uma distribuição assimétrica de vozes nas comunidades científicas e avaliar como é que essa distribuição pode afetar o cenário deste campo da pesquisa social. O autor argumenta que a hegemonia das perspectivas do Norte nos artigos publicados na revista *Big Data & Society* podem resultar numa generalização constante das implicações do Big Data no Sul Global. Os resultados do mapeamento dos artigos publicados na revista entre 2014 e 2016 (n = 131) revelam a invisibilidade do Sul Global, uma hegemonia norte-americana e uma lacuna em trabalhos que equacionem as assimetrias globais Norte/Sul.

O artigo de Nuno Pinto Ferreira, Carlos Farate e Henrique Testa Vicente propõe uma leitura crítica da autoanálise que Salvador Dalí faz na obra “O mito trágico do Angelus de Millet”. Como explicam os investigadores, “este é um texto que, pela sua plasticidade, se presta a múltiplas leituras e a uma interpretação polissémica quando conjugado com os elementos biográficos do pintor”. Os autores analisam a narrativa,

elaborada segundo o método paranoico-crítico, a partir da interpretação de uma dinâmica familiar sob o primado da fantasia do *infans* de substituição. A estrutura do artigo centra-se numa triangulação de excertos do texto com registos autobiográficos de Dalí e contribuições de Bion sobre a importância dos mitos privados. Os autores argumentam que a narrativa de Dalí sobrepõe “mito pessoal e ficção, alegoria onipotente e reinterpretação delirante da saga familiar trágica, de uma díade mãe-filho permeada pela evocação histórica do “resgate” fantasmático de um irmão morto nove meses antes do seu nascimento”.

Joana Maia propõe uma análise sobre o impacto da música em doentes de Alzheimer. A investigadora argumenta que a música se pode assumir como um elemento regulador da instabilidade emocional e uma possível alternativa ao uso da linguagem verbal. O artigo apresenta um estudo empírico ancorado a uma abordagem de estudo de caso, recorrendo a observação direta, de uma doente de Alzheimer, Helena. Num primeiro momento, são equacionadas similaridades entre a doença de Alzheimer e autismo numa comparação entre a observação direta de Helena e Romy, uma criança autista descrita na literatura de Ockelford. A partir da identificação da música como forma de comunicação e autoexpressão, são estudadas as reações e interações de Helena com a música. Neste sentido, a música é identificada como um regulador emocional, uma forma de expressão emocional e um elemento estimulador da memória.

Ricardo Cocco explora as complexas relações entre a educação e os media, os processos de significação operados pelos meios de comunicação e a produção de sentido do ponto de vista da receção. Partindo da premissa de que os media são elementos mediadores da sociedade e o mundo que a rodeia, a sua dimensão pode estender-se à criação de um espaço de aprendizagem não-formal considerando que “são agentes de produção de um número imensamente significativo de informações, valores, símbolos e significados que coparticipam junto aos indivíduos na organização de suas vidas e suas ideias, a formarem suas opiniões ou oferecendo ferramentas para compreender, se adaptar ou transformar o seu mundo”. Assumindo a teoria de Martín-Barbero e a Declaração de Grünwald, o autor procura equacionar de que forma as experiências mediáticas, mediadas e mediatizadas podem convergir para experiências educativas e formativas. Neste artigo de cunho teórico e levantamento do estado da arte, Ricardo Cocco equaciona ainda o papel dos media digitais nos novos desafios dos sistemas educativos convencionais.

Prefácio

No artigo “Exploring the nexus between family planning and retirement planning in Ghana”, Delali Adjoa Dovie analisa as atitudes de trabalhadores formais e informais na articulação entre o planeamento familiar e o planeamento da reforma. O fio condutor deste artigo é a antecipação da reforma considerando nove pilares: processos de ambições e motivação para a reforma, educação pré-reforma, ranking de necessidades, mobilização de recursos, estratégias de emergência e poupança, criação de riqueza através de investimento de fundos em produtos financeiros, planeamento familiar e construção de rede social, e alocação de recursos para a vida pós-reforma. O enquadramento teórico do artigo ancora nos estágios da teoria da reforma e na teoria do fluxo de riqueza de Caldwell. Delali Dovie apresenta uma revisão da literatura sobre o planeamento da reforma, a reforma e o planeamento familiar no contexto específico do Gana, e as dinâmicas dos sectores de trabalho formais e informais. O estudo empírico foi operacionalizado com uma amostra de trabalhadores ganenses formais e informais em três fases, com recurso a entrevista e questionário. Os resultados revelam que existe uma ligação entre o planeamento familiar e o planeamento da reforma. Verifica-se uma mudança gradual em relação às famílias menores e ao planeamento da aposentadoria. Atendendo a que as famílias numerosas podem ter dificuldade em economizar, trabalhadores do setor formal e informal consideram que as famílias devem ter um máximo de 5 filhos.

O volume encerra com o ensaio “A internacionalização do ensino superior da mobilidade de pessoas à internacionalização do currículo”, de Maria João Barata. Trata-se do texto da Oração de Sapiência proferida na cerimónia de Abertura Solene do Ano Letivo 2019/2020 no Instituto Superior Miguel Torga a 6 de Novembro de 2019. A autora centra-se na internacionalização do currículo a partir de práticas e dinâmicas institucionais e pedagógicas que lhe estão associadas, nomeadamente a integração de uma dimensão internacional e intercultural no ensino superior. Maria João Barata conclui que “é necessário consciencializar e discutir as questões de internacionalização a todos os níveis da academia, para sobre elas se adotarem estratégias que sejam pertinentes e relevantes, que sejam claras e compreensíveis para todos os envolvidos, e, também, que sejam exequíveis com os recursos disponíveis”.

Inês Amaral
Maria João Barata
Vasco Almeida

Preface

The volume opens with an article by Victor Chinedu Eze about the news framing that the Nigerian press made of the Biafran movement between 2016 and 2017, when the 50th anniversary of the attempt to create Biafra was celebrated. Assuming the theory of framing as a theoretical framework, the author approaches the mediatic frames of conflicts through quantitative and qualitative content analysis. Considering that the Western frames of World War II and the Cold War do not allow reliable reading of events in different geographies, Eze presents an interesting review of the framing theory literature analysed from the conflict lens. The author reviewed 421 articles from two Nigerian newspapers over two-years (2016-2017). The main goal was to understand how the events were framed and the primary sources of information. The results reveal that the most common frames are related to human rights and the separatist frame. The sources of information promoting these frames are newspaper correspondents, the Nigerian government, and the Indigenous People of Biafra. The main conclusion of the article is that the Nigerian media portray Biafran unrest from a dichotomous perspective of conflict *versus* activism.

In the article “Framing of Maternal and Child Health Issues in Nigerian Newspapers”, Raheemat Adeniran, Olujimi Kayode and Lai Oso seek to analyse news coverage on maternal and child health issues in the Nigerian press. Considering the relevance of the media in health communication, the authors make an interesting foray into the news frames of health issues. The empirical study aims to understand the adoption of the public health framework in the news coverage of maternal and child health issues, as well as how coping and alarm frames are used and combined. The methodological approach is content analysis from a list of coded frames. The corpus consisted of 1235 texts published in four widely circulated Nigerian newspapers. The results show that the public health frame is rarely used in texts on maternal and child health, and most of the items analysed on the subject do not have a context that allows a better understanding by the audience. The study also reveals a frequent use of coping framing, but mostly in news coverage of organised events. Unscheduled events are reported from an alarm frame.

Preface

Ana Catarina Monteiro proposes a definition and taxonomy of interactive documentary based on the analysis of the formal composition of the genre and its relationship with the audience. Anchored in the representation of new logic of reality in the interactive documentary, the researcher develops a state-of-the-art review that incorporates the well-known modes of Nichols documentary into the contextualization of interactive narratives in digital environments proposed by Murray. Monteiro proceeds with an interactive context immersion approach, considering Manovich's definition of nonlinear narrative for a description of the concept of interactivity. The author analyses immersion in the interactive documentary from a multimodal approach using the taxonomies of Nichols modes of representation and Gaudenzi modes of interaction. Ana Catarina Monteiro explains that "immersiveness being such a complex term, it was necessary to create modes of immersiveness, in order to illustrate how this feature of the interactive documentary has been understood and used, as well as to have a more consistent characterization of the protagonized relationships between author, medium and user".

In the article "North perspectives for a better South? Big Data and the Global South in Big Data & Society", Guilherme Cavalcante Silva proposes an analysis of articles published in the journal Big Data & Society to identify if there is an asymmetrical distribution of voices in the scientific communities. In addition, it aims to evaluate how this distribution can affect the scenario of this field of social research. The author argues that the hegemony of Northern perspectives in articles published in Big Data & Society may result in a constant generalisation of the implications of Big Data in the Global South. The results of mapping the articles published in the magazine between 2014 and 2016 (n = 131) reveal the invisibility of the Global South, a North American hegemony and a gap in the papers that equate the global North / South asymmetries.

The article by Nuno Pinto Ferreira, Carlos Farate e Henrique Testa Vicente proposes a critical reading of Salvador Dalí's self-analysis in the book "The tragic myth of the Angelus de Millet". The researchers explain that "this is a text that, because of its plasticity, lends itself to multiple readings and a polysemic interpretation when combined with the biographical elements of the painter". The authors analyse the narrative, elaborated according to the paranoid-critical method, based on the interpretation of a family dynamic under the primacy of fantasy of substitution infants. The structure of the article focuses on a triangulation of text excerpts with Dalí's autobio-

graphical records and Bion's contributions to the importance of private myths. The authors argue that Dalí's narrative overlaps "personal myth and fiction, omnipotent allegory, and delirious reinterpretation of the tragic family saga of a mother-child dyad permeated by the historical evocation of the ghostly 'rescue' of a dead brother nine months before his birth".

Joana Maia proposes an analysis of the impact of music on Alzheimer's patients. The researcher argues that music can be assumed as a regulating element of emotional instability and a possible alternative to the use of verbal language. The article presents an empirical study anchored to a case study approach using direct observation of an Alzheimer's patient, Helena. At first, similarities are equated between Alzheimer's disease and autism in a comparison between the direct observation of Helena and Romy, an autistic child described in Ockelford's literature. From the identification of music as a form of communication and self-expression, Helena's reactions and interactions with music are studied. Music is identified as an emotional regulator, a form of emotional expression and a stimulating element of memory.

Ricardo Cocco explores the complex relationships between education and the media, the processes of meaning operated by the media, and the production of meaning from the perspective of reception. Starting from the premise that the media are mediating elements of society and the world around it, its dimension can extend to the creation of a non-formal learning space. Mainly considering that "they are agents of production of an immensely significant amount of information, values, symbols and meanings that co-participate with individuals in organizing their lives and ideas, forming their opinions or offering tools to understand, adapt or transform their world". Assuming Martín-Barbero's theory and the Grünwald Declaration, the author seeks to consider how mediatic, mediated, and mediatised experiences can converge to educational and formative experiences. In this theoretical article and state of the art examination, Ricardo Cocco also considers the role of digital media in the new challenges of conventional education systems.

In the article "Exploring the nexus between family planning and retirement planning in Ghana", Delali Adjoa Dovie analyses the attitudes of formal and informal workers in the articulation between family planning and retirement planning. The thread of this article is the anticipation of reform considering nine pillars: processes of ambition and motivation for retirement, pre-retirement education, needs ranking,

Preface

resource mobilization, emergency and savings strategies, wealth creation through fund investment in financial products, family planning and social networking, and resource allocation for post-retirement life. The theoretical framework of the paper is anchored in the stages of reform theory and Caldwell's theory of wealth flow. Delali Dovie presents a review of the literature on retirement planning, retirement and family planning in the specific context of Ghana, and the dynamics of formal and informal work sectors. The empirical study was operationalized with a sample of formal and informal Ghanaian workers in three phases, using interviews and a questionnaire. Results show that there is a link between family planning and retirement planning. There is a gradual shift from smaller families and retirement planning. Given that large families may have difficulty saving, formal and informal sector workers consider that families should have a maximum of 5 children.

The volume ends with the essay “The internationalization of higher education in the mobility of people to the internationalization of the curriculum”, by Maria João Barata. It is the text of the *Lectio Magistralis* given at the Solemn Opening Ceremony of the Academic Year 2019/2020 at the Instituto Superior Miguel Torga on 6 November 2019. The author focuses on the internationalization of the curriculum based on institutional practices and dynamics associated, namely the integration of an international and intercultural dimension in higher education. Maria João Barata concludes that “it is necessary to raise awareness and discuss internationalization issues at all levels of academia to adopt strategies that are relevant and relevant, that are clear and understandable to all involved, and that achievable with available resources”.

Inês Amaral
Maria João Barata
Vasco Almeida

Examining Selected Newspapers' Framing of the Renewed Biafran Agitation in Nigeria (2016 - 2017)

Victor Chinedu Eze

Department of Communication and Language Arts, University of Ibadan - viccjohnson@gmail.com

Abstract

The renewed Biafran agitation headed by Indigenous People of Biafra (IPOB) has been in the news since 2016. This is surprising when one considers that the Nigerian-Biafran war was fought over 50 years ago with no victor and no vanquished stance. This research examines how selected newspapers framed the Biafran agitation from January, 2016 to December, 2017 – a period which recorded a spike in the activities of Biafran agitators who called for a referendum to carve out the Republic of Biafra. Framing theory is employed as the theoretical frame work for this research. Four hundred and twenty-one (421) issues of selected newspapers were sampled

through purposive and critical case sampling techniques. The data were analysed through qualitative and quantitative content analysis. Findings of this research showed that selected newspapers framed the agitation from political, economic, separatist, human rights, conflict and hate speech frames. Findings also show that media correspondents were the primary frame source for stories on the renewed Biafran agitation. The print media perceived the agitation mainly from human rights crisis where the agitators are deprived of the freedom to protest and are dehumanised by the Nigerian security operatives; and questioned the government over human rights abuses.

Keywords: Biafra, framing, Nigeria, agitation, session, media.

Examinando os Enquadramentos Noticiosos de Jornais Seleccionados da Renovada Agitação Biafrense na Nigéria (2016-2017)

Sumário

A renovada agitação biafrense liderada pelos Povos Indígenas de Biafra (IPOB) tem sido notícia desde 2016. Isto é surpreendente quando se considera que a guerra nigeriana-biafrense foi travada há mais de 50 anos, sem vitórias e nenhuma posição vencida. Esta investigação examina como os jornais seleccionados enquadraram a agitação de janeiro de

2016 a dezembro de 2017 – um período que registou um pico nas atividades dos agitadores biafrenses, que pediram um referendo para possibilitar criação da República de Biafra. A teoria do enquadramento é o quadro teórico desta pesquisa. Quatrocentos e vinte e um (421) números de jornais foram seleccionados por meio de técnicas de amostragem

Examining Selected Newspapers' Framing of the Renewed Biafran Agitation in Nigeria (2016 - 2017)

de casos críticos e intencionais. Os dados foram analisados através de análise de conteúdo qualitativa e quantitativa. Os resultados deste estudo mostraram que os jornais selecionados enquadravam a agitação em quadros políticos, económicos, separatistas, de direitos humanos, conflito e discurso de ódio. Os resultados também mostram que os correspondentes da imprensa eram a fonte prin-

cipal para artigos sobre a renovada agitação biafrense. Os media impressos noticiaram a agitação da crise principalmente a partir dos direitos humanos, em que os agitadores são privados da liberdade de protestar e são desumazinados pelos agentes de segurança nigerianos, questionando o governo por violações dos direitos humanos

Palavras-chave: Biafra, enquadramento, Nigeria, agitação, sessão, media.

INTRODUCTION

Since the end of the Nigerian Civil war in 1970 tagged the Biafran war, pain, losses and regrets have continued to linger in the minds of both those who stood by the Nigerian side and those who fought on the Biafran side at that time. While it is expected that the open wounds about the Biafran struggles would have been healed after the war which lasted from July 6, 1967 to January 15, 1970 (Akpan, 1976), the Nigerian government over the years seem not to have done enough to pacify frail nerves. Instead of bringing the Biafrans to a round table for dialogue, the government resorts to intimidation and gagging of voices — such as Indigenous People of Biafra (IPOB) — that get vocal about the Biafran agitation. IPOB is a splinter organization from Movement for the Actualisation on Sovereign State of Biafra (MASSOB) led by Nnamdi Kanu (Dixon, 2016). Members of IPOB perceive themselves as Biafran activists and engage in the renewed call for the Biafran nation. They clamor for a referendum where individuals from the Igbo ethnic nation will decide whether or not to remain in Nigeria as members of one united nation (Hegarty, 2017). In the ensuing agitation by the group, several members of IPOB have been killed by the Nigerian security agencies. Amnesty International blamed the Nigerian Army for the death of more than 100 members of IPOB in Anambra state during the celebration of Biafra Remembrance day from May, 29 to 30, 2016 and in February during a prayer service (Amnesty International, 2016).

The leader of IPOB, Nnamdi Kanu, was jailed for two years and was released on bail in 2017. He disappeared after the Nigerian security agencies besieged his hometown to put an end to the increasing threat to election boycott and other activities of the group who appeared to be gaining the attention of international community, local media and international media groups by day. On 20 September, 2017, the Nigerian government secured a court injunction from the Federal High Court, in Abuja, banning the activities of IPOB and branding it a terrorist organization (Channels Tv, 2017). That move has attracted condemnation from several individuals since IPOB members do not bear arms.

STATEMENT OF THE PROBLEM

According to the Nigeria Watch database, from 2006 to 2019, the number of fatalities resulting from the Biafran agitation related killings stands at one thousand one hundred and twelve (1,112) deaths in 72 incidents. Anambra State in the South East experienced the highest number of Biafra related deaths which is 75% (831 deaths). Most of the killings were extra-judicial killings by the security personnel who shoot at the agitators. Nigeria Watch (www.nigeriawatch.org) is an online database which monitors and indexes data from lethal violence, conflicts and human security in Nigeria.

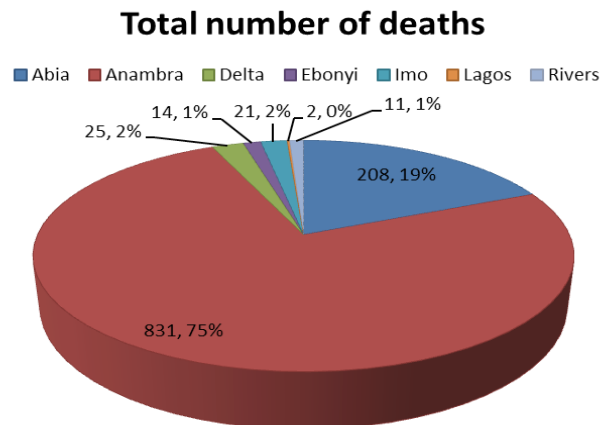


Figure 1. Biafran agitation Related fatalities by states (2006-2019) from NigeriaWatch database, 2019

Examining Selected Newspapers' Framing of the Renewed Biafran Agitation in Nigeria (2016 - 2017)

Furthermore, after 50 years of war, the Biafran narrative is again resurrecting in the Nigerian society in different way that appear resounding to both the agitators and the Nigerians with the advent of Indigenous People of Biafra (IPOB) by Mazi Nnamdi Kanu. Since the renewed struggles of the agitators commenced, in 2015, the media have been instrumental in the reportage of the clamor for a new Biafran State, as increased attention is given to the Biafra agitation story in different media. This study examines the framing of the renewed Biafran agitation from 2016-2017 in selected newspapers (Daily Trust and Punch newspapers) and captures how they framed the agitation.

LITERATURE REVIEW

Some researchers and scholars have investigated and written extensively on the concept of secession in different parts of the world. According to Tir, secession is defined as “an attempt to resolve a domestically based territorial dispute by dividing a country’s homeland territory into new, secessionist (e.g., Eritrea) and rump (e.g., Ethiopia) states. Yet, the secession may not have resolved the original dispute to the states’ satisfaction.” Tir (2005, p. 11) further underscored that after secession, the leader of the rump state could attempt to employ force to retake part of the land taken over by the secessionist state, while the head of secessionist state is encouraged in the movement by the cache of land acquired by his movement. The author found that ethnically rooted territorial disputes play a much greater role in onset of conflict than do their economically or strategically based and that secession could either be peaceful — leading to a peaceful relations afterwards — or violent — resulting to conflict and wars.

Apart from the Biafran agitation, several secessionist movements have been recorded. Some of these were witnessed and are still being witnessed in places such as Scotland, Catalonia, Iraqi Kurdistan, New Caledonia, and Bougainville (Griffiths, 2017). For these units, there are several attempts to break off from the country in which the actors find themselves.

Investigating secession movement from 1900 to 2006, Griffiths and Waser highlighted that recent research indicates that “the strategic use of violence may increase a group’s chance of gaining independence” (2018, p. 1). The researchers examined the primary data set on the institutional and extra-institutional approaches that seces-

sionists employed from 1946 to 2011 and found that there are differences in secessionist movements. Their studies revealed that secessionists have several institutional or legal channels towards independence which inform their movements. They also discovered that no secessionist movement seeking for independence from a contiguous state has achieved that without employing institutional approaches only or in conjunction with extra-institutional approach.

Sorens (2005) analyzed the risk factors of secessionism at sub-state and regional level by finding out the regions that are more likely to support more successful secessionist parties. The researcher found that secessionism has unique factors that are associated with it which are quite different from other forms of ethnic conflict. The identified factors which help to strength secession are language, lack of irredentist potential, relative affluence, geographical non-contiguity, population, and multiparty political system. These factors generally serve as activators of ethnic identity rather than a substitute for the same, although there are important cases of non-ethnic secessionism. Thus, in the views of Sorens (2005), ethnicity plays a major role in secession.

In addition, Criado, Herreros, Miller and Ubeda (2018) found that ethnicity and trust are ingredients which fuel secessionist movements. They conjectured that political competition could strengthen ethnic saliency and, in turn, salient ethnic identities can activate or intensify in-group trust and depress trust in members of other ethnic groups. Under studying the pre and post secession periods in Catalonia, Spain, the researchers discovered that ethnicity helps to build trust among groups and the reverse could ignite secession movements.

Still buttressing the factor of ethnicity, Hentschel (2018) observed that one of the root causes of secession movement is the quest by ethnic groups to steer above implemented national policies that demean them. Thus, ethnic groups employ session as an instrument for eliminating ethnic heterogeneity cost and so adopt their own policy. The scholar learned that further secessionist conflicts will more likely lead to more session as there will be more quests among the segregating units to secede from the whole.

Examining secession from the religious dimension, Sari (2018) investigated Indonesia's involvement in Muslim-related secessions in non-Muslim countries. The study found that the way Indonesian government relates Muslim separatists and their host countries depend on the perception of the key policy makers' perception that support or non-support can affect national interest. Thus, support for secessionists is not based on affiliations but on the supporting nation's interests.

Examining Selected Newspapers' Framing of the Renewed Biafran Agitation in Nigeria (2016 - 2017)

In all, Hecter postulates that secession is a rational choice which is an “outcome of series of collective decisions made by regional leaders and populations, and by the leaders and populations of host states” (1992, p. 1). Thus, the collective decision differentiates secession from other processes that lead to the formulation of political units.

MEDIA FRAMING THEORY

“To frame, is to select some aspects of a perceived reality and make them more salient in a communicating text, in such a way as to promote a particular problem definition, causal interpretation, moral evaluation, and/or treatment recommendation for the item described” (Entman, 1993, p. 52). Media framing is a process by which issues are portrayed in the news media. Media frame provides some form of boundaries around a news story, determining what is newsworthy and what is not. It is the “central organising idea for news content that supplies a context and suggests what the issue is through the use of selection, emphasis, exclusion, and elaboration” (Tankard, 2001, p. 100). Frame analysis employs deductive and inductive methods of framing patterns. Deductive frame analysis operationalises frames prior to the analysis of the texts in order to examine the extent to which the frames occur in the news (de Vreese, 2005).

MEDIA FRAMING OF CONFLICTS

The activities of secessionist movements attract public interest both locally and internationally. Secessionists and groups in conflicts always seek coverage by the media in order to gain attention (Vladislavljević, 2015) both nationally and globally. They do that bearing in mind that the media are the best channel for most people in the society who seek for information on politics, conflicts and other events. By framing events and conflicts, the media influence the opinions, views and behaviour of the masses. The framing activities of the media entail reporting conflict situations in a particular way with the potential to influence the dynamics and understanding of that conflict. That could also inform the success or failure of objective for parties in conflict. Thus, “that is why participants in conflicts – including state officials, armed rebels and other

warring sides, political parties, social movements, workers on strike and pro-democracy activists in authoritarian states – aim to exploit the media to foster their goals by adapting their activities to the logic of media operation” (Vladisavljević, 2015, p. 5). Several studies have investigated the way the media frame conflict situations. According to Somerville (2017), the process of selection of stories and the angles of approach involve frames – frames are in the journalistic sense ways of fitting stories into simple contexts that let the audience know how to interpret them according to existing knowledge and value systems.

The mass media in Nigeria play crucial roles in the framing of events and conflicts by choosing words, phrases, literal techniques as well as the influence of placement on audience perception (Amenaghawon, 2017). For instance, Nwafor and Ogbodo (2016) investigated how the Daily Sun and Leadership newspapers framed the group identities in the 2014 national dialogue in Nigeria which aimed at finding solution to the series of conflicts bedeviling Nigeria. The study found that there was low coverage of the conference in the two newspapers with most of the stories lacking in-depth analysis. The newspapers also framed the stories with sectional undertones; and many of the reports showed unsupportive slants to opposing ethnic groups’ viewpoints on the conference; while dominant frames were issues of sectional interests such as power rotation, creation of additional states for equity, religion, state police, security and secession. The study advocated greater media interest in issues of national significance, and intensified crusade for national cohesion; it urges the media to lead the campaign by example; and suggests a review of the Code of Ethics for Nigerian Journalists to stress nationalism as against sectionalism in media reportage.

Furthermore, Amenaghawon (2017) examined the framing techniques, news formats used, sources of frames as well as influence of ownership on the selected Nigerian newspapers in the coverage of the Niger Delta, a conflict that is at the very centre of Nigeria’s economy. Findings revealed that the selected newspapers used more of thematic frames than episodic frames, while they also preferred news formats to other editorial formats. In addition the newspapers depended mainly on their government and correspondents for frames used in the coverage of the Niger Delta conflict.

Somerville (2017) found that between the Second World War and 1990, the media usually frame conflicts from Cold War frame. However, conflicts such as the Nigeria Biafran war was not framed from Cold War frame. The war was framed from both humanitarian and tribal frames. Many other conflicts were framed from either tribal or humanitarian frames. For instance the Ethiopian famine and attendant war in Eri-

Examining Selected Newspapers' Framing of the Renewed Biafran Agitation in Nigeria (2016 - 2017)

tree and Tigre were mainly framed from humanitarian angle.

Furthermore, Vladislavjević (2015) observed that the media's framing of war often emanate from the perspective of its country of origin. The media and public usually employ a nationalist/patriotic frame which supports the operation of the country's armed forces, thus reducing any form of attendant criticism of the conflict actors. For instance, the U.S. media represented the Vietnam War as a 'national endeavor' which captured the conflict as our war. "The same themes applied in the coverage of the 1991 Iraq War, probably to an even greater extent than in the Vietnam War's early years" (Hallin, 1994, p. 53).

Wahutu (2018) investigated the representation of the conflict in Darfur by the media in Kenya, South Africa, Egypt and Rwanda by analyzing 850 newspaper articles published from 2003 to 2008 and interviewing journalists from Kenya and South Africa. Employing Mbembe's articulation of 'meaningful acts' and Bourdieu's field theory, exposed that African media framed the Darfur conflict on the basis of the intersection of geopolitics, symbolic affirmation of unity and 'Africanness' and a ritualistic use of official. The study found that the media in the four countries represented the violence in Darfur from ethnic conflict frame. However, the African media employed ethnic conflict frame in a different way from the Western media which assumed that there is a determined relationship between tribe and conflict. African media employed ethnic frame to separate the actors in the conflict and also localized the news among their audience.

Similarly, Durga (2004) examined the frames used by the U.S. print media – The New York Times, The Washington Post and the Los Angeles Times – in their coverage of the Kashmir conflict and the parties involved in it from 1989 to 2003. The study identified sources and keywords from 180 news reports and placed them into categories from which it isolated thematic clusters or frames. It broke the 15 years of media coverage into four phases and with a focus on the coverage of seven subjects. The researcher found that in the first two phases of the coverage, the conflict was viewed as a violent separatist movement and later was viewed as an ongoing violent conflict between India and Pakistan. The predominant frame through all the phases was the identification of Kashmiris as armed militants who are fighting to secede from India. The Indians were framed as suppressing the Kashmiris through their armed forces, a frame which shifted later to the armed forces being perceived as fighting Pakistani army and non- Kashmiri Islamic fighters. Durga states:

Pakistan was consistently identified as a country supporting the Kashmiri separatist movement with arms and training, and later as a country itself participating in the conflict through its military. The United States was consistently described as a country concerned with peace and security in South Asia. The dominant frames in all periods were found to be portraying the conflict as a war and in the last two phases, a potential nuclear war. The Indians, Pakistanis and Kashmiris were always characterized through their religious identities – Indians as Hindu, and Pakistanis and Kashmiris as Muslim or Islamic. (2004, p. 8)

Thus, the media framed the conflict through religious, violent separatist, armed militant and war frames. The implication is that the media always cover conflicts through different frames and these frames help to shape the opinion of the public about any raging conflict.

RESEARCH QUESTIONS

The underneath research questions were raised and answered in this research:

1. How did selected newspapers frame the renewed Biafran agitation?
2. What is the most dominant frame of the renewed Biafran agitation in selected newspapers?
3. What are the frame sources adopted by selected newspapers in the framing of the renewed Biafran agitation?

METHODOLOGY

This study employs quantitative and qualitative method of research. Content analysis is employed for the gathering of data from the online versions of Daily Trust and Punch newspapers. Content analysis offers the best means to investigate media content. According to Kerlinger (2000) it is “a method of studying and analyzing communication in a systematic, objective, and quantitative manner for the purpose of measuring variables” (as cited in Wimmer & Dominick, 2006, p. 150). The data were analyzed quantitatively and qualitatively. The data for the quantitative content analysis were

Examining Selected Newspapers' Framing of the Renewed Biafran Agitation in Nigeria (2016 - 2017)

gathered through purposive sampling technique while the data for the qualitative content analysis were collated through critical case sampling technique which enables the selection of the samples that offer the critical information that is needed for analysis.

THE SAMPLE AND UNIT OF ANALYSIS

The universe of the study is composed of Nigerian national daily newspapers. This study employs Daily Trust and Punch newspapers because they are among the most widely read newspapers in Nigeria both online and offline. Daily Trust has its stronghold in the Northern part of Nigeria while Punch newspaper is produced in the Southern part of Nigeria. Based on available statistics, they are among the ten best newspapers in terms of online readership in Nigeria (Emeka, 2017). Thus, this study gathered data from January, 2016 to December, 2017 issues of Daily Trust and Punch newspapers. The online version of Daily Trust and Punch newspaper were used for this study due to the fact that both newspapers have plenty online reading audience and also possesses good database for searching up articles.

In order to eliminate bias and be more objective, only news reports and feature articles were analyzed in this research. This is because of the inherent bias that is associated with opinionated editorials, letters to the editor and commentaries. Self-opinionated articles or articles that made simple references to Biafra were not included in the sample.

To generate the sample for this study, Daily Trust and Punch newspapers' archives were searched with the keyword "Biafra". Articles and stories on Biafra were selected for data analysis. The unit of analysis in this study is the complete article or story excluding illustrations, photographs and other visuals associated with the text. The analysis timeframe is from issues dating from January, 2016 to December, 2017. This two-year period saw a spike in the activities of IPOB and other related groups that champion the Biafran cause. The leader of IPOB, Nnamdi Kanu was released from prison during this period and he went around creating awareness. The group also issued ultimatum to the Federal government demanding a referendum for the determination of the Biafran nation. Within the same period, the group also called for the boycotting of election in the entire Igbo land, starting from Anambra state election in November, 2017. All the forgoing events offered journalists and reporters enough materials to report the Biafran cause from different perspectives and constantly fed the public with information on the Biafran issue.

CONCEPTUAL CLARIFICATION

A **frame** provides boundaries around a news story, determining what is newsworthy and what is not. It is the “central organizing idea for news content that supplies a context and suggests what the issue is through the use of selection, emphasis, exclusion, and elaboration” (Tankard, 2001, p. 100). It offers special angle to a story or event. Six (6) frames were identified in this study. They are described below.

Political frame describes how political parties blame each other for the renewed agitation of Biafrans.

Economic frame captures the role of the economy in the agitation for Biafran nation. It also refers to the direct impact of the struggle on the economy.

Separatist frame refers to the quest to cut off the Igbo nation from Nigeria. It has ethnic twist.

Human rights frames show physical and psychological abuse of members of the Biafran movement by Nigerian security agencies.

Conflict frame describes the conflict between opposing interest groups like the Nigerian government and the Biafran agitators. The potential danger of the continuous agitation is the militarization of South East Nigeria and arrests of Biafran movement members.

Hate Speech frame refers to the verbal attack and counter attacks that often took tribal dimension among Nigerian youths in relation to Biafran agitation.

Frame sources refer to the first two sources cited in the article or stories that were coded to discover who the individuals, institutions or groups attempted to direct the media frames at. This refers to the Nigeria government, correspondents, elder statesmen, agitators, international community, and NGOs.

Valence refers to the twist or orientation of the frame. It shows whether Biafran agitation was captured as positive or negative event. It could also be neutral when the article does not state the benefits or disadvantages associated with the Biafran struggles.

INTERCODER RELIABILITY

In order to maintain the reliability and validity of this study, an inter-coder reliability test was conducted on the units of stories related to Biafra from Daily Trust and Punch newspaper websites. Inter-coder reliability is the level of agreement among the

Examining Selected Newspapers' Framing of the Renewed Biafran Agitation in Nigeria (2016 - 2017)

coders who employ the same instrument in the coding of similar content (Wimmer and Dominick, 2006). This study employed Holsti's 1969 formula for inter-coder reliability which is:

$$R = \frac{2M}{N1 + N2}$$

M is the number of coding decisions that the coders agreed on; and N1 and N2 refer to the numbers of coding decisions made by the first and second coder. In this study, the two coders coded a total of 421 units of newspaper stories and agreed on 411 of them. A satisfactory inter-coder reliability is achieved when the coefficient is above .85 (Wang, 2011, p. 18). For this study, the inter-coder reliability coefficient is 0.976.

$$R = \frac{2 \times 411}{421 + 421}$$

R = .976, rounded up to 2 decimal places = 0.98 inter-coder reliability coefficient.

RESULTS AND DISCUSSION OF FINDINGS

A total of 421 articles that discussed the Biafran agitation were collected from Daily Trust and Punch newspaper website over a two-year period from 2016 to 2017. This period marked heightened activities by members of Indigenous People of Biafra and other activists calling for a breakup of the Igbo nation from Nigeria.

RESEARCH QUESTION ONE: HOW DID SELECTED NEWSPAPERS FRAME THE RENEWED BIAFRAN AGITATION?

This study identified the following frames in the portrayal of Biafran agitation in Daily Trust and Punch newspaper online editions: political, economic, separatist, human rights, conflict and hate speech frames. These are described below:

1. Political frame discusses the political angle of the Biafran agitation. It underscores the quest for power and self-rule of the desired new nation by members of the

IPOB and other groups calling for Biafra such as Movement for the Actualisation of the Sovereign State of Biafra (MASSOB). Both Daily Trust and Punch newspaper employed this frame.

Extract 1. In the quest for political relevance, the Biafran agitator chose to fix a date for independence of the Biafran nation. *The Movement for the Actualisation of the Sovereign State of Biafra has declared May 22 as Biafra Independence Day across the country, urging all Igbos worldwide to join in the celebration... The statement reiterated the groups desire to peacefully achieve the dream of Biafra Republic, adding the Igbos were no longer comfortable with the 'unholy marriage', which it claimed had suffocated the progress and innovativeness of the Igbo* (Punch 2017, May 8).

Extract 2. Due to the fear of losing their political strongholds, state governors in the South Eastern Nigeria refused to support the Biafran agitation. *Nnamdi Kanu said that in realisation of this, South-East governors were afraid of losing their positions and political relevance in the area. He said that was why the governors in the zone were not supporting the Biafra struggle* (Punch 2017, May 15). *The leadership of the Indigenous People of Biafra (IPOB) headed by Mazi Nnamdi Kanu yesterday rejected the plea of the governors of the South-East to drop the Biafran agitation* (Daily Trust 2017, August 30).

Extract 3. Governors of the South-East and South-South state held a political meeting over Biafra agitation. *Governors of the South-East and South-South states held a crucial meeting in Enugu on Sunday night...the meeting was informed by the ongoing agitation for Biafra in parts of the two zones. The meeting came on the heels of an earlier meeting between the South-East governors and some Igbo leaders, including the leadership of the Ohanaeze Ndigbo and the South-East National Assembly Caucus, where they declared their support for a 'united Nigeria.'* (Punch 2017, July 10). *Imo State Governor Rochas Okorocha yesterday took a swipe at the leader of the Indigenous People of Biafra (IPOB), Nnamdi Kanu for his Biafra agitation* (Daily Trust 2017, June 29).

2. Economic frame captures the angle of the economy in the agitation for Biafra. It shows the role of the economy in the struggle. It could also imply the direct impact of the struggle on the economy of activists involved or on Nigeria.

Extract. Nigerian government decided to make the life of former Biafran security agents better through the payment of their long-held pension. *The payment of the pension was flagged off at an elaborate ceremony in Enugu on Friday. The affected police personnel were part of the Nigerian Police Force before the outbreak of the war*

Examining Selected Newspapers' Framing of the Renewed Biafran Agitation in Nigeria (2016 - 2017)

but found themselves on the Biafran side when the war commenced. They were initially dismissed from service after the war before the former President Olusegun Obasanjo granted them amnesty in 2000 by converting their dismissal to retirement with full benefits. Despite the amnesty, the ex-policemen have yet to receive their full entitlements, until President Muhammadu Buhari approved the payment of their pension through the Pension Transitional Arrangement Directorate (Punch 2017, October 20).

In particular, these agitations have been most pronounced in the South-east, where the activities of various pro-Biafra groups have been most pronounced... South-east's political future should therefore be put in context of its economic interest and survival. The Igbos have larger chunk of their investments outside the South-east. Our people have invested heavily in every nook and cranny of Nigeria. They are into trading. Imagine a situation where a Republic of Biafra would have to depend on Nigerian passports to travel out (Daily Trust 2017, September 22).

3. Separatist frame shows the attempt by the Biafran activist to sever Igbo nation from Nigeria. This has ethnic twist and security threat.

Extract. A separatist group sets up apparatus that makes it a state. Also, some Igbo groups disagree with the agitation of separating from Nigeria. *A video showing the leader of the Indigenous People of Biafra, Nnamdi Kanu, inspecting the 'Biafra Secret Service' has gone viral on the internet. The video showed some of the purported 'BSS officers' dressed in black attire and red beret. Kanu could be seen walking around and in between them, inspecting what can be described as a guard of honour (Punch, 2017 August 16). Ralph Uwazurike, leader, Movement for the Actualisation of the Sovereign State of Biafra (MASSOB), says the activities of Independent People of Biafra (IPOB) negate the rule of engagement of the Biafra struggle. He said the interest of the Biafra movement was to secure the interest, lives and property of Igbo people and not to start another war (Daily Trust 2017, September 13).*

4. Human rights frames captures the physical and psychological abuse of members of the Biafran movement by Nigerian security agencies.

Extract 1. Many of the Biafran activists faced suppression from the government. *In addition, top sources in the police told Saturday PUNCH that the security agency had placed the leader of the Indigenous People of Biafra, Nnamdi Kanu, under surveillance to prevent him from fleeing the country should the court revoke his bail and order his re-arrest for allegedly flouting his bail conditions (Punch 2017, September 2). The Police*

yesterday arraigned 45 supporters of the Indigenous People of Biafra (IPOB) who were arrested last Friday during a rally (Daily Trust 2017, January 24).

Extract 2. Many Biafran agitators were massacred by the government. *The Indigenous People of Biafra on Wednesday attacked the All Progressives Grand Alliance for calling its leader, Nnamdi Kanu, a maximum emperor. It alleged that APGA as a government had at several times killed no fewer than 2000 of its members in Anambra State* (Punch 2017, June 28).

5. Conflict frame portrays the conflict between opposing interest groups like the Nigerian government and the Biafran agitators.

Extract 1. The Biafran activists agitated against the federal government of Nigeria. *The sit-at-home protest ordered by pro-Biafra groups, the Movement for the Actualization of the Sovereign State of Biafra and the Indigenous People of Biafra, to commemorate the 50th anniversary of the defunct Biafra nation recorded substantial compliance in Enugu on Tuesday* (Punch 2017 May 30).

Extract 2. Some form of crisis hit the agitators clamouring for the Biafran nation. *Crisis seems to have hit agitators for South East country as the main group, Movement for the Actualization of the Sovereign state of Biafra, backs out of celebration slated for Monday. MASSOB has also disowned its founder, Chief Ralph Uwazurike, as well as cautioned that it was not affiliated to any group called Biafra Independent Movement* (Punch, 2017 May 22). *The Igbo community in Adamawa state says agitations for Biafra republic is unnecessary* (Daily Trust 2017, September 21).

6. Hate Speech frame portrays the exchange of diatribe between Igbo youths who support the cause of the Biafran movement and other youths from other parts of Nigeria are against the Biafran movement. Both Daily Trust and Punch newspapers framed the conflict from hate speech frame.

Extract 1. Some Arewa (Hausa) youths threatened Igbo people living in the North over the activities of Biafran agitators led by Mazi Nnamdi Kanu. The youths asked the Igbos in the North to leave the North if the Biafran agitation persisted. Exchange of words led to hate speeches on social media. *The Eze N'digbo (traditional rulers) and leaders of Igbo socio-cultural associations in the North have vowed to resist any attempt by the Coalition of Northern Groups to chase them out of the region. The coalition groups are: Arewa Citizens Action for Change, led by Nastura Ashir Sharif; Arewa Youth Consultative Forum, led by Shettima Yerima; Arewa Youth Development Foun-*

Examining Selected Newspapers' Framing of the Renewed Biafran Agitation in Nigeria (2016 - 2017)

dation, led by Aminu Adam; and the Arewa Students Forum, led by Alfred Solomon (Punch 2017, June 11).

Extract 2. The Federal Government and concerned bodies tried to contain the hate speech. *Acting President Yemi Osinbajo has warned that persons agitating for secession and the northern groups that issued ultimatum to Igbo risked jail terms as they violated Nigeria's laws. Osinbajo gave the warning at a consultative meeting with traditional rulers from the South-East at the Presidential Banquet Hall, Abuja, on Sunday (Punch 2017, June 18).*

The President-General of Ohanaeze Ndigbo, Chief Nnia Nwodo, has expressed dismay over the spate of hate speech on social media platforms by Igbo youths under the guise of agitating for Biafra. He said that making inciting speech was capable of causing crisis which could lead to mass violence in the nation, adding that it was pertinent to respect constituted authorities (Punch 2017 October 5). The Indigenous People of Biafra has cautioned former Head of State, Yakubu Gowon over his recent comments against the late Dim Odimegwu Ojukwu that lies by the late warlord, Odumegwu Ojukwu led to Nigerian Civil war... any attempt to rewrite the history of Biafra-Nigeria war will be intellectually resisted (Daily Trust 2017, October 25).

Findings from the foregoing show that both Daily Trust and Punch newspapers employed political, economic, separatist, human rights, conflict and hate speech frames in the portrayal of the renewed Biafran agitation. The findings support the assumption that secession is rational choice which is an “outcome of series of collective decisions made by regional leaders and populations, and by the leaders and populations of host states” (Hecter, 1992, p. 1). The Biafran agitators consciously seek separation from the Nigerian state. However, the findings of this study show that media framing of the Biafran movement did not tie the secession movement to ethnic frame. This does not offer support to some studies (Hentschel, 2018; Criado, Herberos, Miller, & Ubeda, 2018) which underscore ethnicity as a key ingredient in secession movements.

**RESEARCH QUESTION TWO:
WHAT IS THE MOST DOMINANT FRAME OF THE RENEWED
BIAFRAN AGITATION IN SELECTED NEWSPAPERS?**

The dominant frame refers to the frame that occurred most in the 2-year editions of the Daily Trust and Punch newspaper from 2016 to 2017. Table 2 shows the adopted frames and the rate of their occurrence in selected newspaper.

Table 2

Adopted Frames in Selected Newspapers, 2016 – 2017

| Frames | Daily Trust (%) | Punch (%) | Total (%) |
|--------------------|------------------------|--------------------|-------------------|
| Political Frame | 37 (8.8%) | 30 (7.1%) | 67 (15.9%) |
| Economic Frame | 23 (5.5%) | 6 (1.4%) | 29 (6.9%) |
| Separatist Frame | 47 (11.2%) | 52 (12.3%) | 99 (23.5%) |
| Human rights Frame | 78 (18.5%) | 89 (21.2%) | 167 (39.7%) |
| Conflict Frame | 11 (2.6%) | 27 (6.4%) | 38 (9.0%) |
| Hate Speech Frame | 9 (2.1%) | 12 (2.9%) | 21 (5.0%) |
| | 205 (48.7%) | 216 (51.3%) | 421 (100%) |

Finding from Table 2 shows that the most dominant frame was the human rights frame with 39.7%. That was followed by the separatist frame which accounted for 23.5% of the entire frames adopted by selected newspapers. Political frame accounted for 15.9% of the entire adopted frames. Conflict frame was the next with 9.0% of the entire adopted frames. The implication of the foregoing is that several Biafran agitators were maimed, wounded and others were killed by Nigerian security forces. They were abused and dehumanized. Also, the agitators clamour for a separation from Nigeria in order to form the Republic of Biafra.

The most dominant frame which is human rights frame is supported by the data from the **Nigeria Watch database** as captured in Figure 1. The chart indicates that about 1,112 persons have lost their lives in the Biafran movement. About 95% of the fatalities were as a result of extra-judicial killings by the Nigerian security operatives comprising of the Nigerian Army, Nigerian Police and the Nigeria Security and Civil Defence Corps (NSCDC). The Secessionists and other groups in conflicts always seek coverage by the media in order to gain attention (Vladisavljević, 2015). This study

Examining Selected Newspapers' Framing of the Renewed Biafran Agitation in Nigeria (2016 - 2017)

established that human rights is the dominant frame adopted by selected newspapers. This is different from the findings of Durga (2004) which shows that in period of study of the Kashmir conflict, the most dominant frame through all the phases was the identification of Kashmiris as armed militants who are fighting to secede from India. That is a separatist frame. Thus, secession movements are framed from different angles by selected newspapers.

RESEARCH QUESTION THREE: WHAT ARE THE FRAME SOURCES ADOPTED BY SELECTED NEWSPAPERS IN THE FRAMING OF THE RENEWED BIAFRAN AGITATION?

Frame sources refer to those who were most frequently cited as the source of the news story.

This refers to IPOB, MASSOB, correspondents, Nigerian government, Other Nigerians, Igbo leaders, elder statesmen, International Community and NGOs. Table 3 shows the frames sources of articles and news stories on Biafran agitation in Daily Trust and Punch newspapers from January 2016 – December, 2017.

Table 3

Frame Sources of Biafran Stories in Selected Newspapers, 2016 – 2017

| Frames Sources | Daily Trust (%) | Punch (%) | Total (%) |
|-------------------------|------------------------|--------------------|-------------------|
| MASSOB | 5 (1.2%) | 13 (3.1%) | 18 (4.3%) |
| IPOB | 30 (7.1%) | 21 (5.0%) | 51 (12.1%) |
| Other Biafra Groups | 16 (3.9%) | 12 (2.8%) | 28 (6.7%) |
| Correspondents | 43 (10.2%) | 69 (16.4%) | 112 (26.6%) |
| Nigerian government | 32 (7.6%) | 49 (11.6%) | 81 (19.2%) |
| Other Nigerians | 33 (7.8%) | 13 (3.1%) | 46 (10.9%) |
| Igbo leaders | 10 (2.4%) | 14 (3.3%) | 24 (5.7%) |
| Elder statesmen | 11 (2.6%) | 9 (2.2%) | 20 (4.8%) |
| NGOs | 12 (2.8%) | 5 (1.2%) | 17 (4.0 %) |
| International Community | 11 (2.6%) | 13 (3.1%) | 24 (5.7%) |
| | 205 (48.7%) | 216 (51.3%) | 421 (100%) |

Findings from Table 3 reveal that the frame source for Biafra agitation stories in selected newspaper was mainly newspaper correspondents which accounted for 26.6% of the entire frame sources. That is followed by the Nigerian government which accounted for 19.2% of the entire frame sources. IPOB is the next frame source which represents 12.1% of the entire frame sources. The least frame source is the Non-Governmental Organizations (4.0%) such as Amnesty International and others. The implication of the findings is that Daily Trust and Punch newspapers depended more on their correspondents for frames about the Biafran agitation within the two-year period from 2016 to 2017. Relying on various sources for frames offers richer perspective to the news coverage.

The findings of this study show that the main frames sources were correspondents. This is in alignment with work of Amenaghawon (2017) which examined selected Nigerian Newspapers in the coverage of the Niger Delta, a conflict that is at the very centre of Nigeria's economy. Findings revealed that the selected newspapers depended mainly on the government and media correspondents for frames used in the coverage of the Niger Delta conflict. Media houses have correspondents. Similarly, Somerville (2017) found that between the Second World War and 1990, the media usually frame conflicts from Cold War frame. However, conflicts such as the Nigeria Biafran war was not framed from Cold War frame. The war was framed by media correspondents from both humanitarian frame. The renewed Biafran agitators are faced with the same humanitarian situation.

CONCLUSION

The media portray issues in the society from different angles. Through the use of different frames which depict the voice of the media, the activities of Biafran activists were reported to the audience. The media shape the minds and opinion of the audience on the events in the society. Daily Trust and Punch newspapers framed Biafran agitation from 2016 to 2017 from political, economic, separatist, human rights, conflict and hate speech angles. The **two** years was a period of heightened activities by members of IPOB and also MASSOB. In addition, the selected print media portrayed human rights abuse as the most dominant issue that is related to the Biafran agitation. Many of the Biafran activists were manhandled and many were killed by Nigerian security agents like the police, civil defence corps and army. That creates a moral bur-

Examining Selected Newspapers' Framing of the Renewed Biafran Agitation in Nigeria (2016 - 2017)

den on the Nigerian government which has refused to dialogue with the agitators. In all, this research exposes how selected print media framed a burning issue which is central to the unity and existence of Nigeria as one nation. The issue of secession has become a big problem in the country. What the media offer to the public determine the opinion of the masses about the issue. Understanding how Biafran agitation is framed by foremost newspapers in Nigeria is very important.

This study recommends that more Nigerian journalists should be trained on how to portray a holistic view on issues about conflict and activism. That will help them to present a more balanced reportage with balanced news frames. They should continue to impress it on the actors in the conflict to find a way to solve the problem. Journalists should be equipped with best practices for engaging in more investigative journalism in order to come up with objective facts through multi-varied sources without presenting issues from only one particular source. That will enrich media coverage and framing of events in the society.

REFERENCES

- Akpan, N. U. (1976). *The Struggle for Secession, 1966–1970: A Personal Account of the Nigerian Civil War*. (2nd ed., pp. 89–106). Routledge. ISBN 9781317792314.
- Amenaghawon, F. (2017). Print Media Framing of the Niger Delta Conflict in Two Selected Nigerian Newspapers. M C C, 1.1 (pp. 88-101). Retrieved March 19, 2019 from <http://www.unimaid.edu.ng/Journals/Social%20Sciences/Mass-comm/MCC%20Vol%201%20No%201%20June%202017/MCC%20Vol%201%20No%201%20Article%2006.pdf>
- Amnesty International. (2016). Peaceful Pro-Biara Activists Killed in Chilling Crackdown. Retrieved 15 October, 2017 from <https://www.amnesty.org/en/latest/news/2016/11/peaceful-pro-biara-activists-killed-in-chilling-crackdown/>
- Channels Tv. (2017). Federal High Court Proscribes IPOB. Retrieved 19 October, 2017 from <https://www.channelstv.com/2017/09/20/federal-high-court-proscribes-ipob/>

- Criado, H., Herreros, F., Miller, L., & Ubeda, P. (2018). The Unintended Consequences of Political Mobilization on Trust: The Case of the Secessionist Process in Catalonia. *Journal of Conflict Resolution*, 62(2), 231–253. <https://doi.org/10.1177/0022002717723433>
- Diaz, J. (2017). You Can't Support Catalonia's Secession Movement If You Were Horrified By Brexit. Retrieved March 03, 2019 from <https://www.fastcompany.com/40479515/you-cant-support-catalunyas-secession-movement-if-you-were-horrified-by-brexit>
- Dixon, R. (2016). Biafra, scene of a bloody civil war decades ago, is once again a place of conflict. 27 November, Los Angeles Times. Retrieved October 20, 2017 from <http://www.latimes.com/world/africa/la-fg-nigeria-biafra-20161126-story.html>
- Durga, R. (2004). Frames in the US print media coverage of the Kashmir conflict. Thesis Submitted to School of Mass Communications College of Arts & Sciences, University of South Florida. Retrieved March 19, 2019 from <https://scholarcommons.usf.edu/cgi/viewcontent.cgi?referer=https://scholar.google.com/&httpsredir=1&article=2215&context=etd>
- Emeka C. (2017). Top 10 Nigerian Newspapers (Most Read Online). Retrieved October 30, 2017 from <https://answersafrica.com/top-10-nigerian-newspapers-most-read-online.html>
- Entman, R. M. (1993). Framing: Toward Clarification of a Fractured Paradigm. *Journal of Communication* 43(4), 51-58.
- Griffiths, R. (2017). Five secessionist movements to watch in 2018. Retrieved March 03, 2019 from <https://sydney.edu.au/news-opinion/news/2017/10/30/five-secessionist-movements-to-watch-in-2018.html>
- Griffiths, R. D., & Wasser, L. M. (2018). Does Violent Secessionism Work? *Journal of Conflict Resolution*, 63(5), 1310-1336. <https://doi.org/10.1177/0022002718783032>
- Hallin, D. C. (1994). Images of the Vietnam and the Persian Gulf Wars in U.S. Television. In S. Rabinovitz & S. Jeffords (eds.) *Seeing through the Media: The Persian Gulf War* (pp. 45-58). New Brunswick, NJ: Rutgers.

Examining Selected Newspapers' Framing of the Renewed Biafran Agitation in Nigeria (2016 - 2017)

- Hecter, M. (1992). The Dynamics of Secession. *Acta Sociologica* 32, 267-283.
- Hegarty, S. (2017). "Biafran leader Nnamdi Kanu: The man behind Nigeria's separatists". BBC Online. London, UK. Retrieved 23 October, 2017 from <http://www.bbc.com/news/world-africa-39793185>
- Hentschel, F. (2018). Unraveling Secessions. *Journal of Conflict Resolution*. <https://doi.org/10.1177/0022002718792611>
- Nwafor, K. A., & Ogbodo, J. N. (2016). Media Frames of Group Identities in the 2014 National Dialogue in Nigeria: An Analysis of the Daily Sun and Leadership Newspapers. *International Journal of International Relations, Media and Mass Communication Studies*, 2(1), 63-79.
- Sari, A. C. (2018, July 26). A neoclassical realist explanation of Indonesia's involvement in Muslim-related secessions in non-Muslim countries. *Asian Journal of Comparative Politics*. <https://doi.org/10.1177/2057891118787930>
- Somerville, K. (2017). Framing conflict – the Cold War and after: Reflections from an old hack. *Media, War & Conflict*, 10(1), 48-58. <https://doi.org/10.1177/1750635217698336>
- Sorens, J. (2005). The Cross-Sectional Determinants of Secessionism in Advanced Democracies. *Comparative Political Studies*, 38(3). <https://doi.org/10.1177/0010414004272538>
- Tankard, J. W. (2001). The empirical approach to the study of media framing. In S. D. Reese, O. H. Gandy, & A. E. Grant (Eds.) *Framing public life*. Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum.
- Tir, J. (2005). Keeping the Peace after Secession: Territorial Conflicts Between Rump and Secessionist States. *Journal of Conflict Resolution*, 49(5), 713–741. <https://doi.org/10.1177/0022002705279426>
- de Vreese, C. H. (2005). News Framing: Theory and Typology. *Information Design Journal and Document Design*, 13(1), 51-62.

- Vladisavljevic, N. (2015). Media framing of political conflict: A review of the literature. *Media, Conflict and Democratisation*. May 2015, 1-35. Retrieved March 17, 2018 from http://www.mecodem.eu/wp-content/uploads/2015/05/Vladisavljević-2015_Media-framing-of-political-conflict_-a-review-of-the-literature.pdf
- Wang, W. (2011). A Content Analysis of Reliability in Advertising Content Analysis Studies. Electronic Thesis and Dissertations. Retrieved February 20, 2019 from <https://dc.etsu.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=2566&context=etd>
- Wahutu S. J. (2018). Representations of Africa in African media: The case of the Darfur violence. *African Affairs*, 117(466), 44–61. <https://doi.org/10.1093/afraf/adx039>
- Wimmer, R. D., & Dominick, J. R. (2006). *Mass media research* (8th ed.). Belmont, CA: Thomson Wadsworth.

Framing of Maternal and Child Healthcare Issues in Nigerian Newspapers

Raheemat Adeniran

Lagos State University - raheemat.adeniran@lasu.edu.ng

Olujimi Kayode

Lagos State University - olujimi.kayode@lasu.edu.ng

Lai Oso

Lagos State University - laioso@gmail.com

Abstract

The mass media are important for wide dissemination of health information. The frame of reference adopted in the reportage of health issues tends to influence people's perception towards health related issues. Studies examining framing of health issues have found the media wanting in their reportage of health. This study extends the frontier of framing analysis of health coverage in the media by examining framing of maternal and child healthcare (MCH) issues in Nigerian newspapers. Using the content analyses method, two categories of frames - public health frame, and coping versus alarm message frame - were examined in the study. Four national newspapers were

purposively sampled over a 12-month period resulting in the analysis of 1,235 MCH-related editorial items. The study found minimal adoption of public health frame with only 12% adoption rate, and dominant adoption of coping frame over alarm frame with rare combination of both. The findings reflect the implication of greater reliance on official sources for health stories in the media, resulting in lack of context in reported stories to aid proper understanding of issues. The study calls for better framing of health related issues in the media to generate appropriate attention to possibly drive development in the health sector.

Keywords: Maternal health, child health, framing analysis, Nigeria.

Enquadramento das Questões de Saúde Materna e Infantil nos Jornais Nigerianos

Sumário

Os meios de comunicação são importantes para a ampla divulgação de informações sobre saúde. O quadro de referência adotado

para reportar problemas de saúde tende a influenciar a percepção das pessoas em relação a questões relacionadas com a saúde. Estudos

que analisaram o enquadramento noticioso das questões de saúde descobriram as lacunas dos meios de comunicação nas suas reportagens sobre saúde. Este estudo estende a fronteira da análise de enquadramento noticioso da cobertura da saúde nos meios de comunicação, examinando como são enquadradas as questões de saúde materna e infantil (SMI) em jornais nigerianos. Utilizando a metodologia de análise de conteúdo, duas categorias de enquadramentos - o quadro de saúde pública e coping versus alarme - foram estudadas no estudo. Para este propósito, foi composta uma amostra de quatro jornais num período de 12 meses, resultando na análise de 1.235 itens editoriais relacionados com SMI. O estudo aferiu

uma adopção mínima do enquadramento de saúde pública, com uma taxa de apenas 12%, e a adopção dominante do quadro de cobertura sobre o enquadramento noticioso de alarme, sendo rara a combinação das duas categorias. Os resultados refletem a implicação de uma maior confiança nas fontes oficiais sobre artigos de saúde nos meios de comunicação, resultando numa falta de contexto nas histórias relatadas que ajudem a um entendimento adequado dos problemas. O estudo sustenta um melhor enquadramento dos problemas relacionados com a saúde nos meios de comunicação social, para permitir uma atenção adequada que possa impulsionar o desenvolvimento do sector da saúde.

Palavras-chave: Saúde materna, saúde infantil, análise de enquadramentos noticiosos, Nigéria.

INTRODUCTION

The mass media are often relied upon as effective tool for creating awareness about health information and for mass mobilisation. They provide the platform for health information to be disseminated to diverse audience with very wide reach (Atkin & Arkin, 1990). Information about health, illness and medicine can be shared in the mass media through news, entertainment and advertisements (Kline, 2003). Thorson observes that scholars have established inherent potential of health news to “wield influence at both the individual and group levels” (2006, p. 176). She submits that health information provided in the news media can influence individuals by promoting “changes in health-related knowledge, attitudes and/or behaviours”, in addition to raising “awareness of health issues among the public and policymakers” (Thorson, 2006, pp. 176-177). Studies have found that members of the public are increasingly relying on the mass media for their health information needs (Atkin & Arkin, 1990; Levey, 2013). Kline notes that the general public often rely on the mass media to simplify scientific data and findings, and also to report on activities of “gov-

ernments, legal, corporate and non-profit entities that will most likely impinge on (their) health-related decision-making” (2003, p. 560). Wang and Gantz (2010) notes the availability of health information in the media can influence public reaction and understanding of health-related issues. Media representations of health influence our understanding and perceptions of health issues and contribute to the promotion of public health (Ahmed & Bates, 2013).

However, the mass media are not just to provide basic health information for the audience. Scholars have argued for the use of media for public health advocacy (Wallack & Dorfman, 1996) especially in developing countries like Nigeria. The media in such societies are expected to play the advocacy role by generating issues and setting agenda for discussion around public health issues, with the aim of influencing policy decisions to promote desired policy change. Wallack and Dorfman describe media advocacy as the use of the mass media “to promote public health goals by strategically applying pressure for policy change” (1996, p. 293). They observe the potential of media advocacy to foster public discussion of health issues likely to be ignored by policy and decision-makers by “broadening participation and increasing the diversity of community voices” (1996, p. 294). The emphasis of media advocacy is not just to get media mention, but to present issues in the most effective way to achieve desired result. Aside advocacy, mass media are also considered formidable tools in communication campaigns and their impact has been examined by communication scholars. A well-executed health mass media campaigns could have small-to-moderate effects not only on health knowledge, beliefs, and attitudes, but on behaviours as well (Kayode & Thanny, 2013; Kline, 2006).

To achieve any meaningful impact, such messages need to be strategically created and positioned in the mass media. The message presented must be accurate and of high quality, reflecting a range of topics which must be treated regularly and in-depth, and should be compellingly written (Thorson, 2006). However, Thorson (2006) notes that such quality of coverage required for communicating health messages is increasingly being threatened by the commercialisation drive of many media organisations. This is true of contemporary media industry in Nigeria, with pressing economic challenges resulting in fierce struggle for survival of individual media organisations. In the newspaper industry where rate of attrition is rather high (Dare, 2009; Olukotun, 2017), the consideration for survival in the industry is likely to reign high and above the publication of health stories which is hardly considered a priority sector by editors (Adeniran, 2018; Bello, 2015).

Despite these challenges, the media in Nigeria are still expected to promote development of the country's health sector by building and setting agenda on health issues for appropriate actions from varied stakeholders. Specifically, the *Nigerian Health Promotion Policy* mandates the media to:

Provide information of healthy lifestyles and practices; create enabling environment for the adoption of healthy behaviours; advocate for the enactment of legislation to support health promotion activities; set an agenda for health promotion nationwide; (and) collaborate with health promotion/education divisions of Federal and State Ministries of Health in the dissemination of health promotion messages. (Federal Ministry of Health, Nigeria, 2006, p. 34)

The need for media involvement in promotion of healthcare is pertinent considering the poor state of the Nigerian health sector, with the country ranking below global and African regional average across various health indices (World Health Organisation, 2014).

Maternal and child healthcare (MCH) is an important developmental issue affecting every constituency in Nigeria, though with wide disparities across the geographical regions and social strata (National Population Commission & IFC International, 2014). It requires continuing enlightenment of the general public and commitment of policymakers to ensure the provision of adequate MCH for all. The mass media are a veritable tool that can be explored to achieve mass enlightenment, and provide basic life-saving information to effect behavioural change which could lead to improved MCH. There is an increasing demand and need for accurate, relevant, rapid and impartial public health information by people, and a growing reliance on mass media as the main source of information (Levey, 2013). Unfortunately, health issues hardly make front page headlines of newspapers or highlights of broadcast newscasts. Studies (e.g. Jimoh, 2011; Kayode & Adeniran, 2012; Soola & Alawode, 2013) have shown that health issues are under-reported in Nigerian media. The limited level of coverage may however be enhanced through appropriate framing of related issues in the media, with adopted frame of reference influencing public understanding of such issues. Previous studies on coverage of health related issues in Nigerian media often focused on extent of coverage with emphasis on frequency and type of coverage; establishing the under-reportage of health issues in Nigerian media. Beyond coverage however, the framing of health issues could go a long way in swaying public opinion,

and influencing agenda for public discourse, possibly attracting attention of policy makers to stimulate desired change in the health sector.

This study thus examines framing of MCH issues in Nigerian newspapers through the extent of adoption of two categories of frames used in previous studies. First is the public health frame (Gruhn & Hawkins, 2004; Hawkins & Linvill, 2010) which describes the combined inclusion of contextual information, risk factors, and preventive measures in a single story. The other category of frame examined is the message frames, encompassing coping, alarm, and mixed message frames (Chang, 2012). Coping frame describes stories that focus on successful measures in place to resolve an issue in its reportage, while the alarm frame emphasises its severity. The mixed frame combines both components of coping and alarm message frames. Examining these categories of frames thus enables an assessment of media coverage of these issues beyond frequency or extent of coverage.

THEORETICAL FRAMEWORK: EMPHASIS FRAMING

This study is premised on the sociological orientations of media framing, termed “*emphasis framing*” (Cacciatore, Scheufele, & Iyengar, 2016). Two varying aspects of framing have been of interest to media scholars over the years. In the first instance, framing is examined in relations to the workings of journalists in their presentation of media information to the public. The second considers framing as an effect paradigm relating more to the effect media information evokes in the audience, largely influenced by a number of factors one of which is the manner the information is presented. McQuail offers a succinct classification of the dual meanings of framing thus:

One refers to the way in which news content is typically shaped and contextualised by journalists within some familiar frame of reference and according to some latent structure of meaning. A second, related meaning concerns the effect of framing on the public. The audience is thought to adopt the frames of reference offered by journalists and to see the world in a similar way. (2005, p. 555)

Scholars have provided varied definitions of the emphasis-based definition of framing over the years. Tankard, Hendrickson, Silberman, Bliss, and Ghanem (1991, p. 3)

describe media frame as “a central organising idea for news content that supplies a context and suggests what the issue is through the use of selection, emphasis, exclusion and elaboration” (cited in Tankard, 2001, pp. 100-101). Among the most popular definitions is Entman observation that “framing essentially involves selection and salience” and that “to frame is to select some aspects of a perceived reality and make them more salient in a communicating text; to promote a particular problem definition, causal interpretation, moral evaluation, and/or treatment recommendation for the item described” (1993, p. 52). Entman explains salience as “making a piece of information more noticeable, meaningful, or memorable to audiences” (1993, p. 53). Entman further considers it a process of “selecting and highlighting some facets of events or issues and making connections among them so as to promote a particular interpretation, evaluation, and/or solution” (2004, p. 5). D’Angelo hints that critical scholars have argued “that frames are the outcome of newsgathering routines by which journalists convey information about issues and events from the perspective of values held by political and economic elites (which tend to) dominate news coverage” (2002, p. 876).

This notion of framing has however been a subject of criticism in recent years. Cacciatore and colleagues descry the idea of considering the “selection of one set of facts or arguments over another” as a frame suggesting that it tends to promote studies “manipulating *what* an audience receives rather than *how* equivalent information is presented” (2016, p. 10). The authors note that “emphasis framing” operates by making “some aspects of a problem or communication more accessible, visible, or salient to an audience” thus positioning framing as “a product of accessibility as opposed to applicability” (2016, p. 11). They view Entman’s (1993) salience-based definition too vague to have practical value, especially its perception inclination “that any number of differences in communication constitutes a difference in framing” (2016, p. 13).

Despite the criticism however, the emphasis-based definitions of framing is appropriate to this study. The sociological tradition is credited for expanding the scope of applicability of framing in media research. This study is limited to the adoption of specific frames in newspaper coverage of MCH issues, with their suggestive interpretation. It excludes audience interpretations of adopted frames. This study thus examines the extent of adoption of two categories of frames, public health frame (Hawkins & Linvil, 2010), and message frames incorporating coping versus alarm frames (Chang 2012), in newspaper coverage of MCH issues in Nigeria. A number of studies examining coverage of health issues in the media had explored emphasis-

based framing to evaluate media performance in communicating health issues. Some of such studies are discussed next to provide context to understanding media coverage and framing of health issues.

MEDIA COVERAGE OF HEALTH

Studies have shown that health information in the media is “often compromised by inaccuracies, misrepresentations, and omissions, as well as inappropriate role modelling” (Kline, 2003, p. 561; see also Gottfredsdottir, Magnúsdóttir, & Hálfhánsdóttir, 2015; Lebow, 1999). The factual inaccuracies in health information manifests in the manner health messages are framed in the media. This calls for concern as such framing could make health information potentially misleading. The media have also been found with the tendency of attributing individual responsibility for health in their coverage of health issues, while disregarding the socio-political factors that limit the capacity of the individual to be fully responsible for their health status (Dorfman, Thorson, & Stevens, 2001, cited in Thorson, 2006; Dorfman, Wallack & Woodruff, 2005). In addition, studies have found that health issues in the media are hardly reported in-depth, but given shallow coverage across various conventional media platforms (e.g. Laboli, Caselli, Filice, Russi & Belletti, 2010; Soola & Alawode, 2013; Wang & Gantz, 2010).

For example, Soola and Alawode (2013) examined coverage of health and related issues in selected broadcast media in Lagos, Nigeria. Their study combined content analysis of major news bulletins of government and private owned broadcast stations in Lagos, with survey research method using face-to-face interviews with reporters from selected broadcast stations in the state. They found low reportage of health and related issues with health stories appearing in less than five percent of the sampled news bulletins. Health was not an established beat in the newsroom of all the sampled broadcast stations as health was treated as a general beat. Health issues were reported mainly “when there is a happening, or event; or a prominent personality is involved” (2013, p. 218). Soola and Alawode (2013) thus related their findings to the ‘vulture reporting hypothesis’ formulated by Nwosu in 1996 (Nwabueze, 2005/2006). Citing Nwosu (1996), Nwabueze explains the vulture reporting hypothesis as describing media practice of feasting on an issue while it is on the front burner of public discussion, and abandoning it thereafter. Soola and Alawode (2013) thus decry the non-

prioritisation of health news in broadcast media, noting it as a reflection of the larger Nigerian societal attitude towards health with great consequences for the nation.

Studies examining coverage of health issues in the media have explored framing from various perspectives, providing understanding of how frames are evaluated in media coverage of health issues. A number of studies analysing media coverage of specific health issues often examine adoption of specific frames. Gruhn and Hawkins (2004) examined the adoption of public health frame and non-public health frame in United States (US) newspapers coverage of children's health issues using content analysis method. In their examination of adoption of public health frame, Gruhn and Hawkins identified three basic components, "information connecting the health issue to the larger social and environmental context, expose risk factors related to the health issue and prevention information" (2004, p. 15) all of which must be included in a story to be accepted as public health framing. Their study found that less than 10 percent (9.4%) of the analysed stories adopted the public health frame with the remaining having non-public health frame. Gruhn and Hawkins note that "the extremely limited use of the public health frame indicates a lack of depth in the reporting of those topics, leaving readers ill-equipped to address health issues affecting children" (2004, p. 19).

Hawkins and Linvill (2010) also examined the extent of adoption of public health frame in their content analysis of childhood obesity in US newspapers using Gruhn and Hawkins (2004) criteria. The prevention information noted in their analysis was however "expanded to incorporate references to measures recommended to not only prevent occurrences of a problem (preventatives), but also to remedy the situation (correctives)" (Gruhn & Hawkins, 2004, p. 712). The authors found a larger rate of public health frame adoption with 48 percent of their sampled 210 articles adopting the public health frame. Among the three components of public health frame, information regarding prevention of, or correctives to childhood obesity was the least occurring component appearing in about 52 percent (n=104) of sampled articles. Risk factors of childhood obesity were recorded in 84 percent, while the issue was mostly related to the larger societal context with 97 percent rate of inclusion in the sampled stories.

The researchers note that the adoption of public health frame in the coverage of childhood obesity provides the expected frames of reference on the issue as suggested by Entman, in terms of "defining problems, diagnosing causes, making moral judgments regarding the causal agents and their effects, and suggesting remedies" (Ent-

man, 1993, p. 714). They also note that the high rate of individual attribution of preventatives and correctives for childhood obesity tend to ignore societal changes and policy intervention necessary to wholly address the issue.

Chang (2012) examined news coverage of health-related issues in Taiwanese newspapers and categorise the adopted frames of coverage as alarm, coping and mixed, based on specific contents published in the stories. The researcher analysed headlines and contents of 388 health-related news stories published in selected samples from four leading Taiwanese newspapers between April 15 and June 16, 2009. Chang used *alarm frames* to describe health stories focusing on “perceived severity of an issue, people’s perceived vulnerability to its threats, and the need for enhanced alertness” (2012, p. 112). *Coping frames* described health stories focusing on tips for prevention, detection, treatment and solution to the health issues being reported. The *mixed frames* captured health stories combining both coping and alarm frames in one story. Chang notes the likelihood of alarm frame being prevalent in published health stories which was confirmed in her study. The researcher notes the possibility of threats to health issues being favoured in the media due to perceived newsworthiness of such stories. The findings from the content analysis were later subjected to experimental and survey studies to examine possible effect of dominating health news with alarm frames. Chang decries the dominance of alarm frame in health news, stressing the importance of adopting mixed frame, combining threats relating to a health issue with information to help people respond to such threats, for effective public health promotion.

In furtherance of these studies, the present study uses emphasis-based definitions of framing in examining newspaper coverage of MCH issues in Nigeria. It examines two aspects of framing adopted in earlier studies, level of adoption of public health framing, and message framing incorporating coping, alarm and mixed frames of MCH issues in Nigerian newspapers. In a developing country like Nigeria, where newspaper is considered an elitist medium, this study examines the maximisation of the potential of the medium in appealing more to policymakers and opinion leaders in their coverage of MCH-related issues to drive the desired change for improved MCH in the country. Using the “list of frames” approach to framing analysis, this study examines the extent of adoption of public health frame in newspapers coverage of MCH issues, noting the inclusion rate of each public health framing element. It also examines the alarm and coping message frames by comparing their levels of adoption and combination (mixed frames) in Nigerian newspapers. The following research questions thus guided the study:

RQ 1: What is the level of adoption of public health frame in newspaper coverage of maternal and child healthcare issues?

RQ 2: What is the extent of adoption and combination of coping and alarm frames in Nigerian newspapers coverage of maternal and child healthcare issues?

METHOD

The “list of frames” approach to framing analysis was adopted for this study. The approach, conceptualised by Tankard, Hendrickson, Silberman, Bliss and Ghanem (1991, cited in Tankard, 2001) examines frames in terms of “inclusion and exclusion of certain key terms”. It is aimed at reducing subjectivity in the development and identification of frames in media contents. Tankard (2001) identified the following as steps to using the “list of frames” in media frame analysis: (1) Make the range of possible frames explicit; (2) Put the various possible frames in a manifest list (3) Develop keywords, catchphrases and symbols to help detect each frame (4) Use the frames in the list as categories in a content analysis; and (5) Get coders to code articles or other contents into these categories.

Based on these guidelines, the study conducts a framing analysis of Nigerian newspapers coverage of MCH issues over a 12-month period from July 2015 to June 2016. The period of study was sampled to examine the coverage of MCH issues around the end of the Millennium Development Goals (MDG) set deadline and the beginning of the later Sustainable Development Goals (SDG) when it was obvious Nigeria will be unable to meet the MCH-related set goals of the MDG. Four nationally circulated newspapers, *The Punch*, *The Nation*, *Leadership* and *Daily Trust*, were purposively sampled for their popularity, nationally and in specific regions of the country. There is currently no independent Audit Bureau of Circulation in the country and newspapers jealously guard their circulation figures. Hence, no official data exists on circulation figures of newspapers in Nigeria. However, these four sampled newspapers are often noted among leading circulating newspapers (e.g. Olukotun, 2017). Two of the newspapers, *Leadership* and *Daily Trust*, both published in Abuja, the nation’s capital, and widely circulated within the northern region and with inclination towards projecting northern interests, were sampled to represent newspapers published in the northern region of the country. *The Punch* and *The Nation* both published in Lagos, the commercial nerve centre and media capital of the country, represent the southern region which historical-

ly, has dominated the Nigerian media space. Sampling based on these distinct regions of the country enables us to examine if location and ethnic inclination of these newspapers which sometimes influence media coverage of issues in Nigeria (Oso, 2012) also sway coverage of MCH issues especially since the issues are more severe in the northern parts of the country. For example, maternal mortality rates which is highest in the Northeast region of the country at 1,549/100,000 live births is almost 10 times higher than the rate in the Southwest at 165/100,000 live births (Nigeria Health Watch, 2017).

Having explicitly defined the constituents of adopted frames to be examined in this study as discussed in previous studies (Chang, 2012; Gruhn & Hawkins, 2004; Hawkins & Linvill, 2010), a coding guide, with seven content categories, was developed to elicit data for the study. The variables and respective categories measured included newspaper, content type, publication column/section, public health frame component included, level of adoption of public health frame, message frame, and story source. All editorial contents spanning news stories, features, editorials, letters, audience feedback, etc. published on any issue relating to MCH during the sample period formed the units of analyses for the study.

The coding guide was pre-tested through a pilot study and subsequently subjected to inter-coder reliability using Krippendorff's alpha (KALPHA). The total number of newspaper items to be analysed were unknown at the commencement of the coding process as the researchers had to flip through every edition of the newspapers for identification and coding of published MCH-related items. Hence, the pilot and inter-coder reliability testing were limited to a month edition of each of the sampled newspapers. January 2016 was randomly selected for these exercises. One of the researchers (RA) flipped through the editions and identified 108 MCH-related editorial items which were used to pre-test the instrument. Required adjustments were made to remove perceived ambiguities in consultation with the research collaborators. The adjusted coding guide was then used by one of the researchers (RA) and another coder for the inter-coder reliability exercise using the pre-identified 108 MCH-related editorial items from the pilot testing. The final agreement between the two coders for each of the examined variable resulted in varied KALPHA value ranging from .915 to 1.00. The resultant KALPHA values for each of the variables examined were satisfactory to the researchers on the basis of perceived ease or otherwise in coding each variable. All physical editions of the sampled newspapers over the sample period were subsequently examined for published MCH-related items resulting in analysis of 1,235 items published on varied MCH-related issues.

RESULTS

1. Preliminaries

The study analysed 1,235 published editorial contents spanning news stories, features, editorials, letters, audience feedback, etc. The bulk of the analysed items were mostly news (60%) and features (24%); and often published (98%) in the news, features and health sections of the sampled newspapers. The newspapers published from the northern region of the country, Daily Trust and leadership, had the highest percentage share of the analysed stories as presented in Figure 1 below.

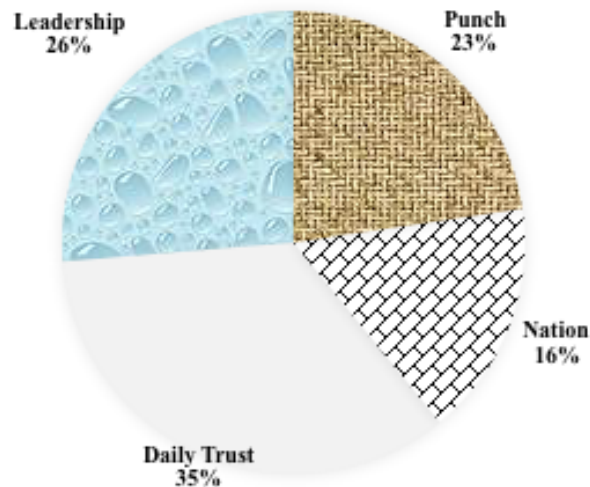


Figure 1. Percentage distribution of analysed MCH-related items. Source: Field data, 2017

2. Public health Framing

In examining public health framing of MCH issues for the framing analysis, the level of adoption of public health frame was graded on a scale of zero to three. As noted by Gruhn and Hawkins (2004; see also Hawkins & Linvill, 2010), media contents can only be categorised as adopting the public health perspective when they incorporate all three elements of public health frame comprising: (1) providing information connecting the health issue to the larger social and environmental context, (2) exposes risk factors related to the health issue, and (3) includes prevention information which encompasses efforts at addressing the health issue.

Table 1

Adoption of public health frame in analysed MCH-related items

| Level of Adoption Public Health Frame | Newspapers (Percentage) | | | | TOTAL |
|---|-------------------------|-------------|-------------|-------------|-------------|
| | Punch | Nation | D. Trust | Leadership | |
| Level 0 | 4.6 | 7.9 | 4.4 | 3.7 | 4.9 |
| Level 1 | 32.2 | 34.0 | 38.2 | 41.8 | 37.1 |
| Level 2 | 50.7 | 40.4 | 45.7 | 45.2 | 45.8 |
| Level 3 | 12.5 | 17.7 | 11.7 | 9.3 | 12.2 |
| Total | 280 | 203 | 427 | 325 | 1235 |
| (n) | 100% | 100% | 100% | 100% | 100% |

Source: Field data, 2017

The level of adoption of public health frame was therefore coded based on the number of the public health frame elements included in each analysed item. Hence, the public health frame adoption of items lacking any of the components were rated as ‘Level 0’, while those incorporating all three components were rated ‘Level 3’. However, based on the pre-condition for categorisation of public health framing, only contents integrating all three elements, rated and coded as ‘Level 3’ are considered to have adopted the public health frame. Hence, based on data presented in Table 1, only about one in eight (12.2%, n=151) of the 1,235 MCH-related items analysed in the study adopted the public health frame; covering the issues from the public health perspective. The largest percentage of coverage, nearly half (45.8%, n=566), were rated ‘Level 2’ representing items including any two of the public health frame components. About 37 percent (37.1%, n=458) of the analysed items included at least one of the identified public health components, while one in twenty (4.9%, n=60) had none. Thus, the analysed items (n=1,235) mostly adopt at least one component of public health framing (95.1%, n=1,175), even though only one in eight (12.2%, n=151) were actually framed using the public health perspective.

The same trend was maintained across the four sampled newspapers. *The Nation*, which published the least number of stories, however, had the highest percentage adoption of public health framing (17.7%, n=36) of its published 203 contents, compared to the other three newspapers with about nine to 13 percent.

The study further examined the specific components of public health frame included in the MCH-related items analysed in the study. The data exclude the 60 published contents with none of the public health frame components. The classifications of the public health frames components (Gruhn & Hawkins, 2004; Hawkins & Linvill, 2010) adopted in the study as presented in Table 2 are as follow:

- Point 1: Provides information connecting the health issue to the larger social and environmental context
- Point 2: Exposes risk factors related to the health issue
- Point 3: Includes prevention information, as well as efforts being put in place to address the issues.

Table 2

Composition of public health frame elements in analysed items

| Adopted Public Health Frame | Newspapers (Percentage) | | | | TOTAL |
|-----------------------------|-------------------------|--------------|--------------|--------------|---------------|
| | Punch | Nation | Daily Trust | Leadership | |
| Points 2 & 3 | 52.8 | 43.3 | 44.9 | 45.0 | 46.5 |
| Point 3 only | 28.5 | 34.8 | 32.4 | 30.7 | 31.4 |
| Points 1, 2, 3 | 13.1 | 19.3 | 12.2 | 9.6 | 12.9 |
| Point 2 only | 5.2 | 2.1 | 7.6 | 12.7 | 7.5 |
| Points 1 & 3 | 0.4 | 0.0 | 2.2 | 1.0 | 1.1 |
| Points 1 & 2 | 0.0 | 0.5 | 0.7 | 1.0 | 0.6 |
| Point 1 only | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 |
| Total | 100% | 100% | 100% | 100% | 100% |
| (n) | (267) | (187) | (408) | (313) | (1175) |

Source: Field data, 2017

The highest combination of public health frame components, adopted in the coverage of MCH-related issues, combined Points 2 and 3 which covered items providing risk factors, and preventive information which also included efforts being put in place to address the issues (Hawkins & Linvill, 2010). Almost half of the 1,175 newspaper items (46.5%, n=546) with at least one of the public health frame components included Points 2 and 3 only. This was followed by components containing only preventive information (Point 3) which accounted for about one in three (31.4%,

Framing of Maternal and Child Healthcare Issues in Nigerian Newspapers

n=31.4). Contents fully adopting the public health frame is third in this category accounting for roughly one in eight (12.9%, n=151) of contents with at least one of the public health frame components. None of the items included Point 1 only; simply reporting issues within its social and environmental context. This may be understandable as it seems least likely to report an issue in context without discussing its risk factors, or providing preventive information. The least included components were combination of contextual reporting of an issue, with its risk factors (Points 1 and 2) with less than one percent occurrence (0.6%, n=7). Combination of contextual reporting and preventive information (Points 1 and 3) were equally low with just 1.1 percent (n=13) occurrence. Items including just risk factors (Point 2 only) accounted for about 8 percent (7.5%, n=89).

All four sampled newspapers recorded similar trend in their most recorded combinations of the public health frame components. Slight variations, however, exists among the least recorded combinations. *Punch* and *Daily Trust* had similar trend with combinations of Points 1 and 2, Points 1 and 3, and Point 2 only being the least combinations in that order. *Leadership* combined Points 1 and 2, and Points 1 and 3, as its least occurring combinations with only one percent occurrence among its published contents. *The Nation* recorded no content having Points 1 and 3, and its least included combinations were Points 1 and 2, and Points 2 only.

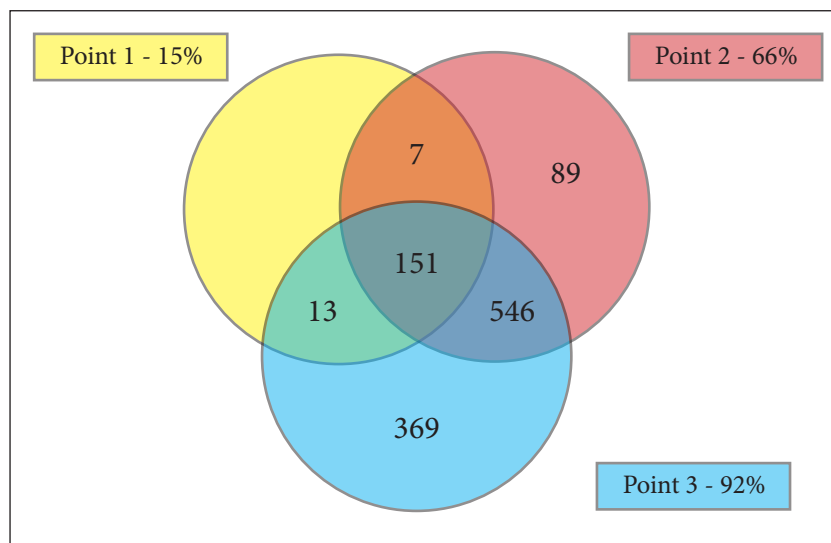


Figure 2. Inclusion rate of public health framing components in analysed contents.
Source: Field data, 2017

A further analysis of the inclusion of each of the public health components (Figure 2) shows that Point 3, preventive information and efforts being put in place to address the issues (Hawkins & Linvill, 2010) had the highest inclusion rate of almost 92 percent (91.8%, n=1,079) of the 1,175 items with at least one public health frame component. Items exposing risk factors of reported MCH issues recorded 66 percent (65.6%, n=793) inclusion, appearing in two out of three of the analysed items. Those providing necessary information to place reported issues in perspective, by connecting specific issue of focus to the larger social and environmental context for proper understanding, however, had the least inclusion rate featuring only in less than 15 percent (14.6%, n= 171) of analysed items with at least one public health frame component.

3. *Message framing: Coping, Alarm and Mixed frames*

Table 3

Message frames adopted in analysed MCH-related items

| Message Frame | Newspapers (Percentage) | | | | TOTAL |
|---------------|-------------------------|--------------|--------------|--------------|---------------|
| | Punch | Nation | Daily Trust | Leadership | |
| Coping | 66.1 | 74.4 | 61.8 | 65.5 | 65.8 |
| Alarm | 32.8 | 25.1 | 36.3 | 32.7 | 32.7 |
| Mixed | 1.1 | 0.5 | 1.9 | 1.8 | 1.5 |
| Total | 100% | 100% | 100% | 100% | 100% |
| (n) | (280) | (203) | (427) | (325) | (1235) |

Source: Field data, 2017

The study also examined the message framing of the MCH-related issues published by the sampled newspapers over the study period. Table 3 shows that majority of the items analysed in the study adopted the coping frame, emphasising the effectiveness of efforts geared towards improving MCH care or suggesting how the various conditions can be effectively and appropriately managed to improve MCH outcomes. About two-thirds (65.8%, n=813) of the total 1,235 items analysed in the study adopted the coping frame. One in three adopted the alarm frame (32.7%, n=404), focusing on the severity of the MCH issues, people's vulnerability to its negative outcomes, and the need for enhanced effort to combat possible negative outcomes. A minute per-

Framing of Maternal and Child Healthcare Issues in Nigerian Newspapers

centage of less than two percent (1.5%, n=18) combined the two approaches adopting the mixed frame. All the four sampled newspapers adopted similar trends in their coverage as they all had coping framing as their leading frames of coverage, followed by alarm frame, and lastly the mixed frame.

A closer examination of the analysed stories (Table 4) however show that majority of the stories adopting coping or alarm frames were actually from planned events while spontaneous events were mostly reported using Alarm frame.

Table 4

Cross-tabulation of message frame and sources of MCH-related items

| Story sources | Message Frame (%) | | | Total (%) |
|---|-----------------------------|-----------------------------|----------------------------|------------------------------|
| | Alarm | Coping | Mixed | |
| Planned event | 27.6 | 38.9 | 18.9 | 35.0 |
| Authors' analysis | 19.8 | 22.2 | 25.0 | 21.4 |
| No Source Indicated | 12.8 | 13.1 | 31.3 | 13.2 |
| Agency reports | 18.8 | 9.4 | 6.2 | 12.4 |
| Spontaneous Event | 9.9 | 3.9 | 0.0 | 5.8 |
| Interviews | 3.6 | 5.0 | 6.2 | 4.6 |
| Press Release | 1.8 | 4.7 | 6.2 | 3.8 |
| Research Findings / Reports / Communique | 3.6 | 1.7 | 6.2 | 2.4 |
| Social media | 0.3 | 1.1 | 0.0 | 0.8 |
| Investigations / Tip off | 1.8 | 0.0 | 0.0 | 0.6 |
| Total | 100% (384) | 100% (785) | 100% (16) | 100% (1185) |

Source: Field data, 2017

DISCUSSION

This study finds minimal use of public health frame with majority of the MCH-related items lacking context necessary to better engage the reading public. Most focused on providing information on preventive measures and efforts at addressing MCH in the country as evidenced in the domination of preventives themes in the analysed items. The lack of contextual information in most of the analysed items may be attributed to the dominance of straight news reports in the analysed items which hardly provide for elaboration. For health stories to attract attention of policymakers, they must be strategically created and compellingly written to evoke the appropriate response (Thorson, 2006). Straight news reports are unlikely to allow for such elaborate coverage required for effective communication of MCH issues. Unfortunately, the typical newsroom routine favours the publication of straight news over detailed coverage of issues, as reporters are expected to submit regular stories from their beat irrespective of occurrence of news-worthy events (Fishman, 1980). The situation still applies in contemporary newsroom environment with greater pressure on newsmen now forced to produce more timely contents, with far limited resources. Health reporters however need to be more creative to ensure inclusion of contextual information in more health stories to evoke appropriate reaction of policy makers and the public.

The second research question examines the use of alarm and coping message frames as previously investigated in Chang's (2012) study. Finding from this study indicates dominant use of coping frames; contradicting Chang's finding of dominant use of alarm frames. Unlike their counterparts in Taiwan, Nigerian newspapers focused their coverage of MCH-related issues on efforts being adopted to address MCH, rather than emphasising severity of the issues. Chang notes that emphasising severity tend to heighten people's fear regarding health issues, creating a notion of helplessness among them. Nigerian newspapers thus appears more interested in portraying a positive outlook for MCH care.

The high adoption of coping frame by Nigerian newspapers was however more prevalent in coverage of organised events, while spontaneous occurrences were more likely to be reported with the alarm frame (Table 4). The limited focus on the severity of MCH in the country could therefore be attributed to journalists' reliance on organised events for many of the analysed items. The organised events reported in the analysed items were more likely to focus on efforts being made by specific groups or

government in addressing MCH. It appears that journalists covering the issues simply focused on the aspects event organisers focused on, hence the greater likelihood of adopting the coping frame. These findings thus support the notion that “journalistic discourse is often shaped by external forces, elites, advocates and movements” (Carragee & Wim, 2004).

The greater adoption of coping frame in coverage of MCH issues may however suggest that MCH is being effectively managed, in the country, thus creating a false impression on the true reality of MCH. In covering MCH issues in Nigeria where there is a poor disposition towards media health coverage, the combination of coping & alarm (mixed) frame may prove more appropriate as it may potentially stimulate development in the sector by drawing attention to the inherent challenges in MCH, while emphasising efforts to address the situation for improved outcomes. Unfortunately, the mixed frame, was rarely used in the analysed items. Chang (2012) hints on the benefits of the mixed frame in coverage of health issues noting it could help people cope with health issues by alerting people to the severity of an issue and providing information on how to respond to such threats.

The relatively low adoption of public health frame and dominant use of coping frame evidenced in this study reflect the limitation of increasing reliance on coverage of organised events for news contents in Nigerian newspapers, often resulting in lack of context in coverage of issues. Reporting public health issue such as MCH without putting such issues in perspectives is unlikely to achieve adequate public enlightenment on reported issues, nor stimulate policy makers to take appropriate actions. Positive framing, focusing on efforts being put in place to address the issues and associated risk factors, over contextual reporting to put the issues in perspective for better understanding, could create false impression among the populace and policymakers that appropriate measures are being put in place to address the situation. However, the country’s poor indices in varying aspects of MCH (Nigeria Health Watch, 2017; World Health Organisation, 2014) suggest otherwise, hence the need for the media to increase advocacy for improved MCH. Findings from this study thus suggest that newspapers framing of maternal and child healthcare issues in Nigerian often lack context necessary to better engage the reading public, and possibly attract required attention of policymakers.

CONCLUSION

The relatively low adoption of public health frame and dominant use of coping frames in coverage of MCH issues reflects the tendency of the Nigerian media to rely on official information hand-outs (Akanni, 2015; Jimoh, 2015) which often focus on positive developments being projected by relevant promoters of such information. It is a manifestation of the unpleasant effect of media-source relations. This study suggests that health promoters influences media coverage and framing of health issues. Health promoters can therefore stimulate better framing of MCH issues in Nigeria through regular media engagement with news media professionals on contextualisation of reported issues, to stimulate desired growth in the sector. Nigeria Newspapers need to be proactive and independent in their coverage of MCH issues; developing appropriate frames of reference that can drive development of healthcare. Newspapers and other media have social responsibility to the society. There is a need for continuous publication of pressing MCH issues, and to communicate health strategies that could enhance MCH in the country. This is not just an issue that affects women and children; it has an overwhelming impact on the larger society. Hence, the media must strive for better contextualisation of MCH issues against all odds and despite the prevailing challenges in the industry.

The analysis of MCH-related items published in Nigerian newspapers conducted in this study adopted the quantitative approach to frame analysis. Further studies could explore a more qualitative approach for a more reflective framing analysis of the issue. It will also be interesting to explore factors influencing adopted frames of references in newspaper coverage of health issues by adopting the sociology of news approach in interrogating health journalists on possible determinants influencing their framing of health issues. This could promote better understanding of the underlying reasons influencing similarities in framing patterns adopted by the sampled newspapers in their coverage of MCH issues.

REFERENCES

- Adeniran, R.A. (2018). *Patterns of newspaper coverage of maternal and child health-care issues in Nigeria, 2015-2016* (Unpublished Doctoral thesis). School of Communication, Lagos State University, Lagos Nigeria.
- Ahmed, R., & Bates B. R. (2013). Communicating health through the mass media: An overview. In R. Ahmed, & B. R. Bates, (Eds.), *Health Communication and Mass Media: An Integrated Approach to Policy and Practice* (pp. 3-18). Farnham, Surrey: Gower.
- Akanni, T. M. (2015). *The Nigerian press coverage of oil-induced conflicts in selected Niger Delta communities*. (Unpublished Doctoral thesis). Institute of Peace and Conflict Studies, University of Ibadan, Ibadan, Nigeria.
- Atkin, C., & Arkin, E. B. (1990). Issues and initiatives in communicating health information. In C. Atkin and L. Wallack (Eds.). *Mass communication and public health: Complexities and conflicts* (pp. 13-40). Newbury, CA: Sage.
- Bello, S. M. (2015). *Newspaper Coverage of Health Issues in Nigeria: The frequency of reporting malaria, HIV/AIDS and polio and the effect of seeking health information on the health behaviours of newspaper readers* (Unpublished doctoral dissertation). University of Canterbury, New Zealand. Retrieved August 24, 2016 from <https://ir.canterbury.ac.nz/xmlui/bitstream/handle/10092/11639/Bello%20Semiu%20-%20Final%20PhD%20Thesis.pdf?sequence=1&isAllowed=y>
- Cacciatore, M. A., Scheufele, D. A., & Iyengar, S. (2016). The end of framing as we know it ... and the future of media effects. *Mass Communication and Society*, 19(1), 7-23. <https://doi.org/10.1080/15205436.2015.1068811>
- Carragee, K. M. & Wim, R. (2004). The Neglect of Power in Recent Framing Research, *Journal of Communication*, 54 (2), 214-233. <https://doi.org/10.1111/j.1460-2466.2004.tb02625.x>
- Chang, C. (2012). News Coverage of Health-Related Issues and Its Impacts on Perceptions: Taiwan as an Example. *Health Communication*, 27, 111-123. <https://doi.org/10.1080/10410236.2011.569004>
- D'Angelo, P. (2002). News framing as a multiparadigmatic research program: A response to Entman. *Journal of Communication*, 52(4), 870-888. <https://doi.org/10.1111/j.1460-2466.2002.tb02578.x>

- Dare, O. (2009, July). *Narrating the Nigeria Story: The Challenge for Journalism*. Paper presented at a lecture in commemoration of Prof Wole Soyinka's 75th birthday organised by the Wole Soyinka Centre for Investigative Journalism (WSCIJ), Lagos. Retrieved January 9, 2016 from http://www.wscij.org/downloads/narrating_the_nigeria_story.pdf
- Dorfman, L., Wallack, L., & Woodruff, K. (2005). More Than a Message: Framing Public Health Advocacy to Change Corporate Practices. *Health Education and Behavior, 32*(3), 320-336. <https://doi.org/10.1177/1090198105275046>
- Entman, R. M. (1993). Framing: Towards clarification of a fractured paradigm. *Journal of Communication, 43*(4), 51-58.
- Entman, R. M. (2004). *Projections of Power: Framing News, Public Opinion, and U.S. Foreign Policy*. Chicago, IL, USA: University of Chicago Press.
- Federal Ministry of Health, Nigeria (2006). *National Health Promotion Policy*. Abuja: Author. Retrieved July 12, 2014 from <https://www.afro.who.int/publications/national-health-promotion-policy>
- Fishman, M. (1980). *Manufacturing the news*. Texas: University of Texas Press
- Gottfredsdottir, H., Magnúsdóttir, H., & Hálfhánsdóttir, B. (2015). Home birth constructed as a safe choice in Iceland: A content analysis on Icelandic media. *Sexual and Reproductive Healthcare, 6*(3). 138-144. <https://doi.org/10.1016/j.srhc.2015.05.004>
- Gruhn, R., & Hawkins K. (2004, August). *Content and framing of children's health reportage*. Paper presented at the meeting of the Association for Education in Journalism and Mass Communication, Toronto, Canada.
- Hawkins, K., W., & Linvill, D. L. (2010). Public Health Framing of News Regarding Childhood Obesity in the United States. *Health Communication, 25*(8), 709-717. <https://doi.org/10.1080/10410236.2010.521913>
- Jimoh, J. (2011). Commercialisation, mass media and the imperatives of health communication. In L. Oso & U. Pate (Eds.), *Mass media and society in Nigeria* (pp. 77-94). Surulere, LA: Malthouse.

- Jimoh, J. P. (2015). *Conflict-sensitive journalism and Nigerian print media coverage of the Jos crisis, 2010-2011* (Unpublished Doctoral thesis). Institute of Peace and Conflict Studies, University of Ibadan, Ibadan, Nigeria.
- Kayode, J., & Adeniran, R. (2012). Nigerian newspaper coverage of the Millennium Development Goals: The role of the media. *Itupale Online Journal of African Studies, IV*. Retrieved August 24, 2012 from http://www.cambridgetoafrica.org/resources/Itupale_Volume_4_2012.htm#title_1
- Kayode, J., & Thanny, N. T. (2013). *The mass media and behavioural change: Lessons from family planning and health communication Campaigns in Nigeria*. Retrieved January 24, 2015 from https://www.researchgate.net/publication/258218002_Mass_Media_and_Behavioural_Change_Lesson_from_Family_Planning_and_Health_Communication_Campaigns_in_Nigeria
- Kline, K. N. (2003). Popular media and health: Images, effects, and institutions. In T. L. Thompson, A. M. Dorsey, K. I. Miller, & R. Parrott (Eds.), *Handbook of health communication* (pp. 557-581). Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum Associates.
- Kline, K. N. (2006). A decade of research on health content in the media: The focus on health challenges and sociocultural context and attendant informational and ideological problems. *Journal of Health Communication: International Perspectives, 11*(1), 43-59. <https://doi.org/10.1080/10810730500461067>
- Laboli L., Caselli L., Filice A., Russi G., & Belletti E., (2010) The unbearable lightness of health science reporting: A week examining Italian print media. *PLoS ONE 5*(3), e9829. <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0009829>
- Lebow, M. A. (1999). The pill and the press: reporting risks (Clinical commentary). *Obstetrics and Gynecology, 93*(3), 453-456.
- Levey, N. N. (2013). The media and healthcare reform. *Journal of American Medical Association, 310* (18), 1941-1942.
- McQuail, D. (2005). *McQuail's mass communication theory* (5th ed.). London: Sage.
- National Population Commission (NPC) [Nigeria] & ICF International (2014). *Nigeria Demographic and Health Survey 2013*. Abuja: Author.

- Nigeria Health Watch (2017, August 16). Giving birth in Nigeria: The staggering odds facing pregnant women. Retrieved May 15, 2018 from <https://nigeriahealth-watch.com/giving-birth-in-nigeria-the-staggering-odds-facing-pregnant-women/#Ww0qSNTRXIV>
- Nwabueze, C. (2005/2006). Re-appraising the vulture reporting hypothesis: A study of mass media coverage of the “Okija Shrine” crisis in Anambra State. *The Nigerian Journal of Communications*, 173-181.
- Olukotun, A. (2017). *Governance and the media in an emergent democracy: A study of the role, record and changing profile of the Nigerian media 1999-2017*. An inaugural lecture of the Department of Political Science, Olabisi Onabanjo University, Ago-Iwoye.
- Oso, L. (2012). *Press and politics in Nigeria: On whose side?* Being 47th Edition of Lagos State University Inaugural Lecture series delivered on Tuesday, 9th October, 2012. Ojo, Lagos: Lagos State University Press.
- Soola, E. O., & Alawode, S. O. (2013). Reporting the reporter: An evaluation of health reporting among radio and television outfits in Lagos Nigeria. *Journalism and Mass Communication*, 3(4), 213-225.
- Tankard, J. W. (2001). The empirical approach to the study of media framing. In S. D. Reese, O. H. Gandy, Jr., & A. E. Grant (Eds.), *Framing public life* (pp. 95-106). Mahwah, NJ: Erlbaum.
- Thorson, E. (2006). Print news and health psychology: Some observations. *Journal of Health Psychology*, 11(2) 175–182. <https://doi.org/10.1177/1359105306061178>
- Wallack, L., & Dorfman, L. (1996). Media advocacy: A strategy for advancing policy and promoting health. *Health Education Quarterly*, 23(3), 293-317. <https://doi.org/10.1177/109019819602300303>
- Wang, Z., & Gantz, W. (2010) Health content in local television news: A current appraisal. *Health Communication*, 25(3), 230-237. <https://doi.org/10.1080/10410231003698903>
- World Health Organisation (2014). *Nigeria: Health profile*. Retrieved May 30, 2015 from <http://www.afro.who.int/en/nigeria/country-health-profile.html>

O Documentário Interativo em Ambientes Digitais: uma Taxonomia do Género Baseada em Modos de Imersividade¹

Ana Catarina Monteiro

Universidade do Porto, Faculdade de Engenharia - catarina02d@gmail.com

Sumário

O presente trabalho foca-se no documentário interativo e no papel que ele ganha à luz dos ambientes digitais. A integração do documentário no meio digital mudou a perspectiva de representação da realidade trazendo novos significados e novas formas de apresentação. Especialmente referenciados pela sua capacidade de inovação e experimentação, os documentários interativos têm muito para oferecer no que diz respeito às várias formas de exploração dos diferentes media, das várias plataformas que utilizam e da prática avançada que

fazem de características imersivas, colaborativas e participativas. Através da análise da composição formal do documentário interativo e da relação que advém entre este e a audiência procurou-se uma definição e taxonomia do género atentando na sua complexidade e poder transformacional. Deste modo, propôs-se assim um conjunto de modos de imersividade que constituem uma forma de diferenciar os vários documentários interativos, tendo em conta as três variáveis definidas: autor, media e utilizador.

Palavras-chave: Documentário, interação, imersividade, ambientes digitais, audiência.

Interactive Documentary in Digital Environments: a Gender Taxonomy Based on Immersive Modes

Abstract

This paper focuses on the interactive documentary and the role it plays in the space of digital environments. The integration of the documentary in the digital environment changed the perspective of representing reality bringing new meanings and new forms of presentation. The possibilities and platforms on which content can be viewed, as well as the relationships arising from the new interaction between authors and users, have changed dra-

matically. Especially noted for their ability to innovate and experiment, interactive documentaries have a lot to offer with regard to the various forms of exploration of different media, the various platforms they use and advanced practice they do from immersive, collaborative and participatory characteristics. Through the analysis of the formal composition of the interactive documentary and the relationship that comes between it and the au-

¹ Este texto constitui um extracto adaptado da dissertação de mestrado em Multimédia da Universidade do Porto intitulada “Desafios estéticos da imersividade no documentário interativo”.

dience, a definition and taxonomy of the genre was sought, paying attention to its complexity and transformational power. Thus, it was proposed a set of immersive modes that constitute

a way of differentiating the various interactive documentaries, taking into account the three defined variables: author, media and user.

Keywords: Documentary, interaction, immersion, digital environments, audience.

1. DO DOCUMENTÁRIO LINEAR PARA O DOCUMENTÁRIO INTERATIVO

Foi em 1922, com a exibição de *Nanook of the North*, de Robert Flaherty, que o género documentário se tornou um dos instrumentos mais dominantes e eficientes no modo de contar histórias da vida real. Fornecendo ao público reflexões e discussões aprofundadas de diversos assuntos que caracterizam a nossa sociedade, são várias as razões que tem ajudado este género a tornar-se uma componente fundamental da indústria cinematográfica.

O género documentário transporta consigo uma espécie de dualidade com o cinema. Por um lado, vimos surgir o documentário com o nascimento do cinema em 1895. Por outro, é também o cinema que desponta com o documentário, basta para isso visualizar os primeiros filmes dos irmãos Lumière (*A Saída dos Operários da Fábrica Lumière*, 1895), que representavam simples cenas do dia-a-dia da sociedade e dos indivíduos. Segundo o cineasta John Grierson, o documentário é uma forma criativa de tratar a actualidade (cit. em Gaudenzi, 2013), que visa expor de uma forma cinematográfica os factos da realidade, não constituindo a realidade, mas sim a representação da realidade, e não sendo ficção, porque existe um ponto de vista autoral bem definido.

Por conseguinte, a representação da realidade tornou-se, com a afirmação do género, a característica mais comum. Com o passar do tempo, os cineastas começaram a conceptualizar o documentário como uma negociação da realidade, sendo este por menor, a mistura da realidade em si com a experiência e a visão do cinematográfico, “por um lado, uma negociação entre a realidade, mas por outro uma negociação entre imagem e interpretação” (Bruzzi, 2000, cit. em Gifreu, 2011a).

Todavia, conciliar numa só equação todos os elementos que constituem um documentário e formular a sua definição não tem sido uma tarefa fácil para quem se tem dedicado ao assunto.

O Documentário Interativo em Ambientes Digitais: uma Taxonomia do Gênero Baseada em Modos de Imersividade

Sandra Gaudenzi (2013) relata a dificuldade em estabelecer um significado para documentário linear. A autora revê a definição dada por Bill Nichols (1991) que circunscreve o sentido de documentário sob três diferentes pontos de vista – o do realizador, do texto e do espectador – afirmando que só os três em conjunto constituem um bom ponto de partida no entendimento geral daquilo que deve ser um documentário (1991). A importância do realizador cinematográfico passa pela posição de poder que este tem na forma como cria o produto e como pode influenciar quem o vê; o texto como um texto audiovisual que caracteriza o gênero; e por fim, o espectador que tem que acreditar na realidade que vê, naquilo que lhe mostram, acreditar que o que foi filmado ali aconteceria da mesma maneira se não tivesse sido gravado. Para Gaudenzi (2013), este ponto de vista tem a vantagem de mostrar as características contrastantes entre o cineasta e o espectador, colocando os dois no mesmo nível de importância.

Em *Representing Reality*, Nichols (1991), estabelece um novo entendimento sobre a aceção geral do gênero documentário. Em vez de se concentrar nos actores que têm influência sobre um documentário e que o permitem construir, foca-se nos modos de representação como “formas básicas de organização de textos em relação a certas características e convenções recorrentes” (1991, p. 32).² Cada modo concentra-se numa nova e diferente perspectiva da realidade onde os valores que têm mais ênfase são o modo como o documentário em si é feito, o modo como se organiza e o que significa a sua estrutura, e na posição que os diferentes actores – realizador cinematográfico, texto e espectador – podem ter na forma como medeiam a realidade retratada (Gaudenzi, 2013).

No fundo, “a prática do documentário é um meio para a mudança e para a contestação” (Nichols, 1991, p. 12), em que para o autor a mudança só é possível devido à interação que existe entre realizador cinematográfico, texto e espectador e que tudo envolve um processo de documentação que permite a contestação e a renovação.

Depois de 100 anos, de imensuráveis realidades contadas e representadas, da fluidez no avanço das tecnologias, do aparecimento do mundo digital e da Web 2.0, novas mudanças no gênero documentário começaram a despoletar. Surgiu assim o termo documentário interativo.

Se a definição de documentário é já complexa e encontra-se em constante actualização, o conceito de documentário interativo situa-se ainda numa fase anterior.

² Tradução do autor (TA)

Mas afinal, que relação advém do documentário linear para o interativo? Apresentam entre si continuidade de elementos e características ou existe uma ruptura total? Que diferenças existem no modo de perspetivar a realidade? São estas as questões que nos propomos a discutir nas páginas que se seguem.

Segundo Handler Miller (2004) o documentário interativo é um tipo de narrativa não-ficcional onde é dado ao utilizador a oportunidade de escolher o material que quer ver e em que ordem (Miller, 2004 cit. em Grifeu, 2011a). Para Gaudenzi (2013, p. 26), no documentário interativo o utilizador necessita de ter agência, ou seja, necessita de estar capaz de actuar fisicamente, fazer “qualquer coisa” com, ou para o documentário. Murray (2012a), teve um impacto muito importante na definição do termo agência ao defini-lo como resultado das expectativas do utilizador despertadas pelo ambiente altamente interativo, levando-os a agir de uma forma que resulta num conjunto de respostas apropriadas ao sistema computacional em que estão inseridos. De um modo geral, o ambiente digital ao ser procedimental e participativo cria a experiência de agência, colocando os utilizadores a tomarem acções num mundo dinamicamente responsivo (2012).

Este poder do utilizador em actuar com o documentário interfere com a apresentação da narrativa, havendo uma ruptura com a linearidade e com a tradicional voz do narrador, sendo esta a principal característica que críticos e alguns autores apontam para questionar se um documentário interativo deva ou não inserir-se no género (Gaudenzi, 2013).

Contudo, se há autores preocupados com a integração do documentário interativo no género, há quem demande que este deva ter a sua própria categorização. Para Mitchell Whitelaw, “o novo documentário não precisa de repetir as convenções do tradicional e a narrativa linear; ele oferece as suas próprias formas de brincar com a realidade” (2002, p. 3).³ Galloway, McAlpine e Harris no estudo *From Michael Moore to JFK Reloaded: Towards a Working Model of Interactive Documentary*, reforçam a ideia de que um documentário interativo “não deve ser visto como um substituto para o documentário, mas como uma forma válida e criativa, que permite que as pessoas possam explorar e contribuir para a compreensão do mundo” (2007).⁴

Por conseguinte, o documentário interativo pode ser considerado um documentário na medida em que fornece informações e conhecimentos sobre temáticas da vida real, mas ao invés do documentário linear, oferece uma experiência única e par-

3 TA

4 TA

O Documentário Interativo em Ambientes Digitais: uma Taxonomia do Género Baseada em Modos de Imersividade

ticipativa. A interatividade trouxe novas dinâmicas e prismas na forma de olhar para o assunto documentado.

Actualmente, o desenvolvimento de novas tecnologias e ferramentas permitem que o documentário interativo esteja já bem delineado e presente no conhecimento de todos nós. Desta forma, existe também uma diferença no modo de observar a realidade. Já que a relação e o papel do realizador, texto e espectador mudam drasticamente, também a maneira como se negocia a realidade se torna diferente. No documentário interativo, o espectador torna-se o principal elemento deste triângulo sendo aquele que tem mais poder.

Gifreu (2011b) usa a tripla definição utilizada por Nichols (1991), mas substitui realizador por autor, texto por narrativa pelo facto de não ser linear e o conceito de espectador por utilizador interativo.⁵ Desta forma, o autor explica que o documentário interativo:

...é potencialmente útil para ajudar o interator a descobrir, seleccionar, reflectir, participar e até mesmo criar. Os espectadores deste novo meio, que já não são espectadores passivos, mas sim utilizadores interativos activos, ganham em termos de presença e identificação, e ficam envolvidos numa experiência audiovisual, que passa a poder ser partilhada com outras pessoas. Eles (utilizadores interativos) tornam-se utilizadores já que fazem parte de um sistema pré-estabelecido e usam essas características para os seus próprios fins; um utilizador interativo, porque eles interagem com os vários modos e com a interface para se poderem mover no acto representado; um participante, porque participam na história e escolhem o melhor caminho, aquele que lhes parece mais apropriado; e um colaborador, porque contribuem com conhecimento para o conteúdo representado. (2011b)⁶

Sumariamente, se no documentário linear cada história e conseqüentemente realidade pode ser interpretada de maneira diferente, sendo o elemento diferenciador aquele que está a contar a história, no documentário interativo, com o novo papel dado ao utilizador – que lhe proporciona uma experiência única – e que o torna o controlador daquilo que se passa, Aston e Gaudenzi (2012) defendem a ideia que podem ser criadas múltiplas visões da realidade dando a todos a oportunidade e o poder de também eles se verem sob uma perspectiva de documentaristas.

5 TA

6 TA

2. A REPRESENTAÇÃO DE NOVAS LÓGICAS DA REALIDADE NO DOCUMENTÁRIO INTERATIVO

Desde a invenção do cinema, que os documentários se tornaram uma poderosa forma de envolver o público com os assuntos relacionados com o mundo. Nas palavras de Tom Perlmutter “o documentário manteve o seu domínio sobre o encontro imaginativo com as realidades do nosso mundo... eles [documentários] permaneceram teimosamente insistentes na procura da verdade através de um modo de ver e da criação artística que nenhuma outra forma de arte fornece” (2014).⁷ Até mais importante do que isso, o documentário trouxe à ribalta realidades nunca antes mencionadas, questões cruciais com temas relacionados com o ambiente, a saúde, a acção e injustiça social chamando a atenção pública para temas tabu na sociedade.

Ao longo de todo este tempo, o documentário foi também acompanhando as novas mudanças tecnológicas, permitindo novos modos de criação e períodos de transformação dentro do próprio género, mas nada como a mudança que ocorreu com o advento da Web e da revolução digital, que fez nascer, totalmente, uma nova forma de arte (Perlmutter, 2014).

Esta nova forma de arte, denominada por webdocumentário, documentário interativo, transmedia, ou cross-media reformula a apresentação da realidade ao público. Antes de mais, definiremos realidade de acordo com a definição de Nichols (1991), que é entendida como qualquer material mediado necessário para estabelecer uma relação significativa com o que nos rodeia, sendo que esta mediação pode acontecer através dos nossos sentidos, da nossa mente ou media. Embora a expectativa do público seja sempre esperar que o que acontece em frente à câmara, é o que aconteceria se eles tivessem testemunhado, a representação do real não pode deixar de lado, o olhar através do qual é representada, isto é, há sempre uma subjectividade inerente a qualquer reprodução da realidade por ela ser mostrada através de um certo ponto de vista, o que influencia o modo como foi criada (1991). No entanto, este género narrativo nunca deixará de ser uma representação ou interpretação dos acontecimentos do mundo.

Por conseguinte, Nichols propõe um conjunto de modos que através do documentário representam a realidade resumindo as diferentes posições que o autor, o assunto retratado e o espectador podem tomar dentro do universo narrativo do género documental. Os modos poético, expositivo, observacional, participativo, reflexivo, e performativo caracterizam-se da seguinte forma:

7 TA

O Documentário Interativo em Ambientes Digitais: uma Taxonomia do Género Baseada em Modos de Imersividade

- Modo poético – junta fragmentos do mundo, transformando material histórico em material abstracto. Este modo evidencia a subjectividade e apresenta uma preocupação acrescida com a estética. À medida que vai construindo o texto, pode mesmo utilizar formas líricas de obras literárias;
- Modo expositivo – tem uma preocupação enorme pela objectividade e pela defesa dos argumentos em detrimento da estética e da subjectividade. Mostra uma relação constante entre aquilo que é dito e mostrado e por isso, utiliza muitas vezes a narração com uma só voz;
- Modo observacional – tornou o documentário menos expositivo e mais observacional, na medida em que procura captar a realidade tal e qual como ela aconteceu, isto é, capaz de documentar a realidade de uma forma menos intrusiva. Este facto deve-se ao avanço das tecnologias na câmara que permitem pouca movimentação. Também não existe narração, uma vez que as cenas devem falar por si mesmas.
- Modo participativo – há um encontro entre o realizador e o assunto retratado, onde o autor se envolve massivamente com a situação encontrada. Nesta medida, torna-se um sujeito activo no processo de gravação, pois aparece muitas vezes em conversas com a sua equipa ou com os próprios entrevistados;
- Modo reflexivo – envolve-se activamente com as questões de realismo e representação, reconhecendo e demonstrando consciência quanto à presença do espectador;
- Modo Performativo – reconhece os aspectos emocionais e subjectivos do documentário, apresentando as ideias como parte de um contexto, havendo um conjunto de significados diferentes de pessoa para pessoa. (Gaudenzi, 2013)

No documentário interativo, a representação da realidade não se pode reger apenas por estas variantes. Há novos significados que são inseridos, novas variáveis e novas dimensões que alteram drasticamente esta forma de ver um acto não-ficcional.

Começamos pela dimensão. No documentário linear a dimensão é o tempo, o objecto é fixo e tem um início e fim, uma trajectória de movimento que não muda; no documentário interativo a dimensão torna-se o espaço virtual e o tempo torna-se maleável, pode terminar em 5 minutos ou durar por tempo indeterminado sob formas de participação activa.

O documentário interativo passa também a ser global, bem como a partilhar dados e uma quantidade massiva de informação em tempo real. Pode abrir-se em qualquer lugar, ser visto a qualquer hora e ser percorrido de várias maneiras diferentes,

através de diversos dispositivos. Por consequência, o modo como se organiza a informação e o modo como se navega por ela também muda drasticamente.

A tecnologia é outro dos pontos de viragem nesta percepção da realidade, pois afecta significativamente as possibilidades criativas do documentário interativo fazendo com que os utilizadores possam interagir de formas mais naturais e humanas usando todos os seus sentidos — tocar, sentir, ver, ouvir, cheirar, saborear — aumentando a capacidade humana de usar impulsos nervosos para se envolver com a história. A história em si envolve também outro tipo de contornos, isto é, passa quase sempre pela transformação social da audiência, por levá-la a envolver-se e a interagir com os assuntos que estão a ser retratados. Outro dos aspectos com o qual a realidade do documentário linear não consegue competir é que o documentário interativo ampliou as suas possibilidades experienciais e imersivas. A imersividade coloca o espectador/utilizador no centro do projecto mudando por completo o seu mapa mental. O mundo experiencial levado a cabo pela entrada do documentário interativo no mundo dos videojogos garante ao utilizador níveis elevados de participação ativa (Perlmutter, 2014).

São estas variáveis adicionadas ao mundo do documentário quando produzido em meio digital, que mudam significativamente a lógica de realidade. Aqui ela torna-se mediada não apenas pelo autor, pela narrativa e pelo utilizador, mas por todos os intervenientes que passam a fazer parte desta nova dimensão e que alteram a forma como a informação pode ser vista e explorada.

3. DEFINIÇÃO DE AMBIENTES DIGITAIS. CONTEXTUALIZAÇÃO DO DOCUMENTÁRIO INTERATIVO EM AMBIENTES DIGITAIS

Depois de nos concentrarmos sobre as principais diferenças que interferem na transição do documentário linear para o documentário interativo e das novas perspetivas e lógicas na apresentação da realidade, chegou o momento de definirmos também as principais mudanças que ocorreram no próprio ambiente em que se inserem os documentários interativos e quais são as principais características que os explicam.

O ambiente digital pode ser definido como algo que é gerado por um conjunto de acções levados a cabo por um computador, ou seja, um medium que é criado através da exploração da capacidade de representação do computador, sendo que neste tipo de ambientes, os indivíduos podem assumir identidades virtuais e transcender limitações do ambiente humano. Concentrando-se na computação que permite ver

O Documentário Interativo em Ambientes Digitais: uma Taxonomia do Género Baseada em Modos de Imersividade

um conjunto de artefactos díspares, como pertencentes a um único meio em evolução, sendo desconstruídos em partes e reconfigurados de acordo com o conceito de interatividade, o ambiente digital permite a representação da informação em bits electrónicos e a sua transmissão pelo espaço e pelo tempo através de códigos binários (Murray, 2012a). “Ao inventar e refinar as convenções de formato e de género do meio digital emergente, estamos a ampliar o círculo de atenção compartilhada, e a participar de um projecto antigo de expansão da cognição e da cultura humana” (p. 16).⁸ Em certa medida, torna-se a junção de vários factos e realidades numa experiência tangível que modifica a percepção da existência física. Todos os artefactos digitais são feitos de uma substância comum: são bits programáveis utilizados para manipulação de símbolos. “Sendo assim, pode-se pensar em qualquer artefacto digital como parte de um único novo medium, que pode ser melhor entendido como o meio digital, que é criado através da exploração e da capacidade de representação do computador” (p. 8).⁹

Murray retrata também a narrativa no ciberespaço como elemento diferenciador do ambiente digital. A autora afirma que ao ser tão importante para a ordenação cognitiva da experiência humana, a narrativa, aplica o formato participativo do ambiente natural promovendo um envolvimento distinto quando comparado à experiência de se ouvir ou assistir uma história sem interatividade. Ao definir o formato de narrativa interativa, Murray prefere o termo multissequencial ou multiforme para classificar histórias que se afastam de um formato linear, justificando que o termo não-linear é associado à falta de causalidade narrativa. Nas suas palavras, “histórias multissequenciais proporcionam ao utilizador interativo a habilidade de navegar por um arranjo fixo de eventos de diferentes maneiras, todas elas bem definidas e significativas” (Murray, 1997, p. 18)¹⁰.

No seu livro *Hamlet on the Holodeck: The Future of Narrative in Cyberspace* (1997), Murray propõe algumas características dos ambientes digitais, que se podem também aplicar à Web, e que os tornam diferentes dos media que a precederam. Partindo da sua definição de computador como um novo meio de representação único e da definição de narrativa como um elemento diferenciador do ambiente digital, a autora caracteriza os meios digitais de acordo com quatro modos representacionais. Desta forma, os ambientes digitais são procedimentais, participativos, espaciais e enciclopédicos.

8 TA

9 TA

10 TA

- Procedimentais – o computador torna-se o principal veículo de informação, já que demonstra capacidade para representar e executar vários tipos de padrões. Esses mesmos padrões devem ser reconhecíveis como uma interpretação do mundo. “O modo procedimental é caracterizado pelo poder de processamento do computador que permite especificar, representar e executar vários padrões. Este modo criou uma estratégia representacional definida pela simulação de mundos reais e hipotéticos, como sistemas complexos de objectos e comportamentos parametrizados.” (Murray, 2012a, p. 52)
- Participativo – A relação entre o utilizador interativo e qualquer artefacto digital é recíproca e activa. O computador é um meio participativo, na medida em que os seus utilizadores têm a expectativa de que são capazes de manipular os artefactos digitais e fazerem coisas acontecerem em resposta às suas acções. Deste modo, os utilizadores irão sentir-se frustrados e impacientes quando eles não estão autorizados a agir já que os artefactos digitais promovem o desejo de acção. No fundo, a característica de participação do ambiente digital torna-se também uma característica de participação social, que não deve ser confundida com a primeira. Por conseguinte, os ambientes digitais ao serem participativos tornam-se facilmente rastreáveis ao nível de comportamento que eles induzem. Como já referido anteriormente a participação combinada com o modo procedimental cria a interatividade. “Quando a participação é bem desenhada torna-se transparente e sendo combinada com o modo procedimental visível cria uma experiência de agência¹¹ no utilizador.” (Murray, 2012b)¹²
- Enciclopédicos – “O maior medium já alguma vez inventado, o computador, pode conter e transmitir mais informação acessível ao olho humano, do que todos os media anteriores, juntos” (Murray, 2012a, p. 66). A capacidade de arma-

11 Como já explicado anteriormente, para Murray, o conceito de agência define-se como resultado das expectativas do utilizador despertadas por um ambiente altamente interativo, levando-os a agir de uma forma que resulta num conjunto de respostas apropriadas ao sistema computacional em que estão inseridos (2012, p. 9). Agência é também para a autora o poder satisfatório para tomar medidas significativas e ver os resultados das nossas decisões e escolhas. Desta forma, é resultado da junção do modo procedimental com o modo participativo.

12 Glossário do blog “Inventing the medium”, de Murray, disponível em: <https://inventingthemedium.com/glossary/>

O Documentário Interativo em Ambientes Digitais: uma Taxonomia do Género Baseada em Modos de Imersividade

zenamento de informação dos computadores introduz uma grande expectativa enciclopédica. Uma vez que todas as formas de representação estão a migrar para os formatos digitais e todos os computadores são potencialmente acessíveis entre si, há facilmente a percepção de uma biblioteca única, que possa ser acedida através de qualquer parte do mundo. A autora usa a palavra “enciclopédico” para se referir “tanto a um fenómeno técnico, como cultural, já que ao mesmo tempo demonstra o potencial de armazenamento do novo meio e a promessa de uma biblioteca inigualável e tão grande quanto o mundo” (2012, p. 66). No fundo, o ambiente digital é enciclopédico de três diferentes maneiras: “a sua capacidade – o grande número de bits de informações que podem conter; a sua extensa gama de formatos e géneros de media; e a sua capacidade para representar qualquer processo através da representação simbólica lógica, incluindo simulações de sistemas altamente complexos. Quando os ambientes digitais são bem organizados a nível de organização e detalhes enciclopédicos eles criam a experiência de imersão.” (Murray, 2012b)

- Espaciais – Os novos ambientes digitais caracterizam-se pela capacidade de representar espaços navegáveis. Os meios lineares, como os livros ou os filmes, retratam espaços pela descrição verbal e pela imagem, mas só os ambientes digitais apresentam um espaço pelo qual nos podemos mover. “Desde que o espaço e o tempo são duas coordenadas fundamentais da cognição humana, que experimentamos tudo espacialmente e temos muitos géneros para representá-los, tais como as pinturas, esculturas e o cinema. Mas o computador constrói espaço de um modo diferente, isto é, a partir de outros meios ele cria espaços virtuais que também são navegáveis pelo utilizador interativo já que respondem aos gestos de navegação de uma forma consistente” (Murray, 2012a, p. 70). “O espaço navegável é criado por distinguir claramente um lugar de outro, e criando padrões consistentes de interação que apoiam o movimento entre espaços, contribuindo largamente para o sentimento de imersão¹³ no utilizador.” (Murray, 2012b)

A imersão, embora não seja considerada uma propriedade representacional é uma das principais características que diferenciam os ambientes digitais. Quanto mais

13 O termo imersão é descrito pela autora como a “experiência de ser transportado para um espaço elaboradamente simulado, independentemente do conteúdo fantasioso da acção. Esta experiência é significado de imersão como um termo metafórico derivado da experiência física de ser submerso em água” (Murray 1997).

persuasiva for a representação de sensações, maior a sensação dada ao utilizador de se sentir presente neste tipo de mundos alternativos e maior a quantidade de acções que o utilizador irá procurar realizar. Daqui emerge o conceito de agência, como a capacidade gratificante de realizar acções significativas e visualizar o resultado das nossas decisões e acções. Este é um dos maiores prazeres que o ambiente digital consegue dar, isto é, quando as acções que se praticam, trazem resultados tangíveis e podem até alterar o modo como tudo se processa. “Criamos imersão, aumentando a abrangência, detalhe, consistência e ao estabelecer limites claros e meios de navegação. Criamos agência pelo facto do interator e do computador produzirem expectativas e comportamentos significantes” (Murray, 2012a, p. 24).

É facilmente perceptível o modo como os ambientes digitais se organizam, sendo que os documentários interativos são abrangidos por esta definição por também eles serem transmitidos através de um artefacto digital e por também se caracterizarem através do modo procedimental, participativo, enciclopédico e espacial. Os documentários interativos são espaciais ao também eles alterarem a forma de navegação pelo próprio documentário criando espaços virtuais que podem ser facilmente encaminháveis. São enciclopédicos porque conseguem armazenar e transmitir uma grande quantidade de informação de uma só vez e através de um só dispositivo. A participação é uma das características principais do documentário interativo já que é através das acções tomadas pelo utilizador que a história prossegue e é experienciada de maneiras diferentes. Por fim, o documentário interativo não poderia deixar de ser procedimental já que ao ser integrado em ambientes digitais adopta uma estratégia representacional e executa vários padrões que resultam em comportamentos padronizados.

4. A IMERSIVIDADE NO DOCUMENTÁRIO INTERATIVO

A terminologia “documentário interativo” foi originalmente usada por Mitchell Whitelaw (2002) para descrever aqueles documentários que alteram o uso e a forma da estrutura narrativa. A narrativa torna-se não-linear e Manovich reconhece-lhe a característica de “montagem espacial”, uma alternativa à montagem cinematográfica tradicional que substitui o modo temporal pelo espacial (2001). Ao desenvolverem uma montagem espacial os documentários interativos passam a dar à sua audiência aquilo a que Eco chamou de obras abertas (1989), uma peculiar forma que destacou uma mudança radical na relação entre autor e público, exigindo do último um maior grau de

O Documentário Interativo em Ambientes Digitais: uma Taxonomia do Género Baseada em Modos de Imersividade

colaboração e envolvimento. Esta mudança de relação com a audiência autoriza o público a modificar, interagir, escolher e contribuir para a criação de diferentes narrativas.

O conceito de interatividade integra uma multiplicidade de definições e até mesmo outras noções, tais como, a partilha, a participação e a imersão. Com a evolução dos media digitais o conceito de interatividade passou a estar em voga e a fazer parte do vocabulário corrente, tornando-se quase um mito, como explica Manovich (2001, p. 55).¹⁴ Foram vários os autores que se dedicaram à sua definição.

Dixon (2007) define interatividade de acordo com os modos de navegação, participação, conversação e colaboração. Cada um destes encontra-se relacionado com quatro níveis que são caracterizados da seguinte forma:

- O primeiro nível diz respeito ao que o autor intitula de interação “reactiva”, ou seja, o ambiente reage à presença do participante sem a realização de qualquer movimento em particular;
- O segundo nível consiste numa selecção aleatória de vários elementos, como por exemplo, a característica da hipertextualidade;
- O terceiro nível remete o utilizador para a interação “selectiva”, através do qual o participante esforça-se para atender a um objectivo;
- O quarto nível envolve o participante de uma forma bastante activa produzindo alguma coisa que tenha um efeito duradouro sobre o “mundo textual”, seja deixando algum objecto para trás, seja pela escrita da sua própria história.

Já Ryan (2005) apresenta um modelo que também é composto por cinco níveis de interatividade, dependentes do grau de influência que o utilizador tem sobre a forma como a história é narrada. O modelo é progressivo, sendo que a variabilidade provocada pela entrada dos utilizadores aumenta gradualmente, aproximando o quarto nível ao Holodeck de Murray (1997).¹⁵ Os grupos são:

14 Manovich (2001) considera o conceito de interatividade “muito amplo para ser verdadeiramente útil”, já que afirmar que um computador é ‘interativo’, é constatar o seu facto mais básico de todos. Para tal, o autor prefere usar um conjunto de conceitos para descrever diferentes tipos de estruturas interativas, já que “toda a arte pode ser interativa nas mais diversas formas” (p. 55).

15 O “Holodeck” é considerado na obra de Murray como a “mais poderosa tecnologia de ilusão sensorial que se pode imaginar” (1997, p. 39). Consiste num cubo negro e vazio, coberto por linhas brancas, sobre o qual o computador pode projectar elaboradas simulações, ao combinar holografia com campos de força magnéticos e a conversão de energia em matéria. Na obra de Murray, a capitã Janeway, vive no Holodeck um romance com um lorde da época vitoriana, que é gerado ao vivo através da interação entre o participante humano e os

- No nível um de interatividade – interatividade periférica – a história é adornada por uma interface interativa, mas o contacto com esta não afecta a narrativa ou a sua ordem de apresentação. O papel do utilizador resume-se ao controlo do ecrã e apesar deste controlo sobre o processamento do texto, este é sempre o mesmo e o utilizador não pode avançar na sua reprodução, nem alterar a sua ordem interna. Paralelamente à história principal, o utilizador poderá levar a cabo tarefas secundárias.
- No nível dois de interatividade ela afecta o discurso narrativo e a apresentação da história, e envolve o utilizador na medida em que ele está a ser integrado no acto representado. No entanto, as suas acções não alteram o fluxo narrativo, já que os elementos da história são pré-determinados e vão sempre apresentados ao utilizador de forma variável. Ryan relaciona este nível dois de interatividade com aquela proporcionada pelo hipertexto, sendo que o leitor pode explorar a história e configurá-la. No entanto, esta é constituída por hiperligações entre blocos de texto pré-determinados e mais uma vez, o leitor não pode mudar a história.
- No nível três de interatividade, cria variações numa história parcialmente pré-definida, e aqui Ryan prevê que o utilizador seja um interveniente no mundo ficcional, pela que a participação do utilizador se torna interna e pode ser exploratória ou ontológica.¹⁶ É exploratória se o utilizador apenas tem de mover-se ou ver objectos e é ontológica quando as suas opções têm o poder de mudar o mundo ou afectar o destino do personagem. A autora relaciona este nível de interatividade com jogos de aventura ou enigmas e afirma que o computador continua a controlar o rumo da narrativa.

personagens virtuais criados pelo computador. Ryan (2002) afirma que a viabilidade do conceito de Holodeck é questionável devido a razões tecnológicas, algorítmicas e mesmo psicológicas. Do ponto de vista tecnológico, há a necessidade de se criar ambientes artificiais mais envolventes do que aqueles que a tecnologia de realidade virtual é capaz de conceber; algoritmicamente necessitar-se-ia de um algoritmo capaz de conceber inúmeras e variáveis acções imprevisíveis em tempo real; do ponto de vista de psicológico, Ryan questiona o tipo de gratificação atribuída ao espectador quando este se torna um personagem da narrativa.

16 Ao sugerir e definir diferentes tipos de interatividade, Ryan (2005) relaciona-os como as camadas de uma cebola. Por conseguinte, enquanto que nas camadas externas a interatividade tende a ser exploratória, nas camadas internas da cebola a interatividade tende a ser ontológica. “On the outer layers, interactivity concerns the presentation of the story, and the story pre-exists to the running of the software; on the middle layers, interactivity concerns the user’s personal involvement in the story, but the plot of a story is still pre-determined; on the inner layers, the story is created dynamically through the interaction between the user and the system”.

O Documentário Interativo em Ambientes Digitais: uma Taxonomia do Género Baseada em Modos de Imersividade

- No nível quatro de interatividade as histórias não são pré-determinadas, mas sim, geradas em tempo real a partir de dados que veem por um lado do sistema e por outro, do utilizador. Assim, as acções e os dados provenientes do utilizador podem alterar o fluxo narrativo e ele não é só um mero espectador, mas está completamente envolvido como participante activo.
- No nível cinco de interatividade, de meta-interatividade, o interator prepara novas objectos e novas funções para serem utilizados por outros utilizadores, associando objectos existentes a novos comportamentos e ampliando as possibilidades de acção oferecidas pela narrativa. No entanto, a função do utilizador não se funde com o papel do autor, ambos continuam a ser independentes entre si, já que o utilizador não pode imergir na história ao mesmo tempo que constrói.

A imersividade emerge destas definições de interatividade e é tida como a sensação de mergulhar através de todos os sentidos perceptuais, aproximando dois mundos aparentemente distintos, que se fundem com a transparência do meio. Grau (2007) refere que “uma característica constante do princípio de imersão é ocultar a aparência do meio ilusório verdadeiro, mantendo-o abaixo do limiar perceptivo do observador, para maximizar a intensidade das mensagens que estão a ser transmitidas. O meio torna-se invisível.” (p. 394) e, ainda, “a imersão surge quando a obra de arte e o aparato, a mensagem e o meio de tecnologia avançada, são percebidos numa fusão inseparável” (p. 394).

Elena Gorfinjel (cit. em Bouko, 2014) aborda a característica de imersão como um efeito que o documentário ou acto representado produz no participante. A imersividade no documentário interativo coloca o participante no coração do acto representado. Aqui o meio parece transparente e o mundo criado parece ser oferecido sem qualquer intermediário. Obviamente há momentos em que o utilizador se torna consciente da natureza artificial do acto em que está mergulhado e adopta uma posição externa. Contudo, é precisamente esta transição entre o real e o artificial que constrói e desconstrói a imersão física e mental e que constitui a especificidade da imersividade no documentário interativo.

Pierre Lévy (2000) defende que na imersão a representação dá lugar à visualização interativa de um modelo, e enquanto o desenho, a fotografia, ou o filme acolhem o explorador activo, a interação e a imersão ilustram um princípio de imanência da mensagem no seu receptor fazendo com que a obra já não esteja mais à distância, mas

sim ao alcance da mão. O autor afirma ainda que o utilizador passa a participar nela, a transformá-la e a ser em parte autor.

Segundo Ryan (2002), o primeiro nível do modelo de Dixon (2007), o modo de navegação, é a forma mais comum de interatividade em produções imersivas já que dá ao corpo o papel central e dominante da acção criando a sensação de estar presente. A forma absoluta de imersividade é protagonizada pelo facto do imersante experienciar confusão entre o universo real e o universo imaginário.

O acto de incorporar o participante no acto representado implica obviamente uma história ou uma narrativa que seja mais porosa e mais benevolente de ser interceptada. De forma a criar alguma interatividade, recorre-se à “narrativa policrónica”¹⁷, (Stern, 2011, cit. em Bouko, 2014, p. 264) que pode ser conectada ao modelo de navegação de Dixon (2007), já que o utilizador pode mover-se efectivamente através de uma série de eventos pré-escritos, podendo avançar ao seu próprio ritmo ou até mesmo andar para trás, se assim o desejar. Esta liberdade de navegação só é possível devido à narrativa policrónica, que se caracteriza por uma espécie de narrativa que se multiplica e pluraliza a si própria para formar eventos que ao encadearem-se com outros produzem diferentes tipos de narrativas (Herman, 1998). Estes momentos policrónicos estão separados por momentos primitivos¹⁸, actos pré-existentes, de forma a que o autor tenha controlo da experiência e consiga fazer a história avançar.

A interatividade e a imersividade caminham juntas na percepção que se pode ter do documentário interativo. A segunda advém como característica da primeira, mas traz novos significados, noções recentes que devem ser minuciosamente estudadas e que permitem a construção de novos significados sociais e de diferentes tipos de artefactos digitais. Podemos afirmar que esta relação de conceitos é também a relação que existe entre os dois espaços, o espaço físico real e o espaço virtual simulado, que antes confinado a uma pintura ou a um ecrã, abrange agora o espaço real, estabelecendo um novo tipo de relacionamento entre o corpo de um observador e o meio que transmite a mensagem (Manovich, 2001). É no seguimento desta ideia que evoluímos para a explicação e definição dos modos de imersividade a que nos propomos, na tentativa de compreender aquilo que muda na composição formal do documentário interativo e no poder de transformação que a imersividade produz sobre a audiência.

17 TA

18 TA

5. MODOS DE IMERSIVIDADE: DEFINIÇÃO E TAXONOMIA

A imersividade no documentário interativo é portadora de uma natureza dupla, ou seja, torna o documentário uma estrutura dotada de significado e experiência, que permite acções significativas, tanto ao nível do eixo paradigmático e sintagmático. Desta forma, o estudo da imersividade no documentário interativo torna-se uma exploração tanto da sua composição formal, como do estudo e da relação que é possível ter com a audiência.

Na ordem de analisar a imersividade no documentário interativo, propomos uma estrutura baseada na análise multimodal que deriva da abordagem semiótica social de Halliday (1978) e dos princípios da gramática visual de Kress e van Leeuwen (1996) que se focam no significado social e de construção-significado que está implícito em todo o processo. A semiótica social apresenta uma série de possibilidades para analisar o conteúdo de uma narrativa: a composição formal e principalmente a relação entre a interpretação da audiência com o texto. Em certa medida, a semiótica social relaciona a concepção do filme e a interpretação da audiência como intimamente ligados, o que faz com que esta abordagem encaixe perfeitamente na análise dos documentários interativos já que estes dispõem de uma narrativa personalizada (Nogueira, 2015a).

Considerando a complexidade representada pela composição formal e o poder transformacional e impacto cívico que a imersividade no documentário interativo pode ter na formação da compreensão e do papel da audiência sobre o mundo e adequando-os ao modo semiótico visual de Kress e van Leeuwen (1996) pode-se analisar a imersividade no documentário interativo fundamentado na noção teórica de metafunções ideacional, interpessoal e textual de Halliday (1978), que passam a ser denominadas por significados “representacionais” (ideia ou actividade realizada pelos participantes representados na imagem), “interativos” (realiza o tipo de interação estabelecida entre os participantes, os espectadores e os produtores de imagem) e “composicionais” (realizam a coerência e a coesão entre os elementos informacionais da imagem), respectivamente.

Na perspetiva da semiótica social, Jewitt (2006 cit. em Nogueira, 2015a) indica quatro bases teóricas nas quais a abordagem multimodal é construída. A primeira é que os significados são construídos, produzidos, distribuídos e recebidos através de uma série de modos de comunicação e representação – gesto, postura, olhar, imagem –, e não somente através da linguagem escrita e falada. A segunda base é que todos os

modos semióticos, como o discurso e a escrita, são moldados pelo uso social, histórico e cultural que apresentam, de forma a produzir diferentes formas de comunicação. O terceiro pressuposto diz respeito ao facto de as pessoas gerirem os significados de acordo com os diferentes modos com os quais interagem, sendo que a interação destes recursos é extremamente significativa para a produção de novos significados. Por fim, o quarto pressuposto apresenta a ideia que os significados dos signos são constituídos pelas normas e regras que estão em prevalência aquando da produção desses mesmos signos, tornando-se sociais. Para além disso, os significados são influenciados pelos interesses e motivações dos produtores do signo, que selecciona, adapta e reformula significados através de um processo contínuo de leitura e, conseqüente interpretação dos signos.

Analisando a imersividade no documentário interativo, devemos considerar a metafunção ideacional que envolve as acções e os eventos do documentário e a metafunção interpessoal que representa as relações sociais entre indivíduos na interação. A metafunção textual diz respeito à coesão e coerência da forma de um texto, tanto em relação à organização interna dos elementos, como em relação ao ambiente no qual o texto é criado. Se considerarmos as metafunções de Halliday na análise da interface existente, perceber-se-á que o significado ideacional compreende um significante e um significado decorrentes da interface. No nível interpessoal, examinar-se-á a localização do hiperlink dentro do ecrã e na metafunção textual consideraremos que signos o utilizador usa directa ou indirectamente, e que tipo de expectativas são desenvolvidas.

Sendo a imersividade um termo tão complexo que se desdobra em múltiplas funções houve a necessidade de criar modos de imersividade, de modo a ilustrar como é que esta característica do documentário interativo tem sido entendida e usada, assim como para ter uma caracterização mais consistente das relações protagonizadas entre autor, medium e utilizador. Por consequência, baseado naquilo que Nichols (1991) intitulou modos de representação e que permitiu representar as diferentes lógicas de relação com a realidade adoptadas pelos cineastas no documentário linear, e no que Gaudenzi (2013) definiu por modos de interação – que permitem avaliar o nível de interação que está presente em cada um dos modos – criaram-se cinco modos de imersividade que, para além de se centrarem nas três variáveis já anteriormente definidas, irão explicar-se pela forma como o utilizador é levado a tomar acção, ou seja, o poder de agência que lhe é atribuído. Estes modos não têm qualquer lógica cronológica ou hierárquica.

O Documentário Interativo em Ambientes Digitais: uma Taxonomia do Gênero Baseada em Modos de Imersividade

A definição de “modo” é ditada por Nichols (1991) aquando da sua clarificação referente aos modos de representação e ditam um conjunto de normas e convenções ao qual um determinado texto adere (p. 32). A mudança entre um modo e o outro não é de nenhuma maneira linear ou simplesmente progressiva. Modos podem coexistir e são mutualmente influenciados uns pelos outros tornando-se indicadores de tendências e uma forma de encapsular mudanças culturais (Gaudenzi, 2013, p. 37).

Seguidamente, através dos modos definidos por navegação, conversacional, visualização de dados, experiencial ou de localização, e participativo propõe-se desenhar um paralelo entre a forma como a imersividade pode ser entendida e usada no documentário interativo e as relações que podem existir entre autor, medium e utilizador. Sendo assim, irá abrir-se espaço para em cada um dos modos definidos abordar o papel do autor, a função do utilizador e a lógica de imersividade. A lógica de imersividade serve para validar cada um dos modos ao definir as principais normas pelas quais o modo se rege. A imersividade apresenta ela própria as suas características gerais que se definem principalmente pela liberdade de escolha e poder de decisão, pelo tipo de tecnologia que usam, pelos estímulos sensoriais que produzem e pela sensação de presença que podem integrar. Estas características influenciam os tipos de documentários que são produzidos daí que a lógica de imersividade que eles endossam seja distinta de modo para modo.

| | Exemplos de documentários | Lógica de imersividade | Função do utilizador | Papel do autor | Técnicas / Tecnologias |
|-----------------------------------|--|--|-----------------------------------|--|-------------------------|
| Modo de navegação | <i>Project Syria</i> (2014) | Segundo os cinco princípios de Andy Lippman: | Explorativo | Criar um mundo transparente que faça o utilizador sentir-se como se estivesse fisicamente no acto representado | Ambientes virtuais |
| | <i>Heders</i> (2014) | - Interruptibilidade | Configurativo | | Head Mounted- Display |
| | Metáfora: <i>Zero points</i> (2014) | - Transição suave | Protagonista | | Realidade virtual |
| | <i>Circa</i> (2014) | - Resposta em tempo real | Poética | | |
| Presença física | <i>The Enemy</i> (2015) | - Imprevisibilidade | Poder de agência alto | Dar agência ao utilizador | Realidade aumentada |
| | | - Acções e possibilidades infinitas | | Simulador | Tecnologia 360° |
| | | | | | Vídeo omnidireccional |
| Modo conversacional | <i>Gone Gitmo</i> (2007) | Inspirado por: | Explorativo | Criar um mundo que faça o utilizador poder enveredar por vários caminhos, sendo | Interatividade |
| | <i>Fort McMoney</i> (2014) | - Interruptibilidade | <i>Role-playing</i> | | Jogo Simulação |
| Metáfora: Conversar/ Jogar | <i>Defector: Escape from North Korean</i> (2014) | - Resposta em tempo real | Configurativo | que qualquer um deles apresenta consequências no acto representado | Espaço multidimensional |
| | | - Computação algorítmica de Turing | Consequência dos actos de decisão | | Persuasivo |
| | | - Limite de armazenamento | Poder de agência médio | | Multiplayer |
| | - Comportamento fixo do utilizador dentro de um número de possibilidades também elas fixas | | | Facilitador | |
| | | | | Narrador | |

O Documentário Interativo em Ambientes Digitais: uma Taxonomia do Género Baseada em Modos de Imersividade

| | Exemplos de documentários | Lógica de imersividade | Função do utilizador | Papel do autor | Técnicas / Tecnologias |
|--|---|---|--|--|--|
| Modo de visualização de dados | <i>Web of Terror</i> (2014) <i>In Limbo</i> (2015) <i>Clouds</i> (2015) <i>Do Not Track</i> (2015) | Inspirado por: - Personalização - Visualização de dados interativa | Explorativo Configurativo Desejo de partilha de dados com a plataforma Poder de agência médio | Criar caminhos possíveis dentro de um banco de base de dados fechado Accionar a partilha de dados por parte do utilizador | Personalização Visualização e recolha de dados <i>Data Storytelling</i> |
| Metáfora: Partilha | | | | Funcionar como um método persuasivo na forma como a mensagem atinge o seu objectivo | |
| Metáfora experiencial ou de localização | <i>Rider Spoke</i> (2007) <i>The Mapping Journey project</i> (2011) <i>Austin Music Map</i> (2012) | Inspirado por computação interativa através de: - Interação com o mundo exterior - Desejo pela oferta de orientação, informação e localização | Viajar por um espaço físico específico que está a ser representado através de computador Interagir com o espaço e criar uma relação com ele Poder de agência baixo | Mostrar um local que não seja de acesso a todos Mostrar o desconhecido Projectar experiências num ambiente dinâmico | Mapas interativos Mosaicos |
| Metáfora: Viajar | | | | | |
| Modo participativo | <i>Highrise: One Million Tower</i> (2011) <i>Sound Ecology</i> (2011) <i>Primal</i> (2014) | Inspirado por: - Interruptabilidade - Documentário evolutivo - Extensibilidade | Exploratório pela navegação Configurativo por adicionar/partilhar conteúdo Poder de agência muito baixo | Criar uma relação de simbiose com o utilizador Facilitador Cria e estabelece regras | Hipertextualidade User-generated content (UCG) Criação de ambientes informativos |
| Metáfora: Construir | | | | | |

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O documentário interativo tem vindo a ganhar relevância na forma como faz uso do ambiente digital na representação da realidade. Exibe-se através de diversas plataformas e múltiplas possibilidades partindo da definição de autor que constrói o documentário e abrangendo o sentido de utilizador que ajuda a esclarecer e a conceptualizar o conteúdo e a forma de visualização do mesmo. O documentário interativo proporciona diferentes tipos de envolvimento e parece conseguir imergir o utilizador conduzindo-o para um mundo imaginário, mas que se caracteriza pelo facto de ser tão sensível e natural como o real.

Através das taxonomias de modos de representação de Nichols (1991) e de modos de interação de Gaudenzi (2013) foi realizado um estudo sobre os vários modos de imersividade que caracterizam o documentário interativo e que expõem as diferenças que existem na relação entre autor, media, e utilizador, bem como as variações ao nível de interação, grau de participação, controlo narrativo por parte do autor, e nível de agência atribuído ao utilizador.

Com isto, pretendia-se compreender as potencialidades desta tipologia integrada no documentário interativo que mostra como este género consegue tirar partido do meio em que se constrói e desenvolve, orientando o utilizador num processo íntimo de interação e navegação entre perguntas e respostas.

Sendo a imersividade um termo tão complexo houve necessidade de criar modos de imersividade, de modo a ilustrar como é que esta característica do documentário interativo tem sido entendida e usada, assim como para ter uma caracterização mais consistente das relações protagonizadas entre autor, medium e utilizador. Os modos de imersividade propostos baseiam-se nos modos de representação de Nichols (1991) e nos modos de interação de Gaudenzi (2013). Através dos modos definidos por navegação, conversacional, visualização de dados, experiencial ou de localização, e participativo irá abrir-se espaço para em cada um destes se abordar o papel do autor, a função do utilizador e a lógica de imersividade. A lógica de imersividade serve para validar cada um dos modos ao definir as principais normas pelas quais cada se rege.

O modo de navegação é baseado na interação entre humanos e computadores no conceito de interatividade descrito por Lippman em cinco princípios. Oferece ao utilizador uma participação subjectiva e pode apresentar funções explorativas, configurativas, de role-playing e poéticas. O modo de navegação ao atribuir o nível

O Documentário Interativo em Ambientes Digitais: uma Taxonomia do Género Baseada em Modos de Imersividade

mais alto de agência ao utilizador é também aquele que se aproxima melhor do significado do termo imersão. Já o autor tem como função criar o mundo em que o utilizador vai ser inserido e criar as regras pelas quais o utilizador poderá usufruir desse mundo.

O modo conversacional oferece ao utilizador a impressão de navegar livremente em ambientes simulados transmitindo-lhe uma sensação de base de dados infinita e uma conversa contínua sem limites com o computador em tempo real. Os jogos-documentário são um bom exemplo deste modo de imersividade que oferece um alto nível de agência ao utilizador ao levá-lo a tomar acção no acto representado.

O modo de visualização de dados é caracterizado pelas novas estratégias na visualização de dados que ajudam a estudar o comportamento das acções dos utilizadores e são uma forma mais atractiva de apresentar informação visual e captar audiência. O utilizador pode apresentar funções explorativas e configurativas, pois tem liberdade na forma como visualiza os dados e, muitas vezes ao ser convidado a partilhar os seus dados pessoais está também a criar parte da narrativa. Ao autor cabe o papel de criar caminhos possíveis dentro de uma base de dados fechada, accionar a partilha de dados por parte do utilizador e atingi-lo de maneira persuasiva para que a mensagem consiga atingir o seu objectivo.

O modo experiencial ou de localização oferece uma interação computadorizada que acontece agora num espaço físico que é imprevisível e que está inserido num contexto dinâmico, sendo que o utilizador e o meio ambiente necessitam de se adaptar um ao outro alterando a realidade do participante sobre determinado local. A principal interação é a sua movimentação pelo próprio espaço e a localização do espaço físico é aquilo que abre as possibilidades da história ao utilizador, sendo que o autor tem a função de projectar experiências.

Por fim, no modo participativo a base de dados infinita é substituída por uma base de dados em evolução para a qual contribui autor e utilizador. Os dois apresentam uma relação de simbiose entre eles já que necessitam um do outro para que o conteúdo seja criado e partilhado. Este modo foi protagonizado pela evolução da Internet sendo que a metáfora usada é a de construção, pois tanto autores como utilizadores adicionam blocos numa construção em constante evolução e que nunca acaba, enquanto houver interessados em participar no processo.

Concluindo, o principal objectivo deste artigo centrou-se, em analisar a composição formal do documentário interativo, isto é, as características do meio em que ele

se desenvolve, aquilo que o faz tornar-se imersivo e a influência do meio no entendimento geral do utilizador sobre o assunto retratado. Esta abordagem ao tema tenta ser esclarecedora dos significados sociais e do processo de construção-significado que está implícito em todo o decurso da análise, tentando compreender até que medida a imersividade estimula a compreensão do utilizador sobre o acto representado, analisando os efeitos dessas alterações e os novos modos de experienciar o documentário interativo que nascem daqui.

REFERÊNCIAS

- Aston, J. & Sandra G. (2012). Interactive documentary: setting the field. *Studies in Documentary Film* 6(2), 125-139.
- Bouko, C. (2014). Interactivity and immersion in a media-based performance. *Studies* 11(1), 254-269.
- Dixon, S. (2007). *Digital performance: a history of new media in theater, dance, performance art, and installation*. Cambridge, MA:MIT Press.
- Eco, U. (1989). *The open work*. Harvard University Press.
- Galloway, D., Kenneth B. M., & Paul H. (2007). From Michael Moore to JFK Reloaded: towards a working model of interactive documentary. *Journal of Media Practice* 8(3), 325-339.
- Gaudenzi, S. (2013). *The living documentary: from representing reality to co-creating reality in digital interactive documentary* [Doctoral Thesis]. <https://doi.org/10.25602/GOLD.00007997>
- Gifreu, A. (2011a). The interactive multimedia documentary as a discourse on interactive non-fiction: for a proposal of the definition and categorisation of the emerging genre. *Hypertext.net* (9).

**O Documentário Interativo em Ambientes Digitais:
uma Taxonomia do Gênero Baseada em Modos de Imersividade**

- Gifreu, A. (2011b). "Basic characteristics of the interactive documentary. Featuring the interactive documentary (II)". *i.docs*. Disponível em <http://i-docs.org/2011/12/25/basic-characteristics-of-the-interactive-documentary-featuring-the-interactive-documentary-ii/>
- Grau, O. (2007). *Arte virtual: da ilusão a imersão*. São Paulo: Ed. UNESP; Ed. Senac.
- Halliday, M. (1978). *Language as social semiotic*. London: Arnold.
- Herman, D. (1998). Limits of Order: Toward a Theory of Polychronic Narration. *Narrative* 6(1), 72-95.
- Kress, G. (2010). *Multimodality: A Social Semiotic Approach to Contemporary Communication*. London: Taylor & Francis.
- Lévy, P. (2013). *L'intelligence collective: pour une anthropologie du cyberspace*. Paris: La découverte.
- Manovich, L. (2001). *The language of new media*. Cambridge, MA: MIT press.
- Miller, C. H. (2004). *Digital Storytelling: A Creator's Guide to Interactive Entertainment*. Amsterdam: Focal Press/Elsevier.
- Murray, J. (1997). *Hamlet on the holodeck: The future of narrative in cyberspace*. New York: Simon and Schuster.
- Murray, J. (2012a). *Inventing the Medium: Principles of Design for Digital Environments*. Cambridge, MA: MIT Press.
- Murray, J. (2012b). *Inventing the medium* [Glossário]. Disponível em <http://inventingthemedium.com/glossary/>
- Nichols, B. (1991). *Representing reality: Issues and concepts in documentary*. Bloomington, IN: Indiana Univ. Press.
- Nogueira, P. (2015). Documentário e tecnologia: duas realidades em desenvolvimento paralelo. *Doc On-Line: Revista Digital de Cinema Documentário* (19).
- Ryan, M.-L. (2002). Beyond myth and metaphor: Narrative in digital media. *Poetics Today* 23(4), 581-609.

- Ryan, M.-L. (2005, Maio). “Peeling the onion: Layers of interactivity in digital narrative texts”. Comunicação apresentada em Interactivity of Digital Texts Conference, Münster, Alemanha.
- Perlmutter, T. (2014). The Interactive Documentary: A transformative art form. Disponível em <http://policyoptions.irpp.org/issues/policyflix/perlmutter/>
- Whitelaw, M. (2002). Playing games with reality: Only fish shall visit and interactive documentary. Disponível em <http://creative.canberra.edu.au/mitchell/papers/playinggames.pdf>

North Perspectives for a Better South? Big Data and the Global South in Big Data & Society

Guilherme Cavalcante Silva

Universidade Estadual de Campinas - guilhermecavalcantesilva@outlook.com

Abstract

Over the last few years, data studies within Social Sciences watched a growth in the number of researches highlighting the need for more proficuous participation from the Global South in the debates of the field. The lack of Southern voices in the academic scholarship on the one hand, and of recognition of the importance and autonomy of its local data practices, such as those from indigenous data movements, on the other, had been decisive in establishing a Big Data in the South agenda. This paper displays an analytical mapping of 131 articles published from 2014-2016 in Big

Data & Society (BD&S), a leading journal acknowledged for its pioneering promotion of Big Data research among social scientists. Its goal is to provide an overview of the way data practices are approached in BD&S papers concerning its geopolitical instance. It argues that there is a tendency to generalise data practices overlooking the specific consequences of Big Data in Southern contexts because of an almost exclusive presence of Euroamerican perspectives in the journal. This paper argues that this happens as a result of an epistemological asymmetry that pervades Social Sciences.

Keywords: Global South, Big Data, Big Data & Society, Social Sciences.

Perspetivas do Norte para um Sul melhor? Big Data e o Sul Global na Big Data e Sociedade

Sumário

Nos últimos anos, os estudos de dados nas Ciências Sociais observaram um crescimento no número de pesquisas destacando a necessidade de uma participação mais profícua nos debates da área por parte do Sul Global. A falta de vozes do Sul na produção de conhecimento acadêmica por um lado, e de reconhecimento da importância e autonomia das suas práticas de dados locais como os movimentos de dados

indígenas, por outro, foram decisivos no estabelecimento de um Big Data na agenda do Sul. Este artigo apresenta um mapeamento analítico de 131 artigos publicados de 2014 a 2016 na Big Data & Society (BD&S), uma revista líder reconhecida pela promoção pioneira da pesquisa em Big Data entre cientistas sociais. O seu objetivo é fornecer uma visão geral da maneira como as práticas de dados são abor-

dados nos artigos da BD&S em relação à sua instância geopolítica. Argumenta que há uma tendência para generalizar práticas de dados negligenciando as consequências específicas do Big Data em contextos do Sul devido a uma

presença quase exclusiva das perspectivas euro-americanas na revista. Este artigo defende que isto acontece como resultado de uma assimetria epistemológica que permeia as Ciências Sociais.

Palavras-chave: Sul Global, Big Data, Big Data e a Sociedade, Ciências Sociais.

INTRODUCTION

The term Big Data has become increasingly popular in academic researches in multiple fields, as well as in news reports and business reports. Although it has been circulating in informational environments since the end of the 20th century, it is only in the decade of 2010 that Big Data gains popularity in scientific productions¹ and becomes a catchphrase (Tomaz & Silva, 2018). Within Social Sciences, the same phenomenon happens. An example of that is the creation of the journal *Big Data & Society* (BD&S) in 2014, explicitly focused on analysing “Big Data practices [...] while also reflecting on the consequences for how societies are represented (epistemologies), realised (ontologies) and governed (politics)”² in dialogue with concerns of the Social Sciences.

Considering the infancy of Big Data research, this work carried out an analytical mapping on Big Data research, especially on those perspectives of researchers from the many different Social Sciences. This study takes as its study object the articles published in BD&S between 2014 and 2016, totalling 131 articles. The goal was to understand the formation of the trends, venues, and canons that ground BD&S approaches, both through a quantitative analytical mapping and through ethnographic accounts of participation in events promoted by the BD&S community. Thus, the idea was to understand how the venues and scientific communities leading BD&S modulate the viewpoints that appear there.

1 Between 2012 and 2017, for example, the publication rate for “Big Data” was quintupled, according to data from the Web of Science. Available at https://wcs.webofknowledge.com/RA/analyze.do?product=WOS&SID=8E7jMfgE17MhNfzZc9B&field=PY_PublicationYear_PublicationYear_en&yearSort=true

2 About the Journal, *Big Data & Society*. Available at <http://bigdatasoc.blogspot.com.br/p/big-data-and-society.html>

This paper presents a partial view of such study, especially its quantitative aspect, paying particular attention to the question of the geographical distribution of voices that circulate in the discussion on BD&S. This concern arises in a context of growing interest over the participation of Global South actors in formulating the directions of areas related to the Social Sciences. Many see a neglect of such a question as resulting in a practice of generalising about contexts of such regions “rather than including voices from within the continent[s]” (Ganter & Ortega, p. 68). In the context of Big Data studies, this usually leads to “hyperbolic narratives of the ‘big data revolution’” (Milan & Treré, 2019, p. 320) which, however, does not present itself as a revolutionary and ‘effective’ process in the experience of marginalised groups from the Global South³, as attested for example in the state surveillance practices against indigenous peoples around the Globe (Kukutai & Taylor, 2016, Mann & Daly, 2018).

The purpose of this work is to identify from the analysis of the articles of BD&S, the asymmetric distribution of voices within BD&S’ scientific communities and evaluate the ways in that such distribution affects the scenario of this research field. It also seeks to understand how that scenario informs the impact of Big Data in the Global South. The argument here is that such hegemony of Northern perspectives in the papers published on BD&S can result in a constant generalisation of the implications of Big Data, especially when it comes to Big Data developments in Southern contexts.

That is true since “the majority of the world’s population today resides outside the West”, even if the debate is still framed “by means of Western’ concerns, contexts, user behaviour patterns, and conceptual frameworks” (Milan & Treré, 2019, p. 320). We conclude that there is an urgent need to overcome the historical asymmetry that is actualising itself in Big Data. This work argues for a flourishing of critical perspectives concerning a “universal Big Data” view typical of liberal realities. To this end, we must recognise that the resonation of BD&S discourses in the communities in which it resonates plays a significant role in the absence of awareness of this asymmetry. That involves the language in which the papers are written and the almost exclusively Euroamerican theoretical canon that finds echo there.

The remainder of the paper is structured as follows. Firstly, the paper introduces the researches on Big Data, especially those from the Social Sciences to situate the most influential views on the subject currently circulating. Secondly, the article then

³ This paper follows the definition gave by Stefania Milan and Emiliano Treré (2019, p. 321) regarding what is the Global South. Beyond the obvious geographical connotation, naming where the marginalized are to be generally found, such a concept is used to identify “a plural entity subsuming also the different, the underprivileged, the alternative, the resistant, the invisible, and the subversive”.

presents the issues of the Global North-South relationship in Big Data studies and makes its case for a de-westernization of Social Sciences researches in general – and in Big Data in particular. Thirdly, it will present a summary of the mapping on BD&S with a focus on the geopolitical issues surrounding the research production at the Big Data-Social Sciences interface. Finally, the paper briefly discusses the results of the analytical mapping by placing them in the context of BD&S circulation venues. That way, it seeks to understand how the operation of BD&S ends up ‘shutting the door’ for the recognition of North-South asymmetry.

This effort intends to contribute to the newly formed “Big Data from the South” agenda, led by theoreticians like Stefania Milan, Emiliano Treré, Payal Arora, among others. It is important to note that the focus of this paper is on BD&S and therefore covers a limited scope for analysing the relationship between Big Data and Social Sciences. Further research could contemplate other publication and bring more data on the subject.

BIG DATA RESEARCH: AN OVERVIEW FROM SOCIAL SCIENCES

Big Data research has witnessed an increasing rate in the number of papers around Big Data encompassing areas as diverse as Computing, Economics, Public Health, Education and Communication. The increase in the number of academic events⁴, research groups, and formation programs⁵ around the topic reveals the same reality.

Despite the great commotion around Big Data, there are few initiatives to this day devoted to mapping the main approaches in these researches. Some of these surveys encompass questions such as the state of the empirical research on Big Data (Wienhofen, Roman, & Mathisen, 2015), Big Data’s definitions within Management (Ylijoki & Porras, 2016) and Digital Humanities (Kaplan, 2015). As far as Big Data studies in the Social Sciences are concerned, two papers are especially useful for understanding the paths walked so far. The first is an analytical mapping implemented by Jan Youtie, Alan L. Porter, & Ying Huang (2016) to evaluate the distribution of research interests within Big Data research in Social Sciences. The mapping comprised a total of 488 articles retrieved from the Web of Science (WoS) database. The other is also a

4 At websites dedicated to the report of CfP for scientific events, Big Data is among the most common conference themes. See for example <https://www.papercrowd.com/conferences/search>

5 Examples such as the one from *Data Diplomacy*, that involves academic institutions from New Zealand, Australia and England, investigating the role of democracy in what concerns data sharing; and the Data Institute, based in the University of San Francisco (US) and devoted to the formation of data scientists from all over the world and from multiple disciplines, demonstrate the transdisciplinary character of these efforts.

North Perspectives for a Better South? Big Data and the Global South in Big Data & Society

bibliometric endeavour produced by Jacky Akoka, Isabelle Comyn-Wattiaz, & Nabil Laoufi (2017) using a sample of 1843 articles hosted in the ScienceDirect database between 2013 and 2014. Their goal was to outline Big Data research in Social Sciences in comparison to other fields.

One of Youtie et al. (2016) first findings is that Big Data research in the sciences had a boom from the beginning of the 2010s. The year 2012, more specifically, marks the beginning of an exponential growth of interest in Big Data among social scientists, which has continued to grow to this day (Youtie et al., 2016). That was the year of the publication of the most cited work on Big Data in the field of Social Sciences: the article “Critical Questions for Big Data”, authored by danah boyd⁶ and Kate Crawford (2012) and published in *Information, Communication & Society*. From the year 2012 to 2017, the rate of publication on “Big Data” multiplied five times.

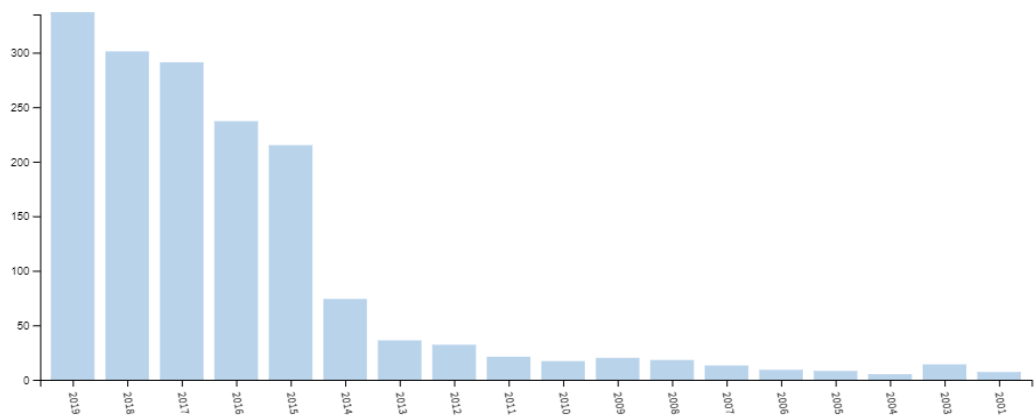


Figure 1. Number of published papers about “Big Data” in the fields of “Communication”, “Arts”, and “Humanities and Social Sciences” included in Web of Science’s database between 2000 and 2019. Data updated until November 2019. Source: Web of Science Result Analysis. Available at https://wcs.webofknowledge.com/RA/analyze.do?product=WOS&SID=7FtwzFFyCvo7kGbTf1H&field=TASCA_JCRCategories_JCRCategories_en&yearSort=false

Youtie et al. (2016) also identified as central articulators of research interests in the Big Data-Social Sciences interface topics such as Internet and Society, Privacy Studies, Sociology of Science, Big Data and Medicine, Geolocalization, Decision Making, 6 boyd went to US court in 2011 and earned the right to be able to spell her first and last name in lower case. More details on the reasons for the change are available at <http://www.danah.org/name.html>

Business Impacts, and Analytics/Software. However, recalling the scope of this paper, it calls attention to the fact that researchers affiliated to US or British educational institutions authored 81% of the 488 articles.

In their mapping showing a broad picture of Big Data research in over 24 different disciplines, Akoka et al. (2017) provide an overview of Big Data research in Social Sciences as well. Big Data research in Social Sciences still falls short of other fields such as Computer Science and Engineering, both representing more than half of the total of articles on Big Data from 2000 to 2016. Despite that, Social Sciences stay as the fourth discipline with most publications on the list (Akoka et al., 2017).

Like Youtie et al. (2016), Akoka et al. (2017) point to a hegemonic presence of North American and European research institutions in Big Data research⁷. Figure 2 below illustrates such a discrepancy between Euroamerican participation and that of institutions, authors and movements of the Global South. It is an attempt to express the balance of power in the geopolitics of scientific, technological and symbolic production on Big Data.

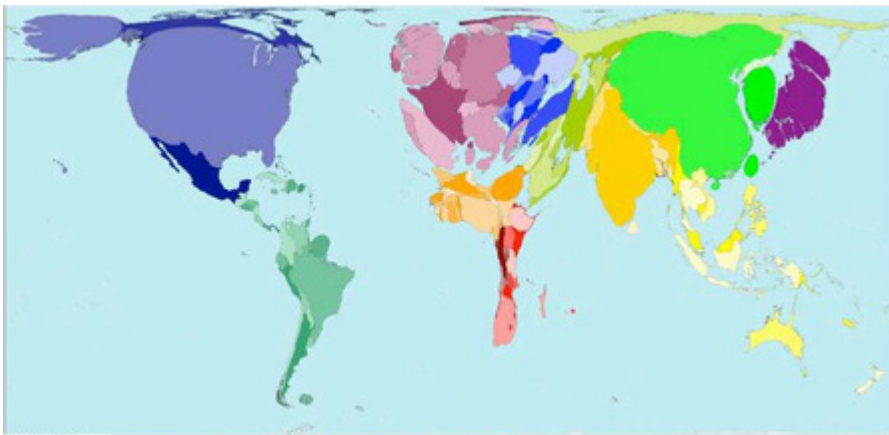


Figure 2. Geopolitical map of Big Data's global balance. Produced by computational scientist Stéphane Grumbach, from the Institut National de Recherche en Informatique et en Automatique (Inria / France). Source: "Big Data? The Global Imbalance". Available at <http://www.in2p3.fr/actions/formation/Info13/lift-27sept-121001065613-phpapp01.pdf>

⁷ Exception must be made here to the important participation of Chinese universities in the promotion of discussions on Big Data at a global level. This is noticeable, for example, in the number of international transdisciplinary journals under the leadership of Chinese researchers and institutions, such as the *International Journal of Big Data Intelligence* (National Chung Cheng University), *Big Data and Cognitive Computing* (Huazhong University of Science and Technology), *Big Data Research* (Zhejiang University) and the *Open Journal of Big Data* (Xi'an Jiaotong Liverpool University).

In short, although recent Big Data studies within Social Sciences are on a steady rise, to the point where some works may already be classified as foundational (Iliadis & Russo, 2016). The consolidation of several lines of research, methodologies and different study objects also points to a growth in Big Data research in Social Sciences. However, this increasing volume of publications happens at the expense of greater participation of voices and ideas from the Global South, exposing the way Big Data affect the margins. Most importantly, it occurs at the cost of the recognition of the reality stated in Figure 2.

Despite providing an outlook on the Big Data research in Social Sciences and identifying this Global North/South divide in their surveys, Akoka et al. (2017) and Youtie et al. (2016) perform only a descriptive task in their papers. Their paper, for example, neglect showing how the papers analysed use their references or the reasons and consequences of the Euroamerican hegemony in Big Data research in Social Sciences. This question, however, should not be treated as being irrelevant, since it impacts the formulation of concepts, theories, and methods for studying Big Data in contemporaneity (Milan & Treré, 2019).

BIG DATA AND THE GLOBAL NORTH/SOUTH DIVIDE

One of the many examples of the importance of recognising the Global North/South divide is given by the Brazilian sociologist Francisco de Oliveira. In his classic “Critique to a Dualistic Reason”, Oliveira (2003) pinpointed what he saw as a significant flaw in Latin American socioeconomic thought when discussing the specificity of the capitalist development in Brazil. On the one hand, the conventional economic analyses evaluated the Brazilian reality in terms of a deep-rooted inequality, leaving beyond question, on the other hand, the structure of a traditional western capitalist thought that appealed to dualities such as ‘progress’ and ‘underdevelopment’, ‘modernity’ and ‘traditionalism’.

While they denounced the miserable living conditions inflicted upon a large portion of the Latin American population, their theoretical and analytical schemes tied themselves to discussions around the relation between product-capital, propensity to save or invest, the marginal efficiency of capital, economies of scale, and size of the market. That led them, unwittingly, to construct a

strange world of duality and unwillingly lead to the ideology of the vicious cycle of poverty. (Oliveira, 2003, p. 31)

Such reproduction of “schemes learned in the Anglo-Saxon universities” (Oliveira, 2003, p. 32) would affect the whole way in which the Brazilian reality was to be apprehended, disseminating the conception of the country being an ‘underdeveloped’ nation (on similar critiques in other Latin American contexts see Sábato, 1975). Oliveira’s criticism⁸ is an example of the implications of the mere application of Eurocentric perspectives to realities alien to the West. Within the scope of Social Sciences and Humanities, a movement toward decentring the Western epistemological prevalence in its debates and toward a geopolitical pluralisation of theoretical bases grew steadily in the last half of the 20th century. Contributions contemplating the importance of the voices from the oppressed spread out among different parts of the globe and different fields (e.g. Freire, 1974; Hall, 1992; Herrera, 1971). The critique revolved around a particular addiction toward addressing social issues and marginalised groups from the lens of the canon of Western liberal democracies (Santos & Meneses, 2010). Those interpretations were often seen as generalising accounts, bringing everything under a global ‘neoliberal factory’ (Rexhepi, 2016).

More recently, during the early years of Big Data research, different groups of researchers alerted to the need for greater participation of the Global South in this new area of research (Arora, 2016). Most of all they claimed for theories of Big Data from the Global South⁹. One of the first attempts in trying to build such an agenda was the one-day conference Big Data from the South, held in Colombia in 2017. Its program brought several questions to light:

How would datafication look like seen... ‘upside down’? What questions would we ask? What concepts, theories, methods would we embrace or have to devise? What do we miss if we stick to the mainstream, Western perspective(s)? (Milan & Treré, 2017, p. 1)

Another major propeller of the initiative toward a Big Data from the South came more recently, in 2019, with the publication of a special issue on the theme in the journal Television & New Media. One of the first discussion topics in the “Big Data

8 Summarised briefly here under the risk of incurring in reductionism.

9 A movement born in the North for a Northern public, just for the record.

from the South” agenda revolved around what would be such things as North and South. In this sense, the initiative followed the theoretical foundations of decolonial studies (Mignolo & Escobar, 2010) by bringing the North/South divide to light as a way to search for “the absolute emancipation of all kinds of oppression and domination” involving power relations that privilege “legacies imposed by the colonial situation” and global capitalism. More than that, the initiative looked to foster “an innovative field of thought that privileges local epistemic elements” (Reis & Andrade, 2018, p. 3).

Despite recognising the importance of the geographical positioning of such situations of oppression, the “Big Data from the South” has avoided focussing their agenda on geographic boundaries. However, it is fundamental to notice the geographic space usually neglected - such space occupying most of the globe, as shown in Figure 3 and Figure 4.

Firstly, there is the geographical South, i.e. the people, activities, politics, and technologies arising literally at the margins of the world as captured in the Mercator map. Secondly, and most importantly, our South is a place of (and a proxy for) resistance, subversion, and creativity. We can find countless Souths also in the Global North, as long as people resist injustice and fight for better life conditions against the impending ‘data capitalism’. Our reflections on ‘big data from the South’ fit within—and hope to feed—the broader process of epistemological re-positioning of the Social Sciences. (Milan & Treré, 2017, p. 2)

However, more than having a critical instance regarding the current state of Big Data research, the “Big Data from the South” agenda has as its primary goal rereading the Big Data phenomena itself from the experiences, places, and theories of the South (Santos & Meneses, 2010). The project of rethinking Big Data from the South already has some interesting researches covering subjects such as political data movements (Chenou & Cepeda-Masmela, 2019), surveillance capitalism studies (Evangelista, 2017), and public policies in the South toward marginalised groups (Daly & Mann, 2018).

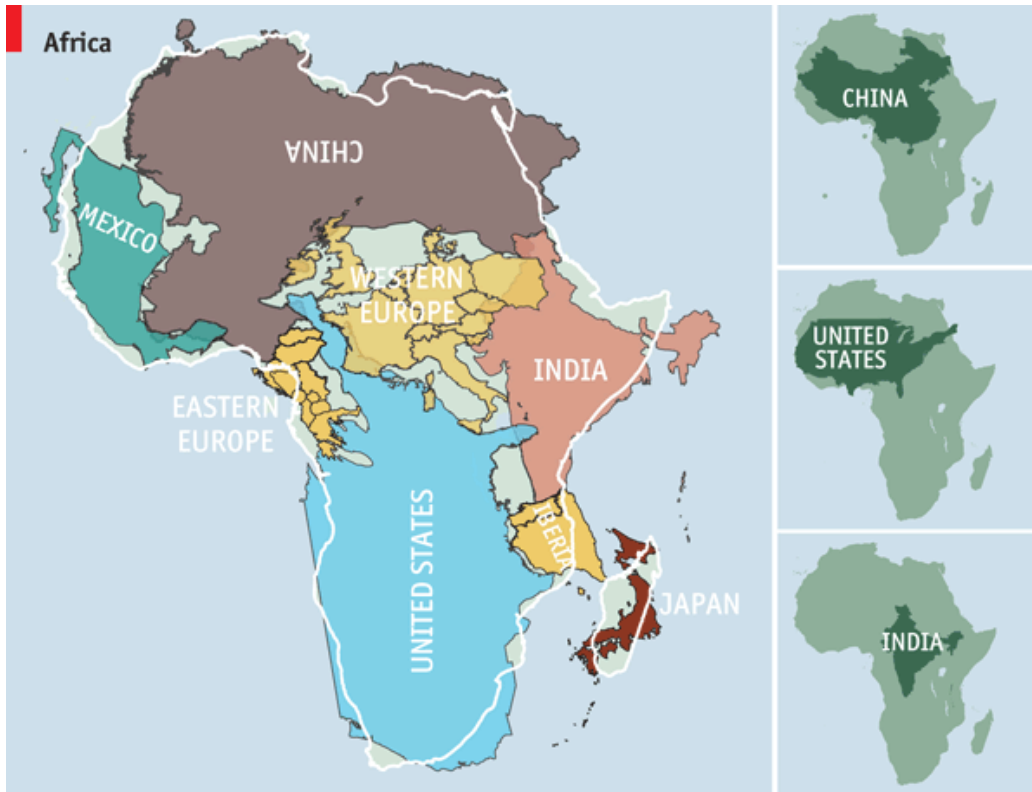
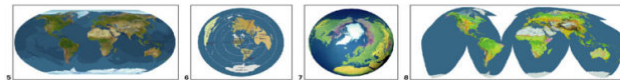


Figure 3. Map that criticises the exaggeration given in influential maps like the one of Gerardus Mercator, created in the context of the maritime explorations of European colonisers. Here, for example, the real proportion of the African continent compared to other parts of the globe. Source: “What’s wrong with all our maps?”. Available at <https://bit.ly/tricolorbaiano>

North Perspectives for a Better South? Big Data and the Global South in Big Data & Society

Take the quiz! Compare country size.
Which of the images on both sides of this placemat are "area accurate"? How is the Hobo-Dyer projection below different from the one on the reverse side? Answers and details about all the images are at www.odt.org/hdp. To the right: (5) Van Sant's Geosphere, (6) Guelke's Toronto-centered projection, (7) the Oxford Globe, and (8) Goode's Homolosine



ISBN 1-931057-11-7
To order: ODT, Inc. 1-800-786-1293
Int'l Calls: 1-413-549-1293
www.odt.org
E-mail: odtstore@aol.com
Fax: 1-413-549-3663
Box 134, Amherst, MA 01004 USA



Figure 4. Map that criticises the exaggeration given in influential maps like the one of Gerardus Mercator, created in the context of the maritime explorations of European colonisers¹⁰. Source: “Big Data desde el Sur: El principio de una conversación que debemos tener”. Available at <https://data-activism.net/2017/10/desde-el-sur/>

In short, the proposal to foster a Big Data from the South, although recent, finds an echo in flourishing literature proposing a critique of the Euroamerican epistemological supremacy in Big Data research in Social Sciences and building plural perspectives of Big Data. Aiming to contribute to the Big Data from the South project, this paper presents an analytical mapping of one of the journals that published the highest number of studies on the implications of Big Data to Social Sciences.

BIG DATA & SOCIETY: MAPPING AND DISCUSSION

One of the first findings of the study was the identification of a meagre presence of researchers affiliated to institutions outside North America and Europe among the Editorial Board, as shown in Figure 5. A fact that is seen in other Social Sciences’ fields as well (e.g. Ganter & Ortega, 2019).

¹⁰ The map also plays with the notion of greatness commonly associated with the North (see Nelson & Simmons, 2009).



Figure 5. Geographical distribution of Editorial Board members by institutional affiliation, among a total of 72 people spread into editorial staff, supervisors and Board members. Of the total, 19 are affiliated to US institutions and 28 to British institutions. Updated information until October 2019¹¹.

The institutional affiliation of the authors who published in BD&S between 2014 and 2016 exposes a similar disparity, as we can see in Table 1. US institutions based a total of 45 of the 131 articles published by BD&S in the period, which accounts for more than a third of the total (34.35%). Along with British institutions, which account for a total of 39 articles (29.77%), the British-American slice reaches over 64% of the entire corpus, while only four papers come from researchers affiliated to institutions outside North America-Europe and Australia¹².

¹¹ “Editorial Board”. Available at <https://us.sagepub.com/en-us/sam/journal/big-data-society>

¹² The unique situation of Australia and New Zealand in postcolonial discussions plus their historical position alongside traditional capitalist nations of the North can be seen in Mann & Daly (2018).

Table 1

Geographical distribution by institutional affiliation of the authors of the articles of the first six issues of BD&S. Source: Silva, 2019.

| COUNTRIES | NUMBER OF PAPERS |
|----------------------|------------------|
| US | 45 |
| United Kingdom | 39 |
| Netherlands | 16 |
| Canada | 12 |
| Germany | 8 |
| Ireland | 5 |
| Denmark | 4 |
| Australia | 2 |
| Belgium | 2 |
| France | 2 |
| Sweden | 2 |
| Austria | 1 |
| Croatia | 1 |
| Spain | 1 |
| Finland | 1 |
| Italy | 1 |
| Switzerland | 1 |
| United Arab Emirates | 1 |
| Singapore | 1 |
| Egypt | 1 |
| Japan | 1 |

The analysis also covered the number of articles that took as their study object Latin American or African contexts. As shown in Figure 6 only three of the 131 articles published in the period (2.2%) take as their study object Southern contexts¹³: i) The paper from Mulder, Ferguson, Groenewegen, Boersma and Wolbers (2016), that addresses the way digital humanitarian groups used crowdsourcing

13 An exception is made here to the work of Cardullo (2015), which deals with the Twitter blockade made by the Turkish government in the face of demonstrations against Prime Minister Erdogan and the ways in which Twitter users have reacted to it. Cardullo (2015) built his analysis holding interviews with Turkish Twitter users, presenting specific characteristics of the way marginal groups aggregated themselves in contexts of censorship on Twitter.

and open-source software during humanitarian crises in Nepal and Haiti; ii) Rieder, Abdulla, Poell, Woltering and Zack (2015) researching the Facebook page “We Are All Khalid”, one of the main propellers of the political turmoil that led to the resignation of Hosni Mubarak in 2011; iii) And Nir Kshetri’s (2014) paper on the benefits of ‘successful’ Big Data applications in ‘developing’ countries such as Kenya and Brazil.

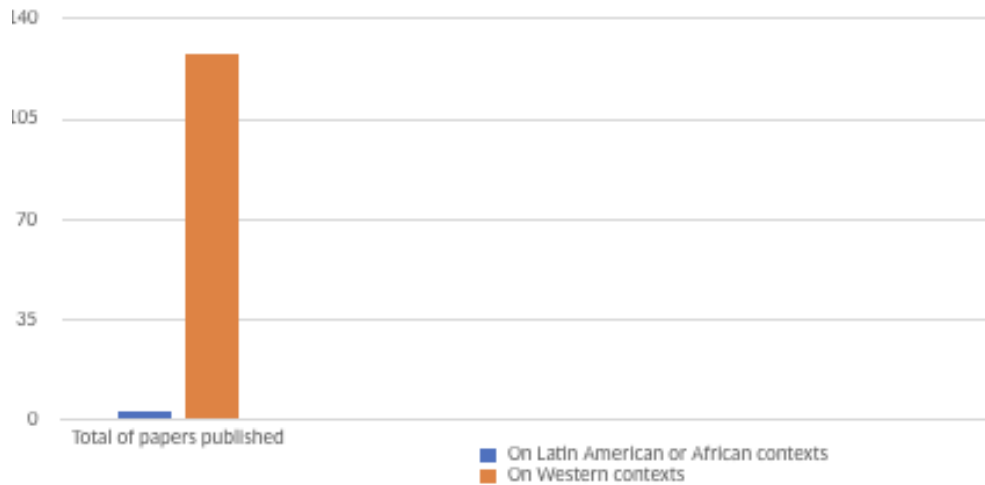


Figure 6. Distribution of papers by choice of study object/context concerning geopolitical affairs. Source: Silva, 2019.

Out of the three papers, however, only two cite local productions (Kshetri, 2014; Rieder et al., 2015). Mulder et al. (2016) mention Unicef reports, maps produced by US NGOs and even a Wired report but make no mention to initiatives, reports or papers from local agents. Rieder et al. (2015) include, among the co-authors, an Egyptian researcher who is cited in the material (Abdullah, 2014) together with another Egyptian author as well as anthropologists who did fieldworks in Syria. Among the three Kshetri (2014) is the one that most refers to Southern Global actors, mentioning researches produced by people from Indonesia, India, Zimbabwe, and Zambia. His work argues for more extensive use of Big Data practices – ‘consolidated’ in Western multinationals - in ‘developing’ countries. None of the papers even mentions issues associated with the North/South divide and the asymmetrical power relations between the two.

The mapping identified a scenario of almost total invisibility of discussions about and from the South, that can be seen in the lack of authors from the South in the first three years of research on Big Data at BD&S. Such a conclusion is disturbing given the recognition that the period chosen for the analysis refers precisely to the initial discussions in the journal, a period of maturation of ideas and paths to be followed in the future. This scenario indicates that these paths have indeed departed from and directed themselves almost exclusively toward the intellectual islands of North America, Europe, and Australia/New Zealand – and their institutions.

Another troublesome conclusion is the fact that there are a low number of references to local literature in papers that deal with contexts of the Global South. That is precisely what Ganter & Ortega (2019, p. 79) refer to when they point to a “tendency to talk about rather than with” the South.

The Editorial Board of BD&S was contacted in order to inform the number of papers submitted by authors from Latin American or African institutions in the journal as well as geographic locations of the number of views and downloads made in the website. These numbers would show whether the absence of authors from the Global South in BD&S had any relation to disinterest from the part of Southern actors on the discussions or in the lack of knowledge of the journal itself. The answer came in the form of a survey on the total of submissions made to BD&S for the full run of the journal – up to July 2019. The data is for country assignments related to institutional affiliation (Table 2 below). With this setup, 16% of the submissions have been from scholars based in Southern institutions, and 8% of BD&S articles are from scholars based in Southern institutions.

Table 2

Geographical distribution by institutional affiliation of the submissions made to BD&S for the full run of the journal.

| Country/Region | Accepted | Rejected | Total |
|--------------------------------|-----------------|-----------------|--------------|
| Afghanistan | 2 | 0 | 2 |
| Argentina | 0 | 1 | 1 |
| Australia | 16 | 10 | 26 |
| Austria | 3 | 2 | 5 |
| Belgium | 3 | 5 | 8 |
| Canada | 14 | 14 | 28 |
| China | 0 | 7 | 7 |
| Croatia | 1 | 0 | 1 |
| Czech Republic | 0 | 1 | 1 |
| Denmark | 14 | 8 | 22 |
| Estonia | 0 | 1 | 1 |
| Finland | 3 | 2 | 5 |
| France | 5 | 9 | 14 |
| Germany | 15 | 19 | 34 |
| Ghana | 0 | 1 | 1 |
| Hong Kong | 0 | 1 | 1 |
| Hungary | 0 | 2 | 2 |
| India | 1 | 17 | 18 |
| Iran (the Islamic Republic of) | 0 | 4 | 4 |
| Iran, Islamic Republic of | 0 | 1 | 1 |
| Ireland | 5 | 2 | 7 |
| Israel | 0 | 1 | 1 |
| Italy | 3 | 6 | 9 |
| Japan | 1 | 0 | 1 |
| Kazakhstan | 0 | 2 | 2 |
| Kenya | 0 | 1 | 1 |
| Korea (the Republic of) | 1 | 1 | 2 |
| Lebanon | 0 | 1 | 1 |
| Malaysia | 0 | 3 | 3 |

North Perspectives for a Better South?
Big Data and the Global South in Big Data & Society

| Country/Region | Accepted | Rejected | Total |
|--|-----------------|-----------------|--------------|
| Malta | 0 | 1 | 1 |
| Nepal | 0 | 2 | 2 |
| Netherlands | 21 | 12 | 33 |
| New Zealand | 1 | 2 | 3 |
| Nigeria | 0 | 5 | 5 |
| Norway | 1 | 2 | 3 |
| Oman | 0 | 1 | 1 |
| Philippines | 0 | 1 | 1 |
| Poland | 0 | 2 | 2 |
| Portugal | 0 | 2 | 2 |
| Russian Federation | 0 | 1 | 1 |
| Saudi Arabia | 0 | 1 | 1 |
| Singapore | 0 | 1 | 1 |
| Slovakia | 0 | 1 | 1 |
| South Africa | 0 | 1 | 1 |
| Spain | 0 | 2 | 2 |
| Sweden | 7 | 5 | 12 |
| Switzerland | 2 | 9 | 11 |
| Taiwan | 1 | 0 | 1 |
| Tunisia | 0 | 1 | 1 |
| Turkey | 0 | 1 | 1 |
| United Kingdom of Great Britain and Northern Ireland | 56 | 41 | 97 |
| United States | 81 | 67 | 148 |

The editors were asked about possible reasons for such discrepancy, and answered that “a higher portion of articles we receive from scholars at Southern institutions (relative to scholars from Northern institutions) are desk rejected as they do not fit the scope of the journal”. He went on to write that such papers avoided discussing social aspects of data¹⁴. It would be interesting to assess in-depth the reasons for such rejections, but no further answers were coming from the editors.

¹⁴ Message received by email on July 27, 2019.

With all that in mind, several factors need to compose the bigger picture for understanding the low participation of Southern Global authors, institutions and movements in BD&S publications, such as the language barrier. Despite the need for more research on this subject, as other researchers in different fields also stated (Ganter & Ortega, 2019), it is possible to conclude that the lack of Southern voices in BD&S is one of the main reasons for the low engagement of Big Data research in BD&S with the Global South.

GLOBAL SOUTH AND BD&S: LIMITS

To the findings obtained through the analytical mapping, it must also be taken into account the venues where BD&S resonate. One should not imagine, after all, that the papers published in BD&S correspond to the total picture of Big Data studies among social scientists. These papers circulate in specific locations and between specific communities, as seen in the previous topic. It must be clear primarily that all scientific research and publication processes are social (D'Andrea & Delich, 2005). The fact that the discussions of BD&S take place in the context of a Euroamerican environment is of vital importance to the scope of the points of view therein.

Publications, especially articles in specialised journals, have become institutionalised as the 'ultimate' form of scientific communication. Specialised journals fulfil a key role in the scientific disciplines. They both secure the shared values of a scientific community and endorse what that community takes to be certified knowledge. (Vanderstraeten, 2010, p. 559)

Some theorists recognised that an author's entry into one of these academic environments and their publication media depends less on the quality of the research than on their ability to adapt to the 'language' and the canons of these communities (Vanderstraeten, 2010; Burt & Doreian, 1982). The same is especially true for 'periphery' academics, located outside the circulation venues of these publications and their communities, and subject to the woes of using a foreign language such as English for their endeavours (Dueñas, 2012).

Thus, the lack of Southern voices in BD&S, as well as the small number of works that address the Global North/South asymmetries, cannot be detached from the

place where BD&S is entrenched. A relevant question to ask, therefore, is where else are Big Data discussions and, more specifically, Big Data from the South circulating? For this question, however, the paper should offer no significant contributions, despite it being one of the further developments of this research (see Silva, 2019). Notwithstanding, it is essential to note that studies on Big Data from the South also find resonance in the Global South, apart from the European-led project outlined in the previous topic.

One of Latin America's leading technology and data research networks, Lavits (Latin American Network of Surveillance, Technology and Society Studies), has long been a hallmark for the study of matters such as surveillance capitalism and Big Data taking into account the historical relationship of asymmetry between the North and the Global South. The Network's last symposium, for example, had as its central theme "Asymmetries and (in)visibilities" reuniting social scientists from four different Latin American countries¹⁵.

Although there is no journal in the Global South with the same explicit editorial purpose as BD&S, i.e. to address Big Data from a sociological standpoint, many kinds of research produced by Southern scholars take into account the North/South divide. Such works revolve around surveillance capitalism (Cruz, 2017; Firmino, Cardoso, & Evangelista, 2019) and personal data protection policies (Zanatta, 2017; Silveira, Avelino, & Souza, 2016). It is important to note, therefore, that the absence of Southern voices and the Global North/South divide at BD&S does not mean that it is not relevant elsewhere. Nevertheless, the diagnosis of such reality in a journal whose purpose revolves around understanding Big Data through critical sociology lenses points to a struggle of these communities of social scientists in providing insights beyond what their canon and situation offer (Silva, 2019).

CONCLUSION

The study, although limited in scope, brings questions that aim to foster future researches. The Global South invisibility in the articles of BD&S highlight implications of problems in Big Data research in Social Sciences that compromise the entire epistemic foundations of the field. In response to the concerns raised at the beginning

¹⁵ More details are available at Lavits website (Retrieved in December 10, 2019) <https://lavits.org/eventos/simposio-lavits-2019/?lang=en>

of the paper, the survey found a scenario of Euroamerican hegemony both in the number of institutions and authors involved in BD&S works and in the epistemological content. The lack of approaches coming from the Global South results in the tendency to talk about the South rather than through or with Southern actors. The paper wanted to point out the importance of decentralising Big Data studies, currently almost entirely tied to analysis from the Euroamerican canon.

Given such a situation, this research posits itself in the context of the “Big Data from the South” agenda. Its claim is for not only broader epistemic participation of the Global South in the discussions around Big Data, but also for other formulations of this phenomenon coming from other lenses, like those from the South with ideas born out of the margin. Further studies should consider which movements are already articulating Big Data from the South into the Global South, perhaps through an analytical mapping in the line of what accomplished here. After all, what is Big Data in Southern contexts? The Big Data experienced in the margins is the same as Laney’s 3Vs [volume, speed, and variety] (2001) extended to many other Vs by Uprichard (2013)?

This paper argues for a change in the way the traditional questions around Big Data are built, claiming for an effort to understand data implications from marginal contexts (Milan & Treré, 2019). Moving beyond the traditional liberal accounts of Big Data might be the first step, as Mann, Devitt, & Daly (2019, p. 9) stated: “if digitisation and data are inevitabilities, then we have to (re)imagine the kind of digitised world and data we want to see rather than only offering a naysaying critique of the status quo”.

REFERENCES

- Akoka, J., Comyn-Wattiau, I., & Laoufi, N. (2017). Research on Big Data: A systematic mapping study. *Computer Standards & Interface*, 54(2), 105-115.
- Arora, P. (2016). Bottom of the data pyramid: Big Data and the Global South. *International Journal of Communication*, 10(2016), 1681-1699.
- Boyd, D., & Crawford, K. (2012). Critical questions for big data: Provocations for a cultural, technological, and scholarly phenomenon. *Information, Communication and Society*, 15(5), 662-679.

- Burt, R.S., & Doreian, P. (1982). Testing a structural model of perception: Conformity and deviance with respect to journal norms in elite sociological methodology. *Quality and Quantity*, 16(2), 109-150.
- Chenou, J.M., & Cepeda-Másmela, C. (2019). #NiUnaMenos: Data activism from the Global South. *Television & New Media*, 20(4), 396-411.
- Cruz, L.R. (2017). Google Suite for Education e o avanço do capitalismo de vigilância sobre as tecnologias educacionais. In P. Peña, R. Garrido, C.S. Baeza, R. Firmino, M.M. Kanashiro, & F. Bruno (Eds.), *Anais V Simpósio Internacional LAVITS: "Vigilância, Democracia e Privacidade na América Latina: vulnerabilidades e resistências"* (pp. 390-399). Retrieved from <http://lavits.org/publicacoes/anais-2017/?lang=pt>
- D'Andrea, L., & Declich, A. (2005). The sociological nature of science communication. *Journal of Science Communication*, 4(2), 1-9.
- Dueñas, P.M. (2012). Getting research published internationally in English: An ethnographic account of a team of Finance Spanish scholar's struggles. *Ibérica*, 24(1), 139-156.
- Evangelista, R. (2017). Capitalismo de vigilância no Sul Global: Por uma perspectiva situada. In P. Peña, R. Garrido, C.S. Baeza, R. Firmino, M.M. Kanashiro, & F. Bruno (Eds.), *Anais V Simpósio Internacional LAVITS: "Vigilância, Democracia e Privacidade na América Latina: vulnerabilidades e resistências"* (pp. 243-253). Retrieved from <http://lavits.org/publicacoes/anais-2017/?lang=pt>
- Firmino, R.J., Cardoso, B.V., & Evangelista, R. (2019). Hyperconnectivity and (Im) mobility: Uber and surveillance capitalism by the Global South. *Surveillance & Society*, 17(1/2), 205-212.
- Freire, P. (1974). *Pedagogia do oprimido*. São Paulo, SP: Paz e Terra.
- Ganter, S.A., & Ortega, F. (2019). The Invisibility of Latin American scholarship in European Media and Communication Studies: Challenges and opportunities of de-westernization and academic cosmopolitanism. *International Journal of Communication*, 13(2019), 68-91.

- Hall, S. (1992). The West and the rest: Discourse and power. In S. Hall & B. Gieben (Eds.), *Formations of modernity* (pp. 275-331). London, United Kingdom: Polity Press.
- Herrera, A. (1971). *Ciencia y política en América Latina*. Ciudad de México, Mexico: Siglo XXI.
- Iliadis, A., & Russo, F. (2016). Critical Data Studies: An introduction. *Big Data & Society*, 3(2), 1-7.
- Kaplan, F. (2015). A map for big data research in digital humanities. *Frontiers in Digital Humanities*, 2(1), 1-7.
- Kshetri, N. (2014). The emerging role of Big Data in key development issues: Opportunities, challenges, and concerns. *Big Data & Society*, 1(2), 1-20.
- Kukutai, T., & Taylor, J. (Eds.) (2016). *Indigenous Data Sovereignty: Toward an agenda*. Canberra, Australia: ANU Press.
- Laney, D. (2001, February 6). *3D data management: Controlling data volume, velocity, and variety*. Retrieved from <http://blogs.gartner.com/doug-laney/files/2012/01/ad949-3D-Data-Management-Controlling-Data-Volume-Velocity-and-Variety.pdf>
- Mann, M., & Daly, A. (2018). (Big) Data and the North-in-South: Australia's informational imperialism and digital colonialism. *Television & New Media*, 20(4), 379-395.
- Mann, M., Devitt, S.K., & Daly, A. (2019). Introduction. In A. Daly, S.K. Devitt & M. Mann (Eds.), *Good Data* (pp. 8-24). Amsterdam, Netherlands: Institute of Network Cultures.
- Mignolo, W.D., & Escobar, A. (Eds.). (2010). *Globalization and the decolonial option*. London, United Kingdom; New York, NY: Routledge.
- Milan, S., & Treré, E. (2019). Big Data from the South(s): Beyond data universalism. *Television & New Media*, 20(4), 319-335.
- Milan, S., & Treré, E. (2017, October 16). Big Data from the South: The beginning of a conversation we must have. Retrieved from <http://bit.ly/ST2ALavits2019>

- Mulder, F., Ferguson, J., Groenewegen, P., Boersma, K., & Wolbers, J. (2016). Questioning Big Data: Crowdsourcing crisis data towards an inclusive humanitarian response. *Big Data & Society*, 3(2), 1-13.
- Nelson, L.D., & Simmons, J.P. (2009). On Southbound Ease and Northbound Fees: Literal Consequences of the Metaphoric Link between Vertical Position and Cardinal Direction. *Journal of Marketing Research*, 46(6), 715-724.
- Oliveira, F. (2003). *Crítica à Razão Dualista – O Ornitorrinco*. São Paulo, SP: Boitempo Editorial.
- Reis, M.N., & Andrade, M.F.F. (2018). O pensamento decolonial: Análise, desafios e perspectivas. *Revista Espaço Acadêmico*, 17(202), 1-11.
- Rexhepi, P. (2016). Liberal luxury: Decentering Snowden, surveillance and privilege. *Big Data & Society*, 3(2), 1-3.
- Rieder, B., Abdulla, R., Poell, T., Woltering, R., & Zack, L. (2015). Data critique and analytical opportunities for very large Facebook Pages: Lessons learned from exploring “We are all Khaled Said”. *Big Data & Society*, 2(2), 1-22.
- Sábato, J.A. (Ed.). (1975). *El pensamiento latinoamericano en la problemática ciencia-tecnología-desarrollo-dependencia*. Buenos Aires, Argentina: Paidós.
- Santos, B.S., & Meneses, M.P. (Eds.). (2010). *Epistemologias do Sul*. São Paulo, SP: Editora Cortez.
- Silva, G.C. (2019). A questão do Big Data nas Ciências Sociais: Panorama inicial a partir da Big Data & Society. *Anais do Seta*, 9(1), 43-57.
- Silveira, S.A., Avelino, R., & Souza, J. (2016). A privacidade e o mercado de dados pessoais. *Liinc em Revista*, 12(2), 217-230.
- Tomaz, T., & Silva, G.C. (2018). Repensando big data, algoritmos e comunicação: Para uma crítica da neutralidade instrumental. *Revista Parágrafo*, 6(1), 31-42.
- Uprichard, E. (2013, October 1). *Big data, little questions*. *Discover Society*. Retrieved from <http://discoversociety.org/2013/10/01/focus-big-data-little-questions/>
- Vanderstraeten, R. (2010). Scientific communication: Sociology journals and publication practices. *Sociology*, 44(3), 559-576.

- Wienhofen, L.W.M., Mathisen, B.M., & Roman, D. (2015, September 10). *Empirical Big Data research: A systematic literature mapping*. Retrieved from <https://arxiv.org/pdf/1509.03045.pdf>
- Ylijoki, O., & Porras, J. (2016). Conceptualizing Big Data: Analysis of case studies. *Intelligent Systems in Accounting, Finance and Management*, 23(4), 295-310.
- Youtie, J., Porter, A.L., & Huang, Y. (2017). Early social science research about Big Data. *Science and Public Policy*, 44(1), 65-74.
- Zanatta, R.A.F. (2017). Proteção de dados pessoais como regulação de risco: Uma nova moldura teórica? In C.B. Israel, D.J. Vicentin, F.R. Rosa, J.C.F. Santos, N.S. Patrício, R. Gatto, & R. Segurado (Eds.), *Anais REDE 2017: I Encontro da Rede de Pesquisa em Governança da Internet* (pp. 175-193). Retrieved from http://redegovernanca.net.br/public/conferences/1/anais/Anais_REDE_2017-1.pdf

O Mito Trágico de Salvador Dalí

Nuno Pinto Ferreira

Associação Portuguesa de Psicanálise e Psicoterapia Psicanalítica - pintoferreira.psi@gmail.com

Carlos Farate

Instituto Superior Miguel Torga; Sociedade Portuguesa de Psicanálise; Centro de Estudos da População,
Economia e Sociedade - ccfarate@gmail.com

Henrique Testa Vicente

Instituto Superior Miguel Torga; Centro de Estudos da População, Economia e Sociedade -
henrique.t.vicente@gmail.com

Sumário

Este artigo propõe uma leitura crítica da autoanálise esboçada por Salvador Dalí na obra “*O mito trágico do Angelus de Millet*” à luz da interpretação de uma dinâmica familiar sob o primado da fantasia do *infans* de substituição. Sugere-se que esta narrativa, elaborada segundo o método paranoico-crítico, sobrepõe mito pessoal e ficção, alegoria onipotente e reinterpretção delirante da saga familiar trágica, de uma díade mãe-filho permeada pela evocação histórica do “resgate” fantasmático de um irmão morto nove meses antes do seu nascimento. Foram triangulados excertos do texto sobre o *Angelus*, dados biográficos e aportes de Bion sobre a importância dos mitos privados

na construção da identidade. Conclui-se que Dalí ensaiou a aproximação a outra dimensão do *imago* materno, que os outros escritos e atos autobiográficos aparentam contradizer, mais precisamente a Mãe Antígona que “enterra” o corpo do filho *in statu nascendi* sob o olhar cúmplice e impotente do pai. Realça-se a importância de Gala como figura da Anunciação de destino trágico-grandioso, segundo a mística bíblica do “Filho Unigénito do Pai”, solução romanceada, de cariz surrealista e delirante, para aquela que terá sido a problemática central da sua existência, a condição de criança de substituição de um Outro temido e desconhecido.

Palavras-Chave: Salvador Dalí, mito privado, *Angelus* de Millet, criança de substituição, psicanálise.

The Tragic Myth of Salvador Dalí

Abstract

This paper proposes a critical reading of the self-analysis outlined by Salvador Dalí in the essay “*The tragic myth of Millet’s Angelus*”, in

the light of the interpretation of a family dynamic under the primacy of the replacement *infans* fantasy. It is suggested that this narra-

tive, elaborated accordingly to the paranoiac-critical method, superimposes personal myth and fiction, omnipotent allegory and delirious reinterpretation of the tragic familial saga of a mother-child dyad permeated by the historical evocation of the phantasmatic “recovery” of a brother that died nine months before his birth. The authors triangulated selections from the dalinian text on the *Angelus*, biographical data and Bion’s contributions regarding the importance of private myths in the construction of identity. It is concluded that Dalí rehearses an approximation to another dimension of the maternal *imago* that

other written autobiographical elements seem to contradict. More precisely, the Mother Antigone that “buries” the body of her *in statu nascendi* son under the father’s impotent and accomplice gaze. Also highlighted is the importance of Gala as a figure of the Annunciation of a tragic-grandiose destiny, according to the biblical mysticism of the “Only begotten Son of the Father”, a romanced solution, of surreal and delusional nature, for the probable central issue of his existence, the condition of replacement child of a dreaded and unknown Other.

Keywords: Salvador Dalí, private myth, Millet’s *Angelus*, replacement child, psychoanalysis.

INTRODUÇÃO

O *Angelus* (1857-1859) é uma pintura de estilo realista produzida pelo pintor francês Jean-François Millet, cuja intenção original seria, segundo Joana e Carlos Amaral Dias (2015), representar uma catástrofe agrária que teria destruído as colheitas de batatas. Assim, aos pés da mulher nele figurada vemos uma cesta com batatas podres e os dois camponeses retratados apresentam um ar de lamento diante da destruição (ver Figura 1).

A composição deste quadro é de extrema simplicidade. Do ponto de vista iconográfico, consiste num campo com uma linha de horizonte bem marcada onde, numa posição um pouco mais elevada e ao centro da cena pictórica, aparecem duas personagens, um homem e uma mulher, aparentando estarem ambos concentrados em si mesmos, ensimesmados e absortos, rezando o *Angelus* (oração recordatória do momento da Anunciação da concepção de Jesus Cristo, da Encarnação da divindade, e cujo nome deriva do início da frase em latim “*Angelus Domini nuntiavit Mariæ*”). Aos seus pés, entre os dois, encontra-se um cesto. Por detrás da mulher vê-se um carro-de-mão e, junto à figura masculina, uma forquilha cravada no chão. A gama

O Mito Trágico de Salvador Dalí

cromática reforça esta mesma simplicidade, com tonalidades que se situam entre os ocre-amarelados e os azuis-grizáceos, reservados à zona do céu. Apesar da verticalidade das personagens, sobressai uma sensação de total estaticismo, proporcionada pela horizontalidade da clara e definida linha do horizonte, cuja atmosfera carregada de mistério é dotada de um sentimento trágico que facilmente se poderá relacionar com a morte, isto para além do par de figuras aparentarem uma angústia profunda (Cirlot, 2003).



Figura 1. *Angelus*, por J.-F. Millet, ca. 1857-1859 (Musée d'Orsay, Paris).

Entre 1932 e 1936, este quadro produz um efeito avassalador num dos vultos maiores da pintura contemporânea, Salvador Dalí (1904-1989), tornando-se subitamente aos seus olhos “a obra pictórica mais perturbadora, mais enigmática, mais

densa, mais rica em pensamentos inconscientes que jamais existiria” (Dalí, 1998, p. 54), resultando este efeito numa variada produção criativa em diversas áreas artísticas (e.g. *Meditação sobre a Harpa*, 1932-34; *O Angelus Arquitectónico de Millet*, 1933; *Busto de Mulher Retrospectivo*, 1933; *Atavismo do Crepúsculo (Fenómeno Obsessivo)*, 1933-34; *Reminiscência Arqueológica de «O Angelus» de Millet*, 1935), entre as quais se conta o ensaio surrealista “*O mito trágico do Angelus de Millet*” (Dalí, 1978, 1998).

Dalí não seria o único em quem os efeitos inconscientes deste quadro se fizeram sentir. O próprio assim o reconhece, outorgando-lhe a categoria de fenómeno social ao salientar “o poder obsessivo que a imagem aparentemente “insignificante” do *Angelus* de Millet exerceu no mundo inteiro e sobre a imaginação de multidões. Com efeito, este quadro bate de longe, seguramente, todos os recordes de reprodução” (Dalí, 1998, p. 59).

Reconhecendo um irresistível e irreprimível poder atrativo neste quadro, no plano coletivo, mas sobretudo nele próprio, questiona: “então como explicar (...) esta inegável violência exercida sobre a imaginação (...) como conciliar esta força, mesmo esta fúria das representações com o aspecto miserável, tranquilo, insípido, imbecil, insignificante, estereotipado, convencional em tristíssimo grau do *Angelus* de Millet?” (Dalí, 1998, p. 60).

A resposta surge elaborada no ensaio supracitado, através de uma filosofia própria, a “teoria paranóico-crítica” ou “método do conhecimento irracional baseado na associação interpretativa-crítica dos fenómenos delirantes” (Ades, 1982; Cirlot, 2003; Dalí, 1998), cujas bases teóricas se fundam na tese de doutoramento de Lacan, intitulada “*Da psicose paranóica nas suas relações com a personalidade*” (1932/1980), e que permitem a Dalí (1998) enunciar:

Paranóia: delírio de associação interpretativa comportando uma estrutura sistemática – *Actividade paranóico-crítica: método espontâneo de conhecimento irracional baseado na associação interpretativa-crítica dos fenómenos delirantes*. A presença de elementos activos e sistematizados próprios da paranóia garante o carácter evolutivo e produtivo da actividade paranóico-crítica. (...) A actividade paranóico-crítica já não considera os fenómenos e imagens surrealistas isoladamente, mas pelo contrário, num conjunto coerente de relações sistemáticas e significativas. (pp. 16-17)

Segundo o pintor, “a actividade paranóico-crítica descobre por este método «significações» novas e objectivas do irracional, faz passar tangivelmente o próprio mundo do delírio para o plano da realidade” (Dalí, 1998, p. 18). Para o historiador e crítico de arte José Pierre, este método poderá ser das contribuições mais significativas do artista para o surrealismo, suplantando mesmo o automatismo, que era a pedra angular daquele movimento artístico (Cirlot, 2003).

Para sistematizar o estudo do *Angelus* segundo a sua metodologia, Dalí estabelece três níveis no seu ensaio (Cirlot, 2003): descritivo, interpretativo e de síntese e interpretação profunda da obra. O primeiro trataria dos fenómenos delirantes, inicial e secundários, descrevendo fantasias de carácter obsessivo do autor ou as “visões” do *Angelus*. No nível seguinte da obra, Dalí procura sustentar que existe algo na pintura que não se revela pela simples contemplação, mas apenas através de uma análise aprofundada, através da associação dos fenómenos descritos no capítulo precedente. No terceiro e último nível, Dalí expõe metodicamente o mito ancestral que crê estar contido no *Angelus*, o mito do infanticídio, ou, nas palavras do autor, “a variante maternal do mito imenso e atroz de Saturno, de Abraão, do Pai Eterno com Jesus e mesmo de Guilherme Tell, devorando os seus próprios filhos” (Dalí, 1998, p. 107). Mais adiante, no presente trabalho, os diversos elementos deste ensaio serão abordados em maior pormenor.

Um dado importante na compreensão da obra criativa de Dalí no geral, e de “O mito trágico do *Angelus de Millet*” em particular, será a sua obsessão pela psicanálise. Freudiano acérrimo desde os tempos de estudante em Madrid (Rudín, 2004), a influência do pensamento do psicanalista austríaco aparece condensada numa breve passagem do seu “*Diário de um Génio*” em que o cérebro de Freud é descrito como um dos mais saborosos e importantes da nossa época (Dalí, 1964/2008). Com efeito, a leitura de “*A Interpretação dos Sonhos*” produz um grande impacto no pintor catalão, que declara ter sido “uma descoberta capital”, passando a realizar uma “auto-interpretação”, não apenas dos seus sonhos, mas de tudo o que lhe acontecia (Ades, 1982). Consequentemente, os postulados freudianos começam a ser utilizados por Dalí para explicar a paranoia e os comportamentos excessivos, como ferramentas auxiliares em prol do seu autoconhecimento. Repercutem-se igualmente na produção artística, onde a obsessão pela conquista do irracional, associada à sua inquietude, se traduziu na elaboração de um simbolismo pictórico e linguístico totalmente idiosincrático (Ades, 1982; Martínez-Herrera, Alcántara, & García-Fernández, 2003; McNeese, 2006).

O encontro entre Dalí e Freud acaba por acontecer, após várias tentativas do pintor, a 19 de julho de 1938, em Londres, por mediação de Stefan Zweig, um ano antes da morte do fundador da psicanálise (Ades, 1982; McNeese 2006; Rudín, 2004). A propósito da conversação que os dois mantiveram, Dalí assinalou que Freud terá falado várias vezes em sublimação (Rudín, 2004) e que terá comentado:

It is not the unconscious I seek in your pictures, but the conscious. While in the pictures of the masters – Leonardo or Ingres – that which interests me, that which seems mysterious and troubling to me, is precisely the search for unconscious ideas, of an enigmatic order, hidden in the picture, your mystery is manifested outright. The picture is but a mechanism to reveal it. (Ades, 1982, p. 74)

É precisamente na senda da inspiração diacrítica contida nestas palavras de Freud que o presente estudo contorna a obra pictórica do catalão, para se centrar num texto muito particular do *corpus* daliniano – “*O mito trágico do Angelus de Millet*” –, um ensaio onde humor, entomologia e psicanálise se reúnem na construção de uma obra de cariz “científico”, que visa sustentar a proficuidade para a investigação do método paranoico-crítico por ele divisado. A hipótese de trabalho seria que esta obra, onde é abordado o grande tema mítico da morte do filho, embora não seja marcadamente autobiográfica (e talvez precisamente por isso), no sentido em que se poderiam considerar outros escritos do pintor, como o “*Diario de un Genio*” (Dalí, 1964/2008) ou “*The Secret Life of Salvador Dalí*” (Dalí, 1942/1986), pela descrição dos seus íntimos “fenómenos delirantes” e dos padrões associativos a eles ancorados, pode revelar algo mais “verdadeiro” acerca da sua personalidade, das suas fantasias inconscientes, do que o discurso hiperbólico das suas descrições vivenciais nos textos assumidamente biográficos. Relembre-se, a título de paralelismo, que alguns autores sustentam que em “*A Interpretação dos Sonhos*”, ao relatar 47 sonhos que lhe pertenciam, Freud terá porventura revelado mais detalhes da sua vida íntima do que o fez na autobiografia (Roudinesco & Plon, 1998).

Segundo Hartman (2008), a obsessão de Dalí pela elaboração de um mito próprio evidencia conflitos psicológicos que, em primeira instância, remetem para a história do seu desenvolvimento. Com efeito, em adulto intitula-se “grande paranóico” (Rudín, 2004), título que indicia uma marca transgeracional que remonta ao seu avô paterno, Gal Josep Salvador Dalí. Pese embora a sua omissão nos registos autobiográficos, este último teria sido diagnosticado como sofrendo de delírios persecutórios

que, associados à perda de avultadas quantias de dinheiro nas casas de câmbio em Barcelona, culminam no suicídio. Para além do avô, também o seu tio Rafael tentaria suicidar-se, todavia sem sucesso (Hartman, 2008).

À transgeracionalidade acrescem eventos relacionados com a infância que se repercutiram indelevelmente no seu carácter (Martinez-Herrera et al., 2003). Um desses eventos relaciona-se com a condição de “criança neo-nascida”, segundo Joana e Carlos Amaral Dias (2015), ou “criança de substituição” (“*replacement-child*”), nas palavras de Hartman (2008). Apesar da diferença terminológica, estes autores reportam-se ao mesmo fenómeno: “*the designation of replacement child refers to one whose parents made a conscious decision to conceive a child in order to replace a child who died a short time earlier*” (Hartman, 2008, p. 536), desejo esse que poderá ter estado relacionado com o nascimento de Dalí, visto que ocorreu exatamente nove meses e onze dias após a morte de um irmão mais novo, que o precederia na fratria, ao que acresce a partilha do mesmo nome próprio, Salvador (Amaral Dias & Amaral Dias, 2015; Hartman, 2008).

Existem poucos dados quer sobre a prevalência, quer sobre os efeitos deste fenómeno no desenvolvimento da personalidade nos inícios do século XX, embora as elevadas taxas de mortalidade infantil apontem para a possibilidade deste ocorrer amiúde. A “criança de substituição” apenas granjeou o interesse dos investigadores a partir da década de 1960 (Hartman, 2008), salientando-se o estudo pioneiro de Cain e Cain (1964) baseado em seis casos clínicos. Estes autores identificaram um luto pseudo-resolvido nos pais e a omnipresença da imagem idealizada da criança falecida:

The new child, the substitute, then, was born into a world of mourning, of apathetic, withdrawn parents, a world focused on the past and literally worshipping the image of the dead (...) These parents grossly imposed the identity of the dead child upon his substitute, and unconsciously identified the two. Frequent slips were made, calling the new child by the dead child's name (...) The two children's looks, posture, facial expressions, ways of walking and talking were constantly compared. The parents' expectations, hopes, and even demands upon the child for various kinds of excellence were all obviously modeled upon the achievements of the dead child – or, more accurately, upon the hyperidealized and grossly unrealistic image of the dead child. (Cain & Cain, 1964, pp. 445-447)

Outro dos elementos identificados por Cain e Cain (1964) foram as preocupações fóbicas dos pais acerca de doenças e acidentes, que resultariam numa superproteção e imposição de restrições severas aos filhos substitutos. Estes, por seu turno, manifestavam múltiplas fobias e preocupações mórbidas acerca da morte, tendendo a identificar-se com o irmão falecido e, como tal, a “amputar” a sua individualidade:

They found they could barely breathe as individuals with their own characteristics and identity. Their parents compelled them to be like their dead siblings, to be identical with them, yet made it clear that they would never be accepted as “the same,” and could never really be as good. (Cain & Cain 1964, p. 451)

Frequentemente, os pais atribuem à criança viva o nome da criança morta. Segundo Joana e Carlos Amaral Dias (2015), na criança neo-nascida, o nome coloca-a, pela via do homónimo morto, como personagem que se confunde no face-a-face fantasmático com uma imagem especular, isto é, igual a si-mesmo, promovendo facilmente uma fragmentação aniquiladora. Terá sido assim com Dalí, mas também com Vincent Van Gogh. As suas histórias de desenvolvimento apresentam pontos de contacto que convirá salientar. Van Gogh nasce um ano depois da morte do irmão e também ele herda o nome próprio do falecido (Hartman, 2008).

A questão que aqui se coloca é de ordem identitária, e a história de vida destes sujeitos tende a evidenciar precisamente as dificuldades na elaboração de uma identidade viável separada daquela do irmão morto. A dinâmica familiar em que estão inseridos poderá estar implicada nestas dificuldades, no sentido, consciente ou pré-consciente, de que a criança viva ocupe o lugar de Outro. Ela é o representante do desejo materno de negar a morte de um outro filho (Amaral Dias & Amaral Dias, 2015). Com efeito, no fenómeno das crianças neo-nascidas, os progenitores em geral, e a mãe em particular, detêm um papel primordial. Os mesmos autores referem que a mãe, vítima de um luto não realizado e para sobreviver narcisicamente, gera uma nova vida para substituir o outro, o filho falecido/enterado, o que pode dar lugar a uma “maternagem” (Winnicott, 1975) impregnada pelas agonias, memórias e acontecimentos conectados à criança morta, e tendente a comprometer o desenvolvimento de uma função “continente” na criança em processo de substituição, pela falha da capacidade de *rêverie* materna. Hartman (2008) assinala ainda que as crianças de substituição poderão experienciar sentimentos de

responsabilização pela aflição dos pais e apresentar fantasias de imputação de culpa pela morte do irmão.

Os registos autobiográficos de Dalí evidenciam que este se sentiu e identificou como criança substituta ao longo da sua vida, providenciando amplo material que atesta o impacto desta condição na sua existência (Dalí, 1942/1986, 1973/1975). Nos escritos que se reportam ao irmão morto, é possível identificar omissões e erros factuais (por exemplo, refere que o irmão morreu aos sete anos de idade, quando na realidade faleceu aos 21 meses), um misto de realidade e ficção (a título exemplificativo, atribuía ao irmão características que uma criança de tão tenra idade não poderia demonstrar) que, segundo Hartman (2008), são reveladores de conflitos identitários e da construção de um mito próprio, visando uma nova identidade e uma nova personalidade.

Do ponto de vista psicanalítico, o mito tem um papel preponderante, primeiramente com Freud, que referia em *“Psicopatologia da Vida Quotidiana”* (1901/2003, p. 288) que “a concepção mitológica do mundo, que se repercute até nas religiões mais modernas, *não é mais que uma psicologia projectada no mundo exterior*” cuja análise desvelaria fatores e factos psíquicos do inconsciente, sendo que outros distintos psicanalistas seguem a mesma senda (e.g. Rank, 1959; Lacan, 1987), nomeadamente Wilfred Bion, que sustenta com firmeza a importância do mito na fantasia do sujeito.

Outro dos postulados de Freud consiste na aproximação da narrativa mítica ao sonho, defendendo que diferentes episódios míticos/sonhos são diferentes versões distorcidas de um mesmo conteúdo à procura de sentido, a passagem do não sabido ao visto (tornado consciente). Mito e Mitologia, no pensamento do pai fundador da psicanálise, contêm as ancestrais fantasias do início dos tempos: “a figura mítica condensa as realidades culturais e psicológicas mais profundas da Humanidade. O enigma da esfinge ganha em Freud o sentido do enigma da condição humana” (Fleming, 2003, p. 151).

Por sua vez, Bion toma como ponto de partida as hipóteses freudianas e desenvolve a temática do mito, nomeadamente o conceito que denominou de “Mito Privado”, que poderá ser sistematizado em duas grandes áreas: “o Mito enquanto modelo para o crescimento mental” e “o Mito enquanto conceito integrado na teoria de pensamento” (Fleming, 2003, p. 152).

Relativamente à primeira conceptualização, Bion contraria as perspetivas que dissociam o Mito do *Logos*, e associa-o ao vínculo do conhecimento (K) da sua teoria do pensamento. Desta forma, Fleming (2003) sublinha a convergência entre os dois

autores acima referenciados, no sentido em que, para ambos, o mito representa fonte de conhecimento cujo código simbólico, uma vez decodificado, permitiria o acesso ao saber. Consequentemente, pode ser entendido como modelo para o crescimento mental, operado pela tolerância à dor mental, porque “só a tolerância à dor mental e o não temor pelo desconhecido podem conduzir o homem à descoberta da sua verdade, à busca do conhecimento de si próprio” (Fleming 2003, p. 152).

Na segunda conceptualização de Bion, o mito insere-se na categoria C da sua tabela, onde agrupa três ordens de fenómenos mentais: sonhos, pensamentos oníricos e mitos. O sonho é perspectivado como uma combinação em forma narrativa de pensamentos oníricos que, por sua vez, derivam de combinações de elementos alfa. Para Bion, pensamentos oníricos, sonhos e mitos seriam construções de um mesmo tipo; todavia, diferenciam-se entre si pela qualidade e natureza do fenómeno: “Pensamentos Oníricos e Sonhos são fenómenos inconscientes”, enquanto “relatos de sonhos e mitos são pensamentos conscientes”. Nesta linha de pensamento, pode “um relato de um sonho adquirir uma significação mais estruturada, próxima ou denunciando um mito privado” (Fleming, 2003, p. 153).

Amaral Dias (1997), num trabalho de reflexão expansiva da tabela dos elementos de Bion, propôs a divisão da categoria C em duas categorias separadas, sugerindo que o mito figurasse na tabela como categoria D: “Nesta teorização e de uma forma muito sucinta, pensamentos oníricos e sonhos aparecem como a expressão directa da Barreira de Contacto, a qual por sua vez leva à construção dos mitos privados” (Fleming, 2003, p. 153). Fleming (2003, p. 153) assinala que “os mitos organizam (...) as Conjugações Constantes do sujeito, ou, usando a linguagem dos pacientes, um padrão, ou uma imagem, ou ainda uma ideia recorrente que identificam como estando presente e constante ao longo das suas vidas”. O mito privado, sendo constituído e organizado a partir de constelações de fantasias inconscientes do ser humano, oferece-se como um código constituído por um pensamento primitivo e, dessa forma, mais próximo das impressões sensoriais, permitindo produzir saber que, segundo Fleming (2003, p. 153), “é coevo de um pensamento conceptual obedecendo este à lógica do pensamento científico”.

A antropologia elucida outras características do pensamento mitológico, que frequentemente é apresentado como detentor de funções normativas e de regulação social. Nas sociedades ditas “primitivas”, o ser humano, confrontado com o mundo e com a sua existência no Cosmos, necessitou de o compreender, explicar e de dar significado aos grandes enigmas da sua própria existência (Fleming, 2003). A função

primeira do mito seria, então, a de desvendar um mistério. De acordo com Mircea Eliade (1957/1989, pp. 10-15), “um mito narra sempre que qualquer coisa se passou *realmente*, que um acontecimento teve lugar no sentido estrito da palavra”. Nesse sentido, traduziria “a revelação de um evento primevo que serviu de base quer a uma estrutura real, quer a um comportamento humano” e “sendo *real e sagrado*, o mito torna-se *exemplar* e, por conseguinte, *passível de se repetir* porque serve de modelo e, conjuntamente, de justificação a todos os actos humanos”, concluindo que “o mito é uma história verdadeira que se passou no começo dos tempos e que serve de modelo aos comportamentos humanos”.

O pensamento mitológico não se opõe ao pensamento científico mas antes, pela forma como operacionalizam o raciocínio e entendem o mundo, ambos detêm um papel de complementaridade, coexistindo no interior de cada indivíduo (Fleming 2003). Deste ponto de vista, “*O mito trágico do Angelus de Millet*” poderá conter dois processos de funcionamento mental: 1) o pensamento lógico, analítico; 2) o pensamento intuitivo, criativo (Coimbra de Matos, 2007). Segundo Coimbra de Matos (2007, p. 125), “o pensamento lógico é o pensamento de vigília, do estar vigilante – atento ao real”. A propósito da sistematização, da lógica, racionalidade e coerência, refere o próprio, na terceira pessoa do singular, que “é em 1929 que Salvador Dalí presta atenção aos mecanismos internos dos fenómenos paranóicos e encara a possibilidade dum método experimental baseado no poder súbito das associações sistemáticas próprias da paranóia” (Dalí, 1998, p. 16). Em complemento a este pensamento atento e vigilante, o pensamento intuitivo está associado ao sonho, à distração. Desta forma, “o paradigma do pensamento intuitivo é o sonho acordado, o devaneio ou a *rêverie*” (Coimbra de Matos, 2007, p. 125), características também presentes no texto em apreço, quando o autor escreve: “o *Angelus* de Millet adquire uma forma nitidamente obsessiva (...) imiscuindo-se sob diversos aspectos e variantes no desenrolar das minhas fantasias e sonhos” (Dalí, 1998, p. 47).

Muitas poderiam ser, eventualmente, as leituras psicológicas de “*O mito trágico do Angelus de Millet*”. Porém, a presente análise pretende ser uma contribuição ao estudo deste texto à luz da configuração de um mito privado e da função que este detém para o sujeito. Neste sentido, sugere-se que, diante da ambiguidade da cena reproduzida no *Angelus*, e ao defender a hipótese de que esta retrata o grande tema mítico da morte do filho, Salvador Dalí esteja a colocar nesta tela uma ideia recorrente da sua existência, mais precisamente a sua condição de criança de substituição. Desse

modo, as conjeturas que tece sobre a dita pintura, numa linguagem e simbolismo próprios, profundamente influenciada pelos postulados psicanalíticos, e a descrição de um conjunto de sonhos/delírios, poderá fazer sobressair um padrão vivencial, a forma como se sentiu e vivenciou na condição de infante neo-nascido. Neste caso, o texto daliniano poderá ter tido um duplo objetivo para o escritor. O primeiro seria de ordem retrospectiva, na qual a narrativa no tempo passado permitirá um (re)lembrar, um (re)visitar, o paraíso (inferno) de uma infância perdida. Por outro lado, a sua escrita poderá congrega uma função reparadora, na medida que este regresso ao passado poderia permitir a Dalí a (re)construção da sua história pessoal e a finalização da procura de uma identidade própria, atinente a um Eu Ideal grandioso. Ou seja, seria “*O mito trágico do Angelus de Millet*” um texto de um tempo passado com o intuito de um ensaio para o futuro?

ALGUNS ASPETOS DA INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA DE SALVADOR DALÍ

Dalí nasceu a 13 de maio de 1904, na localidade de Figueras, e sete dias depois é batizado com o nome de Salvador Felipe Jacinto Dalí i Domenèch (20 de maio de 1904). Como já foi referido, Dalí vem ao mundo nove meses e onze dias após a morte do seu irmão – Salvador Galo Anselmo Dalí – que morreu com 21 meses de idade, vítima de gastroenterite infecciosa. É, portanto, o segundo filho de Don Salvador Dalí i Cusí, um respeitável notário público e advogado, com forte personalidade e caráter autoritário, associado a um humor sarcástico, que dizem ser próprio daquela região; e de Felipa Domenèch i Ferrés, descendente de uma família com fortes ligações ao mundo comercial e descrita como recatada e moça bonita de Barcelona (Descharnes & Néret, 1993; Hartman, 2008; McNeese, 2006).

Os primeiros anos de vida de Dalí são marcados por um conjunto de cuidados parentais considerados como excessivos. Com efeito, segundo McNeese (2006), não existiu dia em que estes não satisfizessem os seus desejos, submetendo-se a todas as suas demandas, e o próprio Dalí descrevia-se como tendo sido “uma criança mimada” (Descharnes & Néret, 1993). Esta condição acabou por ser simbolizada na oferta de uma fatiote de rei por um dos seus tios de Barcelona, que Dalí imediatamente abraça, assumindo-se a partir daí o “monarca absoluto da casa” (Descharnes & Néret, 1993; McNeese, 2006; Hartman, 2008).

Segundo McNeese (2006), a superproteção dos pais poderá estar relacionada com a perda do primeiro filho. Todavia, o estado de saúde do segundo filho poderia igualmente justificar cuidados adicionais, visto que frequentemente travava batalhas contra hemorragias nasais e anginas. A sua infância é ainda marcada pelo medo, manifestado através de fobias, especialmente a gafanhotos, assim como por episódios de enurese e encoprese (Descharnes & Néret, 1993; Hartman, 2008; McNeese, 2006), embora Dalí preferisse acreditar que tinha controlo absoluto destes comportamentos (Hartman, 2008).

Ana María, a irmã, nasce em 1908, ano em que Dalí ingressa na escola. A partir desse momento aumentam em frequência e intensidade os acessos de cólera, seja por não deixar de berrar/chorar até obter o que desejava, seja por manifestar comportamentos agressivos. Dalí alega inclusivamente que teria pontapeado a irmã na cabeça quando esta tinha dois anos, embora este episódio nunca tenha sido confirmado por Ana María (McNeese, 2006; Hartman, 2008).

Na adolescência, o exibicionismo intensifica-se com o objetivo de atrair cada vez mais a atenção sobre si próprio. Começa por maquilhar-se com produtos de beleza da mãe, deixa crescer o cabelo um pouco abaixo dos ombros para adquirir um “ar de artista boémio”, começa a vestir mantas ou capas e a utilizar uma muleta, da qual se tornará inseparável (Descharnes & Néret, 1993; Hartman, 2008; McNeese, 2006). Nesta fase, acrescem os comportamentos classificados como bizarros e excêntricos no colégio que frequentava. Por exemplo, tira dinheiro aos pais e vende-o por metade do seu valor aos colegas e, aos dezasseis anos, descobre que atrai ainda mais atenção sobre si ao atirar-se pelas escadas do colégio. Poderiam aqui ser traçados pontos de contacto entre este comportamento e o suicídio do avô, que seria um segredo de família apenas revelado a Dalí na adolescência (Hartman, 2008).

É aos dezasseis anos que enfrenta uma das perdas mais significativas da sua vida, com a morte repentina da mãe, vítima de cancro no cólon, que é entendida pelo artista como uma afronta e um insulto, aos quais reage elaborando um plano de retaliação e vingança que passava por alcançar fama e glória nas artes (Descharnes & Néret, 1993; Hartman, 2008; McNeese, 2006).

Atentemos agora nas representações paternas/maternas de Salvador Dalí. Para o pintor catalão a figura paterna consubstancia-se numa representação tirânica, à qual se poderá associar a prestigiante posição profissional que ocupava e a sua grande e imponente figura, visível na tela “*Portrait of my Father*” (1925). Contudo, Hartman (2008) assinala que a relação com o pai poderá ser mais complexa do que aparenta à

primeira vista. Nesse sentido, refere que, embora a maior parte dos materiais biográficos e históricos enfatizem as caracterizações que Dalí fez do pai como homem “castador” de temperamento volátil, outras assinalam que este seria o homem que mais admiraria e imitaria. É igualmente atribuída ao pai outra das preocupações de Dalí: o sexo. Don Salvador Dalí i Cusí, frequentador assíduo de prostíbulos, culpava-se pela morte do primeiro filho, responsabilizando-se pela transmissão de algum tipo de doença venérea. Por esse motivo, numa atitude de prevenção e educação sexual para com o segundo filho, providenciou-lhe um conjunto de literatura que alertava para os perigos deste tipo de doenças, com ilustrações das lesões provocadas pela sífilis. Mais tarde, Dalí recordar-se-á destas imagens descrevendo-as como repulsivas. Associando-as ao ato sexual, passa a evitar qualquer forma de contacto carnal e refugia-se no onanismo (Descharnes & Néret, 1993; Hartman, 2008; Martinez-Herrera et al., 2003; McNeese, 2006). Em 1929 dá-se a rutura relacional. O “pai tirano”, desaprovando o envolvimento do filho com Elena Ivanovna Diakonova (Gala), deserda o insubordinado. Esta cisão teria sido entendida por Dalí como uma libertação do jugo paterno, rumando até Paris para junto de Gala, para do ponto de vista artístico cimentar o seu talento, aderir ao surrealismo e “renascer” (Descharnes & Néret, 1993).

Quanto à filiação materna, o discurso é substancialmente distinto, e a mãe parece ser encarada de forma unívoca, desprovida de ambivalência, “religiosamente adorada” (Néret, 2003, p. 14). Em adulto, recorda-a com amor e afeição, descrevendo-a como uma católica devota. Serão de notar aqui as semelhanças com Freud, que também terá idealizado a mãe Amalia (Raphael-Leff, 2010). Na formulação do Complexo de Édipo, profundamente influenciada e determinada pela sua autoanálise, Freud coloca o enfoque na rivalidade com o pai e no desejo pela mãe, relegando para segundo plano a ambivalência pré-natal, a crueldade pós-natal e a cumplicidade na relação incestuosa de Jocasta no mito grego e, por conseguinte, olvidando os aspetos da intimidade diádica precoce com uma mãe arcaica, pré-edípiana (Raphael-Leff, 2010). Tal seria reforçado na sua afirmação de que a relação mãe-filho seria “o mais perfeito, o mais livre de ambivalência de todos os relacionamentos humanos” (Freud, 1933/1996, p. 132). Para Raphael-Leff (2010), Freud teria efetuado uma clivagem defensiva para não entrar em contacto com os aspetos inaceitáveis da mãe, o que conduz a conjecturar se Dalí não teria também realizado o mesmo movimento a propósito do *imago* materno.

A história de desenvolvimento de Dalí é reveladora de uma vivência pautada, sobretudo, por uma superproteção materna. Segundo McNeese (2006), Dalí terá reve-

lado que todos os dias a mãe o acordava de manhã, o olhava nos olhos e questionava qual era o seu desejo. Este cuidado materno remete para uma das características apontadas por Hartman (2008) como estando associadas aos progenitores de crianças neo-nascidas, nomeadamente, que estes poderão exibir temor em lidar com a sua própria agressividade, fantasiando que esta possa ferir ou matar o filho vivo. Inaptos em providenciar uma “ressonância negativa” (dizer não) devido ao luto, favorecem, nas crianças de substituição, a percepção de um estado parental de “adormecimento” psíquico. Este embotamento poderá ser perceptível nos pais de Dalí que, perante a sua individualidade, cada vez mais problemática, optam frequentemente por desculpá-lo ou mesmo ignorá-lo (Hartman, 2008).

Em linha com o que vem sendo exposto, os comportamentos bizarros, excêntricos e megalómanos que cedo denuncia, e que se intensificam com a adolescência e idade adulta, poderiam associar-se a uma carência de reconhecimento pela sua singularidade, mais precisamente pela mãe, que tanto estimava e valorizava, enlutada pela perda do primeiro filho. Uma desesperada tentativa de diferenciação do irmão morto, também ele Salvador? O próprio o reconhece quando afirma: “todas as excentricidades que Eu cometi, Eu fi-lo porque Eu desejava provar a mim próprio que Eu não sou o meu irmão morto, mas o vivo” (McNeese, 2006, p. 15). Segundo Shanes (1994):

Certamente, aquela morte deixara nos pais de Dalí um inevitável sentimento de angústia, e o jovem Dalí estava sempre consciente do desaparecimento, porque tanto a mãe como o pai projectavam constantemente o irmão nele, fazendo todos os dias comparações entre os dois rapazes, vestindo o Salvador mais novo com as roupas do irmão morto, dando-lhe os mesmos brinquedos para brincar e tratando-o como a reencarnação do outro. Confrontado com uma tal negação de si mesmo, Dalí, compreensivelmente, rebelou-se por forma a afirmar a sua própria identidade, enquanto se revoltava igualmente contra a imagem aperfeiçoada do irmão morto que os pais tentavam impor-lhe. (p. 5)

Nas suas deambulações autobiográficas, Dalí atribuiu grande significado à conexão com o irmão falecido. O seguinte excerto (Dalí, 1942/1986) ilustra como se terá sentido enquanto criança de substituição:

My brother died at the age of seven from an attack of meningitis, three years before I was born. His death plunged my father and mother into the depths of despair;

they found consolation only upon my arrival into the world. My brother and I resembled each other like two drops of water but we had different reflections. Like myself he had the unmistakable facial morphology of a genius. He gave signs of alarming precocity, but his glance was veiled by the melancholy characterizing insurmountable intelligence. I, on the other hand, was much less intelligent, but I reflected everything. (p. 2)

O discurso, pelos múltiplos erros factuais que contém, ilustra a construção de uma mitologia própria em torno do seu nascimento e a identificação primitiva com o irmão morto (Hartman, 2008). Em 1963 pinta “*Portrait of my Dead Brother*”, que inclui elementos do *Angelus* de Millet, e alguns anos depois, em escrito autobiográfico (Dalí, 1973/1975), revela as dificuldades na construção de uma identidade própria e a vizinhança da morte associadas à sua condição:

No princípio era a loucura – de que eu fugi. E toda a história da minha arte e da minha vida, até ao encontro com Gala, é a mais terrificante luta contra a morte do espírito. (...) Sabemos que três anos depois da morte do meu irmão, com sete anos, meu pai e minha mãe, com o meu nascimento, atribuíram-me o mesmo nome, Salvador, que era igualmente o de meu pai. Crime subconsciente agravado pelo facto de que no quarto dos meus pais – lugar atraente, receado, cheio de proibições e ambivalências – se encontrava magestosamente a fotografia de Salvador, meu irmão morto, ao lado da reprodução de um Cristo crucificado pintado por Velazquez; e esta imagem do Salvador que, sem qualquer dúvida, Salvador fora encontrar na sua ascensão angélica, condicionava em mim um arquétipo nascido da existência de quatro Salvador que me cadaverizavam. Tanto mais que comecei a assemelhar-me ao meu irmão morto como uma imagem no espelho. Julguei-me morto antes de me saber na vida. Os três Salvador que enviavam a sua imagem, de que um era um Deus crucificado geminado ao outro que estava morto e o terceiro que era um pai imperialista, proibiam-me de projectar a minha vida num molde tranquilizante e direi mesmo que me impediam de me construir. Na idade em que a sensibilidade e a imaginação têm necessidade de verdade essencial e de tutor sólido, eu vivia nos labirintos da morte que se tornou «a minha segunda natureza». Perdera a imagem do meu ser que me tinham roubado, só existia em procuração e prorrogação. (pp. 320-321)

O Mito Trágico de Salvador Dalí

É significativo salientar que o primeiro capítulo do seu livro autobiográfico “*Como me tornei Dalí: As confissões inconfessáveis de Salvador Dalí apresentadas por André Parinaud*” (1973/1975), se intitula precisamente “*Como conviver com a morte*”, que esta evocação da omnipresença da morte na sua vida seja associada ao irmão falecido, e que a origem da obsessão fúnebre seja traçada aos alvares da sua existência:

Convivo com a morte desde que sei que respiro e ela mata-me com uma volúpia fria que só tem equivalente na minha lúcida paixão em me sobreviver a cada minuto (...) A minha suprema distração é a de me imaginar morto, devorado pelos vermes (...) É um exercício útil a que me entrego desde muito, muito novo. (...) Quando criança, o mais pequeno sinal de morte me atormentava o ventre com medo, e a perversidade polimorfa de que bem cedo dei provas flagrantes era sem dúvida um jogo profundo das forças de vida que em mim ocupavam lugar, contra as forças de morte. (...) Nasci duplo, com um irmão a mais, que tive primeiro de matar para ocupar o meu próprio lugar, o meu próprio direito à minha própria morte. (...) Sim, o aniquilamento é fatal. Seremos digeridos pela terra. E nisto incessantemente penso. Nem um dos meus actos, nem uma das minhas criações deixa de se alinhar contra este pano de fundo. Não há um instante da minha vida em que não sinta a presença da morte. (pp. 8-21)

Contudo, a forma como são descritas as reações dos pais perante si e o irmão falecido são substancialmente distintas. É ao pai que são atribuídas e imputadas as principais responsabilidades pelas dificuldades identitárias de Dalí.

Por esse motivo, Dalí (1973/1975, p. 30) dirigia a seu pai os seus “caprichos” e “cóleras”: “todos os dias, encontro nova maneira para levar o meu pai ao paroxismo da fúria, ou do medo, ou da humilhação, e obrigá-lo a considerar-me, eu, seu filho, eu, Salvador, como um motivo de desgosto e de vergonha”. A mãe, em contraste, é apresentada sob uma luz idealizada, como personagem cuidadora, que sobre ele vertia o seu amor e o acolhia nos momentos de terror e angústia:

O mundo que me cercava estava cheio de malefícios, cavava-se com buracos de armadilhas. As minhas noites eram povoadas por monstros e eu gritava com pavor. Minha mãe tinha de me embalar nos braços e passava noites e noites comigo ao colo. (...) Minha mãe, no Olimpo daliano, é um anjo. O seu seio, depois o seu sangue, trouxe-me para a vida. A sua voz suave embalou os meus

sonhos. Era o mel da família. (...) Escuto ainda o som regular da manivela do aparelho de cinema que a minha mãe girava à mão para nos projectar pequenos filmes. (...) Quando penso nela, volto igualmente a ver os cravos que plantava na varanda, ou os minúsculos cactos que utilizava para o presépio de Natal. A morte da minha mãe desesperou-me. Durante muito tempo duvidei do seu desaparecimento. Só ela poderia transformar a minha alma. Senti a sua perda como um desafio e decidido a vingar-me do destino tornando-me imortal. (Dalí, 1973/1975, pp. 27-36)

Contudo, para Etherington-Smith (1992) a mãe teria sido tão “insensível” como o pai às questões que concerniam a substituição operada, assinalando que esta aludia ao primogénito falecido como um “génio” e que levava o jovem Dalí a visitar a campa do seu irmão, sugerindo que a perceção do nome próprio na lápide deveria ser algo bastante perturbador para o segundo filho. Em suma, ambos os pais terão sofrido com a morte do primeiro filho, sofrimento esse que transcorria para o Salvador que viria em sua substituição:

Eu, eu vivi a morte antes de viver a vida. Com sete anos, meu irmão morria de uma meningite, três anos antes do meu nascimento. Minha mãe ficou transtornada no mais íntimo de si mesma. A precocidade deste irmão, o seu génio, a sua graça, a sua beleza, eram para ela outros tantos motivos de exaltação. O seu desaparecimento foi um choque terrível. Nunca se recompôs desta infelicidade. O desespero dos meus pais só serenou com o meu nascimento, mas a sua mágoa impregnava todas as células dos seus corpos. E no ventre de minha mãe, já eu sentia a sua angústia. O meu feto banhava-se numa placenta infernal. Esta angústia não me abandonou. Muitas vezes evoquei a existência e a morte deste irmão mais velho, de que encontrei os sinais da sua passagem, desde que a minha atenção despertou – vestuário, retratos, brinquedos – e que deixara na memória de meus pais recordações afectivas indeléveis. Senti profundamente a persistência desta presença ao mesmo tempo como um traumatismo – uma espécie de voo de afeição – e uma exaltação de superação. Todos os meus esforços, dali em diante, tendem para reconquistar os meus direitos à vida e, em primeiro lugar, provocando a atenção, o interesse constante dos meus pais com uma espécie de agressão permanente. (Dalí, 1973/1975, p. 10)

A EDUCAÇÃO E AS RELAÇÕES DE DALÍ

A habilidade para as artes, nomeadamente, para o desenho e pintura, brotam precocemente em Salvador Dalí, como uma criança maravilhosa (Amaral Dias & Amaral Dias, 2015). A primeira pintura realizou-a aos seis anos, mas na escola revelava-se totalmente desinteressado. Os únicos atrativos da escola eram as férias, esperadas com grande expectativa e passadas na casa de campo da família em Cadaqués, onde permanecia longas tardes na companhia de Ana María, brincando junto às formações rochosas e nas poças da água do mar, desvendando a fauna marítima. Também se destaca o convívio com os Pichot, família com fortes amizades no mundo artístico e ligações privilegiadas à sua família (Descharnes & Néret, 1993; McNeese, 2006). É a Ramón Pichot, irmão do patriarca desta família e também pintor, que é atribuída a responsabilidade de ter apresentado Salvador Dalí a Juan Núñez Fernández (McNeese, 2006). Encarado como o professor que mais o influenciou, a sua tutela de aproximadamente seis anos terá sido responsável pela consolidação dos talentos do jovem pintor. Cada vez mais focado nos estudos artísticos, surgem as primeiras exposições, ao mesmo tempo que alarga os horizontes intelectuais a outras áreas do saber, desenvolvendo os primeiros trabalhos escritos, publicando um poema e reflexões sobre os artistas favoritos, os mestres espanhóis El Greco, Velázquez e Goya e os mestres renascentistas italianos, Miguel Ângelo e Leonardo da Vinci, na revista estudantil “Studium” (Descharnes & Néret, 1993; McNeese, 2006).

Para alcançar a demanda de fama e prestígio nas artes, motivada pela já referida perda materna, muda-se para Madrid com o consentimento paterno, e ingressa como aluno na Real Academia de Bellas Artes de San Fernando, onde rapidamente se desinteressa pelos estudos académicos e desvaloriza o corpo docente. Simultaneamente, é aceite num grupo de estudantes vanguardistas, privando com Luis Buñuel (que mais tarde integra o movimento surrealista, realizando conjuntamente com Salvador Dalí o filme “*Un Chien Andalou*” em 1929) e Federico García Lorca, com o qual edifica uma estreita amizade de aproximadamente sete anos, entre 1922 e 1928 (Descharnes & Néret, 1993; Hartman, 2008; McNeese, 2006).

Nesta fase torna-se anarquista e interessa-se pela política e pela revolução russa, declarando-se favorável à independência da Catalunha. Participa num movimento de protesto contra um professor de arte, exigindo que este abandonasse o cargo por não possuir qualificações para a função. O corolário desta participação é a expulsão temporária da Academia, à qual retorna no outono de 1925, surgindo a primeira exposi-

ção individual um mês depois, na prestigiada Galeria Dalmau. Finalmente, recusa-se a realizar os exames finais em 1926, alegando faltar aos professores talento suficiente para avaliarem o seu trabalho, o que culminou na expulsão definitiva da Academia (Descharnes & Néret, 1993; McNeese, 2006). Segundo Hartman (1998), embora seja difícil estabelecer uma conexão direta entre o falecimento da mãe, que ocorre pouco tempo antes da sua ida para Madrid, e os problemas subsequentes enquanto aluno da Academia, existem evidências de que estaria à procura de uma identidade própria e viável, procura essa que se manifestava nas suas vestimentas bizarras, nos conflitos com autoridades políticas e artísticas e no desejo de ser aceite pelos seus pares.

Os 10 anos que se seguiram à morte da mãe, evento descrito por Dalí como golpe tremendo, foram pontuados por intensas dificuldades psicológicas (Hartman, 1998) e por duas das relações mais significativas na sua vida: Federico García Lorca e Gala.

A amizade com Lorca, sete anos mais velho que o pintor, tem início aproximadamente um ano após o falecimento da mãe. A admiração e afeto que nutriam um pelo outro aparentava ser recíproca (Hartman, 2008): “não é de duvidar que os dois rapazes tivessem encontrado um no outro uma paixão das descobertas estéticas, à dimensão dos seus próprios desejos” (Néret, 2003, p. 22). Embora Dalí assevere que recusou algumas investidas amorosas que o poeta entabulou, a dificuldade em separar efabulação de concretude nos seus relatos lança o historiador na ignorância do que efetivamente se passou entre os dois jovens (Néret, 2003). Contudo, e apesar das incertezas que rodeiam esta relação, parece ser possível afirmar que a grande intimidade com o poeta assumidamente homossexual, numa altura em que as suas experiências com mulheres ainda eram bastante limitadas (Néret, 2003), terá agudizado o conflito identitário em Dalí, nomeadamente no que à sexualidade dizia respeito.

Os anos de convívio com Lorca foram um período em que realizou múltiplas experiências ao nível da pintura, com incursões em variados estilos, indiciando a busca de uma identidade artística que, nos últimos anos da década de 1930, parece aproximar-se cada vez mais do surrealismo (Ades, 1982). Em 1928, dá-se o rompimento com Lorca, alegadamente por motivos artísticos. Na primavera de 1929, numa viagem a Paris, visita vários bordéis em busca de uma mulher “elegante”. Os seus intentos saem gorados e é um Dalí pessimista e depressivo que regressa a Espanha, estabelecendo um estúdio em Cadaqués. Nesta altura é assaltado por recordações da sua infância, que progressivamente inclui nas suas pinturas, e começa a manifestar “ataques” de riso incontrolláveis, que ocorrem em resposta a fantasias intrusivas (Hartman, 2008).

Segundo Hartman (2008), o rompimento da relação com Lorca coincide com a adoção de uma identidade artística surrealista e com a articulação de um desejo consciente heterossexual. Tanto a perda do companheiro como a ansiedade suscitada pela perspectiva de consumir uma relação heterossexual parecem estar associadas à sintomatologia depressiva e têm um reflexo na sua obra. São desta época os quadros que apresentam os temas freudianos mais evidentes. Embora a maioria dos comentários históricos acerca das produções deste período foquem o conflito entre o desejo heterossexual e a angústia de castração, Hartman (2008) assinala que os “ataques” de riso podem ser lidos como defesas hipomaniacas contra a depressão, associada não apenas à perda de Lorca, mas também da sua mãe e do irmão. A confirmar-se esta hipótese, o fator precipitante para a descompensação psicológica não seria apenas a angústia de castração, mas principalmente o medo da perda do objeto materno.

Por outro lado, a perda da relação de “duplo narcísico”, esteticamente idealizada, com Lorca impõe a Salvador a saída do “limbo” pré-edipiano assexuado, em que, muito provavelmente, se rebatia na sua fantasia bissexual regressiva onnipotente, confrontando-o, da sorte, com a angústia de castração (de morte) associada à irrupção do desejo sexual que o colocava perante a incompletude narcísica e a diferença de sexos e de gerações.

É neste estado de grande fragilidade que se produz o encontro entre Dalí e Gala em Cadaqués, seis meses após o rompimento com Lorca. A misteriosa russa cativa de imediato as atenções do catalão, que dela se procura acercar num passeio pelas rochas, mas a declaração de amor é difícil de concretizar entre as gargalhadas nervosas que o assolam:

Eu ia tocar-lhe, ia estreitar a sua cintura, quando a mão de Gala pegou na minha. Era o momento de rir, e ri com um nervosismo tanto mais violento quanto era vexatório para ela, nesse preciso momento. Mas Gala, em vez de se sentir ferida por esse riso, orgulhou-se dele. Com um esforço sobre-humano, aperta ainda com mais força a minha mão, em lugar de deixá-la cair com desdém, como qualquer outra mulher teria feito. A sua intuição mediúnica tinha-lhe feito compreender o sentido exacto do meu riso, tão inexplicável para os outros. O meu riso não era «alegre» como o de toda a gente. Não era cepticismo ou frivolidade, mas fanatismo, cataclismo, abismo e terror. E acabava de fazê-la ouvir o mais aterrador, o mais catastrófico de todos os risos, que lhe depus a seus pés. – Meu querido – disse ela –, não mais nos deixaremos. (Néret, 2003, p. 24)

Nos seus primórdios, o relacionamento parece ter sido pontuado por fantasias homicidas de Dalí em relação a Gala (*acting-out* primitivo, dissociativo e confusional, que parece servir de exutório projetivo preferencial à ameaça de castração delirantemente personificada em Gala/objeto de desejo sexual), e esta terá explicitamente pedido ao pintor que consumasse o ato. Salvador Dalí é bastante claro quanto ao papel que Gala desempenhou nesse período da sua vida.

Gala afastou-me do meu crime e curou a minha loucura. Obrigado! Quero amar-te. Casarei contigo... os meus sintomas histéricos desapareceram uns após os outros, como por encanto e tornei-me senhor do meu sorriso, do meu riso e dos meus gestos. Uma nova saúde brotou na minha cabeça, como uma rosa (Néret, 2003, p. 26).

Hartman (2008) refere que embora seja difícil explicar a “cura” operada, é possível especular que Dalí tenha encontrado em Gala um objeto de identificação alternativo aos que até ao momento possuía. Tratava-se de uma mulher forte, uma curandeira, que passaria a assumir múltiplos papéis na sua vida: editora, agente, amante, companheira, modelo, musa e mãe idealizada (Hartman, 2008). A descrição que faz de Gala, como dotada de caracteres masculinos e femininos, aponta para uma figura que congrega os atributos de uma mãe primeva, uma figura onnipotente sem género, contendo em si o brilho de uma plenitude cósmica. Importa recordar que sendo uma mulher imponente de cultura eslava, Gala estaria, provavelmente, impregnada de uma “aura” mística, de raiz ortodoxa, consonante com a fantasmagoria sobrenatural e grandiosa daliniana. A identificação com esta figura parece ter permitido ao artista solidificar, *a minima* que fosse, a sua identidade sexual instável, enfrentar a separação do pai e da irmã, e superar as perdas de Lorca e da mãe. Para além disso, a russa terá contribuído para a resolução dos seus dilemas sexuais, conferindo-lhe uma identidade heterossexual (Hartman, 2008). Podemos então hipotetizar, a partir do relato analítico de Hartman e das nossas próprias reflexões, que esta frágil identidade masculina, com “incrustações” regressivas de bissexualidade psíquica, inspira a mítica da fusão (do uníssono) das identidades e histórias de vida de ambos. Não será, assim, de estranhar que após o casamento, em 1934, comece a assinar as suas telas como “Dalí-Gala” (Hartman, 2008).

Depois da morte de Gala, em 1982, Dalí deixou de pintar e de criar, e talvez até de viver (Descharnes & Néret, 1993; Hartman, 2008; McNeese, 2006). Apesar de não

tentar ativamente o suicídio, relevam-se dois episódios em que se “deixou morrer”: o primeiro envolve um “acidente” com um secador elétrico, que causou um incêndio no seu quarto; o outro trata-se de uma desidratação deliberada (Hartman, 2008). Dalí acaba por falecer, a 23 de janeiro de 1989, vítima de falência cardíaca, aos 84 anos, após evidente declínio mental e físico, em profunda depressão (Descharnes & Néret, 1993; Hartman, 2008; McNeese, 2006). Apesar do otimismo revelado no excerto que a seguir é transcrito, o seu coração não suportou o abalo desta terrível perda.

Não quero encarar a realidade da morte de Gala. O meu espírito teria necessidade de todos os seus recursos para sobreviver. Mas com a preparação que me fez passar estou certo de poder manter a minha inteligência à altura do meu amor pela vida. Sou daqui em diante capaz de suportar a maior das infelicidades, ela porém permaneceria insubstituível. Aliás, tenho pensado muitas vezes na sua morte, desde o primeiro dia do nosso amor e estou preparado para essa tragédia (...) Porque nada é maior que descobrir as suas verdadeiras dimensões e suportar a solidão. Gala ensinou-mo, isto seria ainda uma maneira de lhe prestar homenagem profunda, a continuar a existir como ela quis. (Dalí, 1973/1975, pp. 127-128)

O MITO TRÁGICO DO ANGELUS DE MILLET

“*O mito trágico do Angelus de Millet*” é escrito entre 1932 e 1936, nos anos em que viveu em Paris na companhia de Gala (Cirlot, 2003), e permaneceu extraviado por mais de duas décadas. Em 1963, aquando da sua publicação, Dalí (1998, p. 37) escreve no prólogo que “o manuscrito deste livro perdeu-se no momento da nossa partida para Arcachon, horas antes da ocupação alemã. Encontrado hoje, após vinte e dois anos, reli-o e decidi publicá-lo tal e qual, sem mexer uma vírgula”.

O introito da obra esclarece ainda que a sua principal hipótese para a tela, divisada décadas antes, de que representaria o tema mítico da morte do filho, fora validada recentemente por exames de raios X nos laboratórios do Museu do Louvre revelando “uma massa escura de forma geométrica facilmente assemelhável a um paralelepípedo” (Dalí, 1998, p. 39). Esta “massa escura”, situada entre as duas personagens, mais não seria do que um caixão contendo os restos mortais do filho dos camponeses enlutados, que Millet teria originalmente pintado, mas apagado com uma camada de

tinta, pois o melodrama não se coadunaria com os gostos da época. A hipótese avançada é desenvolvida ao longo de três capítulos interligados entre si e exemplificam a aplicação do método paranoico-crítico ao *Angelus* de Millet.

O primeiro capítulo é dedicado à apresentação do conjunto de “delírios” do autor, que este associa à pintura e que compõem a narrativa do texto, de forma estritamente descritiva e sem qualquer intervenção crítica. Estes fenómenos são classificados por Dalí de acordo com a sua natureza. Assim, o “fenómeno delirante inicial” que produziu um forte impacto sensorial no artista, não só é importante por desencadear os episódios seguintes, denominados de “delírios secundários”, mas também por situar a ação no tempo.

Em Junho de 1932 vem-me subitamente ao espírito, sem nenhuma recordação nem qualquer associação consciente que permitissem uma explicação imediata, a imagem do *Angelus* de Millet. Esta imagem constitui uma representação visual muito nítida e a cores. É quase instantânea e não dá lugar a outras imagens. Sinto um enorme abalo, uma grande perturbação porque, se bem que na minha visão da dita imagem tudo “corresponda” exactamente às reproduções que conheço do quadro, ela “aparece-me” no entanto completamente alterada e carregada de uma tal intensidade latente que o *Angelus* de Millet se torna de súbito para mim a obra pictórica mais perturbadora, mais enigmática, mais densa, mais rica em pensamentos inconscientes que jamais existiu. (Dalí, 1998, p. 45)

A incapacidade de justificar logicamente esta emoção, através de uma apreciação de ordem intelectual do quadro, permite ao artista deduzir que “a produtividade delirante não é de ordem visual mas muito simplesmente psíquica”, ou seja, “não é a imagem que muda de ponto de vista morfológico, porém é do ponto de vista do tema, do ponto de vista do drama” (Dalí, 1998, p. 55) que este deverá ser considerado.

A alteridade dramática é perceptível gradualmente, e de forma crescente, quando Dalí desvela o mito trágico contido no *Angelus* de Millet, através de um discurso associativo construído sob a égide dos “delírios secundários”. Primeiro conta um episódio em que está a brincar com seixos e pedras na praia, umas com formas suaves e arredondadas, outras crivadas de buracos pela ação da erosão, colocando-os em poses amorosas. Subitamente coloca duas pedras numa posição evocativa do par de camponeses do *Angelus*, com o homem representado por uma pedra esburacada com metade do tamanho da pedra “feminina”, esta com a superfície polida e inclinada na

direção da primeira: “o homem aparece assim em estado de ruína, em estado muito nítido de inferioridade face ao seixo arredondado e evocador da figura feminina” (Dalí, 1998, p. 71). Depois relata um choque fortuito, entre si próprio e um pescador de Port Lligat, num prado de ervas grossas e carnudas, que é acompanhado pela súbita lembrança do *Angelus*. A associação da vegetação que enquadrava este evento com as “noções infantis de flora ante-diluviana”, de plantas primitivas e antiquíssimas, suscita a lembrança dos animais e monstros pré-históricos que via em ilustrações de livros que o haviam impressionado na sua infância, e conduzem Dalí a encarar a colisão como um ato falhado, representativo da agressão sexual ancestral. Apesar de esta ser a cadeia associativa seguida por Dalí neste ponto, faz-se aqui um breve parêntesis para salientar um elemento referenciado, mas não destacado pelo autor, que o choque havia sido inevitável pois ambos os homens manifestavam “gestos idênticos e correspondentes como os de um só homem e da sua imagem no espelho” (Dalí, 1998, p. 72), algo que merecerá um comentário suplementar na discussão.

Seguidamente relata uma expedição sua ao Cabo Creus, em que imaginou esculpidas as personagens do *Angelus* nos rochedos mais altos que compunham a paisagem. O facto da rocha que representava o homem apresentar-se-lhe como “a que estava mais deformada pela acção mecânica do tempo”, da qual “quase nada restava senão o bloco vago e informe da silhueta, a qual se tornava assim particularmente angustiante” (Dalí, 1998, p. 73), condu-lo à corroboração do primeiro “delírio secundário”, onde a figura do homem estava igualmente diminuída face à mulher. Contudo, o autor salienta que à noção de diminuição do elemento masculino “vêm agora juntar-se as noções, mais completas, de extinção, apagamento e destruição” (Dalí, 1998, p. 74), adivinhando-se um sentimento de morte.

O discurso prossegue com outro “delírio” secundário, um devaneio fantasioso em que se imagina a sodomizar Gala à saída do Museu de História Natural em Madrid, depois de contemplarem aterrorizados o *Angelus* na sala dos insetos do museu. O autor faz uma identificação do par Gala-Dalí com o par de camponeses do *Angelus*, e o terror sentido aquando da visualização da tela no museu corresponde ao terror da morte, já suspeitado no episódio anterior, sendo este associado ao ato sexual. É igualmente feita referência à sala de insetos, a qual é associada às recordações pessoais dos louva-a-deus. Dalí (1998, p. 77) refere que, por um lado, “o destino do louva-a-deus macho sempre me tinha parecido ilustrar o meu próprio caso face ao amor”, por outro lado, a mulher do *Angelus* parece assumir uma atitude semelhante à do louva-a-deus fêmea (o que sugere a fantasia inconsciente da mãe/mulher primeva

fálica e “castradora” que incorpora e “enterra” o pénis do filho/homem, ditando a sua emasculação viril e criativa, epítome da colusão de morte e ato sexual “sodomita”).

Ao “devaneio” da sodomização de Gala segue-se a “fantasia experimental” de mergulhar metade da tela do *Angelus* num balde contendo leite morno, surgindo-lhe a dúvida de qual seria a personagem figurada a ser submersa. O labor interpretativo e associativo de Dalí leva-o a concluir que deverá ser o homem, justificando esta conclusão por uma recordação de infância que se reporta às grandes e coloridas ilustrações de um livro infantil: “uma delas, que me causava uma impressão a um tempo agradável e desagradável, representava jovens cangurus na bolsa da mãe; sendo branco o fundo da bolsa, os três canguruzinhos pareciam sobreviver tão bem que eu pensei sempre que estes estavam meio mergulhados em leite” (Dalí, 1998, p. 78). Esta imagem terá motivado o artista à edificação da teoria de que a mãe canguru transportava os filhos numa bolsa contendo leite, assim como a possibilidade de comunicação entre a bolsa e o interior da mãe canguru. Dalí (1998, p. 81) deduz que “a figura masculina do *Angelus* mergulhada no leite morno apresenta-se-me como uma imagem dum homem submerso, afogado, morto dentro do elemento maternal, dentro do calor materno”. Por outro lado, se no “delírio” anterior o par do *Angelus* era identificado com Gala e Dalí, a presente fantasia conduz o autor a concluir que “Gala ocupava na realidade o lugar da minha mãe” (Dalí, 1998, p. 81), ou seja, o casal de camponeses representariam na verdade mãe e filho. Então, associando este “delírio secundário” aos precedentes, nomeadamente ao sentimento de morte e à ruína/diminuição da personagem masculina, Dalí (1998, p. 81) refere: “a submersão da personagem do *Angelus*, quer dizer, da minha pessoa no leite maternal, não pode ser interpretada senão como expressão do medo de ser absorvido, aniquilado, comido pela mãe”.

Prosegue a narrativa com um episódio em que descobre, na montra de uma loja, um serviço de café completo, cujas chávenas e cafeteira estavam todas decoradas com a imagem colorida do *Angelus*. Dalí (1998) refere que a repetição do tema nas chávenas o perturba pelo caráter estereotipado (cada chávena tinha a imagem do *Angelus* repetida duas vezes, uma de cada lado), o que o induz à alucinação de uma galinha (cafeteira) rodeada pelos seus pintainhos (chávenas) e à interpretação delirante de que o ato de deitar café na chávena simboliza a “união desproporcionada e brutal entre a cafeteira e a chávena, quer dizer da mãe e do filho” (Dalí, 1998, p. 85). O autor refere que, num primeiro momento, dar-se-ia “um crescimento relativo das personalidades, determinado por um apelo a uma nova vida da chávena” (pela introdução do líquido que a começa a encher e modificar, a chávena parece sair a ganhar desta relação com

a cafeteira); num segundo momento, ocorreria uma despersonalização e aniquilação da chávena (a introdução do líquido acaba por tornar a chávena num simples recipiente da substância que irá ser ingerida, identificando-se com o seu conteúdo). A conclusão desta relação cafeteira/chávena é clara para o pintor catalão: “a mãe devora o filho” (Dalí, 1998, p. 87). Para fortalecer as suas asserções, Dalí (1998, p. 89) associa este evento aos restantes, e termina referindo que “se encontra corroborada a noção do filho submergido e aniquilado pelo elemento maternal”.

A sequência dos delírios secundários é finalizada com um episódio em que, durante apenas um segundo, confunde um bilhete-postal colorido do *Angelus* com um grande cromo representando um monte de cerejas, o que lhe causa um choque violento, acompanhado de angústia. O que aqui é colocado em jogo é o elemento de repetição e estereotipia: “um monte de cerejas não é senão uma grande repetição dum mesmo elemento, elemento que aqui é o par” (Dalí, 1998, p. 90), sendo este elemento associado ao “delírio” anterior: “um serviço de café, sobre cada chávena do qual estão figurados dois pares dos *Angelus*, associa-se por semelhança, até poder identificar-se, com um monte de cerejas, pressupondo igualmente o monte uma grande reunião de pares” (Dalí, 1998, p. 90). O monte de cerejas reitera o elemento repetitivo do fenómeno precedente e intensifica a estereotipia do filho: “o grande número de *Angelus*-filhos constituído pela multiplicidade dos dois pares de cada chávena identifica-se (...) com o conjunto dos pares de *Angelus*-filhos também representados pelas cerejas” (Dalí, 1998, p. 93). A identificação dos pares de *Angelus*-filhos (chávenas) com as cerejas poderá ser encarado como uma modificação para uma nova cena que visa acentuar e agravar a significação comestível, comumente atribuída às cerejas. Dalí salienta ainda que a associação entre este evento e o precedente afeta apenas as chávenas (o elemento filial). É este elemento filho que é devorado, comido e aniquilado pela mãe.

O terceiro capítulo é dedicado à exposição metódica e resumida do mito trágico contido no *Angelus*, a qual é realizada em três fases distintas. Na primeira fase argumental constitutiva do mito, Dalí aborda o ambiente geral do quadro, assinalando que a envolvência crepuscular da tela determina sentimentos atávicos. São clarificadas a identidade e posição das duas personagens do mito, incarnados no par do *Angelus*: 1) a mãe, que adota uma pose expectante similar à da louva-a-deus, antes da relação sexual; 2) o filho, subjugado e privado de vida, “hipnotizado pelo «exibicionismo espectral» da mãe que o aniquila” (Dalí, 1998, p. 100). Na segunda fase do argumento mitológico, “o filho pratica com a mãe o coito por trás, segurando com as

mãos, à altura dos rins, as pernas da mulher” (Dalí, 1998, p. 100). Esta pose revelaria um elevado grau de animalidade e atavismo e seria simbolizada pelo carrinho figurado no *Angelus* e também pela forquilha enfiada na terra lavrada. Chega-se então à terceira e última fase do mito, a sua conclusão: “como no amor da louva-a-deus, a fêmea devora o macho depois do acasalamento” (Dalí, 1998, p. 107). Para Dalí, a morte do filho às mãos da mãe, que coloca um final trágico ao mito do *Angelus*, é sustentado pelos fenómenos das chávenas e das cerejas já descritos anteriormente. O pintor catalão finaliza a prosa descritiva do mito trágico com as seguintes palavras (Dalí, 1998):

Reconheço assim, com extrema evidência, que a personagem masculina me surgia, desde o princípio da primeira cena de expectativa, sob um aspecto perturbador, angustiante, via-a “como morta de um modo latente”, “como morta antecipadamente”. Esta impressão não pode deixar de estar relacionada com a minha identificação com a dita personagem, a qual já foi suficientemente esclarecida. Para acabar, não gostaria de parecer subestimar demasiado a intuição lírica ou puramente sensível do leitor, voltando a referir minuciosamente os factores de “extinção”, de “sentimento fúnebre monumental”, de “imobilidade” activa da mulher, passiva e aniquilada no homem, e outras circunstâncias e factores de “ambiente argumental”, cuja prodigiosa resolução no quadro, por mais onírica que seja, não deixa de contribuir com menor força para fazer ressaltar, da imagem insípida e estereotipada do *Angelus* de Millet, a variante maternal do mito imenso e atroz de Saturno, de Abraão, do Pai Eterno com Jesus e mesmo de Guilherme Tell, devorando os seus próprios filhos. (p. 107)

Todavia, na descrição da terceira fase do mito, Dalí (1998) acrescenta um trecho algo enigmático, pontuado pela dúvida que, de certa forma, contrasta com a certeza que caracterizava a sua dissertação até este momento:

Há certas determinações, como a do elemento maternal que nos é fornecido pela associação dos sacos, da terra cultivada, do cesto, etc..., que não julgo suficientes, nas quais não quero insistir e que, no fim de contas, até não desejo que sejam tomadas em consideração. Renuncio também, neste momento, a precisar noções que, como a do sentimento de morte, embora as tenha como certas, são de ordem demasiado geral para a presente obra. (p. 107)

Na conclusão da obra, Dalí dá como estabelecida a utilidade do método paranoico-crítico. As suas ambições haviam sido atingidas, pois tratava-se mais de versar os processos de conhecimento do que os conteúdos. Com efeito, não é tecida qualquer alusão à dimensão pessoal que a história comporta (embora os elementos pessoais estejam parsemados um pouco por todo o texto), apesar de Salvador afirmar ter realizado um documento de “grande autenticidade”.

DISCUSSÃO E CONCLUSÕES

A partir da década de 1940, Dalí abordou por diversas vezes nos seus escritos autobiográficos (por exemplo, em *“The Secret Life of Salvador Dalí”* ou *“Como me tornei Dalí: As confissões inconfessáveis de Salvador Dalí apresentadas por André Parinaud”*), e com um grau de profundidade considerável, as terríveis consequências da sua vivência como criança “neo-nascida”. Contudo, se aceitarmos como exata a sua datação dos fenómenos delirantes e da redação de *“O mito trágico do Angelus de Millet”* na década de 1930, este teria sido o primeiro escrito em que abordou o tema da morte do filho, que tanto o perturbou ao longo da sua vida. Segundo Joana e Carlos Amaral Dias (2015, p. 15), esta obra constitui um registo de recordações, ficções e realidades, assente numa descoberta puramente especulativa, parecendo revelar-se como resposta mítica com valor de verdade, desenvolvida para tentar dar conta da sua tragédia particular: “O filho morto do casal de camponeses, que não aparece explicitamente no quadro, parece equivaler à imagem que Dalí fazia do irmão morto, sendo o próprio Dalí aquele que viria a substituí-lo”.

Nesta resposta mítica parecem poder destacar-se três elementos significativos: o momento na história de vida do artista em que ocorrem os “fenómenos delirantes” que sustentam o discurso associativo, pontuado pelo surgimento e permanência em seu redor de Gala, e pelo estabelecimento de uma identidade artística sólida, após flutuações por diversos estilos; as diferenças entre a narrativa mitológica, em que a mãe detém particular destaque, e as narrativas autobiográficas, em que ao pai é outorgada primazia na génese do conflito identitário; as limitações inerentes aos processos de autoanálise e os esforços de Dalí em direção à descoberta da sua verdadeira identidade.

Em primeiro lugar, o período em que emergem os “fenómenos delirantes” descritos no ponto anterior, e a composição do texto (distinta da sua publicação que apenas ocorre décadas mais tarde), é sincrónica com o estabelecimento e sedimentação da

sua relação com Gala. O impacto desta figura feminina é tão significativo que, para Joana e Carlos Amaral Dias (2015), se revela o elemento diferenciador relativamente a outros vultos das artes, nomeadamente Van Gogh e Antero de Quental, que, inscrevendo-se também eles como crianças neo-nascidas na sua trajetória artística e existencial, não gozaram de proteção idêntica, sucumbindo ao suicídio.

Retomando Bion, nas crianças de substituição a função de *rêverie* materna parece encontrar-se “sobressaturada pelas recordações, factos e sofrimento ligados à criança morta”, sendo que “o sujeito morto faz do sujeito vivo o lugar do duplo narcísico, já que ele é o lugar verdadeiramente investido e amado pela mãe” (Amaral Dias & Amaral Dias, 2015, p. 19). Esta realidade psíquica parece marcar presença no conteúdo latente da narrativa que compõe o mito trágico, sobretudo no episódio da submersão da tela do *Angelus* em leite morno, a qual remete Dalí para a recordação de jovens cangurus imersos no leite da mãe canguru, tomados, em sentido kleiniano, como “filhos-pénis” afogados num terrífico úbere materno. Coloca-se então a hipótese destas associações se reportarem à interação precoce entre filho e mãe, caracterizada por “farrapos” proto-oníricos de identificação projetiva negativa, em resultado de um “luto” materno patológico e, como tal, comprometedor de um continente (♀) para os conteúdos tóxicos (♂) da mente primitiva. Ora, a falência da internalização da função α materna desintoxicante inviabiliza, *in fine*, uma verdadeira atividade de pensamento diacrítico que a adoção intelectual do método paranoico-crítico, pseudo-elaborativo, parece revelar à exaustão.

Antes de Gala, Salvador Dalí aparenta estar bloqueado numa encruzilhada identitária, em que a única alternativa parecia ser a identificação primitiva com a vítima, mãe e irmão falecidos (Hartman, 2008). O aparecimento desta mulher parece abrir espaço a opções diferentes. Gala opera uma verdadeira renascença na vida do pintor, facultando-lhe um objeto de identificação alternativo.

Este objeto interno primitivo, figura onnipotente em *chiaroscuro* feminil e fantasmaticamente dotada de uma “aura” de falicidade mística, parece então proporcionar a Dalí a reversão à mítica do Salvador imortal e deífico, como “Filho Unigénito do Pai”, no sentido expresso no Evangelho segundo S. João para referenciar Jesus como o único Filho de Deus que com ele compartilha a natureza divina, distinguindo-se na sua singularidade de todos os crentes, filhos e filhas de Deus através da fé.

Por outro lado, a colusão narcísica Dalí-Gala, ao criar um Ser em uníssono, assegura a anulação da angústia mobilizada no seu frágil Ego pela diferença dos sexos, ao engendrar um Ente procriativo hermafrodita, entre o fantasma bissexual e a indi-

ferenciação sexual, ao mesmo tempo que opera a ilusão da libertação da ordem da Morte ou da “castração simbólica” que, no dizer de Lacan, permite a emergência do sujeito de palavra liberto da fusão especular onnipotente originária com o Outro materno.

Numa perspetiva complementar, os “fenómenos delirantes” descritos por Dalí em “*O mito trágico do Angelus de Millet*” parecem distinguir-se significativamente dos *acting-out* das crises históricas que precedem e pontuam o encontro com Gala, e que aparentam traduzir a evacuação de elementos β associados à sua experiência emocional de criança de substituição. Os “delírios” associados ao *Angelus* apenas surgem posteriormente, no contexto de uma relação estável, e podem ser conceptualizados como pensamentos oníricos, combinados em forma narrativa para descrever o mito privado de Dalí enquanto criança neo-nascida. A reintrojecção da função α , inicialmente desempenhada por Gala, ao permitir a (re)construção e (re)visitação do seu passado, autorizaria a construção de uma nova identidade separada da identidade do irmão morto, porém sempre frágil, porque coludida com a figura de Gala.

Tão importantes como os seus dons de amor, os seus dons de persuasão. O seu discurso é essencial à minha alma. Ela serena-me. Ela revela-me. Ela faz-me. Ela convence-me do meu talento para viver. O método paranóia-crítico desenvolve tudo. Ela obrigou-me a transformar a minha lucidez numa faculdade de auto-análise que passe pela joeira os meus pensamentos mais terríveis e os mais perturbados, para os transformar em luz e acto. Eu estaria morto sufocado sob a pressão da minha imaginação e dos meus receios. Tornei-me rico com toda a lama que transformei em ouro. Canaliciei a torrente das minhas impressões com as quais domestiquei o meu real. (Dalí, 1973/1975, p. 126)

O segundo elemento a analisar relaciona-se com as diferenças entre o relato da relação mãe-filho, constante no mito, e as referências explícitas de Dalí à mãe e à sua condição de criança de substituição nos documentos autobiográficos. Segundo a literatura, ambos os progenitores das crianças de substituição têm um papel relevante na dinâmica familiar, mas o papel da mãe é destacado (Anisfeld & Richards, 2000; Cain & Cain, 1964; Hartman, 2008), algo que é consonante com a narrativa mitológica divisada pelo artista catalão, na qual mãe e filho interagem sob o signo da morte. Todavia, nos seus escritos, Dalí parece conferir um papel mais preponderante ao pai, ao qual são atribuídas a maior parte das comparações com o irmão morto e o relembrar de que ele não

passaria de um substituto para outro que havia morrido (Dalí, 1973/1975; Hartman, 2008). Talvez Secret (1987) tenha colocado esta questão, aparentemente paradoxal, em termos que conjugam aparência manifesta e interioridade latente:

Dalí's mother was the quintessence of all-giving, all-loving maternity. But that seemingly fortunate son, endowed with every possible advantage, his every whim indulged, was by nature hypersensitive to emotional nuance. It is evident that, at an early age, he became aware that he was not being loved for himself. When he looked into his mother's eyes what he saw was not his own reflection, but a ghost.
(p. 25)

Neste sentido, a obra “O mito trágico do *Angelus de Millet*” poderá traduzir um conhecimento acerca de si próprio, que o próprio desconheceria, desvelando as suas conjunções constantes. Segundo Bion, os mitos têm constituído uma fonte de conhecimento para diversas disciplinas, entre as quais se destaca a psicanálise, onde o mito edipiano facultou esclarecimentos acerca do desenvolvimento sexual do ser humano, facilitando igualmente a formulação da teoria psicanalítica. Bion propõe uma estreita associação entre mito e vínculo K, ou seja, com a problemática do conhecimento humano em busca da verdade última em O (Grinberg, Sor, & Bianchedi, 1972). Ora, o mito daliniano apresenta à partida um elemento que o distingue do Édipo freudiano: a ausência de triangulação. A tónica é colocada, por Dalí, na relação dual entre os camponeses, as duas personagens da cena pictórica: a mãe agressiva, homicida e animalesca; e o filho passivo, submisso, morto e aniquilado. Para além disso, a descrição que é entabulada acerca do coito do filho com a mãe remete não tanto para o desejo edipiano descrito por Freud, mas para fantasias primitivas descritas por Klein (1960), do filho penetrar o corpo da mãe em estádios precoces do Édipo. A tragédia parece, pois, reportar-se às fases mais prematuras do desenvolvimento, à alvorada da sua vida. A escolha da palavra “crepúsculo”, para descrever o ambiente do quadro, faculta um suporte adicional a esta hipótese. Com efeito, esta palavra tanto se pode referir à claridade ténue que precede o raiar do dia, evocando o nascimento, como à idêntica claridade que antecede o anoitecer, relembrando a morte, dois elementos intimamente conectados no caso daliniano. A tragédia seria a de um jovem infante que, ao penetrar no corpo da sua adorada mãe, em busca de si próprio, no amanhecer da sua existência, encontra a “morte”, as imagens repetidas e estereotipadas de um Outro, idealizado como igual a si próprio (como montes de cerejas aos pares).

Chega-se, assim, ao terceiro e último elemento. Ao aproximar-se do fecho da sua narrativa, Dalí parece trilhar firmemente o caminho em direção ao autoconhecimento, mas eis que esbarra em dificuldades que podem ser imputadas ao fenómeno egóico da resistência psíquica. No último capítulo, Dalí refere, para perplexidade do leitor, que não deseja aprofundar o elemento maternal nem o sentimento de morte evocados pelo quadro. Por outro lado, o seu discurso assume subitamente uma impessoalidade que contrasta com a intimidade dos capítulos precedentes, e não são tecidos quaisquer pontos de contacto entre as suas vivências pessoais e a interpretação que faz da cena pictórica do *Angelus*. A impressão veiculada é a de um relato de sonho que é abruptamente desvinculado do seu sonhador. Retomando uma vez mais Bion, a verdade última (O) é, por definição, inatingível, incognoscível. Neste caso, apesar da aproximação, em todos os sentidos notável, à realidade das crianças de substituição, aniquiladas pelas imagens do irmão morto que povoam o interior materno, Dalí não a identifica na totalidade a si próprio. As autobiografias do pintor parecem indiciar uma resistência em perscrutar um outro lado da sua mãe, um lado fálico ou “animalesco”, por contraposição ao lado idealizado, benévolo, desprovido de ambivalência, que frequentemente emerge. Neste aspeto, a autoanálise de Dalí aparenta ter alguns pontos de contacto com a de Freud.

Para Dalí, assim como para Freud, parecia ser difícil conceber a mãe como destruidora, como má e mortífera (Anzieu, 1959/1988). Desta perspectiva o pintor aproximou-se sobejamente com a descrição do mito trágico que ele acreditava estar contido no *Angelus*, de uma mãe “louva-a-deus” a trucidar sem piedade o seu filho. Mas, no último momento, parece recuar perante os ventos dinâmicos que sopravam sobre a sua mente e a colocavam em movimento. Ao longo da sua vida irá escrever muito sobre a experiência de criança de substituição, mas a mãe, essa permanecerá um anjo. Saliente-se ainda, na temática da resistência, o episódio do choque com o camponês, em que, no discurso associativo, Dalí descarta a sua primeira impressão de que parecia um homem a olhar para o espelho, preferindo ver apenas um ato falhado que representaria o ato sexual ancestral. De facto, este episódio parece remeter ao choque identitário com a imagem do irmão morto, que era inevitável no contexto familiar dos Dalí, e que fazia igualmente evocar a imagem do *Angelus*, mas isso fica por explorar no seu texto. O mito havia sido formulado, desvendado, mas permanecia por decifrar.

Finalmente, este é um texto que, pela sua plasticidade, se presta a múltiplas leituras e a uma interpretação polissémica quando conjugado com os elementos biográficos do pintor. Com efeito, terminado este ensaio, uma outra hipótese se avoluma no

horizonte para o estudo da mitografia daliniana. Como atrás foi referido, os dados recolhidos parecem indiciar o relevo do mito cristão do Messias ressuscitado, Salvador da Humanidade, na condição de “Filho Unigénito do Pai”, como solução romanceada para a problemática central da sua existência enquanto criança de substituição. De acordo com esta alegoria mística, Dalí, *in nomine* Salvador, incarnaria a divindade para renascer e subtrair-se à Lei da Morte. Esta operação, completada pela união congénita com Gala, confirmaria a inscrição de Dalí num pressuposto de base messiânico (Bion, 1961), em que a diferença de sexos e de gerações é negada, sustentando um fantasma de imortalidade simbólica. Nesta linha conjectural, a pintura adquiriria novos significados, traduzindo a negação da cena primitiva (as duas figuras estáticas, que não se tocam) através da referência à concepção liberta de pecado (como descrita na prece do *Angelus*), e o episódio do choque, acima mencionado como representação do ato sexual ancestral, ganharia uma nova dimensão, exigindo uma releitura da obra a realizar, quem sabe, noutros voos indagativos.

REFERÊNCIAS

- Ades, T. (1982). *Dalí*. London: Thames and Hudson.
- Amaral Dias, C. (1997). *Tabela para uma nebulosa*. Lisboa: Fim de Século.
- Amaral Dias, J., & Amaral Dias, C. (2015). *Antero, ou o Nome Próprio. Interações: Sociedade e as Novas Modernidades*, 28, 5-21.
- Anisfeld, L. & Richards, A. D. (2000). The replacement child: Variations on a theme in history and psychoanalysis. *Psychoanalytic Study of the Child*, 55, 301–318. <https://doi.org/10.1080/00797308.2000.11822527>
- Anzieu, D. (1988). *A auto-análise de Freud e a descoberta da psicanálise* (T. Pérez, Trad.). Lisboa: Edições 70. (Obra original publicada em 1959).
- Bion, W.R. (1961). *Experiences in Groups and Other Papers*. London: Tavistock.
- Bion, (1991). *Elementos em Psicanálise* (P. Correia, Trad.). Rio Janeiro: Imago Editores. (Obra original publicada em 1963).
- Cain, A. C. & Cain, B. S. (1964). On replacing a child. *Journal of the American Academy of Child Psychiatry*, 3 (3), 443-456. [https://doi.org/10.1016/S0002-7138\(09\)60158-8](https://doi.org/10.1016/S0002-7138(09)60158-8)

O Mito Trágico de Salvador Dalí

- Cirlot, L. (2003). Dalí y el «Ángelus» de Millet. *Pandora: Revue d'études hispaniques*, 3, 177-184.
- Coimbra de Matos, A. (2007). *Vária: Existo porque fui amado*. Lisboa: Climepsi.
- Dalí, S. (1975). *Como me tornei Dalí: As confissões inconfessáveis de Salvador Dalí apresentadas por André Parinaud* (F. Sousa, Trad.). Lisboa: Editorial Futura. (Obra original editada em 1973).
- Dalí, S. (1978). *Le mythe tragique de l'Ángelus de Millet: Interprétation «paranoíaque-critique»*. Paris: Société Nouvelle des Éditions Jean-Jacques Pauvert.
- Dalí, S. (1986). *The secret life of Salvador Dalí* (H. Chevalier, Trad.). Figueres: DASA Ediciones, S.A. (Obra original editada em 1942).
- Dalí, S. (2008). *Diário de un genio* (7ª edição). Barcelona: Fabula Tusquets. (Obra original editada em 1964).
- Dalí, S. (1998). *O mito trágico do Ángelus de Millet*. Lisboa: & Etc. (Obra original editada em 1963).
- Descharnes, R., & Néret, G. (1993). *Dalí. A Obra Pintada*. Lisboa: Taschen Editores.
- Eliade, M. (1989). *Mitos, sonhos e mistérios*. Lisboa: Edições 70. (Obra original editada em 1957).
- Etherington-Smith, M. (1992). *Dalí*. London: Sinclair-Stevenson.
- Fleming, M. (2003). *Dor sem nome. Pensar o sofrimento* (2ª edição). Lisboa: Edições Afrontamento.
- Freud, S. (1996). Novas conferências introdutórias sobre psicanálise. In J. Salomão (Dir.), *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud* (Volume XXII). Rio de Janeiro: Imago Editora. (Obra original publicada em 1933).
- Freud, S. (2003). *Psicopatologia da vida quotidiana* (J. Martinho, Trad.). Lisboa: Relógio D'Água Editores. (Obra original publicada em 1901).
- Freud, S. (2009). *A Interpretação dos Sonhos* (M. Resende, Trad.). Lisboa: Relógio D'Água Editores. (Obra original publicada em 1900).

- Grinberg, L., Sor, D., & Bianchedi, E. T. (1972). *Introducción a las ideas de Bion*. Buenos Aires: Ediciones NuevaVisión.
- Hartman, J. (2008). Dalí's Homage to Rothko: a defense against fusion with the victim. *The Psychoanalytic Quarterly*, 77 (2), 531-567. <https://doi.org/10.1002/j.2167-4086.2008.tb00350.x>
- Klein, M. (1960). *The psychoanalysis of children* (A. Strachey, Trad.). New York: Grove Press, Inc.
- Lacan, J. (1980). *De la psychose paranoïaque dans ses rapports avec la personnalité*. Paris: Éditions du Seuil. (Obra original editada em 1932).
- Lacan, J. (1987). *O mito individual do neurótico*. Lisboa: Assírio & Alvim.
- Martínez-Herrera, J., Alcántara, A., & Garcia-Fernández, L. (2003). Dalí (1904–1989): Psychoanalysis and Pictorial Surrealism. *The American Journal of Psychiatry*, 160, 855-856. <https://doi.org/10.1176/appi.ajp.160.5.855>
- McNeese, T. (2006). *Salvador Dalí*. New York: Chelsea House.
- Néret, G. (2003). *Salvador Dalí* (L. Filipe, Trad.). Köln: Taschen. (Obra original publicada em 1990).
- Rank, O. (1959). *The myth of the birth of the hero and other writings*. New York: Vintage Books.
- Raphael-Leff, J. (2010). Maternal ambivalence and desire – comparing the myths of Oedipus and Ajase. In O. Fukumoto & K. Matsuki (Eds.), *Japanese Contributions to Psychoanalysis, Volume 3*. Tokyo: Iwasaki Academic Publisher.
- Roudinesco, E., & Plon, M. (1998). *Dicionário de Psicanálise*. Rio Janeiro: Zahar.
- Rudín, A. (2004). Salvador Dalí desde el psicoanálisis. *Arte, Individuo y Sociedad*, 16, 19-47.
- Secret, M. (1987). *Salvador Dalí: A biography*. New York: E. P. Dutton.
- Shanes, E. (1994). *Dalí*. Lisboa: Estampa.
- Winnicott, D. (1975). *O Brincar e a Realidade*. Rio de Janeiro: Imago Editora. (Obra original editada em 1971).

The Importance of Music for Alzheimer's Disease Sufferers

Joana Maia

University College London - joana.homem.18@ucl.ac.uk

Abstract

The issue of how music may impact Alzheimer's patients, namely by helping regulate emotional instability and being a potential alternative to the usage of verbal language (which is, in most cases, affected in the context of Alzheimer's), has been examined by some researchers, especially within the fields of Psychology, Musicology and Neuroscience. The topic of music as an attenuator of Alzheimer's disease symptoms is yet to be explored to its full extent. This article will focus on the case of a Portuguese 90-year-old Alzheimer's sufferer, Helena. Potential similarities between Alzheimer's disease and autism, such as the patients' usage of music as

a form of communication and self-expression, will be hypothesised, by comparing Helena's case with the one of Romy – a child with autism –, and by alluding to Adam Ockelford's literature in this regard. Helena's reactions to and interactions with music will allow us to understand how music may function as a mood regulator, a way of expressing emotions, and a memory enhancer. In some cases, music is a powerful tool for Alzheimer's patients' families and caregivers, as it helps improve the quality of the interactions they establish with the patients and optimise their insertion and integration in daily life, which Helena's case comes to prove.

Keywords: Music, Alzheimer's, elderly, memory, inclusion, integration.

A Importância da Música no Contexto da Doença de Alzheimer

Sumário

O impacto da música em doentes de Alzheimer, tanto pelo seu funcionamento como elemento regulador da sua instabilidade emocional, como por constituir uma potencial alternativa ao uso da linguagem verbal (na maioria dos casos, afetada no contexto da doença de Alzheimer) tem sido analisado por vários investigadores, maioritariamente nos campos da Psicologia, Musicologia e Neurociência. A hipótese de a música ser um

potencial atenuador da sintomatologia geral caracterizadora do Alzheimer carece, ainda, de investigação científica substancial. Este artigo centrar-se-á no caso de uma doente de Alzheimer de 90 anos: Helena. Hipóteses relativamente a potenciais semelhanças entre a doença de Alzheimer e o autismo, como, por exemplo, o uso da música, por parte dos doentes, como forma de comunicação e de autoexpressão, serão formuladas através da

comparação do caso de Helena com o de Romy – uma criança autista – e da alusão a literatura de Adam Ockelford relevante para este campo temático. As reações e interações de Helena com a música permitir-nos-ão compreender de que modo a música pode funcionar como um regulador de estado(s) de espírito, como uma forma de expressão emocional e como

um elemento estimulador da memória. Em alguns casos, a música é uma ferramenta valiosa para as famílias e cuidadores de doentes de Alzheimer, pelo facto de ajudar a melhorar a qualidade das suas interações e de otimizar a inserção e integração dos doentes em várias atividades da vida quotidiana, tal como o caso de Helena pretende comprovar.

Palavras-Chave: Música, Alzheimer, idosos, memória, inclusão, integração.

INTRODUCTION

This article is aimed to analyse and discuss the importance of music for Alzheimer's disease sufferers. The whole discussion will be based on empirical data whose collection has been possible due to the kinship relationship between the holder of this piece of research and the protagonist of the case study to be presented. The set of episodes which will be narrated and described throughout this article will, thus, be the result of direct observation, which will always seek to be balanced with and supported by academic literature, specialised on both the field of music and the field of Alzheimer's. This case study will be focused on Helena, a Portuguese 90-year-old who suffers from Alzheimer's and who has always demonstrated to have a very strong connection with music. The narration of Helena's behaviours is intended to analyse and illustrate the important role that music can play in some Alzheimer's sufferers' lives. After providing some contextual information about Helena, a brief comparison between Alzheimer's disease and autism will be established and the importance of music as a means of communication will be clarified. There are studies which hypothesise that similarities between Alzheimer's disease and autism can be established, one of them being Sokol, Maloney, Bay and Lahiri's (2011) piece of research. The choice of the above-mentioned comparison is, thus, due to the fact that there is a certain degree of convergence between the two diseases, both in terms of symptoms and behaviour, as Sokol et al., (2011) study suggests. Resemblances between the relationship that Alzheimer's disease patients and the one that autism patients may establish with music will become increasingly evident throughout this article, mainly through

to Ockelford's (2017) narration of the music lessons he provided to Romy – a child suffering from autism. Such narration will, thereafter, be compared with some behavioural aspects of Helena's case. Afterwards, the topic of music as both a mood regulator and a mode of emotional expression will be explored. Finally, the theme of music as a memory enhancer will be examined. In this context, the case of Ted McDermott, an Alzheimer's disease patient who, even though exhibits some evident features of the disease, is able to recall the lyrics and to accurately sing of several songs which integrated his youth and adulthood. Ted became rather popular in England due to his singing videos, filmed and posted online by his son, and because of the book his son wrote about him – *The Songamminute Man* (McDermott, 2018). Ted's relationship with and behaviour towards music will be compared with Helena's, and some similarities between the two cases will be established.

1. HELENA: INTRODUCTORY / CONTEXTUAL INFORMATION

Helena is a 90-year-old widow who has been suffering from Alzheimer's for almost eight years. Currently, she still lives at her own house and all her needs, namely in terms of personal care, food preparation, general healthcare, mobility assistance and home organisation (c.f. *Aging in Place*, 2019) are fully attended and assured by a team of four caregivers, who accompany Helena on a permanent basis. Helena was born in Torres Novas (Portugal) and her family was rather conservative. An early manifestation of Helena's interest in music was the fact that, in the context of her youth, she sang in her local church's choir for many years. Helena's dream, however, was to acquire some professional knowledge of music, so as to become a performer subsequently. Nevertheless, and due to the conservativeness that characterised Helena's family, she was never allowed to pursue her aspirations of becoming a singer, as will be described in further detail throughout this article. Even so, Helena continued to sing informally, and music has always been a pivotal part of her daily life. The difficulties Helena experiences with regards to verbal communication are currently evident when observing her. Even though she manages to recognise her relatives, Helena does not have the capacity to recall their names, ages, or degree of kinship. However, she can often sing and follow the melodic line of entire pieces of music, most of them being, somehow, connected to her past, as the following sections are intended to demonstrate.

2. MUSIC AS A WAY OF COMMUNICATING: POTENTIAL SIMILARITIES BETWEEN ALZHEIMER'S DISEASE AND AUTISM

Adam Ockelford recognises that there are core differences between language and music as means of communication. However, the author also suggests that both are 'uniquely human forms of communication, which appear to have featured in all societies from time immemorial' (2013, p. 28). When Ockelford describes autistic children with regards to verbal language, he states that one of their main difficulties is to deal with 'the [...] intricacies of verbal language' (idem, p. 29). This is a clear similarity shared by autism and Alzheimer's. For example, Melissa Brotons and Susan Koger suggest that '[d]ementias, such as Alzheimer's disease, include a progressive deterioration of language functioning' (2000, p. 183). Ockelford (2017) described musical sessions he led with autistic children. One of those is Romy, who seems to have several behavioural similarities with 90-year-old Helena. When describing his interactions with Romy, Ockelford emphasises the fact that she manages to communicate what she feels and thinks, create humorous scenarios and express sadness through the music that she plays. In conclusion, for Romy, music represents a powerful means of communication or, in other words, a language (Ockelford, 2017). Similarly, Helena's usage of music as a form of self-expression is evident. For instance, when the theme of a given conversation does not please her, she starts whistling or singing, as an attempt to change the subject. Moreover, there are moments (even though they tend to become rarer throughout time) in which Helena is singing whilst staring and smiling at the people around them, almost as if she was establishing a conversation and expressing herself through music. Behaviours of this nature are, to some extent, summarised and clarified in Brotons's and Koger's study: '[...] with regard to DAT¹, there are reports of patients continuing to sing old songs despite aphasia and memory loss (Braben, 1992), and of preserved ability to perform musically' (2000, p. 192). Brotons's and Koger's piece of research seems particularly interesting when depicting the topic of music and communication in Alzheimer's patients. The authors, who argue that music can be a 'noninvasive mechanism to enhance communication' (Brotons & Koger, 2000, p. 184), conducted a study in which elderly participants experienced three months (at least) of music therapy prior to the investigation. This was combined with four conversational sessions and four music sessions. The following

1 Dementia of the Alzheimer's Type.

The Importance of Music for Alzheimer's Disease Sufferers

graph compares participants' performance, in terms of content and fluency, during conversational and musical sessions:

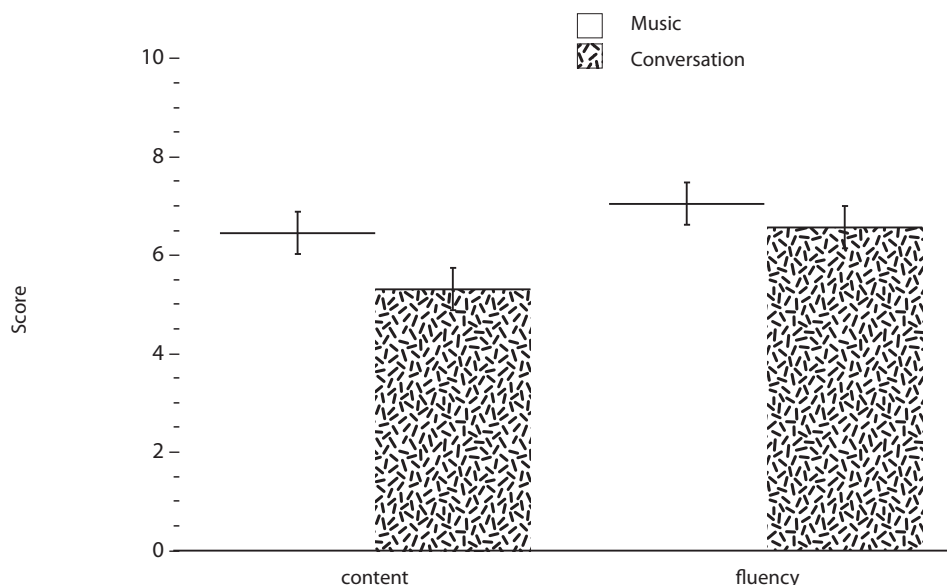


Figure 1. 'Overall performance on content and fluency in music versus conversation conditions' (Brotons & Koger, 2000, p. 189)

The graph presented above shows that participants' performance in music on both the domains analysed (content and fluency) was better in music than in conversational sessions. The authors suggest that 'music therapy interventions may positively influence [...] speech [...] in people affected by DAT' (p. 192), and the cases of Romy (in a specialised way) and Helena (who experiences an informal family-led approach) seem to be in accordance with Brotons's and Koger's suggestions.

3. MUSIC AS A MOOD REGULATOR AND AS AN EXPRESSION OF EMOTIONS

3.1. Mood regulation through music

As a person with Alzheimer's, Helena has been demonstrating, throughout the

years, increasing signs of the ‘irritability, apathy [and] lethargy’ mentioned by Waran and Welch (2019, p. 43) when describing some of the most common symptoms experienced by people suffering from dementia. Also, as stated by Alzheimer’s Society (2018), sufferers from this illness ‘will often have changes in their mood’ and ‘may become anxious, irritable or depressed’. These mood changes can sometimes happen suddenly and unexpectedly. Helena’s family classified the days when they would find her more irritable and emotionally unstable as bad mood days. Helena’s daughter has recently found a mechanism which tends to relax Helena and to distract her from negativity: she starts playing Doris Day’s *Que Sera Sera*, or Carlos Mendes’s *Amélia dos Olhos Doces* (which is part of the repertoire of Portuguese folk music from the 70s) on YouTube. Helena’s typical reaction to this is instinctively starting to sing along and, by doing that, her mood automatically improves, as the song seems to distract her from anxiety and irritability. It is important to clarify that the above-mentioned songs were some of the ones that Helena used to sing more frequently in past times. Another episode that illustrates how music can function as an anxiety and instability regulator is related to the passing of Helena’s husband, in December 2018. Due to Helena’s age and physical and emotional fragility, her family decided not to inform her about the situation. At this stage, Helena’s unconsciousness about her husband’s absences (which were constant, as, prior to his death, he had to leave their house three times a week, at least, to do hemodialysis, and also because, in the last four years, he had been hospitalised several times) was increasing. Even though Helena was being maintained stable by not being made aware of her husband’s passing, two weeks after this happened, she experienced a rather unstable day, in which she said to her caregiver that the house she was in was not hers (maybe because the usual noises that her husband’s treatments at home involved were no longer occurring) and that she wanted to go to her house with her husband. She also asked the caregiver why, lately, her husband was always sleeping. This situation worried Helena’s family and, on the day after she showed these signs of anxiety, her daughter went to her house and found her calmer. While having lunch together, Helena’s daughter played *Que Sera Sera* once again, on YouTube, but she was not quite sure whether Helena would sing along as she used to. Nevertheless, she did sing along and her mood (characterised by some apathy) significantly improved. In the future, music may, therefore, be one of the main mechanisms which could help Helena deal with her husband’s absence. Scenarios such as the ones described above confirm Brotons’s and Koger’s suggestions regarding the positive emotional effects and the ‘palliative role’ (2000, p.

192) of music in people suffering from Alzheimer's, as 'music taps into more "primitive" anatomical structures such as those involved in emotional experience' (ibid.).

3.2. Music / Sound as a form of emotional expression

Since her illness started developing, and apart from being a mood regulator, music (and sound in general) has been acquiring other vital functions for Helena, in what concerns as emotional expression. This is particularly visible when she is experiencing higher degrees of anxiety. To illustrate behaviours of this nature, an episode which happened in September 2017 will be described. Helena's husband suffered from chronic kidney disease and needed to be hospitalised for about a month. It is important to note that, by 2017, Helena still had the capacity to entirely notice her husband's absence from their house. With regards to Alzheimer's, Joanne Coste states that 'the emotion behind failing words is far more important than the words themselves and needs to be validated.' (2003, p. 7). The author, then, adds: '[a]lthough many losses occur with this disease, [...] the patient can still register feelings that matter.' (ibid.). In fact, people with Alzheimer's become progressively unable to express themselves through sentences (or even single words). In the case of Helena, her speech, which by 2017 was not as affected as it is nowadays, severely declined due to the extreme levels of anxiety that the absence of her husband had caused. Helena's family, as well as her caregivers, made several attempts in order to lead her to express her feelings. However, Helena's anxiety escalated to a level in which she would only communicate by uninterruptedly repeating the sounds *ba ba ba* (which almost resembled the sounds produced by babies). The repetitive-ness of these sounds was frequently accompanied by repetitive hand gestures. The *ba ba ba* sounds were the clearest expression of Helena's emotional instability and were the most accurate means she found to exteriorise her emotional state. One could argue that Helena's speech had simply worsened as a natural consequence of her illness. Nevertheless, when her husband was discharged from hospital and returned home, her speech progressively started to improve. Therefore, for Helena, sound represented a way of coping and exteriorising her emotions while her husband was hospitalised. The idea that music can be a way of dealing with anxiety (cf. El Haj, Fasotti, & Allain, 2012) and other potentially negative symptoms connected to Alzheimer's, and a form of emotional expression, is supported by the Alzheimer Society of Canada (2019): 'when words fail, music provides a way for the person with dementia to (...) engage with memories and emotions'. The Alzheimer society

of Canada also suggests that music can have a ‘profound effect (...) on quality of life for everyone affected by dementia.’

4. CAN PAST LIFE CONTEXTS INFLUENCE ALZHEIMER’S PATIENTS’ REACTION TO MUSIC? MUSIC AND MEMORY – A COMPARISON BETWEEN THE SONGAMINUTE MAN AND HELENA

4.1. Biographical / professional contexts and the desire to restore the past

The first comparative factor between Ted McDermott and Helena that deserves to be highlighted is the connection they have had to music throughout their lives. Simon McDermott (2018) describes his father as someone whose life purposes were never driven by a desire for wealth or material goods. Instead, the idea of happiness Ted cherished the most was connected to pleasing his loved ones through entertainment. Ted always had a strong relationship with his family and looking after them and providing for them was, for him, a mission and gave him a sense of purpose (McDermott, 2018). As a teenager, Ted began to work in a factory, but soon engaged in the music realm and became a singer in pubs and clubs, locally and abroad, where he mostly sang classics from the 1960s and 1970s (Haworth & Kitching, 2016). The description McDermott makes of his father can entirely be resembled to Helena’s case. Her enjoyment for entertaining others can be observed, for instance, through photographs taken during her youth, in which she would often be dressed in theatre costumes. Helena has always been described by her sons and daughters as an extremely creative person, who would create rhymes and poems of her own in a matter of a few minutes, and who would perform the most hilarious and accurate imitations of people from her daily life. Since Helena was young, her dream had always been to be a singer and an actress. However, her family was extremely conservative and entirely based on patriarchal ideals. Helena was the second eldest child out of seven children, and her father never thought that a career as a performer would suit her, as he considered that staying home to look after her younger siblings was her true obligation. Being part of a family which embraced such conservative values, the only musical activity Helena was allowed to do was singing in the local church choir. Nevertheless, and even though Helena did not have the opportunity to become a professional singer, she continued singing informally throughout her life. McDermott (2018) accurately describes a trait shared by many Alzheimer’s patients – their ‘obsession’ over

The Importance of Music for Alzheimer's Disease Sufferers

the past – and illustrates it by narrating an episode in which his father refused to let go of objects which were part of his household in the past, but stopped working throughout time. McDermott states that, when he became aware of this scenario (there was an immensity of objects of this nature, stored in the family's back garden), he tried to convince his father to let go of, at least, some of those items. However, Ted's response was characterised by a high level of hostility and verbal aggressiveness. Helena's 'obsessions' over past times are also connected to physical objects. For instance, she often asks her daughter or caregiver to see her jewellery and is frequently afraid someone may steal it from her. Nevertheless, the 'obsessions' Helena evidences the most are the ones related to daily-life activities, especially household chores. Helena was a housewife throughout her whole life, and obviously became highly familiar with practices such as dusting, doing laundry, among many others. Nowadays, even though Helena is unable to perform any of those activities, she mimics some gestures connected to them. When, for example, she finds an unfolded towel on the kitchen table, she instinctively grabs it and starts folding it. When her family praises her for this sort of practice, Helena seems to show some contentment and to feel proud of herself, probably because, to an extent, she feels that a part of her life as it was in past times is momentarily being restored. McDermott's description of Ted's behaviour in the episode mentioned above may not seem comparable to Helena's, as, on one hand, Ted's reaction happened momentarily – McDermott states that, half an hour after the argument with his father occurred, Ted had forgotten what had happened and offered to help his son freeing the garden from the old objects – and, on the other hand, Helena's behaviours seem to have become a daily pattern already. However, both Ted and Helena seem to reveal a major need to have references from their past, as they seem to provide them with a sense of safety, comfort and stability.

4.2. Music and memory: music as a reference to the past

The previous section of this research aimed, on one hand, to describe Ted's and Helena's close relationship with music and, on the other hand, to illustrate the urges they often demonstrate to recover their past routines. This section intends to analyse some of Ted's and Helena's reactions to and interactions with music, and to connect them with the previous section of this article, by suggesting that Alzheimer's patients' biographical backgrounds can influence their behaviour with regards to music. That does not necessarily mean that the Alzheimer's disease sufferers whose past was deeply connected to music are the only ones presenting behavioural changes when

contacting with music. The documentary *Alive Inside* (Rossato-Bennett & McDougald, 2014) shows how music can be a powerful (sometimes, even decisive) tool for people suffering from Alzheimer's and other types of dementia. That is most likely due to the fact that even if one does not build a clear, deep relationship with music throughout one's life, one is permanently surrounded by music (or, at least, sound), which is why Rentfrow (2012) argues that 'music is ubiquitous' (p. 402). The fact that music is an inevitable part of people's lives may explain why it tends to work as a memory trigger for Alzheimer's sufferers. Moreover, music often works as a brain stimulator (Jäncke, 2008; Baird & Samson, 2009; Rossato-Bennett & McDougald, 2014), which is, *per se*, a reason that may explain some dementia sufferers' positive reactions to music. This section, however, is mainly intended to show how Ted and Helena's current behaviours with regards to music are particularly connected to their biographical background.

In Ted's case, and according to his son, the more Ted's disease progressed, the more aggressive he would become. Ted's son soon realised that one of the best ways to deal with his father's increasing aggressiveness and memory loss was taking him to his car and playing some music for them to sing along. Simon McDermott started filming his father's 'car performances' and posted them on YouTube. The most famous video that features Ted and Simon in the car is the one in which they are singing Engelbert Humperdinck's *Quando Quando Quando*, a song from 1962. This information (the one concerning the year when the song was recorded) is, to some extent, important for this discussion, because, as mentioned in the last section, during Ted's youth and adulthood, he sang professionally in pubs and clubs, and the main songs that his repertoire included were classics from the 1960s and 1970s. The YouTube video was uploaded in 2016. Ted was 79 then, and, as described in *The Songamminute Man* (2018), he had reached a stage in which he often could not recognise his closest relatives. Nevertheless, when singing Humperdinck's song, Ted could recall every word from its lyrics and its entire melodic line. He sang the song, alongside his son, from its beginning to its ending. Simon's initiative to lead his father through this sort of 'carpool karaokes', which clearly included songs Ted may have performed in the past, might be an unconscious application of the concept of 'music-evoked autobiographical memories' (El Haj et al., 2012, p. 238). The fact that Ted's Alzheimer's symptoms, especially in terms of behaviour and memory, improve significantly when he is singing songs he knows by heart suggests that one of the first hypothesis formulated in El Haj et al.'s article is probably accurate: 'music-enhanced autobiographical recall was suggested to be related to [...]

The Importance of Music for Alzheimer's Disease Sufferers

arousal improvement (Foster & Valentine, 2001), anxiety reduction (Irish et al., 2006), and emotional enhancement' (El Haj et al., 2012, p. 239). A more recent study which hypothesises that some Alzheimer's disease patients' past memories can be triggered by music, namely in music therapy sessions, was conducted by Mathews (2015), who refers to Henry (a patient suffering from dementia), to illustrate and validate his hypothesis. As the author describes, after playing a song familiar to Henry,

'his recognition of the music associates with the recognition of himself as he was when he first heard it (...). There are significant gaps in Henry's autobiographical memory system, but what matters is that he can connect to a past that is his own, and so he gets back part of the narrative selfhood that is central to his self-understanding.' (p. 578)

To an extent, even though there are inevitable differences between Henry (who is followed by a music therapy specialist) and Helena and Ted (whose contact with music seems to happen in more informal settings), there also is a fundamental similarity amongst these three dementia sufferers, which is the power that music has to evoke past, autobiographical memories. Helena's case presents some similarities with Ted's, even though the manifestations of her disease's symptoms are less connected with aggressiveness and more related to memory loss and communication difficulty. When Helena's daughter or grandchildren play songs she knows on YouTube, they become her immediate focus of attention. Even though Helena cannot recall any song's exact lyrics, she still recognises some songs' entire melodic lines instinctively, and often starts singing along once a song is being played. Helena's family frequently plays music to her that was part of her adulthood (Portuguese artists such as Carlos Mendes, Paulo de Carvalho, Simone de Oliveira, and foreign artists such as Doris Day) and that seems to be the most effective way of communicating with her and to exercise her musical and, to some extent, her biographical memory. There was, for example, an episode in which Helena's daughter was playing the song *Os Meninos de Huambo*, by Paulo de Carvalho (another song included in the Portuguese folk music repertoire – this time from the 80s) on YouTube, and Helena voluntarily made a comment which left all the family positively surprised. She said, 'we used to have Paulo de Carvalho's vinyl'. Helena's daughter confirmed that that was true. On another occasion that happened on the same day, I played to her *Desfolhada*, a song originally performed by Simone de Oliveira in the Eurovision Song Contest of 1969. Simone de Oliveira was

(and still is) considered a symbol of Portuguese musical culture. Nevertheless, at a certain point of her career, she had health issues that severely damaged her vocal folds. When Helena was listening to *Desfolhada* on YouTube, on that day, she made a surprisingly accurate comment about the singer. Referring to the video, she said ‘her voice was still so beautiful and normal back then’. Helena’s use of the word still was extremely important, as it obligatorily implicated she had a notion of the difference between Simone de Oliveira’s voice before and after her health condition arose. Moreover, the fact that Helena’s memory allowed her to remember that Simone de Oliveira had a vocal health issue itself seems positively unusual. It seems vital to reinforce that the fact that Helena could recall those pieces of information, concerning both Paulo de Carvalho and Simone de Oliveira, was made possible simply by listening to their music. El Haj et al. (2012) suggest that ‘the power of music as a memory enhancer should be more often considered when assessing memory performance of AD² patients’ (p. 45). Alzheimer’s is a disease which, once acquired, tends to worsen throughout time. Nevertheless, nowadays, and apart from medication, music seems to be the one of the most effective ways to prevent Alzheimer’s symptoms from quickly and suddenly escalating and has a pivotal role regarding the attenuation of such symptoms (at least in what concerns to Helena’s case). To some extent, music is contributing to maintain Helena in a stage which is still characterised by a certain degree of stability and simultaneously decelerating an abrupt and/or total memory loss.

CONCLUSION

It is unquestionable that music is pivotal for Helena, and its positive effects in her current daily life, especially in terms of communication and emotional expression, mood regulation and memory enhancement, are easily verifiable through the example episodes narrated and analysed throughout this article. In the context the topic of music as a form of communication, some key-behaviours of Helena (an Alzheimer’s disease patient) towards music were compared to the ones exhibited by Romy (a child suffering from autism). That allowed us to hypothesise and establish some general behavioural similarities between Alzheimer’s disease and autism, which are, to an extent, corroborated by literature relevant for this analysis. This article also allowed us to examine, through the depiction of Helena’s case, and with particular emphasis on

² Alzheimer’s disease.

The Importance of Music for Alzheimer's Disease Sufferers

the episodes connected to her husband, how music and sound can help Alzheimer's sufferers express their emotions, when the resort to verbal language is no longer a tangible option. Finally, this piece of research was intended to show how, in Helena's case, her current relationship with music and its positive effects regarding her disease may be intrinsically connected to the strong presence of music throughout her youth and adulthood. In this context, a comparison between her case and Ted McDermott's (who also suffers from Alzheimer's and who has always had a deep connection with music as well) was established, in order to examine how music can foster and enhance Alzheimer's disease patients' memory. That happened to both Helena and Ted, who clearly found in music a reference to some of their past experiences.

It is, however, also important to note that Helena's positive reactions to music do not allow us to state that music can function as an 'adjunct therapy' (as it does in her case) for all Alzheimer's patients, as each of them has their own behavioural specificities and will, therefore, have different reactions to different stimuli. Nevertheless, as mentioned by Sunderland et al. (2018), 'arts can have a significant role in promoting mental and physical health and general well-being of older people' (p. 142) and music is, undoubtedly, powerful for brain stimulation (Jäncke, 2008; Baird & Samson, 2009; Rossato-Bennett & McDougald, 2014). Thus, it always seems worth attempting to introduce (or reintroduce) music in Alzheimer's patients' lives, as music is inevitably an integral part of one's daily life – as stated by Rentfrow (2012), 'music is ubiquitous' (p. 402) – and, therefore, it is possible that patients will regain a stronger connection with their relatives and carers and a deeper notion of the world around them through their contact with music. In an attempt to answer to the question raised by Warran and Welch (2019, p. 44), with regards to what seems to be the best type of music to use when interacting with Alzheimer's disease sufferers, in Helena's specific case, the type of music that seems to captivate her most is Portuguese folk music. However, this is probably not due to the intrinsic features of this type of music, but, instead, to the connection Helena had, in past times, with certain songs that compose Portuguese folk music repertoire. In fact, the songs Helena can sing more accurately are the ones she used to sing in the past. These are also the songs that stimulate her memory the most, and that, simultaneously, contribute to a more effective regulation of her mood swings. Therefore, taking into consideration this article's case study, the idea that music which was a key-part of Alzheimer's patients' lives in past times can be particularly useful when establishing a relationship and interacting with them now seems increasingly pertinent.

REFERENCES

- Aging in Place. (2019). *Caregiver Responsibilities List: Caring for my Parents*. Retrieved December 9, 2019, from <https://www.aginginplace.org/caregiver-responsibilities-list-caring-for-my-parents/>
- Alzheimer's Society. (2018). *Symptoms of Alzheimer's disease*. Retrieved September 15, 2019 from <https://www.alzheimers.org.uk/about-dementia/types-dementia/alzheimers-diseasesymptoms#content-start>
- Alzheimer Society of Canada. (2019). *The power of music*. Retrieved December 10, 2019 from <https://alzheimer.ca/en/Home/We-can-help/Resources/Power-of-music>
- Baird, A., & Samson, S. (2009). Memory for Music in Alzheimer's Disease: Unforgettable? *Neuropsychology Review*, 9(1), 85-101.
- Brotons, M., & Koger, S. (2000). The Impact of Music Therapy on Language Functioning in Dementia. *Journal of Music Therapy*, 37(3), 183-195.
- Coste, J. K. (2003). *Learning to Speak Alzheimer's: A Groundbreaking Approach for Everyone Dealing with the Disease*. USA: Houghton Mifflin Harcourt.
- El Haj, M., Fasotti, L., & Allain, P. (2012). The involuntary nature of music-evoked autobiographical memories in Alzheimer's disease. *Consciousness and Cognition*, 21 (1), 238-46.
- Haworth, J., & Kitching, C. (2016, November 23). Son who films dad with Alzheimers singing in car in heartbreaking videos raises £130,000 for charity. *The Mirror*. Retrieved September 3, 2019 from <https://www.mirror.co.uk/news/uk-news/son-who-films-dad-alzheimers-9319674>
- Jäncke, L. (2008). Music, memory and emotion. *Journal of Biology*, 21. <https://doi.org/10.1186/jbiol82>
- Mathews, S. (2015). Dementia and the Power of Music Therapy' *Bioethics*, 29 (8), 573-579.
- McDermott, S. (2018). *The Songamminute Man*. United Kingdom: HarperCollins.

The Importance of Music for Alzheimer's Disease Sufferers

- Ockelford, A. (2017). *Comparing Notes: How We Make Sense of Music*. United Kingdom: Profile Books.
- Ockelford, A. (2013). *Music, Language and Autism: Exceptional Strategies for Exceptional Minds*. United Kingdom: Jessica Kingsley Publishers.
- Rentfrow, P. J. (2012). The Role of Music in Everyday Life: Current Directions in the Social Psychology of Music. *Social and Personality Psychology Compass*, 6(5), 402-416.
- Rossato-Bennett, M. (Producer and Director), & McDougald, A. (Producer). (2014). *Alive Inside* [Motion Picture]. New York, United States of America.
- Sokol, D. K., Maloney, B., Long, J. M., Ray, B., & Lahiri, D. K. (2011). Autism, Alzheimer disease, and fragile X: APP, FMRP, and mGluR5 are molecular links. *Neurology*, 76(15), 1344–1352. <https://doi.org/10.1212/WNL.0b013e3182166dc7>
- Sunderland, N., Lewandowski, N., Bendrups, D., & Bartleet, B.-L. (Eds.) (2018). *Music, Health and Wellbeing: Exploring Music for Health Equity and Social Justice*. United Kingdom: Palgrave Macmillan.
- Warran, K., & Welch, G. F. (2019) The benefits of instrumental and orchestral music for older people: a call for further research. In *From Bingo to Bartok: Creative and Innovative Approaches to Involving Older People with Orchestras* (pp. 40-46). London: The Baring Foundation.

Reflexões em um Campo de Fronteiras: Educação e Comunicação em Diálogo

Ricardo Cocco

Universidade Federal de Santa Maria - ricardo.cocco@ufsm.br

Sumário

Os *media* representam nas sociedades contemporâneas não somente fontes de informação, mas constituem-se como mediadores, pelos quais o homem e a sociedade, em grande medida, vêm se relacionando, compreendendo e significando o mundo que os cerca. Mesmo não tendo o monopólio da informação, convivem e coexistem com outras instâncias também educativas e, juntamente com a escola, compõem um rol de meios através e com os quais os indivíduos dão inteligibilidade ao que o rodeia. Com o artigo, de bases teóricas e de caráter bibliográfico, pretendemos apontar elementos que nos parecem essenciais para pensarmos as múltiplas e complexas relações

entre a educação e os *media*. O que nos aparenta primordial ser discutido é que os *media*, tanto quanto as práticas pedagógicas institucionalizadas (escola), à sua maneira, podem ser compreendidos à luz das interações verbais, da sua faceta pedagógica e da produção de sentidos que neles e através deles ocorrem. É pela mediação da escola e dos *media* que o mundo que conhecemos é traduzido e significado. Advogamos que, em face aos vários cenários possíveis, sejam eles nos espaços escolares ou mediáticos, o diálogo vivo possibilita a constituição de uma individualidade permanentemente revisitada, infindavelmente revisada e criticamente refletida.

Palavras-chave: Educação, *media*, produção de sentido, diálogo formativo.

Reflections in a Field of Borders: Education and Communication in Dialogue

Abstract

The media represents, in contemporary societies, not only a source of information, but it's a mediator by which man and society have maintained high relations, understanding and meaning the world that surrounds them. Although they don't have the monopoly of information, they live and coexist with other educational instances and, along with school,

they compose a set of means with which people give intelligibility to their context. In this article, that has theoretical bases and a bibliographic character, we intend to show elements that are essential to think about the multiple and complex relations between education and *media*. Therefore, it's important to discuss that *media*, as well as the institutionalized

pedagogical practices (school), in its way, can be understood through verbal interactions, its pedagogical aspect and the production of meanings that happen in it. With the mediation of school and media, the world we know

is translated and gets a meaning. So, in several possible situations, in media or school spaces, the living dialogue enables the constitution of an individuality that is permanently revisited, infinitely revised and critically reflected.

Keywords: Education, media, production of meaning, formative dialogue.

PRESSUPOSTOS PARA A INVESTIGAÇÃO DE UM CAMPO DE FRONTEIRA: ENTORNO DA EDUCAÇÃO E COMUNICAÇÃO

Os Meios de Comunicação Social e Informação (os media) representam não somente fontes de informação, mas constituem-se como mediadores, pelos quais o homem e a sociedade, em grande medida, vêm se relacionando, compreendendo e significando o mundo que os cerca. Eles são elementos muito presentes no processo de difusão de informações e hábitos, elaboração e apreensão de novas ideias, produção de sentidos, troca de conteúdos e mensagens, ao mesmo tempo que atuam fomentando espaços de socialização, relacionamento, interação e atuando no papel de agentes sociais de educação. Constituem espaços, nesta perspectiva, de aprendizagem não-formal na medida em que são agentes de produção de um número imensamente significativo de informações, valores, símbolos e significados que co-participam junto aos indivíduos na organização de suas vidas e suas ideias, a formarem suas opiniões ou oferecendo ferramentas para compreender, se adaptar ou transformar o seu mundo.

Enfim, os media, ou todo o aparato simbólico e material que se dedica deliberadamente à produção de mercadorias de caráter cultural, difundidas como instâncias de transmissão de valores, padrões, normas e significados agem na formação identitária e cognitiva dos indivíduos na atualidade. Mesmo não tendo o monopólio da informação, convivem e coexistem com outras instâncias educativas e neste sentido, juntamente com a escola, compõem de um rol de meios através e com os quais os indivíduos dão inteligibilidade ao mundo que os cerca. Assim “como a prática pedagógica, como a ação docente, os media falam com alguém, exprimem uma ideia, um conteúdo, tem intenção de transmitir, divulgar conhecimentos” (Setton, 2015, p. 9).

Entender os impactos das tradicionais formas de media e dos novos media digitais, bem como os processos de socialização e formação por eles incorporados e mobilizados e o papel pedagógico destes meios é de fundamental importância no momento em que os indivíduos estabelecem uma relação quase que ubíqua com as tecnologias da informação e comunicação, adicionando-as de modo quantitativo e qualitativo ao seu universo pessoal e social.

Pressupondo que toda ação educativa é uma ação sócio-interativa e comunicativa que exige envolvimento e relação, assim como toda prática mediática é um ato de mútua-ação, a aprendizagem em espaços formativos escolares e não escolares implica impreterivelmente na própria formação do sujeito tendo na informação e no conhecimento eixos centrais. Compreender a cultura mediática pode ser uma pista para compreender a cultura pedagógica e o contrário também pode ser verdadeiro. Educação e comunicação, nessa perspectiva, são fenômenos e componentes inseparáveis e complementares de um amplo e complexo processo: o da aprendizagem e da formação humana. Pensar os processos educativos implica estar atento ao seu viés comunicativo. Pensar os processos comunicativos fomentados pelos media exige atenção às suas implicações pedagógicas. Com o presente artigo, teórico e de caráter bibliográfico, pretendemos apontar alguns elementos que nos parecem essenciais para pensarmos a educação e os media convencionais e os novos medias digitais e suas múltiplas e complexas relações.

OS MEDIA E SUA FACETA PEDAGÓGICA

Partimos do pressuposto de que a prática de transmitir (produzir, selecionar, elaborar e distribuir) conhecimentos ou valores em forma de mensagens a que os media se propõem é uma ação pedagógica, ou seja, enquanto comunicam sentidos e valores exercem uma atividade educativa. Tanto os media quanto as práticas pedagógicas institucionalizadas (escolares) fundamentam suas práticas a partir do intercâmbio de informações, saberes, valores e sentidos.

Assim, a escola, que deixou de ser o único lugar de legitimação do saber pelo fato de que existe uma multiplicidade de saberes que circulam e outros espaços, difusos e descentralizados, e os media configuram-se como mediadores de sentidos, oferecendo, no campo da cultura, discursos que criam, consolidam ou difundem visões de mundo e que expressam ideias, posicionamentos e modos de pensar bem como

comportamentos que são considerados aceitáveis ou reprováveis dentro de um contexto histórico-social. Da difusão descentralizada de saberes, possibilitada por um “ecossistema comunicativo”, emerge novas configurações culturais e novas formas de ver, de ler, de aprender e conhecer o mundo. Para Martín-Barbero (2000), um dos principais intelectuais da América Latina e referência na pesquisa da comunicação e educação, a diversificação e difusão do saber, fora da escola é um dos desafios mais fortes que o mundo da comunicação e, especialmente dos novos media digitais apresenta aos sistemas educacionais. Segundo o autor, “o saber é disperso e fragmentado e pode circular fora dos lugares sagrados nos quais antes estava circunscrito e longe das figuras sociais que antes o administravam” (Martín-Barbero, 2000, p. 55). Isso significa dizer que vivemos uma época em que as tecnologias da informação e da comunicação estão em toda a parte. É impossível não admitir a presença dos produtos e dos discursos/enunciados mediáticos em nossa forma de viver e pensar e na constituição pluriforme do sujeito, exposto e que vive sob a égide destas tecnologias.

Desta maneira a análise da cultura mediática e a compreensão da sua presença na configuração dos modos de pensar dos indivíduos e sua intervenção no processo de significação da realidade que o cerca, deve necessariamente levar em conta as condições sócio-políticas e históricas de produção e consumo das mensagens nos contextos específicos de produção da cultura. “É preciso investigar o contexto da produção, é necessário observar as condições de difusão e recepção das mensagens, bem como o sentido/significado que assumem em determinadas circunstâncias” (Setton, 2015, p. 18). Pensar os modos de produção e apropriação das mensagens mediáticas pressupõe igualmente discutir e analisar como ocorrem os processos educativos de uma maneira geral, o que implica pensar e repensar como se dão os processos pedagógicos que se realizam mediados pelos media ou pela escola. Ambos, podem ser vistos como espaços onde são produzidos sentidos, ambientes de mediação de sentidos entre produtores, consumidores de informações e conhecimentos sob a forma de mensagens. Que tendências pedagógicas ou que “lógicas” pedagógicas estão presentes ou podem ser pensados a partir de experiências mediáticas tendo em vista os processos culturais e histórico-sociais em que tais experiências estão inseridas? Em que medida o campo da Comunicação configura-se em espaço para experiências educativas e formativas?

Em função das novas tecnologias, especialmente dos novos media digitais, as interações sociais não dependem mais de um local físico, no sentido de que a constituição do eu incorpora, também numerosos acontecimentos e experiências que extrapolam os limites geográficos. O advento dos meios de comunicação social reflete a forma

como as novas relações sociais modificam inclusive as noções de tempo e espaço, deixando-se guiar pela ideia de interação separada das particularidades e vicissitudes do lugar em que ocorrem. Nos familiarizados com eventos, com ações, e com a aparência visível de cenários físicos a milhares de quilômetros de onde vivemos. “O advento da mídia eletrônica, sem dúvida, acentuou este aspecto de deslocamento, na medida em que enfatiza a presença tão instantaneamente e a tanta distância” (Giddens, 1991, p. 155).

Os media tendem a contribuir para a criação uma aldeia global, onde todos os indivíduos assistem aos acontecimentos importantes se desdobrarem e assim participam em maior ou menor intensidade, com maior ou menor grau de reflexividade sobre eles. Neste mundo interconectado as pessoas vivenciam os mesmos acontecimentos a partir de muitos locais diferentes. Giddens (2012) destaca-se como um teórico social que, ao refletir sobre os sentidos da sociedade analisa a relação entre a modernidade e os aspectos mais pessoais da existência humana. No texto *Sociologia*, de caráter eminentemente didático, o autor apresenta/faz um resgate histórico e analisa, dentre vários temas, a recente revolução das tecnologias da comunicação e como estas tem impactado nas sociedades ao redor do mundo, bem como seus efeitos nos processos de socialização e individualização por ela fomentados. Como indivíduos não controlamos a mudança tecnológica, e alguns críticos “perceberam que o ritmo acelerado dessas mudanças ameaçam inundar as nossas vidas. [...] Entender o impacto das novas formas de media digital será uma tarefa importante para as próximas gerações” (Giddens, 2012, p. 550).

No referido texto, Giddens aponta que os entusiastas destas tecnologias acreditam que elas têm a potencialidade de promover novas formas de relacionamento que viariam a complementar ou melhorar as interações presenciais existentes, o que traria uma adição positiva para a constituição do indivíduo e crucial para qualquer sociedade. De outra parte, muitos não têm uma perspectiva tão entusiástica, e temem que a difusão cada vez maior das novas tecnologias venha a aumentar o isolamento social e a atomização da sociedade. O contato humano seria reduzido e as relações sociais deixadas de lado, o que enfraqueceria o tecido da vida social. Outros, no entanto reconhecem o papel altamente positivo dos novos *mass media*, mas afirmam que ao mesmo tempo não podemos simplesmente querer que seu lado obscuro desapareça.

No início do século XX, teóricos da que ficou conhecida como corrente funcionalista (Harold Laswell, Max Webber, dentre outros) se concentraram em compreender como os media poderiam ajudar a integrar e unir as sociedades de maneira a

estabilizar o sistema social. Para estes os media possibilitavam um fluxo contínuo de informações e questões que podem afetar os indivíduos pessoalmente. Além disso, eles contribuiriam no sentido de fazer o indivíduo entender as informações que eles trazem, bem como na tarefa de reconhecer novos acontecimentos e forjar valores comuns, além de terem a capacidade de mobilizar os indivíduos para que contribuam com o equilíbrio e o funcionamento social. No entanto, “as explicações funcionalistas têm pouco ou nada a dizer sobre a recepção dos produtos dos media pelo público, tendendo a pressupor que os indivíduos sejam recetores relativamente passivos em vez de intérpretes ativos das mensagens dos media” (Giddens, 2012, p. 530).

Na esteira oposta, numa perspetiva crítica, de inspiração marxista, a chamada teoria do conflito analisa como os *mass media* representam, na prática e no discurso, interesses econômicos de uma determinada classe social, que, por meio deles, disseminam seus modos de ser e de pensar ao restante da população. Nesta perspetiva as tecnologias da comunicação eram vistas como um instrumento ou uma ferramenta a serviço de um processo de dominação de uma classe sobre a outra, de um indivíduo sobre o outro. Neste ponto de vista, constituiriam-se em aparelhos ideológicos que, nas mãos de grupos dominantes, teriam o objetivo de distorcer a realidade a fim de não permitir ao indivíduo uma perspetiva informada e consciente sobre suas vidas e sobre o mundo ao seu redor, legitimando e justificando os interesses destes grupos na ordem social. Os teóricos da Escola de Frankfurt¹ sustentavam que a disseminação da indústria cultural, ou seja, a produção em grande escala de produtos culturais padronizados e dominada pelo desejo de lucrar tanto quanto em outro setor, voltados para o maior público possível, enfraquece a capacidade individual de pensamento crítico e independente. Neste sentido, o que inicialmente poderia representar um espaço público de diálogos acaba por levar a termo uma representação muito específica de *self*, de modo que as características individuais não seriam mais consideradas, mas abduzidas pelas características da massa. As críticas a esta perspetiva residem no fato de que ela supõe que as pessoas não conseguem resistir aos apelos dos media tornando-se presas deles e de que as críticas se concentram na produção da cultura dando pouca ou nada atenção ao público e à complexidade do processo de recepção das mensagens.

1 A Escola de Frankfurt consistia em um grupo de intelectuais que, a partir da década de 1920, produzia um pensamento conhecido como Teoria Crítica. Dedicaram-se ao estudo dos problemas tradicionais do movimento operário, unindo trabalho empírico e análise teórica. Os autores ligados à Escola de Frankfurt não se pretendiam ser comentadores ou intérpretes do pensamento de Marx, mas tinham como proposta buscar inspiração no marxismo para uma análise da sociedade contemporânea.

De um ponto de vista bem menos negativo e hostil aos media, os estudos interacionistas percebem que cada vez mais os meios de comunicação de massa modernos, em vez de negar a possibilidade de pensamento crítico, de fato poderiam proporcionar muitas formas de informação e espaços qualificados de debates, mas que, no entanto, ainda pecam por tratar as pessoas como agentes passivos, apenas recetores das suas mensagens, ignorando as capacidades dos indivíduos de processar e manipular de formas diferentes as informações e os discursos.

As mensagens dos media costumam ser discutidas por indivíduos durante e após a receção. [Elas] são transformadas por meio de um processo contínuo de contar e recontar, interpretar e reinterpretar, comentar, rir e criticar. [...] Recebendo as mensagens e incorporando-as às nossas vidas [...] estamos constantemente moldando e remoldando nossas habilidades e estoque de conhecimento, testando nossos sentimentos e gostos, e expandindo os horizontes da nossa experiência. (Thompson, 1995, p. 42-43)

A pergunta que vem à tona é: de fato, os meios de comunicação de massa proporcionam para os indivíduos uma ampliação dos diálogos sobre as questões cruciais de nossa época alargando os espaços públicos para o engajamento dos sujeitos nos debates políticos, morais ou de qualquer espécie?

Outros autores se destacam neste cenário, como, por exemplo o francês Jean Baudrillard (1991), que considera que os media de massa modernos não somente nos relatam o que está acontecendo com o mundo e conseqüentemente conosco para nós, mas cada vez mais definem aquilo que o mundo é na realidade. O autor aponta para o fato de que o limite sempre tênue entre realidade e representação entrou em colapso, e de que a representação se torna mais real do que o próprio real (hiper-realidade). Segundo ele assistimos a cobertura dos media sobre os acontecimentos para sabermos o que realmente está acontecendo. Vivemos em uma época em que as tecnologias da informação e da comunicação estão em toda a parte e da mistura do comportamento das pessoas e das imagens dos media forma-se uma nova realidade.

Para Gidens (2002, p. 32), “nas condições da modernidade, os meios de comunicação não espelham realidades, mas em parte as formam. O que não deve nos levar à conclusão de que os meios de comunicação criam um reino autônomo de ‘hiper-realidade’, onde o signo ou a imagem é tudo”.

As mais recentes teorias da recepção apresentam formas diferenciadas de compreender o fenômeno dos media e seu impacto sobre os processos de socialização e individualização. Para os críticos do modelo hipodérmico os indivíduos exercem um papel qualitativamente mais ativo em relação às tecnologias da comunicação, reagem e interpretam os textos de diferentes maneiras levando sob o crivo de suas experiências de vida, condições socioculturais, interesses e necessidades. O modelo hipodérmico comparava a mensagem dos media como uma droga injetada com uma seringa. Baseava-se na ideia de que a audiência (como o paciente) recebe e aceita a mensagem de forma passiva e direta e não se envolve com ela de maneira crítica respondendo de maneira mais ou menos homogênia. Os media teriam o poder de, “drogando” a audiência, destruir sua capacidade reflexiva e de pensar criticamente. No entanto, atenta Giddens (2012, p. 540), atualmente “podemos ver um afastamento de modelos unidirecionais (dos media para a audiência), em favor de modelos bidirecionais que permitem espaço para os expectadores influenciarem a produção dos media”, em vez de simplesmente serem esponjas passivas que absorvem tudo o que surge pela frente.

É impossível, deste modo, não reconhecer as imensas transformações nos modos de ser e de estar no mundo dos sujeitos decorrentes da presença e do desenvolvimento dos meios de comunicação. Esta presença ostensiva traz consigo muitas possibilidades, “até contraditórias entre si, inclusive a de sufocar as pessoas pelo excesso de alcance de informações, assim como de libertá-las da desinformação e do isolamento” (Nascimento, 2009, p. 144).

Do mesmo modo não se pode pressupor que os diversos formatos dos media sejam politicamente neutros ou antecipadamente afirmar que sejam socialmente maléficos ou benéficos. Ou depositar neles a esperança de que tenham absoluto sucesso no seu intento de propiciar informações que reconheçam e explorem a complexidade das experiências humanas.

O que se conhece é que, se no século XXI, o mercado global dos media é controlado por não mais do que duas dezenas de megacorporações multinacionais. Estas, no mínimo, enquanto àqueles que constroem as notícias, elaboram as narrativas e dão inteligibilidade ao mundo, acabam por atuar como os “guardiões” para o que entra na agenda dos debates públicos. As chamadas “supercompanhia de media” concentram boa parte daquilo que é produzido, distribuído e comercializado de notícias, cultura e entretenimento, o que pode ser sentido em quase todos os países.

Quando falamos em imperialismo mediático, Tomlinson (Tomlinson, s.d., citado por Giddens, 2012, p. 544), em tom provocativo, pergunta:

Será que ocorre quando pessoas de outras culturas assistem, e talvez passem a aceitar como superiores, produtos culturais ocidentais que são imbuídos de valores culturais ocidentais? Ou estará o imperialismo mediático na exportação de tecnologias específicas que perturbam culturas locais e as transformam? Ou será que ele existe quando as indústrias mediáticas de um país se tornam tão poderosas que controlam ou acabam com a mídia local? E será que podemos falar de dominação quando as pessoas ao redor do mundo decidem comprar aparelhos de TV e telefones celulares e na verdade dizem ver utilidade e prazer neles?

À medida que as corporações mediáticas se tornam ainda mais concentradas, centralizadas e globais em seu alcance, haverá razões para a preocupação de que o importante papel dos media como fóruns para o discurso, a expressão e o debate seja restringido. Isto pode representar um atentado ao pluralismo de ideias, à participação dos sujeitos na constituição do ambiente e do discurso público tão imprescindível às sociedades democráticas e capaz de apontar para as diferentes possibilidades de escolha do indivíduo livre.

Historicamente, há uma concentração dos Meios de Comunicação Social de Massa nas mãos de grupos privados de media que, comandadas de forma vertical reproduzem e amplificam ideias, concepções, valores para um universo gigantesco de pessoas. Como expressa Guareschi (2005, p. 80), “[...] a constatação a que se chega é que a voz da maioria dos cidadãos é silenciada, pois não tem a oportunidade de poder interferir democraticamente no projeto de construção de sua cidade”. Os media ditos hegemônicos tendem a encarar, geralmente, os indivíduos não como participantes de um diálogo, mas sim, como espectadores. Para os indivíduos de uma determinada comunidade cabe tão somente espreitar, isto é: assistir, observar determinado conteúdo cabendo-lhe tão somente a escolha entre receber as informações deste ou daquele veículo de informação.

A impressão que se tem é que, ao conceberem os indivíduos como meros espectadores, os Meios de Comunicação Social de Massa, nesta perspectiva, contribuem para a instauração de um processo de silenciamento da voz da maioria dos cidadãos. As possibilidades de participação dos sujeitos nos processos de significação do mundo se reduzem a partir da imposição de limites às experiências democráticas e emancipatórias, cerceando a possibilidade de exercerem amplamente “a sua capacidade de escolha e de formar suas próprias opiniões de tal modo que se possa aprofundar a vivência democrática” (Nascimento, 2009, p. 145).

Desta maneira urge compreender de que modo atuam os Meios de Comunicação Social de Massa hegemônicos a partir de uma cultura homogeneizante tendo em vista que, invariavelmente, tendem a difundir um discurso padronizado e único obedecendo, em certa medida, uma orientação advinda da sociedade de massa e da cultura do consumo. Mesmo admitindo a crescente fragmentação em se tratando de apropriação, observando a quem se destinam, a que lógica obedecem e os condicionantes de produção dos Meios de Comunicação de Massa é possível perceber um oligopólio dos meios e um monopólio do discurso.

Tal diagnóstico indica que o imperialismo midiático tem potência para obstruir os espaços de diálogo público, contribuindo, de certa maneira, para a que as escolhas de estilos de vida sejam alienadas, irreflexivas, consolidando biografias não coerentes e nunca ou nem ao menos minimamente revisadas. Os *media*, nestas condições, ofertar-nos-ia uma pseudo-esfera pública, criando um ambiente de meras relações públicas em vez de ser geradora de um genuíno debate público.

Em qualquer esforço de análise dos *media* não se pode furtrar da necessidade de levar em conta a concentração econômica dos meios e a sua organização no que se refere às relações de poder ideológico, político e cultural. É preciso considerar as condições de produção visto que boa parte da recepção está de alguma forma condicionada, tocada, orientada pela produção tanto em termos econômicos, mas ainda em termos narrativos ou semióticos.

Por outro lado, significativos estudos de audiência e de recepção (Martin-Barbero, Marshall McLuhan), bem como os esforços empreendidos nesta seara pelos Estudos Culturais (Edward Thompson) apontam para o fato de que os consumidores são espectadores mais ativos do que se imaginava, podendo rejeitar, modificar e reinterpretar os produtos midiáticos. Tal perspectiva sugere que as mensagens dos meios são polissêmicas e a audiência é sempre ativa. Portanto o que é veiculado pelos *media* não é algo absoluto ou permanente para sempre nos recetores, mas eles apenas são orquestradores ou dão algum tom nas disputas ou discussões aparentemente como um cenário possível dentre os demais. Tal contradição é evidenciada pelos estudos de recepção que, claramente, mostram o espaço cultural existente entre aquilo que se diz e aquilo que quem ouve se apropria ou à maneira como em situações específicas interpreta. “Assim como o professor, os *media* (quem os controla ou quem se serve deles), não sabem como sua intenção, suas ideias, desejos e projetos se realizarão” (Setton, 2015, p. 9). Ao comunicarem algo, mesmo que manifestamente (ou não) estejam presentes nas mensagens selecionadas os interesses ou os objetivos a que elas

se propõem, mesmo calculadas estrategicamente a partir de organizados expediente que procuram prever como ou em que intensidade ou mesmo o que estas poderiam mobilizar no recetor, jamais saberão ou se controlará como elas foram compreendidas, apropriadas e interiorizadas pelos indivíduos.

Nesse horizonte, “não há modos de predizer que aspecto do termo será captado pelo espectador. Mesmo as mensagens mais poderosas [...] têm que se defrontar com a ‘palavra’ de resposta do espectador e com o mundo da experiência” (Newcomb, 2010, p. 384). Assim sendo, nenhuma resposta pode ser prevista, visto que os sentidos dos discursos não são dados, são criados.

Se os media nos aproximam, neste cenário, eles não o fazem de maneira homogênea. Ainda fica guardado a possibilidade aberta do diálogo vivo que movimenta as engrenagens da democracia o que permitiria modos de vida autorreflexivos e uma sociabilidade como construção social e coletiva. Os consumidores dos media “não são ‘tolos culturais’ que possam ser facilmente manipulados por interesses corporativos. À medida que o alcance e o volume das formas e conteúdos dos media se expandem, os indivíduos estão se tornando mais hábeis em interpretar e avaliar as mensagens e o material que encontram” (Giddens, 2012, p. 547).

Os indivíduos passam nesta concepção a não serem mais vistos como apêndices das grandes estruturas, e, na mesma medida, suas experiências não se dão apartadas destes contextos. Dessa forma “o projeto reflexivo do eu incorpora numerosos acontecimentos contextuais e formas de experiência através dos media, através dos quais deve estabelecer uma rota” (Giddens, 2002, p. 186).

Na esteira das sociedades contemporâneas e em meio às suas facetas multimodais, encontramos-nos todos expostos, para além da escola, em uma abertura comunicacional em que os media, devido ao seu indubitável impacto e sua difusão por todo o mundo, configuram-se como partícipes nos processos de constituição dos sujeitos e elementos de cultura. Não são raros os casos em que as crianças, por exemplo, permanecem mais tempo em relação direta com os media do que na escola², e, de

2 O tempo médio por dia que crianças e adolescentes passam em frente à televisão no Brasil, por exemplo, chegou a 5h35, mais tempo que uma criança passa por dia na escola que é cerca de 3h15. Os dados coletados em 2015 fazem parte do Painel Nacional de Televisão, do Ibope Media, que registra a evolução do tempo dedicado à TV (canais abertos e fechados, não inclui os programas assistidos sob demanda) por crianças e adolescentes entre 4 e 17 anos de todas as classes sociais. Fonte: <http://www.ebc.com.br/infantil/para-pais/2015/06/tempo-de-criancas-e-adolescentes-assistindo-tv-aumenta-em-10-anos>. Acesso em: 25 ago. 2017. Outras pesquisas revelam que a exposição aos meios, incluindo a media impressa, cobre a terceira parte do tempo dos seres humanos nas sociedades industrializadas, perdendo apenas para “dormir” e “trabalhar” (Baccega, 1999, p. 182).

fato, os indivíduos se constituem cada vez mais e de forma intensa em consumidores e produtores mediáticos. Em especial, as novas gerações têm seus valores, opiniões e atitudes sedimentadas por veículos que acabam, não raras vezes, por impactar na constituição da consciência dos sujeitos mais profundamente que a educação desenvolvida na escola.

Nessa perspectiva, não se pode negar a onnipresença e a importância que os media (desde as mais tradicionais, como por exemplo, o rádio, a TV ou os jornais impressos, como os novos media digitais, capitaneadas pela rede mundial de computadores, a internet) têm alcançado em nossa vida individual e coletiva. De fato, como já preconizava, ainda em 1982, a Declaração de Grünwald³: “Vivemos num mundo onde os media são onnipresentes: um número cada vez maior de pessoas consagra grande parte do seu tempo a ver televisão, a ler jornais e revistas, a tocar discos e ouvir rádio”. Não se pode ignorar que a paisagem mediática nas últimas décadas tenha apresentado transformações extraordinárias com a introdução dos novos media digitais. Alterações que têm trazido impactos profundos no campo da educação, da cultura, da política, da economia e de maneira geral, no cotidiano de todas as pessoas. Num cenário

[...] marcado pela multiplicidade de suportes, de formatos, de conteúdos, de mensagens, marcado pela conexão media-tecnologia, marcado pela pluralidade de discursos, pela vertigem da atualidade, pela voragem da mudança e da descoberta de novos acontecimentos, os media organizam e estruturam a nossa ligação ao mundo. (Lopes, 2011, p. 20)

Pode-se supor que, em meio a um mundo cada vez mais complexo e dinâmico, onde o conhecimento e a informação constituem-se elementos de poder e pressuposto básico para promoção da cidadania, ampliam-se as formas de construção do conhecimento, extrapolando os espaços e tempos formalizados historicamente. “O

3 Declaração assumida por educadores, comunicadores e investigadores oriundos de dezenove países e participantes no Simpósio Internacional sobre Educação para os Media ocorrido em Grünwald, na Alemanha, de 18 a 22 de janeiro de 1982, a convite da UNESCO. Disponível em: <http://www.literaciamediatca.pt>. A Declaração destaca a importância dos media e a obrigação dos sistemas educacionais de ajudarem os cidadãos a melhor compreenderem estes fenômenos. “Ressaltando a necessidade de mobilização e engajamento de todos os envolvidos com a socialização de crianças e jovens, ou seja, famílias, professores, comunicadores e responsáveis políticos e econômicos (decisores), no sentido de promover a construção de *uma consciência crítica mais aguda de ouvintes, espectadores e leitores*, a Declaração recomenda a integração entre sistemas de educação e comunicação” (Bévort & Belloni, 2009, p. 1088).

professor deixa de ser a ‘fonte única’ de informação passando a conviver (ou competir) com fontes alternativas, como os meios de comunicação (rádio, TV, revistas, jornais), razoável quantidade de livros didáticos nas escolas, internet, etc.” (Caimi, 2003, p. 136). A aprendizagem assentada na mobilidade vem cada vez mais acontecendo em diferentes espaços pedagógicos. Estes espaços de produção e construção do conhecimento merecem atenção e devem ser mais bem explorados e pesquisados.

Não temos nenhuma pretensão de estabelecer linhas demarcatórias entre educação e comunicação, entre um e outro campo (o que não significa que elas se diluam num mesmo arcabouço teórico), mas de assinalar que suas aproximações podem ser frutíferas quando consideramos o fenômeno que estudam e não os objetos que constroem. Neste sentido, é *mister* ressaltar que ambas tomam como fenômeno de partida a existência de processos de relação entre sujeitos, de interação verbal que se apresentam no discurso e se materializam nas palavras. Assinalamos a centralidade dos media na vida das pessoas como lugares de produção e circulação de saberes, participantes e influenciadores, juntamente com a escola e outros agentes de socialização, nos processos de constituição da consciência do sujeito.

Entendemos que, de modo aproximado ao que ocorre no âmbito das práticas pedagógicas escolares (obviamente resguardando as especificidades de cada espaço), os media se dirigem a alguém, exprimem uma ideia, um conteúdo, têm intenção de transmitir, divulgar conhecimentos, mas, além disso, configuram-se como espaços onde significados e sentidos são negociados, narrativas são produzidas e vozes se constituem e entram em ação. Os media e a escola podem ser encaradas como espaços de produção de sentidos, circulação e geração de discursos, territórios compartilhados, universo de conflitos e lugares de aprendizagens.

Os processos comunicativos e mediáticos não se fundam na mensagem, mas nos modos de interação que os próprios meios possibilitam aos envolvidos no processo de comunicação discursiva, o que implica em processos educativos e formativos, visto o envolvimento dos sujeitos no processo de produção de enunciados e sentidos de mundo e, por consequência, na constituição de si próprios. A relevância pedagógica dos media reside na circulação de discursos onde a produção e recepção configuram-se como espaços de criação e possibilidade de significação e ressignificação, mediados pela produção e pela cultura mediática.

Assim como a escola, os media igualmente ensinam, ainda que, por vezes, não de forma deliberada, intencional ou sistemática. Compreendemos que ensino não se reduz à transferência de conhecimentos, de saberes ou de uma cultura, nem, tampouco,

caracteriza-se como ato de depositar informes ou comunicados às massas ou a extensão de conhecimentos técnicos. Educação pressupõe comunicação, “um encontro de sujeitos interlocutores que buscam a significação dos significados” (Freire, 1977, p. 69). A prática de produzir e transmitir (selecionar, elaborar, narrar e distribuir) conhecimentos ou significados em forma de mensagens a que os media se propõem, constituem-se num processo pedagógico. Sujeitos por meio delas se comunicam e negociam sentidos e valores e o fazem em um diálogo num jogo em que a palavra enunciada adquire sentidos para os que estão mobilizados no processo. A realidade inteligível é atravessada pela escola e pelos media.

OS DESAFIOS (ESPECÍFICOS) DOS NOVOS MEDIAS DIGITAIS

Os novos media digitais hoje desafiam os sistemas educativos convencionais tendo em vista o fato de que fazem nascer novos modos de estar juntos, de outras sociabilidades e outras sensibilidades. Vimos nascer, especialmente, no século XXI um ambiente de informação e comunicação que mistura diversas formas de aprender e uma infinidade de saberes fortemente descentralizados e que extrapolam os sistemas educativos convencionais organizados em torno da escola e do livro. Do mesmo modo, e com tamanha intensidade, como afirma Martín-Barbero (2006), os novos media digitais, amparados pela rede mundial de computadores, transformam a relação do sujeito com o espaço e com o tempo. Se trata, segundo o autor, de um movimento de “desterritorialização e realocização” (Martín-Barbero, 2006, p. 57).

O esquema, segundo Martín-Barbero (1997), no qual tudo “transcorria entre emissor-dominante e recetor-dominado, sem o menor indício de sedução nem resistência, e na qual, pela estrutura da mensagem, não atravessavam os conflitos nem as contradições e muito menos as lutas” (Martín-Barbero, 1997, p. 15), é insuficiente para compreender como se dão os processos comunicativos nos novos meios digitais e o que deles resulta. “O modo como as pessoas produzem o sentido de suas vidas e como se comunicam e usam os meios, não cabe no esquema” (Martín-Barbero, 1997, p. 16).

Para Martino (2014, p. 75),

[...] a circulação de informações encontra nas redes o melhor tipo de arquitetura. A velocidade da circulação de informações significa também que novidades

estão presentes o tempo todo, gerando como padrão uma instabilidade constante. Qualquer informação pode ser alterada, completada ou cancelada por uma nova, muitas vezes se deixar indícios dos caminhos seguidos.

Segundo o autor, os novos media digitais permitiram inúmeras alterações nos modos e nas formas de relacionamento humano, ampliaram os espaços de interação e criaram fluxos de dados em rede, potencializaram a qualquer sujeito se tornar um produtor de conteúdo, redefiniram os conceitos de público/privado e reconfiguraram os espaços criando um mundo virtual e um ciberespaço⁴.

Este cenário nos provoca a pensar a comunicação como uma região onde se articulam diversidades, complexidades e pluralidade, sem que sejam deixados de lado as contradições, as relações de poder, os conflitos concretos e as batalhas travadas no campo do econômico e no terreno do simbólico. Martín-Barbero (1997, p. 292) afirma que é preciso abandonar o “mediacentrismo” e compreender os fenômenos mediáticos como parte de outros sistemas de maior envergadura, como o econômico, o político ou o cultural. Por isso, ao invés de falar apenas de meios, de novos meios digitais de comunicação, ou de apenas enfatizar que as mudanças tecnológicas trouxeram alterações instrumentais na comunicação, urge entender que a apropriação, uso, e produção de sentidos nestes espaços passa pela compreensão de que tal processo ocorre mediado pelo contexto cultural em que ocorre. Podemos pensar os processos de comunicação a partir da cultura e dos processos formativos que engendram, o que significa deixar de pensá-los a partir das disciplinas e dos meios. “Significa romper com a segurança proporcionada pela redução da problemática da comunicação à das tecnologias” (Martín-Barbero, 1997, p. 285). Significa que a comunicação se tornou questão de mediações mais do que de meios, uma questão de cultura e não apenas de meios e mensagens. Falar de comunicação é muito mais do que falar de meios (ou dos meios, sejam eles convencionais ou digitais), “pues hablar de comunicación es hablar de actores de prácticas sociales, procesos sociales y políticos”⁵ (Martín-Barbero, 2008, p. 33).

Newcomb (2010, p. 381), em *Sobre os aspectos dialógicos da comunicação de massa*, contribui com a discussão afirmando que “numa perspectiva dialógica de comu-

4 Cada pessoa com acesso à internet faz parte do ciberespaço quando troca informações, compartilha dados, publica alguma informação. Já o mundo virtual existe enquanto possibilidade (não se opõe ao que seria um mundo “real”) e que se torna visível quando acessado e permite não apenas a duplicação do mundo físico, mas também sua transformação.

5 “Porque falar em comunicação é falar de atores de práticas sociais, processos sociais e políticos” (Tradução nossa).

nicação, o espectador é ativo, aceitando, rejeitando ou modificando aquilo que lhe é oferecido”. O autor aponta para o fato de que é para a participação dos sujeitos envolvidos (a emissão e a recepção) neste processo de construção de sentido, tendo em vista suas condições sociais de enunciação e de recepção que devemos nos voltar, a fim de depurar nossas noções do papel da comunicação de massa no diálogo social e na constituição da consciência e do próprio sujeito.

Desse modo, o fenômeno dos novos media digitais deve ser visto como um fenômeno da comunicação, ou seja, um tipo de relação social que implica uma interlocução constante entre emissor e recetor, direta ou indiretamente. Mesmo considerando necessariamente os condicionantes estabelecidos pelos grupos economicamente dominantes, principais grupos produtores das mensagens mediáticas, e que invariavelmente direcionam os fluxos de conteúdos nos novos media digitais, é preciso considerar, por outro lado, que os ambientes digitais constituem-se como lugares de criação e produção de sentidos e configuram-se como espaços de significação e resignificação ou possibilidades de transformação dos significados atravessados pela cultura.

A relevância pedagógica dos media digitais nos parece residir na circulação de discursos onde a produção e recepção configuram-se como espaços de criação e possibilidade de significação, resignificação e transformação de significados oferecidos pela produção e pela cultura mediática. Neste cenário de interação verbal e produção de sentido, constituído a partir de lutas e ou aceitação, resistência ou transformação dos significados das mensagens, desencadeia-se um processo interpretativo, atravessado pelos media e pelas novas tecnologias.

Gómes (2006) afirma que diversas são as incertezas trazidas pela introdução dos media digitais no campo de educação. “O quarto em que se usa o computador e/ou se vê televisão se torna o cenário de várias vivências e experiências. [...] O que se aprende aí resulta muitas vezes mais relevantes do que aquele que se aprende em instituições educativas formais” (Gómes, 2006, p. 96). Isso significa dizer que, com a proliferação de oferta mediática e cibernética os processos educativos saem dos lugares certos, horários fixos e turnos determinados e reconfigura-se em destempos educativos, possíveis pelas mais recentes tecnologias da comunicação e informação.

Outra faceta das mudanças trazidas pelos novos media digitais apontada pelo autor diz respeito às fontes legitimadoras dos processos de aprendizagem. “Antes, o livro que o professor trabalhava na sala de aula tinha a ‘última palavra’. [...] Desde as interações mediáticas, os sujeitos-educandos questionam o professor, questionam

seus saberes diante da abundância representacional e policromática dos ecossistemas comunicativos” (Gómes, 2006, p. 96).

Se não bastassem estas incertezas a elas se agregam outras, como por exemplo, o fato de que o paradigma informacional representado pelos novos media provoca reações nas figuras da razão e autoridades tradicionais, “desde o saber-acervo estabelecido e custodiado em bibliotecas e instituições até o saber-memória do professor com seus dotes enciclopédios” (Gómes, 2006, p. 97). Incertezas que desencadeiam temores nestes últimos que veem a possibilidade de que suas atividades sejam substituídas por tecnologias de informação e nas instituições educativas convencionais que, em grande medida, insistem, teimosamente, em perceber apenas o aspeto instrumental dos novos media digitais e acabam por não compreender a magnitude das mudanças.

Estes desafios se alargam quando pensamos no sujeito frente aos novos media digitais. Quando tratamos acerca da formação do sujeito nos referimos aos processos educativos que resultam na constituição de sua consciência e na composição de uma singularidade que lhe é própria. A consciência se materializa na interação, no encontro entre sujeitos em uma situação de comunicação concreta (ou em situações concretas) que, em certa medida, justificam as posições dos sujeitos e que lhes permitem a elaboração de enunciados em uma situação discursiva. A consciência só se efetiva a partir do estabelecimento de uma relação entre falantes e é através da linguagem que o sujeito se torna consciente e começa a agir sobre o mundo, com e contra os outros. São os discursos que colocam os sujeitos em relação, os quais adentram numa corrente de comunicação verbal e, somente quando mergulham nessa corrente é que a consciência desperta e começa a operar.

Sob estas lentes recorreremos ao que Wolton (2012) aponta como sendo um diagnóstico desta época em que os indivíduos estabelecem uma relação umbilical com as novas tecnologias digitais. O autor aponta quatro elementos que podem nos ajudar a compreender este cenário, a saber, (1) as solidões interativas, (2) a vivência do tempo, (3) a impossível transparência e (4) as distâncias intransponíveis.

O autor afirma que com o advento da internet entramos na era das “das solidões interativas” (Wolton, 2012, p. 100). Para ele, os sujeitos podem ser exímios internautas e terem, ao mesmo tempo, colossais dificuldades de manterem relações com as pessoas mais próximas com quem convivem diariamente. Múltiplas conexões não necessariamente garantem melhor comunicação. Mesmo com todas as competências que se tem diante das tecnologias não há garantias de qualificação das relações humanas. “Milhares de indivíduos saem assim, celular à mão, correio eletrônico conectado

[...] como se tudo fosse urgente e importante, como se fosse morrer caso não pudesse ser encontrado a qualquer instante” (Wolton, 2012, p. 101).

Os computadores e outras tecnologias (*tablets, smartphones*), cada vez mais presentes na vida dos indivíduos, reduzem os deslocamentos e acentuam a rapidez dos atos de comunicação, comprimindo-os e até, em determinada medida, quase anulando-os. O esmagamento da duração da comunicação, do tempo para se falar, faz com que os indivíduos façam experiências que não tenham nenhuma relação com aquele de espaço-tempo da experiência humana, que exigem a vivência do tempo. Wolton alerta para o fato de que “há uma defasagem entre a rapidez dos sistemas de informação e a lentidão da comunicação humana que se almeja encontrar em uma maior presença das máquinas o meio de introduzir um pouco mais de racionalidade nas relações humanas” (Wolton, 2012, p. 102).

Em seguida, o autor destaca a impossibilidade de se estabelecer uma relação transparente entre os sujeitos na era dos novos media digitais. As relações, ao mesmo tempo em que se simplificam, tornam-se obscuras, blindadas, bloqueadas por artifícios, códigos, burocracias. “Cada um, apesar dos discursos que preconizam relações mais diretas, introduz, entretanto, intermediações burocráticas, filtros, regras, proibições, signos de distinção, para proteger sua relação com o outro” (Wolton, 2012, p. 103).

Por fim, o autor afirma que a hipótese de que as novas tecnologias de comunicação poderiam anular a defasagem entre emissor, receptor e mensagem parecer ser falsa. Os “ruídos” inerentes a toda situação de comunicação não são eliminados pela introdução de sistemas tecnológicos nos processos comunicativos. Para o autor, algumas “distâncias são intransponíveis” (Wolton, 2012, p. 104). Isso porque este é o espaço em que os sentidos são instituídos, é o espaço do embate. Reconhecer a atmosfera de tensões inerente à palavra, cujos sentidos só podem ser compreendidos considerando os espaços em que os sujeitos se movimentam e as posições que assumem em instituições de que participam, permite pensar o sujeito discursivo não como unitário e fixo, mas em constante devir e em diálogo constitutivo com o outro. Os sentidos não são dados de antemão, cristalizados pela estrutura sócio-política, mas ao se confrontarem com o mundo das experiências concretas, situadas, contingentes e históricas, permeadas pela hegemonia e resistência, são constantemente transformados, reapreciados, ressignificados, distorcidos, amplificados, desordenados em um campo cultural que se transforma constantemente.

Em resumo, segundo o autor, três são os desafios específicos dos novos media digitais e que não se resumem a eles.

1. “As técnicas não bastam para criar comunicação” (Wolton, 2012, p. 131). Mesmo que a transmissão de informações esteja cada vez mais rápida ainda se fala em problemas de comunicação e incomunicabilidade. Os sujeitos não se contentam apenas com informações. O que está implicado nestas mudanças cada vez mais velozes é toda uma questão de relacionamento com o outro;

2. “É necessário iniciar rapidamente uma reflexão sobre o tipo de informação produzida por esses sistemas técnicos” (Wolton, 2012, p. 133). Além disso, o problema não está no acesso à informação, mas na capacidade de saber o que procurar e nos meios cognitivos que dispõe os indivíduos para contextualizar e compreender as informações disponíveis e delas se servir.

3. “É preciso atingir uma certa contextualização das novas tecnologias [...] e que a comunicação nunca é um direito adquirido, que ela é sempre fruto de uma batalha política” (Wolton, 2012, p. 137). Os novos media devem ser considerados dentro da história da comunicação e, dessa forma, inscritos no tempo da história das tecnologias e no espaço das sociedades para que se possa compreender sua performance, lógicas, os interesses econômicos e políticos envolvidos em suas ações e posições. Quem produz? Que mensagens e discursos são produzidos? Com qual intencionalidade? Quem controla os que produzem as mensagens veiculadas pelos novos media digitais? A quem se destinam e em que lógicas trabalham? Que tipo de resistências se constroem nestes ambientes? É preciso considerar tais condições de produção sob as quais estão engendrados os discursos mediáticos, visto que boa parte da recepção está de alguma forma condicionada, tocada, orientada pela produção tanto em termos econômicos, políticos, mas ainda mais em termos narrativos ou semânticos.

OS MEDIA COMO ESPAÇOS DE PRODUÇÃO DE SENTIDO E A PROMOÇÃO DO DIÁLOGO FORMATIVO

Encaramos, enfim, os processos mediáticos como processos complexos, vivos, permanentemente inconclusos, cultural e socialmente constituídos, ambivalentes, constituídos por uma rica trama de vozes que não se fundem em uma única consciência, mas que fazem parte de um campo de forças e disputas no qual vozes são justapostas e contrapostas de modo a gerar algo para além delas mesmas.

Pensar os modos de produção e apropriação das mensagens mediáticas pressupõe igualmente analisar como ocorrem os processos educativos de uma maneira geral, o

que implica discutir como se dão os processos pedagógicos que encontram nos media ou na escola ambientes onde são produzidos sentidos, enquanto espaços de mediação entre produtores, consumidores de informações e conhecimentos sob a forma de mensagens e que dão inteligibilidade a si mesmos e ao mundo que os rodeia.

Ao tratar destas novas experiências nos campos da educação e da comunicação, haja vista a emergência de modos compartilhados de produção de saberes atravessados por recursos tecnológicos e mediáticos, e por um universo social cada vez mais complexo e multifacetado, é possível identificar diferentes tipos de abordagens e de ancoragens que se podem construir a partir das questões que emergem do encontro entre estes dois campos do saber e da pesquisa.

Não é de hoje que o debate sobre as interfaces entre media e educação se apresenta. As interlocuções vão desde a perspectiva da promoção da leitura crítica dos meios e das mensagens mediáticas, passando pela dimensão do uso das tecnologias da comunicação e informação como ferramentas pedagógicas, até as experiências mediáticas dos sujeitos em ambientes intra e extra-escolar. Peruzzo (1999, p. 205) destaca que os estudos que enfatizam as relações e inter-relações entre educação e comunicação o fazem a partir de alguns posicionamentos específicos: 1) a questão do ensino-aprendizagem enquanto mediado por um processo comunicativo; 2) a utilização de meios de comunicação na educação presencial, nas instituições de ensino; 3) o papel dos media no processo de educação; 4) a educação para a recepção crítica das mensagens transmitidas através dos meios massivos, especialmente a televisão. Para Girardi e Jacobus (2009, p. 34),

[...] comunicação e a educação estão intimamente ligadas. A comunicação é a forma de expressar o que se quer dizer, com um determinado conhecimento, para alguém que quer compreender a mensagem a ser dita. Já a educação, por meio de um processo de formação, torna o indivíduo apto a organizar as idéias e, a partir daí, comunicar-se de forma eficiente. Nós só vamos nos comunicar bem se organizarmos nossas ideias de forma clara e direta, com um aprendizado que nos dê conhecimento sobre o que queremos expressar, utilizando uma linguagem adequada.

As diversas abordagens possíveis apontam a preocupação teórico-prática no âmbito da pesquisa acadêmica com a temática e demonstram a atualidade desta questão, num momento histórico em que as tecnologias da comunicação e informação com-

põem, juntamente com as instituições convencionais de ensino, espaços de produção, negociação e circulação de saberes socialmente construídos e mediaticamente distribuídos e que impactam sensivelmente na constituição do sujeito e no seu ambiente social. Não indicamos os modos de perceber as interfaces entre estes dois campos com a intenção de problematizá-los de modo apurado, ou esgotarmo-nos no assunto, nem sugerindo que apenas esses vieses dão conta da amplitude do tema. Mas para reforçar a tese da existência de uma íntima relação entre educação e comunicação e mostrar as possíveis formas de encarar a questão, a fim de nos familiarizarmos ainda mais com esse espaço de fronteiras abertas, territórios complexos e multifacetados, constituídos pelo entrecruzamento de sentidos, saberes, sujeitos e instituições.

O fenômeno dos media de massa, então, deve ser apontado como um fenômeno comunicativo, ou seja, um tipo de relação social que implica um diálogo constante entre emissor e recetor. A produção, difusão e receção fazem parte de um complexo processo de criação numa cultura mediaticamente mediada.

Entre o alarmismo e a dissimulação, a massificação e o relativismo, Giddens (2012) aponta o “diálogo vivo” como alternativa para tal impasse. Sugere que, não só os media, mas os processos educativos (formais e não formais), devem se converter em ambientes favoráveis para o diálogo de caráter formativo.

O diálogo, como jogo político, que abre espaço para a experimentação pessoal e coletiva dos rumos adotados pelos indivíduos e permite, sem a autoridade absoluta da tradição, a adoção de uma postura mais gerativa, um engajamento político positivo, o que Giddens chama de “política-vida”. Nesta perspetiva ele afirma que há uma nova identidade para o eu na modernidade, passível de monitoramento e revisão.

O eu torna-se um projeto reflexivo, baseando-se em identidade auto-construída, individual e coletivamente. [...] A exiguidade de dilemas – situação típica tanto em sociedades tradicionais, que forneciam ‘guias’ inquestionáveis para as ações, quanto da arrogância racionalista de alguns momentos da modernidade, nos quais o progresso era tido como inexorável – na modernidade tardia perde espaço para uma atmosfera problematizadora, questionadora, que a cada momento coloca desafios a reflexividade do sujeito (Oliveira & Zangelmi, 2012, p. 119-120).

O que nos parece ser o fato primordial a ser discutido é que os media, tanto quanto as práticas pedagógicas institucionalizadas, escolares, à sua maneira, podem ser

compreendidas à luz das interações que em torno deles se constitui e da produção de sentidos que nelas e através delas ocorrem. Para além da capacidade de selecionar ou agendar o que devemos discutir e conhecer do cotidiano, é também pela mediação da escola e dos media que o mundo que conhecemos é narrado, traduzido e compreendido. Ou seja, estes espaços concorrem com o indivíduo na significabilidade do mundo. Não são apenas meios de informação ou transmissores de significados, mas constituem-se em espaços de interação onde sentidos são produzidos, construídos e reconstruídos, e onde sujeitos se encontram a fim de travar uma disputa pela interpretação do mundo e de si próprios.

Desta forma, em face a vários cenários possíveis, sejam eles nos espaços escolares ou mediáticos, a reflexividade, a formação humana pode se configurar no diálogo radical, aberto, livre e consciente, desvincilhada de ordenamentos institucionais ou socialmente pré-fixados ou engessados no tempo e no espaço. O diálogo vivo possibilita a constituição de uma individualidade permanentemente revisitada, infundavelmente revisada, e criticamente refletida, o que fortalece a autenticidade do eu e de seu projeto reflexivo.

REFERÊNCIAS

- Bacega, M. A. (1999). Comunicação & Educação: do mundo editado à construção do mundo. *Comunicação & Informação*, 2 (2), 176- 187.
- Baudrillard, J. (1991). *Simulacros e simulações*. Lisboa: Relógio D'Água editores.
- Bévort, E., & Belloni, M. L. (2009). Mídia-Educação: conceitos, história e perspectivas. *Educação e sociedade*, 30 (109), 1081-1102.
- Caimi, F. E. (2003). A crise da escola e o 'mal-estar' docente. *História: debates e tendências*, 4 (1), 133-141.
- Freire, P. (1977). *Extensão ou comunicação?* Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Giddens, A. (1991). *As consequências da modernidade*. São Paulo: Editora UNESP.
- Giddens, A. (2002). *Modernidade e identidade*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Giddens, A. (2012). *Sociologia*. Porto Alegre: Penso.

- Guareschi, P. (2005). *Mídia e democracia*. Porto Alegre: P.G/OB.
- Girardi, I., & Jacobus, R. (2009). *Para fazer rádio comunitária com “C” maiúsculo*. Porto Alegre: Revolução de Ideias.
- Gómez, G. O. (2006). *Comunicação social e mudança tecnológica: um cenário de múltiplos desordenamentos*. In D. Moraes (Org). *Sociedade Midiatizada* (pp-8198). Rio de Janeiro: Mauad.
- Lopes, P. C. (2011). Educação para os media nas sociedades multimidiáticas. *CIES e-Working Paper*, nº 108/2011. Publicação do CIES do Instituto Universitário de Lisboa.
- Martín-Barbero, J. (1997). *Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia*. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ.
- Martín-Barbero, J. (2000). Desafios Culturais: da comunicação à educação. *Comunicação & Educação*, 18, 51-61. Acedido em <http://www.revistas.usp.br/comueduc/article/view/36920/39642>
- Martín-Barbero, J. (2006). *Tecnicidades, identidades, alteridades: mudanças e opacidades da comunicação no novo século*. In D. Moraes (Org). *Sociedade Midiatizada* (pp. 51-80). Rio de Janeiro: Mauad.
- Martino, L. M. S. (2014). *Teoria das mídias digitais: linguagens, ambientes e redes*. Petrópolis: Vozes.
- Nascimento, A. (2009). Educação e comunicação: diálogos contemporâneos e novos espaços de reflexão. In A. D. Nascimento & T. M. Hetkowski (Eds.), *Educação e contemporaneidade: pesquisas científicas e tecnológicas* (pp. 133-158). Salvador: EDUFBA.
- Newcomb, H. (2010). Sobre aspectos dialógicos da comunicação de massa. In A. P. Ribeiro, & I. Sacramento (Orgs). *Mikhail Bakhtin: linguagem, cultura e mídia* (pp. 49-87). São Carlos: Pedro & João Editores.
- Oliveira, F. R., & Zangelmi, A. J. (2012). Modernidade e Reflexividade: Anthony Giddens e a interpretação do mundo contemporâneo. *Isegoria*, Ano 1, vol 1, n2, 111-123.

Reflexões em um Campo de Fronteiras: Educação e Comunicação em Diálogo

- Peruzzo, C. M. K. (1999). Comunicação comunitária e educação para a cidadania. *Comunicação & Informação*, 2 (2), 205-228.
- Setton, M. G. (2015). *Mídia e educação*. São Paulo: Contexto.
- Thompson, J. (1995). *Ideologia e cultura moderna: Teoria social e crítica na era dos meios de comunicação de massa*. Petrópolis: Vozes.
- Wolton, D. (2012). *Internet, e depois? Uma teoria crítica das novas mídias*. Porto Alegre: Sulinas.

Exploring The Nexus Between Family Size Planning and Retirement Planning in Ghana

Delali Adjoa Dovie

University of Ghana - dellsellad@gmail.com

Abstract

The study articulates the perspectives and attitudes of workers in an attempt to uncover thoughts and ideas in relation to the phenomena of family size planning and retirement planning. Use was made of both quantitative and qualitative datasets. The sample [n=442] was selected using a multi-stage sampling technique. The paper finds that there is a link between family planning and retirement planning. The reasons for this nexus encompass the fact that large family sizes may inhibit saving abilities. Further, large family size hinders the ability to save. The ideal family size in this context ranges between 1 and 5. The findings show that family planning positively corre-

lated (0.688) with retirement planning. Stated differently, family size correlates with planning towards retirement to a greater extent. Whereas large family size inhibits retirement planning, small family size facilitates less expenditure and better savings, and ensures the availability of financial resources to be channeled into retirement plans. These findings reflect a change in thoughts regarding large family size as opposed to small family size. A gradual shift pertains to smaller families with retirement planning in focus. Also, annexed to family planning is social relationship building, both of which have implications for later life planning.

Keywords: Family size planning, social relationship building, retirement investments, workers, retirement planning

Explorando o Nexo entre o Planeamento Familiar e o Planeamento da Reforma no Gana

Sumário

O estudo articula as perspetivas e atitudes dos trabalhadores, procurando descobrir pensamentos e ideias em relação aos fenómenos do planeamento familiar e do planeamento da reforma. Utilizaram-se conjuntos de dados quantitativos e qualitativos. A amostra [n = 442] foi selecionada, usando uma técnica de

amostragem em vários estágios. O artigo conclui que existe um elo entre o planeamento familiar e o planeamento da reforma. As razões para esse nexo incluem o fato de que famílias de dimensão elevada apresentarem inibição na capacidade para economizar. Além disso, o tamanho de uma família de dimensão ele-

Exploring The Nexus Between Family Size Planning and Retirement Planning In Ghana

vada dificulta a capacidade de economizar. O tamanho ideal da família nesse contexto varia entre 1 e 5. Os resultados mostram que o planejamento familiar correlacionou-se positivamente (0,688) com o planejamento da reforma. Por outras palavras, o tamanho da família correlaciona-se, em grande medida, com o planejamento para a reforma. Enquanto o tamanho da família grande inibe o planejamento da reforma, o tamanho da família pequena possibilita menos gastos e melhores economias e garante a disponibilidade de re-

ursos financeiros canalizados para os planos de reforma. Esses resultados refletem uma mudança de pensamento, em relação ao tamanho da família grande, em oposição ao tamanho da família pequena. Observa-se uma mudança gradual nas famílias de menores dimensão focadas no planejamento da reforma. Também juntamente com o planejamento familiar figura a construção de relações sociais, as quais têm implicações para o planejamento posterior da vida.

Palavras-chave: Planejamento familiar, construção de relacionamento social, investimentos em reforma, trabalhadores, planejamento de reforma.

INTRODUCTION

Preparing towards post-retirement life is constituted by nine distinct pillars. First, it consists of a series of processes that first and foremost depend on negotiating the process of retirement preparation namely the identification of retirement aspirations. Second, pre-retirement education (PRE), the foundation of the whole process. This relates to what is to be anticipated in preparing for retirement including what to do. Third, the ranking of needs; fourth, resource mobilization; fifth, pension contribution. Sixth, the institution of emergency account strategy that comprises savings and 'susu'. Seventh, involves wealth creation through the investment of funds into financial products such as treasury bills, shares, stock, bonds, fixed deposits, purchase of house(s), and Medicaid. Eighth, family planning and social relationship building. Finally, resource allocation aimed at resource utilization extensively in post-retirement life. Noteworthy is that these can be collectively pursued (Dovie, 2018a). The implication of this is that retirement planning is a continuous process in the life course.

Resource mobilization for later life is not the preserve of pension participation and contribution but an all-encompassing institution of a myriad of portfolios such as T-bills, shares, insurance policies among several others, all of which may complement pension income. When undertaken, these serve as a buffer against having to solely depend on pension contributions for old age income and thus ensuring eco-

conomic security (Dovie, 2018a). After the event of retirement, the resources mobilized can be utilized in diverse ways. For instance, needs situated within the context of post-retirement life may be ranked during which economically viable decisions can be taken. This can be attained through the identification of problems such as an impending health challenge, for which the mobilized resources may be used. This means that retirement planning is a continuous process in the life course.

Retirement planning is the diverse preparations and preparation portfolios workers institute during active service in anticipation of life after retirement (Agbobli, 2011; Moody, 2010; Novak, 2006). It may occur at both the organizational and individual levels comprising savings and the accumulation of assets among others (Dovie, 2017). Retirement planning consist of family planning and the allocation of resources for designated purposes namely purchase of houses (Dovie et al., 2018; Dovie, 2019a, 2019b, 2019c) or paying for the education of children while simultaneously instituting retirement plans and portfolios (Dovie, 2018a). Preparation towards retirement also entails family planning and social relationship building which takes three distinct forms namely having a manageable family size, care for own children, care for siblings and/or cousins as well as joining association(s). These can be collectively pursued.

Atchley (2000), Litwin (2010), and Quadagno (2014) write that social network ties stem from several sources such as the family and the work place including social exchange in terms of the receipt of informal time (practical aid) and/or financial transfers. The essence of family planning lies in the fact that there is the need to have a closer and tight web of social relations to serve as a buffer in the event of retirement, while having enough financial resources devoted to retirement planning. Essentially, this type of web must be built meticulously and with maximum care in order to avoid the spate of loneliness that may ensue during years of retirement, due to the lack of a formidable network of social relationships with immediate family relations and significant others Dovie, 2018a).

Freifeld (2013) documents that positive and supportive relationships will help individuals to feel healthier, happier, and more satisfied with life. More positive and healthy relationships can be fostered by the following in all areas of life: first, accepting and celebrating differences; second, listening effectively and understanding what others communicate to people is the most important part of successful interaction and vice versa. Third, giving time to people as also a huge gift. Devoting time, energy, and effort to developing and building relationships is one of the most valuable life

Exploring The Nexus Between Family Size Planning and Retirement Planning In Ghana

skills. Fourth, the development of communication skills is imperative. Fifth, mobile technology management is key. Mobile gadgets save lives in an emergency, and effective tools for communication. Yet, they also can be a complete distraction when people exhibit a lack of mobile phone etiquette. Lastly, learning to give and take feedback. Feedback is the food of progress. Learning to trust more, and developing empathy are also worth pursuing.

Rappaport (2017) notes that the extended family is an important part of retirement planning for many Americans. Indeed, in the past, family members frequently helped fill in gaps when people grew older. Yet today, people increasingly reach their senior years with few or no family members who can assist. Perhaps, family concerns are often given inadequate consideration in retirement planning. A study conducted by the Employee Benefit Research Institute (2019) showed that 51% of Americans aged 50-64 provide financial assistance to their family members. The proportion dropped at older ages: 39% of those aged 65-74, 33% of those age 75-84, and 85+ (28%). But only a handful of older households (5%) received financial transfers from younger family members.

Greenwald and Associates (2013) conducted detailed focus groups with people in the US and Canada who have retired for 15 years or more. The findings comprised the fact that many long-term retirees have managed their finances in retirement quite well. Yet some financial shocks proved particularly unsettling, including needing long-term care and getting a divorce in retirement. A cross section of the retirees did not want to rely on their children for support, while others perceived their children as a potential resource to fall back on. Presently, most seniors do not plan on having their children help them, and many work hard to avoid it. Nonetheless, many family members can and do provide help (Rappaport, 2017). A problem frequently mentioned by long-term retirees arises when adult children need help, for instance due to mental illness. Some seniors also have dependent children or grandchildren living with them, and some help pay for their off springs' education.

Sun, Barboza, and Richman (2007) document that personal retirement planning behavior is a function of access to investment information albeit from digital literacy sources. Pre-retirement education (PRE) prioritizes advancement and achievement in relation to retirement preparations (Dovie, 2018b). There is therefore a significant relationship between PRE and retirement planning for which there is the need to disseminate information in order to inspire, inform and foster learning and knowledge acquisition. However, inadequate access to information, ineffective management and

dissemination of information has been an enduring challenge (Amoakohene, 2011; Dovie 2018b, 2018c), traversing both colonial and post-independence eras (Amoakohene, 2011). Stated differently, PRE fosters family size planning.

The goal of this paper is to articulate the essence of family size planning, social relation building and how they are related to retirement planning. The study set out to ascertain the correlation between family size planning and retirement planning. The objectives of the study are: to investigate the influence of family planning on retirement planning; and to outline social relationship formation within the context of retirement planning.

The remainder of the paper is ordered as follows: section two documents issues related to retirement and family planning in Ghana and work dynamics in the formal and informal sectors. Section three entails theoretical framework, section four discusses the methods employed in the study, section five presents study results, section six discusses the results and section seven concludes the paper.

RETIREMENT AND FAMILY PLANNING IN GHANA

Temporal shifts in old age family support and differences exist between populations pertain regarding the extent to which families provide support to older people (Deatland & Harlfson, 2003). For instance, observed differences between western nations and some non-western societies including Africa and Ghana exist in terms of extreme lack of family support (Aboderin, 2005). The weakening of the norms of family and filial obligation is due to the influence of western individualistic values and urban lifestyles and a consequent growing focus on the nuclear family (Aboderin, 2004). Aboderin (2004, p. 226) further argues that *it would represent an attempt to lay down a particular 'moral order' of family responsibilities that no longer fully accord the values and expectations for the future, prevalent in the population today.*

Dovie (2018a) opines that what retirement was yesterday is not what it is today, or what it will be in the future. In contemporary times, life expectancy is higher today than ever before. Also, *poor financial planning for retirement is reported to be a major problem among formal and informal sector workers and may compound the overdependence documented among elderly individuals* (de-Graft Aikins et al., 2016, p. 176). In addition, not planning towards retirement may engender vulnerability to economic dependence in later life.

Exploring The Nexus Between Family Size Planning and Retirement Planning In Ghana

Retirement is an inevitable life transition (Dovie, 2018a) which requires advance preparation. Previously in Ghana, the traditional social support system played a key role in the care of older people. Aboderin (2006) notes that inadequacies in material family support and concerns over old age economic security, which leaves many older people unable to meet their basic needs. Retirement planning is a pertinent issue in Ghana, especially with increased life expectancy in recent times. It is for this reason that Dovie (2017) found that 86% of workers were planning for retirement with implications for the realisation of retirement aspirations of workers, availability of adequate planning information, salary increment, all of which have effects on retirement investments. Similarly, Bokpin (2018) asserts that Ghanaian workers in active service need to be educated to plan for their retirement before the attainment of the retirement age of 60 years. This is attainable with the provision of retirement planning information, particularly by pension service providers (PSPs) as well as related organisations and/or institutions (Dovie, 2017, 2018a, 2018b). Worldwide, pension systems and the attendant contributions constitute a key mechanism for preparing towards retirement (Dovie, 2018b), the significance of which cannot be underestimated including the security of ageing populations (Holzmann & Hinz, 2005).

Population pressures depict significant constraints on future economic growth and the ability of the country including Ghana to provide the welfare of its citizens and achieve its national development objectives (GAP, 2012). Ghana's population increased by 30% from 18.9million in 2000 to 24.6million in 2010. It is against this backdrop that the government of Ghana took cognizance of the link between rapid population growth and social and economic development to foster a positive policy environment for family planning. For instance, the road map for repositioning family planning in Ghana (2006-2010) beacons for an increase in political commitment and public awareness, and the acceptance of family planning as important to national health and socio-economic development including funding for family planning commodities and services.

The National Population Policy (Revised Edition, 1994) also sets clear targets in relation to fertility-contraceptive use. In furtherance to the proceeding family planning policies, the national blueprint for development, the Ghana Shared Growth and Development Agenda (2010-2013) reorganized family planning as a key priority for inclusion in national development plans and activities at all levels (GAP, 2012).

Also, the 2008 Demographic and Health Survey (DHS), (2008) intimates that Ghana's total fertility rate reduced to an average of 4 children per woman and the

utilization of modern family planning methods among women within the 15-49 age range increased to 17%, yet fertility rates vary across the country, rising from 2-5 children per woman in the Greater Accra Region to 6.8 children in the Northern Region of Ghana. Considering such high fertility rate in Ghana, the study sought to ascertain the extent of integration between retirement planning and family size planning, and the influence thereof.

FORMAL AND INFORMAL SECTOR WORK DYNAMICS

The field of work is constituted by formal and informal sectors (Dugbazah, 2012; Ghana Statistical Service, 2013; Round, 2009). The formal sector comprises private formal and public formal sectors. According to Ackah et al, (2012) the public sector forms a major part of the formal sector. In all societies, the two forms of economic activities namely formal and informal sector activities exist side by side. However, in other contexts, they overlap. The key distinction between formal and informal employment opportunities is the difference between workers who earn monthly salaries and those who are self-employed and yet do not enjoy opportunities in terms of monthly salaries. The key characteristics of the formal sector entail operation under the support of accepted rules and regulations that have been enacted and implemented by government (Chen, 2007; Addai, 2011).

The majority of the labor market in Sub-Saharan Africa (SSA) is self-employed in the informal sector including agriculture and non-farm work (Palmer, 2007). The informal sector in Ghana is a loose combination of small-scale organizations and people who are self-employed (Addai, 2011; Palmer, 2007), who operate independently of the rules and regulations that the formal sector is endowed with. This is indicative of the fact that the informal sector does not provide its employees with 'privileged facilities' existent in the formal sector (Chen, 2007; Round, 2009; Addai, 2011), such as pension contributions, medical coverage, end-of-service benefits (Dovie, 2019a) It may not also comply with the minimum wage payment regulations and to some extent does not have plans and benefits e.g. social security (Round, 2009) for its employees in terms of retirement or compensation for its employees in the case of the termination of appointments (Addai, 2011; Round, 2009), yet not necessarily. This depicts engagement in *vulnerable employment with high level of informality in the labor market* (Ackah & Baah-Boateng, 2012). It has been observed that it is difficult

Exploring The Nexus Between Family Size Planning and Retirement Planning In Ghana

for the informal sector to secure credit (Round, 2009; Dugbazah, 2012). Workers in this sector are forced to accept cash-in-hand wages (Round, 2009) or that informal payments are demanded in order to secure employment not necessarily by chance (Round, 2009; Dugbazah, 2012).

Only 20% of Ghana's active population is employed in the formal sector (GSS, 2010), which is characterised by rules and regulations in relation to working conditions (Addai, 2011; Chen, 2007; Round, 2009) including monthly salaries (Addai, 2011). The informal sector employs 80% of Ghana's population (Doh, Afranie, & Bortei-Doku Aryeetey 2014; Osei-Boateng & Ampretwum, 2011; Tonah 2009). Inherent in the informal sector are poor pay; lack of formal job descriptions including terms and conditions of service (Chen, 2007; Round, 2009; Tsikata, 2015). Compared to their informal sector counterparts, formal sector workers are mandatorily compelled to prepare towards retirement via pension contributions. But there is no fixed age for retirement in the informal sector, except dictated by ill-health or frailty.

THEORETICAL FRAMEWORK

The theoretical framework that underpins this study is a medley of the stages of retirement theory as well as Caldwell's wealth flow theory.

The stages of retirement theory, according to Atchley (2000) has several phases, pertinent among which is the pre-retirement planning phase which this study adopts. This phase occurs prior to the event of retirement. The pre-retirement phase of the theory articulates planning along the life course, constituted by the remote and near stages, each with distinguished features and sets of actions to be undertaken. However, the stage of essence here is the near stage.

The near stage is usually characterized by anticipation of and planning for retirement. This stage occurs almost immediately before retirement. At this stage, workers plan on retiring from work and check on retirement investments. These depict planning for retirement along the life course. At this stage, workers prepare to separate from the workforce and work context, develop detailed retirement aspirations and expectations. Yet, Atchley (2000) argues that the most significant retirement preparation measure is financial planning, which in this context finds expression in PRE. It relates to financial planning including health and life-style topics; legal issues; housing information and work after retirement. However, Atchley's theory failed to clearly

articulate social relationship development platforms such as family size planning, family, associational membership among several others and the significance thereof. This shortfall is supplemented by the wealth flow theory postulated by Caldwell (1976, 1978, 2005).

Caldwell (1978) argues that the incentive for childbearing is determined by the economic value of children and the attendant direction of the flow of intergenerational wealth. High fertility rates exist in developing countries, yet the explanation and offering of contraceptives has yielded little improvement (Caldwell, 2005). To some extent, these change with the emergence of modernization, industrialization as well as change in the orientation of the individual (Caldwell, 1976) and the entire process of economic and social development. Nevertheless, the survival of children born is important, but equally essential is the fact that such children are well-spaced and by extension, families limit the number of children born. Caldwell (2005) argues *thus, the pressure to have fewer children results principally not from forward-looking educated parents but from forward-looking investing parents* (p. 736).

The underlying principle for childbearing and the associated economic value is expressed in the fact that societies and therefore parents are economically rational. Normally, services have obligatory elements, albeit investments in future security. However, this notion turns out more in African societies wherein parents allegedly bear children who are socially bound by the rationality of an economic goal in the form of social insurance in old age. Caldwell (1976) argues that no matter the type of society, children have a myriad of demonstrable values expressed in doing enormous work for and with their parents both at a younger age. In order to increase the ability of their children to make returns, parents invest in the training or education of their children. Wealth flow may be direct and indirect. The indirect routing of wealth flow pertains to *the augmentation of political strength to allow the tapping of a larger share of communal wealth* (p. 344). Caldwell (1978) termed this ‘reversal of intra-familial wealth flow’.

Caldwell (1976) documents that the net flow from children to parents is the predominant situation in primitive and traditional societies, for example among the Yoruba in Nigeria, yielding substantial returns. In addition, parents’ payment of their children’s educational expenses denote an investment beyond which other motives such as the pride of parents, family honor, valuation and appreciation of children in marriage pertains. Culturally, people do not save money for retirement. Instead, they invest in their children, a notion that gives credence to Caldwell’s intergenerational

Exploring The Nexus Between Family Size Planning and Retirement Planning In Ghana

transfer conception, signifying the diversification of retirement resources. This assertion of Caldwell's indicates that in the absence of other investments, a significant reaction to risk in old age is caring for children. Children's insurance value in times of disaster, danger and old age of parents (Caldwell, 1976, 2005) cannot be underestimated. Thus, Caldwell demonstrated the insurance potential of children to be an equivalent of current payments for an insurance policy which is normally redeemed at a future date. As Caldwell (2005) notes, *the insurance role is more important than the investment role* (p. 724). However, the wealth flow theory ignored workers' investment in significant others in society. This study fills this gap.

RESEARCH METHODS AND DATA ANALYSIS

Tema is a typical major Ghanaian city that is privy to and epitomizes an urban setting, it which articulates the deepened prongs of family planning vis-à-vis retirement planning among workers. Data for this paper was collected as part of a bigger research project. This project was for the award of a PhD degree in Sociology and was focused on the preparations of Ghanaian formal and informal sector workers towards retirement. The data collection took a cumulative period of 16 months, from October 2015 to January 2017.

Subjects and Settings

The explanatory sequential mixed methods strategy was employed in this study. Using a three-phase approach, the study gathered both quantitative and qualitative datasets. The initial qualitative phase explored institutional level viewpoints regarding issues of retirement planning generally in Ghana. The sample at this phase like the third phase were purposively selected. Noteworthy is that information obtained from this phase was used to guide the development of the questionnaire for the subsequent phase. The second quantitative phase ascertained workers' general views on retirement planning from the trajectory of family size planning and its relationships to retirement based resource mobilization. A multi-stage clustered sampling technique was used to select a sample of 442 workers aged 18-59 years utilizing the formula by Moore and McCabe (1993). An anticipated non-response was built into the survey design. Further, organizations were first stratified into formal and informal sectors, afterwards they were then clustered into manufacturing, administrative and service

organizations. Out of these, the administrative and service units were randomly selected. From these, individual workers were also randomly selected. Thus, the total population of Tema according to Ghana Statistical Service (2014) is 292,772, out of which 135,640 are employed, and it was from this that the sample for the study was selected. The third phase of the study sought to understand the lived experiences of workers' retirement preparation from the tangent of family size planning and social relationship building based lived experiences. The University of Ghana's Institutional Review Board approved the project. Confidentiality and anonymity were ensured.

Data Collection Process

Key informant interviews were used in the first phase of the study with 12 institutional participants. A questionnaire was used in data collection in the second phase. Furthermore, the survey was used because of the coverage of wide numbers of respondents it facilitates. The administration of the questionnaire took the form of face-to-face interviews to eliminate the situation of unreturned questionnaires. To facilitate this, interview appointments were booked severally, even five or six times. As indicated earlier, the questionnaire for this phase was influenced with findings from phase 1.

During the third phase, 20 respondents who had participated in the initial phase also took part in follow up interviews with the purpose of obtaining an explanation for issues raised in the prior phase. In-depth interviews were used in the gathering of data. Prior to which permission to tape record discussions including informed consent were sought. The questionnaire was created based on previous research (Agbobil, 2011), input from colleagues and also the study's research interests. After the initial pool of questionnaire was written, qualified experts reviewed and made suggestions for improvements. To ensure reliability of the instrument, it was pretested on a sample of 30 individuals, following the guidelines of (Perneger et al., 2015). Further, a pilot test among the intended respondents for initial validation was undertaken.

The interview guides and questionnaire were piloted to ensure accuracy in understanding, fluency and proper wording of questions. The face-to-face interviews were conducted in both English language and Ghanaian languages, namely Ga, Ewe and Twi.

Data Analysis

The key informant and in-depth interviews were preliminarily analyzed as they were being collected based on which modifications were made in the sampling strategy before the next series of interviews to ensure gaps were ascertained and rectified. This act preserved the multivocality and complexity of lived experiences while maintaining focus on the study's theme. The qualitative data analysis process was undertaken following Bryman's (2008) analysis strategies. Therefore, a combination of the following analytic strategies was employed in this study. First, analytic induction, which was related to reaching general explanations, was used. Second, thematic analysis was undertaken in relation to the examination of theoretical themes of the research through studying particular cases. Finally, narrative analysis was used to search for new issues from the stories told by the research participants about their lives.

Efficiency of the thematic analysis conducted was ensured following a variety of principles in the course of data processing. These include the search of similar and different responses among interviewees on given themes such as family planning and social relationship building dynamics; transitions in search for issues that link themes and sub-themes together. These were undertaken to ensure the pursuance of the relationship between categories and themes of data seeking to increase the understanding of the phenomenon.

Nvivo Software was used to facilitate text coding and retrieve coded texts as well as interpret the data. In lieu of which the analytical process proffered by Bazeley and Jackson (2014) was followed, using five distinct steps. A project was created which comprised all the documents, coding data and related information that assisted in the process of data analysis as well as saving the NVivo project. The transcribed interview files were respectively named. Qualitative data files were imported. Additionally, nodes were engaged as a place in NVivo for references to code text.

A chunk of data were then coded. This included finding obvious themes as well as auto-coding. The codes formed a pattern. The passages of texts were compared and contrasted for ways in which they were similar and different. The emergent concepts, entailed for example, family planning and its attendant influence retirement planning. Memos were used to tell the story of the research by adding descriptions. The knowledge developed from the data was reported.

The themes appeared as major findings and were used to create headings in the results section of the paper. The interrelation between themes involved the use of narrative passage to convey the findings of the analysis. The themes were interconnected into a storyline.

The obtained quantitative data were analyzed utilizing Statistical Package for Social Science Software (SPSS) version 20.0, using frequencies, percentages and bivariate analysis - Pearson product moment chi-square and Cramer's V tests were as the standard to assess the correlation between the two variables studied. The usage of multi-stage sampling approach means that the results are statistically representative, thus, generalizability is permissible to the general population.

RESULTS

The study population consisted of 213 males (48.2%) and 229 females (51.8%) aged between 18-59 years. Most of the respondents had some level of education. Overall, the highest educational level attained by a near majority of the respondents (46.4%) was tertiary education. They were constituted by the formal sector (221, 50%) and informal sector workers (221, 50%) (Table 1).

Table 1
Participants' demographics

| Variables | Characteristics | Frequency | Percent (%) |
|-------------------|------------------------|-----------|-------------|
| Age | 18-24 | 21 | 4.8 |
| | 25-29 | 42 | 9.5 |
| | 30-34 | 81 | 18.3 |
| | 35-39 | 58 | 13.1 |
| | 40-44 | 67 | 15.2 |
| | 45-49 | 59 | 13.3 |
| | 50-54 | 54 | 12.2 |
| | 55-59 | 60 | 13.6 |
| Sex | Male | 213 | 48.2 |
| | Female | 229 | 51.8 |
| Educational level | No-formal education | 24 | 5.4 |
| | Pre-tertiary education | 212 | 48.0 |
| | Tertiary | 206 | 46.4 |
| Sector of work | Formal | 221 | 50 |
| | Informal | 221 | 50 |

Note. Data must be read as percentages. Source: Field data, 2016.

Exploring The Nexus Between Family Size Planning and Retirement Planning In Ghana

The notion of family size planning

Formal sector (72.4%) and informal sector (27.6%) workers, planned the number of children they wanted to have (Figure 1) as part of the retirement planning process. In other words, some of the workers had an anticipated number of children they could adequately care for. This could be expressed as the ‘intended number of children for the worker/or planners.

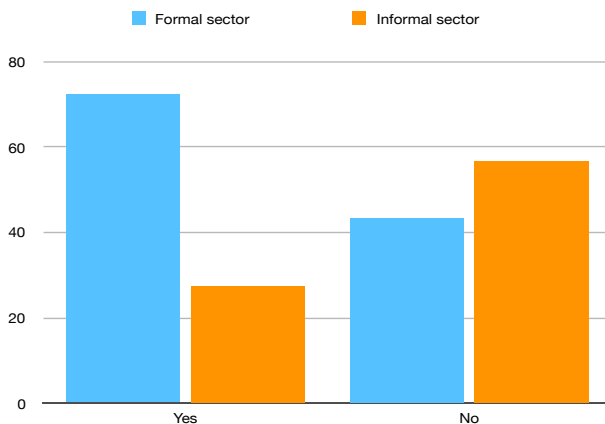


Figure 1. Planned number of children had. Source: Field data, 2016

The key informant interview data reveal that family planning is a phenomenon that is undertaken with the focus to plan well towards retirement. It is an epitome of the prioritization of the needs of which sensitization is imperative. This is summarized as follows:

I don't know because we have misplaced priorities. I for one, I bought a house before I bought a car. I know you see, because I know if they sack me from here now, I can rent it and go and get a 2 by 4 place at the United Nations and stay and still be getting money without working. You see, when you go to the rural areas they like buying cloth, every new cloth they will go and buy for any funeral, meanwhile they don't look after their children to go to school. It's the education that should start, that people should plan, planning in everything. Planning, the keyword is planning. They should plan for their future, even the number of children they want to have. They should plan, the number of children they want to have, they should not have 5,6,7,8 in this day and age (Key informant 1).

The above quote emphasizes the need to plan a family size necessitated by later life and facilitated by sensitization to do so particularly by pension service providers and a host of others. In other words, retirement planning is strengthened and/or consolidated with the provision of planning information. The survey data indicates that the desired family size ranges between 1 and 5 in terms of the number of children had, yet dependent on the individual (Figure 2), according to formal (76.2%) and informal (23.8%) sector workers, the highest number of children should be 5. In other words, the desired family size ranges between 1 and 5, whereas the highest number of children is 5. It is worthy of note that the members of the family are not only the children but parents or guardians as well. Hence, at least in the case of single parent families, size family ranges between 2 and 5. However, inasmuch as a family of 5 elements may depict a small family in Ghana, it may not actually denote a small family elsewhere including Europe. The criteria to define small and large families in the context of this study relates to the following: in marriages the couple and a child, yielding a family of 3 elements as constituting a small family whereas large families may entail a couple and 4 or more children; a single parent and 4 or more children.

It is worth reiterating the fact that annexed to family planning is the phenomenon of social relationship formation with children, siblings, cousins as well as significant others. These have been vividly described below.

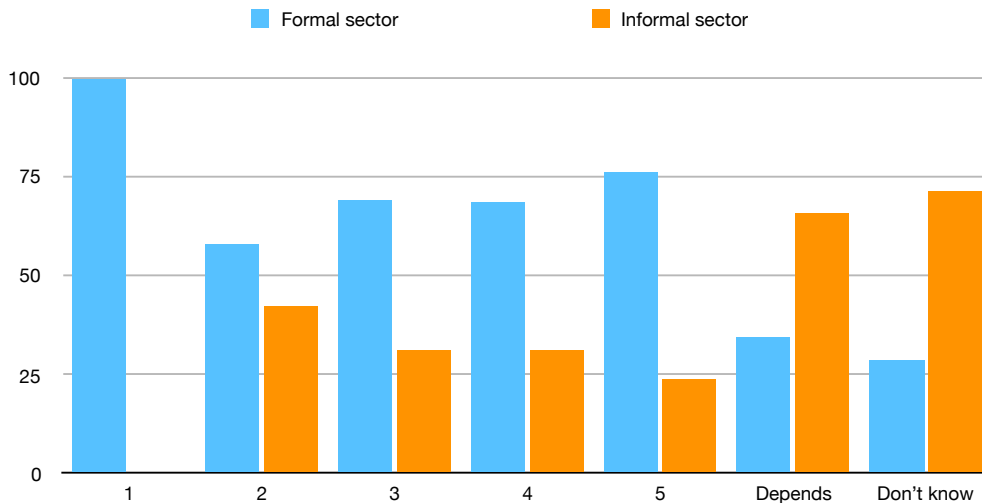


Figure 2. Ideal number of children for retirement planning. Source: Field data, 2016

DYNAMICS OF FAMILY PLANNING AND RETIREMENT PLANNING

The key informant interviews intimate the observation that, essentially preparing for retirement should begin at the commencement of gainful employment. Further, family size planning has implications for retirement preparation. This is because people bear more children for old security. However, in contemporary times, smaller sizes are becoming the norm. Annexed to this is the adequate spacing of children. It also suggests that there is a link between family size and retirement preparation.

The survey data found out that more informal sector workers (54.3%) felt that the link between the two variables is a lot (Figure 3). In other words, they are of the view that there is a strong connection between the variables involved.

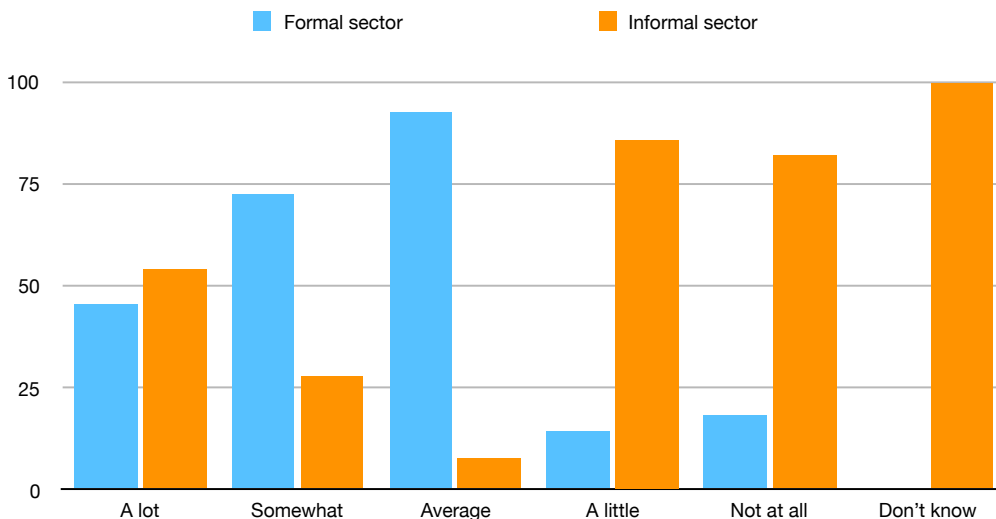


Figure 3. The extent of connection between family planning and retirement planning. Source: Field data, 2016

The in-depth data brings to the fore reasons for the linkage between family (size) planning and retirement planning as entailing the fact that larger family sizes may inhibit saving abilities, determine the planning mode, the need to increase savings, traditional belief, family size determines the extent of living expenditure, kind of work, financial status or income among others. These denote extended family preferences,

emphasizing the size of the family including the fact that the issue of family size can be digressed on without being context specific. These reasons have been expressed as follows:

Large family size hinders one's ability to save (Formal male).

One's family size will determine how the planning will be (Informal female).

But it depends on the situation (Formal male).

In Ghana, we believe in extended family relationships. Therefore, even when you are on retirement, family members will solicit financial assistance from you (Informal male).

This is because if your family is large you have to increase the savings habit (Informal female)

This is because of expenditure. The lesser the expenditure, the better the savings (Formal male).

A small family size ensures the availability of financial resources to be channeled into retirement plans (Formal male).

Smaller families can easily save something towards retirement (Informal female).

Family size will determine one's planning towards retirement (Informal male).

By contrast other observations articulate the fact that retirement planning and family size denote a third force of a kind. For example:

Both are representing a third force of the likelihood hence they are not closely linked (Formal female).

Not at all, it does not matter one's family size, one can still plan and plan well (Informal female)

These statements are reminiscent of a change in thought in terms of small family size and retirement planning. This is because through these financial resources are made available that could be invested in other retirement planning portfolios such as susu, T-bills, shares, mfund, epack, pension contribution, house and land acquisition, medicare and a host of others. However, a larger family size was in vogue in the immediate past, where large families served the economic purpose of laborforce. Yet, in contemporary times, there has been a gradual shift to smaller families with 'retirement planning in focus'. Also, reasons such as PRE, family size, poor sales, low income, lack of trust for SSNIT, unfavorable political regime including time management account for one's participation in pension contribution.

FACTORS THAT INFLUENCE FAMILY SIZE PLANNING

The respondents were asked closed ended questions on whether they considered age, gender, education, number of children, employment, sector of work, income and PRE influence family size planning oriented. This section discusses how level of education and income influence family size planning.

Educational differences in family size planning

An individual's age is capable of influencing his/her involvement in family size planning. Given this possibility, the study investigated the extent to which age influences family size planning. This study did not find age differences in the preference for manageable family size planning (p -value=1.000). Most workers (96.8%) with tertiary level of education intimated that age influenced family size planning, (p -value=0.000). No sex or gender difference was found in the preference of a small family size (p -value=0.792) (See Table 2 for details). However, the educational level of the planners influenced the consideration of the number of children (p -value=0.000). Individuals from all educational backgrounds placed similar emphasis on the income of retirement planners in tandem with retirement planning (p -value=0.050). Yet, individuals with tertiary level of education stressed PRE of planners (p -value=0.005). Workers who had attained pre-tertiary (92%) and tertiary (87.3%) emphasized the role of education in family size planning uptake considerations.

Table 2

Chi-square Test: Age differences in family size planning

| Factors considered in family size planning | No formal education | Pre-tertiary education | Tertiary education | p-value |
|--|---------------------|------------------------|--------------------|---------|
| Age | 73.0% | 91.9% | 96.8% | 0.000 |
| Gender | 62.3% | 87.5% | 65.4% | 0.792 |
| Education | 91.9% | 88.9% | 90.1% | 0.000 |
| Number of children | 73.1% | 61.3% | 97.8% | 0.005 |
| Employment | 90.1% | 95.5% | 91.3% | 0.283 |
| Sector of work | 84.8% | 98.0% | 84.8% | 0.154 |
| Income | 86.0% | 94.0% | 99.1% | 0.050 |
| PRE | 65.0% | 92.0% | 87.3% | 0.005 |

Note: $\alpha = 0.05$.

Income differences in family size planning

An individual's age is capable of influencing his/her involvement in family size planning. Given this possibility, the study explored the extent to which age influences family size planning. Most respondents within the low income class (62.3%) intimated that age influenced family size planning (p -value=0.000). In the same vein, workers in the low income, middle income and high income classes placed considerable emphasis on number of children (p -value=0.056). Income level was found to influence the consideration of PRE in the low income (79.7%), middle income (78.9%) and high income (99.0%) classes. However, gender (p -value=0.154), education (p -value=0.293), and employment (p -value=0.089) did not influence family size planning.

Table 3. Chi-square Test: Income differences in family size planning

| Factors considered in family size planning | Low income | Middle income | High income | p -value |
|--|------------|---------------|-------------|------------|
| Age | 62.3% | 88.9% | 97.8% | 0.000 |
| Gender | 91.9% | 61.3% | 91.3% | 0.154 |
| Education | 73.1% | 95.5% | 84.8% | 0.293 |
| Number of children | 90.1% | 98.0% | 46.7% | 0.056 |
| Employment | 84.8% | 99.0% | 99.1% | 0.089 |
| Sector of work | 86.0% | 55.03% | 73.1% | 1.000 |
| Income | 77.0% | 94.0% | 59.0% | 0.011 |
| PRE | 79.7% | 78.9% | 89.9% | 0.002 |

Note: $\alpha = 0.05$.

In addition, the survey data was subjected to Pearson Chi-square statistics and Cramer's V test to examine whether there is any association between family size planning and retirement planning (Table 4). The Cramer's $V=0.688$ indicates a strong existing association between the two variables.

Empirical evidence exists to show that retirement planning is associated with family size planning (Caldwell, 2005; Dovie, 2018a). Further, criteria to family planning are fertility, birth spacing and family size (Karra, Canning, Hu, Ali, & Lissner, 2016).

Table 4

Chi-Square statistics of family planning and retirement planning

| Tests | Value | Degree of freedom | Asymp. Sig. (2-sided) |
|--------------------|-----------|-------------------|-----------------------|
| Pearson Chi-Square | 403. 222a | 10 | .000 |
| Cramer's V | 0.688 | 10 | .000 |
| N of Valid Cases | 442 | | |

Source: Field data, 2016.

FORMATION OF SOCIAL RELATIONSHIPS

Social relationships can be formed at the individual and group levels with the devotion of funds, time and effort being of core essence. At the individual level, it may be formed with children, siblings, cousins, nephews and nieces, spouses, parents, uncles and aunties, house maids and servants, significant others, etc. Similarly, at the group level, it is attained by virtue of joining associations albeit professional, quasi professional or non-professional exemplified by Field engineers, Ghana Institute of Surveyors, Ghana Institute of Builders, Rotary Club, Club 50, Community 1 Market Traders Association, Community 2 Market Traders Association, Community 5 Market Traders Association, Communities 5 and 6 Taxi Drivers' Union, etc.

The formation of social relationship stems from respect as well as empathy for others with regard to obligation, responsibility, plight including the experience of similar predicaments before, etc. The latter point makes the support provided a 'give back' phenomenon especially in the case of siblings, cousins, nephews, nieces and significant others. Social relationship building involves counselling or advice, accommodativeness, appreciation by parents and children and/or wards. An informal male participant reported that *social relation formation is made up of counselling/advice, accommodativeness from the supporter to the supported and appreciation from the supported.*

Taking care of children has implications for parents, the reverse also applies. Significantly, it brings about cordiality. Parents need to get close to their children. Children also should know what their parents do including their secrets. The act of children fearing their parents is not good. Such fear is caused by the nature of parents,

displaced aggression, way of training, age and sex discrimination, shouting unnecessarily on children including beating them.

Parents must provide their children's needs where necessary namely school fees, build rapport between them, the children and their teachers. When needed, parents should go to their children's schools to explain their predicaments to the school officials rather than let children go alone. Capital formation through susu also enables the financing of children's education. With respect to personal effects, if the parents do not have the resources to acquire that, they should explain to the children in a humane manner. The formation of social relationships requires of the builders (e.g., parents, guardians, siblings, and significant others) to engage in certain acts with their children and/or wards. The following quotes confirm these assertions:

The money I obtain from susu collection I used to pay my children's school fees and so my children are my retirement investment (Informal female).

All my monies go into my 4 children's school fees and I have nothing left for other investments (Informal female).

Say to the child, I will buy you the dress when I receive the money I am expecting (Informal male).

Show love, watch television programs with children and wards, correct them when they are wrong, answer their burning questions, be very close to them, and take them out to the park, zoo, children's park, national theatre. It all has to do with communication. If your child sees you and panics or is afraid of you, it is not the best (Formal female).

Parents look after their children for them to look after them in return. However, it is not always that children have to be supported for purposes of reciprocity. Rather, they should be supported so that they can cater adequately for themselves afterwards. This perception takes away the notion of 'give and take' or 'social insurance' in this context. Thus, a Formal sector female claimed:

Now parents need not invest in their children with the objective of they becoming their old age security, rather parents and guardians should plan for their own retirement while taking care of their children.

The statements above suggest that there are 2 paradigms to childcare outcomes namely social insurance and non-social insurance. The first one perceives children as social insurance, a situation in which children are obliged to care for their parents in

Exploring The Nexus Between Family Size Planning and Retirement Planning In Ghana

return for care earlier received. To the contrast, the non-social insurance paradigm is opposed to using children as social insurance. Instead, it advocates for adequate retirement preparation as an 'insurance' against old age. It is worth reiterating the fact that parents invest in their children with both financial and material resources. However, the latter becomes the norm in the absence of the former. Investing in children has its downturns, which mostly female workers circumvented with the trading of their material resources for cash. The following observations have been made to this effect:

During times of financial difficulties when my children's school needs were outstanding, I often traded my Hollandaise and GTP wax prints for money with the promise that if I return the money I take them back or else that ends it (Informal female).

For those of us whose pays are meagre, it is not easy ooo. The last time, I had to barter trade five of my African wax prints because of my children's school fees (Formal female).

Beyond the level of children, siblings, nephews and nieces and significant others are supported for diverse reasons such as obligation, responsibility, learning process, counteract impending burden, being benevolent, sympathy and avoidance of dependency. The care for siblings is as important as that for own children. Relationship builders sometimes act as proxies for others by performing their duties on their behalf due to financial constraints or other reasons. People care for others as an experimentation of their life later in the life course, especially as parents.

For instance, a formal male who cared for his siblings made the following statement:

I care for them in my father's stead, since it is his responsibility to care for them, to avoid them being a burden to me and also as a learning process of caring for my own children later on and being a benevolent person.

With regard to nephews and nieces, the key reason is related predominantly to the avoidance of dependency. Hence, an informal sector male mentioned that:

Supporting nephews and nieces through care or provision of material things is mostly undertaken to curtail dependence of the supported on the supporters, though occasionally they support the supporter when the need arises.

From the viewpoint of significant others, supporting them is aimed at the act of benevolence, and based on prior experience of similar situation(s). For example, the following observations were made:

I support parents in the care of their children in order to avoid envy and jealousy against own children (Formal male).

It is because I have been in a similar situation before, where my parents were not in the position to support me because they were very poor and I had to survive in school with the support of uncles, aunties and significant others (Informal female).

I have been in a similar situation before but succeeded with the support of others. So I have endeavored to do good to children in such predicaments and by extension others who are in need (Formal female).

I support those I can because of the sympathy I have for the poor and needy (Formal female).

Some workers have their nephews and nieces as well as other members of the general Ghanaian society living with them. The former are obliged to perform household chores and in return their needs are catered for.

A number of the participants concentrated on the enormity of the benefits of social relationship formation for builders and the beneficiaries. At the individual level, it entails doing good, blessings, protection, etc. This is indicative of alignment issues that concentrate on the purpose and goals of the relationships once formed. For the builders, these benefits entail social interaction, physical and spiritual protection, cordial relationship establishment and maintenance, avoidance of envy and jealousy against own children, avoidance of dependency of the supported on the supporter, attending to the plights of the vulnerable and needy in society, and/or been sympathetic towards the plight of others including gratification. In lieu of these were the following:

Helping others generates blessings verbally and prayers that serve as a form of protection at some point in time (Formal male).

Relationships that are not cordial may be due to unappreciative mothers, while the cordial ones are due to appreciative mothers. This is because some mothers when the fathers give them monies to be given to the children/wards, they behave as if it is directly coming from them and not the fathers. This makes the fathers look bad before the children (Formal male).

Exploring The Nexus Between Family Size Planning and Retirement Planning In Ghana

For the beneficiaries, the benefits encompass social interaction, cordial relationship establishment and maintenance, financial support towards education from Junior High School (JHS) through to the tertiary levels namely higher national diploma, first and second degrees, etc and career accomplishments. Also, a couple of these benefits transcend benefactors and beneficiaries such as social interaction, cordial relationship establishment and maintenance among others.

The process of social relationship formation may entail two phases namely initial and termination phases. During the initial phase, the individual is supported through education or career training until he/she has completed schooling, e.g. JHS to Senior High School (SHS), and SHS to the tertiary level including completion of apprenticeship (e.g. dressmaking/fashion designing, hairdressing, vulcanizing, etc). When the educational training process is completed and the 'assisted' individual becomes gainfully employed, which denotes the termination phase.

At the group level, it may entail persistence beyond the retirement transition. Noteworthy is that individual workers belong to several associations simultaneously. The findings demonstrate the fact that some informal sector workers are members of at least three associations. For instance, Asanteman Association, Tema Market Women's Association, Tema Widows' Association as well as church welfare groups. For instance:

I belong to the Ghana Institute of Surveyors, Ghana Institute of Builders, Rotary Club and Club 50 in Ho. I will still belong to these associations even when I retire at 60 years (Formal male).

I belong to the Community 2 market association.

I belong to the Asanteman kuo, Tema widow's association and market women's association (Informal female).

I was once a part of the market women's association but I stopped because of mistreatment and disagreement over space (Informal male).

This may be the case due mostly to the benefits of joining those associations. The benefits of joining associations are numerous and entail the contribution of financial resources when a member loses a family relation, the provision of needed support in other situations including escort to programs such as funerals, outdooing, engagements and weddings, etc, provision of information regarding investment avenues, support for sickness and death of members. Belonging to voluntary associations serves as a two-edged sword coping mechanism in both pre- and post-retirement

life. In the pre-retirement life, voluntary associations are beneficial in terms of the points raised above, whereas in post-retirement life they are beneficial from the viewpoint of companionship provision in cases of sickness and eventual death. Workers are both human beings and social beings who need companionship and friendship in one form or the other. The proceeding voices allude to the connection between retirement planning and association membership. A member noted that: *“joining the market women’s association is very beneficial. My mother died 5 years ago at 84 years. The association contributed financially to her burial”* (Informal female).

In confirmation, the queen mother of the Community 2 Market Association notes that:

The association ensures access to information related to insurance, savings, sika plan and many more. In which case the leader is usually first informed and who then informs the members. It also makes contributions to support members in times of ill-health, outdooring and bereavement.

DISCUSSION

Preparation towards retirement also entails family planning and social relationship building. These take three distinct forms such as having a manageable family size, care for own children, care for siblings and/or cousins as well as joining association(s). A gradual shift pertains to smaller families with retirement planning in focus. Also, annexed to family planning is social relationship building, both of which have implications for later life planning. According to Dovie (2018a), these can be collectively pursued. This is however oftentimes dependent on the availability of the requisite planning information. Hence the argument that retirement planning information and preparation towards life in old age are inseparable (Dovie, 2018b). Women in developing countries increasingly have desires for smaller families as a result of which contraceptive use increased, while fertility rates dropped. However, demographic surveys intimate that the actual family size in most developing countries remains greater than the desired family size. This is indicative of the gap between the real and the ideal family size prevalent in sub-Saharan Africa. Yet, also critical to preserving a woman’s life and health, are her ability to control the timing, spacing and total number of children (Barot, 2008). Sun et al. (2007, p. 57) asserted that *personal retirement planning behaviour is a function of access to investment information. Infor-*

Exploring The Nexus Between Family Size Planning and Retirement Planning In Ghana

mation provided by employers, financial consultants, family or friends seem to be the most influential components of decision making.

Planning family sizes lead to the conservation of funds for onward investment or channeling into retirement plans and/or portfolios. Having a smaller family size becomes a retirement aspiration for the workers. Ideally, the whole process of retirement planning which commences with family size planning, has implications for retirement preparation and the associated benefits (Dovie, 2018a). The progress in retirement planning causes a structural change that entails the issue of the impact of family planning and vice versa, particularly with implication for retirement planning in terms of financial asset mobilization (Dovie, 2019b). As a result, Caldwell (2005) demonstrates that *thus, the pressure to have fewer children results principally not from forward-looking educated parents but from forward-looking investing parents* (p. 736). Financial resources are mobilized through shares, susu, equities (Osei-Assibey, 2014), savings (Osei-Assibey, 2014; Quartey & Prah, 2014), pension contributions, and investments into mfund, epack (Dovie, 2017) among several others.

The relationship-focused strategy pertains to the building of relationships that could be depended on in old age. The process of social relationship formation is constituted by two phases such as initial and termination phases. It is in the initial phase that individuals are supported through education or career training to completion. In consequence, securing a gainful employment marks the termination phase. Social relationship building at both the individual and group levels, depict persistence beyond the retirement transition. Therefore, by building positive relationships with others, individuals will be happier and more fulfilled and feel more supported, supportive, and connected (Freifeld, 2013).

The results show that family size planning is a retirement planning aspiration, making it a retirement planning prerequisite. The notion of family size planning has been alluded to by Atchley (2000) and Caldwell (2005). The findings are suggestive of two paradigms to childcare outcomes: social insurance and non-social insurance. The first one perceives children as social insurance, a situation in which children are obliged to care for their parents in return for care they received early on in life. It is in this context that Caldwell (2005) argues that children obtain insurance value especially in times of old age. To the contrast, the non-social insurance paradigm is opposed to the dependence on children as social insurance. Thus, it advocates for adequate retirement preparation as an ‘insurance’ against old age. By and large, this paradigm is comparatively accommodative to the plight of ‘childless’ workers and planners.

The notion of social insurance may be said to be direct and indirect. The direct social insurance web is situated around children whereas the indirect one comes from siblings, nephews and nieces, significant others and association members. These may provide financial support in old age but also companionship and friendship. Further, *gifts of goods or services and later reciprocation allow the creation of a security system of mutual obligations* (Caldwell, 1976, p. 339). Yet, it may not be a given in contemporary times that children must be supported for purposes of the notion of reciprocity. Instead, this could be done to enable them care for themselves, barring the notion of 'give and take' or 'social insurance'. Annexed to this phenomenon is social relationship paradigm.

CONCLUSION

The emerging issues in the study highlight the scope of retirement planning as expanded especially with respect to family planning and social relationship building. Access to pension information and preparing towards life in old age are inseparable. This is essential because information dissemination and resultant literacy may have a great impact on workers' savings behavior including family size planning.

This study did not find age differences in the preference for manageable family size planning (p -value=1.000). There was no sex or gender difference was found in the preference of a small family size (p -value=0.792). The educational level of the planners influenced the consideration of number of children (p -value=0.000), whilst workers placed similar emphasis on the income of retirement planners in tandem with retirement planning (p -value=0.050). Also, planners with tertiary level of education stressed PRE of planners (p -value=0.005). Workers in the low income, middle income and high income classes placed considerable emphasis on number of children (p -value=0.056)

The findings show that the desired family size ranges between 1 and 5 in terms of the number of children had. Formal (76.2%) and informal (23.8%) sector workers, note that the highest number of children should be 5. Cramer's $V=0.688$ is a reflection of the fact that a strong association exists between family size planning and retirement planning.

There are 2 distinct paradigms to childcare outcomes. They are social insurance and non-social insurance. The first paradigm perceives children as social insurance,

Exploring The Nexus Between Family Size Planning and Retirement Planning In Ghana

and the associated notion of reciprocity for care earlier received. The second paradigm shows that siblings, nephews and nieces and significant others are supported for purposes of obligation, responsibility, learning process, counteract impending burden, being benevolent, sympathy and avoidance of dependency.

The attendant social relationships are formed at the individual and group levels interspersed with the devotion of funds, time and effort being of core essence. At the individual level, it is formed with children, siblings, cousins, nephews and nieces, spouses, parents, uncles and aunties, house maids and servants, significant others, etc. At the group level, it is constituted by the joining of diverse associations albeit professional, quasi professional or non-professional. The formation of social relationships is based on respect, empathy, obligation, responsibility, including the experience of similar predicaments. Social relationship formation entails counselling or advice, accommodativeness, as well as appreciation.

The benefits social relationship formation comprise social interaction, cordial relationship establishment and maintenance, financial support towards education and career accomplishments.

The social relationship formation pathway consists of two phases namely initial and termination phases. The individual at the individual level is supported through education or career training. Completion and securing of gainful employment signifies the termination phase.

At the group level dimension is persistence beyond the retirement transition, expressed in joining associations. Belonging to voluntary associations serves as a two-edged sword coping mechanism in both pre- and post-retirement life.

Retirement planners' manageable family size planning with the expected number ranging between 1 and 5 children, could be said to be an aspiration in the context of this paper, as it depicts a goal in itself. The essence of which is to bear a number of children who can be cared for adequately notwithstanding other exigencies including the phenomenon of retirement planning. Such an aspiration is in line with Atchley's (2000) postulations, particularly the aspiration dimension of the act of family planning. Hence, retirement planners aspired to have smaller and manageable family size, the attainment of which is a valuable achievement. This aspiration is anchored by the provision and access to PRE.

The articulation of a small family size planning is consistent with Caldwell's (2005) intimation for small family sizes in non-western societies including Africa and Ghana. Although, family size planning has been considered as the preserve of population

growth concern, the findings show that family size planning is worthy of consideration in the context of retirement planning.

The findings contradict Caldwell's (2005) postulation of children serving as old age security of social insurance for their parents and/or guardians. Since the social relationship formation dimension denounces the reciprocity tangent of children, wards or significant others', yet emphasizes the latter being given firm grounding in life.

It is concluded that PRE significantly influences preparing towards post-retirement life. Although, other intervening factors such as competing financial resources and priority orientation inhibit the extent of this influence. Indeed, family size planning correlates significantly (p -value=0.688) with retirement planning. However, associated with this is social relationship building for onward use and/or benefits. In other words, family planning and its family size are connected to social relationship building and/or social networking pathways within the context of retirement planning. They have implications for financial risk taking and the related risk aversion with cultural underpinnings.

Some gaps and directions for the future have been identified. For instance, the scarcity of relevant studies on family size planning and retirement planning. This study focused on family size planning, not targeted specifically at maternal health and child mortality. Thus, further studies need to be conducted in this grey area. Further, the most significant barriers to family size planning is the lack of cooperation between couples with regards to the spacing births and by extension limiting the number of children had. Improvement in family size planning education should be implemented through local approaches and national policy, while appreciating the cultural context.

Noteworthy is that only worker groups who agreed to participate were included and that the response rates varied substantially between sectors. Furthermore, no behavioral observations were used to confirm the measure(s).

REFERENCES

- Aboderin, I. (2004). Decline in Material Family Support for Older People in Urban Ghana. *The Journal of Gerontology, Series B, Psychological Sciences and Social Sciences*, 59(3), S128-S137.

Exploring The Nexus Between Family Size Planning and Retirement Planning In Ghana

- Aboderin, I. (2005). Conditionality and limits of filial obligations. Working paper no. WP205. Retrieved July 21, 2017 from http://www.ageing.ox.ac.uk/files/workingpaper_205.pdf
- Aboderin, I. (2006). *Intergenerational support and old age in Africa*. New Brunswick, New Jersey: Transactions.
- Ackah, C., & Baah-Boateng, W. (2012). Trends in growth, employment and poverty in Ghana. In C. Ackah, C. & E. Aryeetey (Eds.), *Globalisation, trade and poverty in Ghana* (pp. 33-49). Accra: Sub-Saharan Africa Publishers.
- Ackah, C., Turkson, F. E., & Opoku, K. (2012). Trade cost and intra-regional trade flows in ECOWAS. *J West Afr Integr*, 1(1), 1-43.
- Addai I. (2011). Estimating gender earnings gaps in the informal sector Kayayei Labour Market: Micro-level empirical evidence from Kumasi, Ghana. *Ghana Social Science Journal*, 8(1&2), 92-105.
- Agbobli, A. D. (2011). *Pensions: The new instrument perspective for retirement planning*. Accra: Mork Impressions.
- Atchley, R. C. (2000). *Social forces and aging* (9th ed.). Belmont, CA: Wadsworth.
- Amoako-hene, M. (2011). Information management: The nemesis of Ghanaian governments. *Ghana Social Science Journal*, 8(1&2), 150-173.
- Barot, S. (2008). Back to basics: the rationale for increased funds for interventional family planning. Retrieved December 12, 2019 from <http://www.guttmacher.org>
- Bazeley, P., & Jackson, K. (2014). *Qualitative data analysis with Nvivo* (2nd ed.). Thousand Oaks, CA: Sage.
- Bryman A. (2008). *Social research methods* (3rd ed.). Oxford: Oxford University Press.
- Caldwell, J. C. (1976). Toward a restatement of demographic transition theory. *Population & Development Review*, 2(3/4), 321-366.
- Caldwell, J. C. (1978). A fertility theory: From a plateau to destabilisation. *Population & Development Review*, 2(3), 321-366.
- Caldwell, J. C. (2005). On net intergenerational wealth flows: An update. *Population & Development Review*, 31(4), 721-740.

- Chen, M. A. (2007). Rethinking the informal economy: Linkages with the formal economy and the formal regulatory environment. In José A. Ocampo & K.S. Jomo (eds.), *Towards full and decent employment* (preface, pp. 234-254). New York: Zed Books.
- Daatland, S. O., & Herlofson, K. (2003). 'Lost solidarity' or 'changed solidarity': a comparative European view of family solidarity. *Ageing and Society*, 23, 537-560.
- De-Graft Aikins, A., Kushitor, M., Sanuade, O., Dakey, S., Dovie, D. A., & Kwabena-Adade, J. (2016). Research on aging in Ghana from the 1950s to 2016: A bibliography and commentary. *Ghana Studies Journal*, 19, 173-189.
- Demographic Health Survey (2008). Ideal family size – The DHS program. Retrieved December 6, 2019 from <https://dhsprogram.com>
- Doh, D., Afranie, S. & Bortei-Doku Aryeetey, E. (2014). Expanding social protection opportunities for older people in Ghana: A case for strengthening traditional family systems and community institutions. *Ghana Social Science Journal*, 11(1), 26-52.
- Dovie, D. A. (2017). *Preparations of Ghanaian formal and informal sector workers towards retirement*. Unpublished Doctoral Thesis, University of Ghana, Accra.
- Dovie, D. A. (2018a). Systematic preparation process and resource mobilisation towards post-retirement life in urban Ghana: An exploration. *Ghana Social Science Journal*, 15(1), 64-97.
- Dovie, D. A. (2018b). Financial literacy in an African society: An essential tool for retirement planning. *Contemporary Journal of African Studies*, 5(2), 26-59.
- Dovie, D. A. (2018c). Utilization of digital literacy in retirement planning among Ghanaian formal and informal sector workers. *Interações: Sociedade e as Novas Modernidades*, 34, 113-140. <https://doi.org/10.31211/interacoes.n34.2018.a6>. Special Issue on (In)Equalities and Social (In)Visibilities in the Digital Age.
- Dovie, D. A. (2019a). Assessment of how house ownership shapes health outcomes in urban Ghana. *Societies*, 9(43), 1-18. <https://doi.org/10.3390/soc9020043>. Special Issue Families, Work and Well-being.

Exploring The Nexus Between Family Size Planning and Retirement Planning In Ghana

- Dovie, D. A. (2019b). Financial assets. In D. Gu, & M.E. Dupre (Eds.), *Encyclopedia of gerontology and population Aging*. New York: Springer Publishing Company.
- Dovie, D. A. (2019c). Utilizing retirement planning as leverage for age reduction among workers. In Ł. Tomczyk & A. Klimczuk (Eds.), *Between successful and unsuccessful ageing: selected aspects and context* (pp. 23–57). Kraków: Uniwersytet Pedagogiczny wKrakowie. <https://doi.org/10.24917/9788395373718.2>
- Dovie, D. A., Ayimey, I. R., & Adodo-Samani, P. (2018). Pension policy dimension to Ghanaian workers' housing needs provision. *Interações: Sociedade e as Novas Modernidades*, 35, 30-56. <https://doi.org/10.31211/interacoes.n35.2018.a2>
- Dugbazah, J. (2012). *Gender, livelihoods and migration in Africa*. USA: Xlibris Corporation.
- Employee Benefits Research Institute (2019). 2019 retirement confidence survey summary report. Retrieved June 15, 2019 from <http://www.ebri.org>
- Freifeld, L. (2013). 8 tips for developing positive relationships. Retrieved August 4, 2019 from <https://trainingmag.com/content/8-tips-developing-positive-relationships/>
- Ghana Statistical Service (2014). 2010 population and housing census: District analytical report – Accra Metropolitan. Retrieved October 2, 2015 from http://www.statsghana.gov.gh/docfiles/2010_District_Report/Greater%20Accra/AMA.pdf
- Ghana Statistical Service(2013). 2010 Population and housing census report: The elderly in Ghana.
- Greenwald, M. & Associates (2013). The decision to retire and post-retirement financial strategies: A report of eight focus groups. The Society of Actuaries. Retrieved June 23, 2019 from <https://www.soa.org/globalassets/assets/files/research/projects/research-2013-decision-retire.pdf>
- Holzmann, R., & Hinz, R. (2005). *An international perspective on pension systems and reform: old age income support in the 21st century*. Washington D.C.: The World Bank.

- Karra, M., Canning, D., Hu, J., Ali, M., & Lisser, C. (2016). Community-based financing of family planning in developing countries: A systematic review. *Studies in Family Planning*, 47(4). <https://doi.org/10.1111/sifp.12000>
- Litwin, H. (2010). Social networks and well-being: A comparison of older people in Mediterranean and non-Mediterranean countries. *Journals of Gerontology Series B-Psychological Sciences and Social Sciences*, 65, 599–608.
- Moody, H. R. (2010). *Ageing: Concepts and controversies* (6th ed.). Los Angeles, CA, USA: Fine Forge Press.
- Moore, D. R., & McCabe, G. P. (1993). *Introduction to the practice of statistics* (2nd ed.). New York: W.H. Freeman and Company.
- Novak, M. W. (2006). *Issues in ageing*. Boston: Pearson.
- Osei-Assibey, E. (2014). Resource mobilisation through the capital market in Ghana. In P. Quartey, E. Bortei-Doku Aryeetey, & C. G. Ackah (Eds.), *Domestic resource mobilisation for inclusive development in Ghana* (pp. 193-226). Accra: Sub-Saharan Publishers.
- Palmer, R. (2007). Education, training and labour market outcomes in Ghana: A review of the evidence. *RECOUP Working Paper 9*.
- Perneger, T. V., Courvoisier, D. S., Hudelson, P. M., & Gayet-Ageron, A. (2015). Sample size for pre-test of questionnaires. *Qual. Life Res.* 2, 147–151.
- Quadagno, J. (2014). *Ageing and the life course: An introduction to social gerontology* (6th ed). Boston: McGraw Hill.
- Quartey, P., & Prah, F. (2014). Trends in domestic savings in Ghana. In P. Quartey, E. Bortei-Doku Aryeetey, & C. G. Ackah, (Eds.). *Domestic resource mobilisation for inclusive development in Ghana* (pp. 58-95). Accra: Sub-Saharan Publishers.
- Rappaport, A. (2017). How can family fit into your retirement plans? Retrieved May 24, 2019 from <https://www.forbes.com/sites/pensionresearchcouncil/2017/06/02/how-can-family-fit-into-your-retirement-plans/#62c460ed650b>
- Round, D. (2009). *The boundaries between informal and formal work*. Retrieved October 30, 2015 from <http://www.beyondcurrenthorizons.org.uk>

Exploring The Nexus Between Family Size Planning and Retirement Planning In Ghana

- Sun, W., Barboza, G. & Richman, K. (2007). Preparing for the future: Latinos' financial literacy and retirement planning. *The Business Journal of Hispanic Research*, 1(2), 54-68.
- Tonah, S. (2009). The challenge of ageing in rural and urban Ghana. In S. Tonah (Ed.), *Contemporary Social Problems in Ghana*, Accra: Yamens Press Limited.
- Tsikata, D. (2015). Like your own child: Employers' perspective and domestic work relations in Ghana. In C. R. Rodrigues, Tsikata, D., & A. Adomako Ampofo (Eds.), *Trans-Atlantic feminists: Women and gender studies in Africa and the Diaspora* (pp. 189-211). London: Lexington Books.

A Internacionalização do Ensino Superior Da Mobilidade de Pessoas à Internacionalização do Currículo¹

Maria João Barata²

Instituto Superior Miguel Torga - mjbarata@ismt.pt

Sumário

O presente ensaio constituiu a Oração de Sapiência proferida na cerimónia de Abertura Solene do Ano Lectivo 2019/2020 no ISMT a 6 de Novembro de 2019. Nele, a autora reflecte sobre a internacionalização das instituições do ensino superior, dando destaque à passagem de uma ênfase na mobilidade internacional de estudantes, enquanto modalidade por excelência de internacionalização do ensino, para uma ênfase na própria internacionalização dos cursos e das instituições. Para esse efeito, o ensaio percorre conceitos teóricos centrais nesta

questão – internacionalização do ensino superior, internacionalização em casa e internacionalização do currículo –, salientando algumas das dinâmicas institucionais e pedagógicas que lhes estão associadas. Na parte final do ensaio, nota-se a necessidade de equilibrar os requisitos de quantificação e standardização dos indicadores de internacionalização com uma atenção às especificidades das áreas disciplinares, argumentando-se que estas devem ter um papel crucial nas dinâmicas institucionais de internacionalização do currículo.

Palavras-chave: Internacionalização do ensino superior, internacionalização em casa, internacionalização do currículo, mobilidade de estudantes.

The Internationalization of Higher Education From People's Mobility to Curriculum Internationalization

Abstract

This essay was the Lecture at the Solemn Opening Ceremony of the Academic Year 2019/2020 at the Miguel Torga Institute of Higher Education, on the 6th November 2019. In it, the author reflects on the internationalization of higher education institutions, highlighting a shift from an emphasis in the inter-

national mobility of students as the main form of the internationalization of education to an emphasis on the very internationalization of the degrees and institutions. To this purpose, the essay reviews core theoretical concepts about this issue - internationalization of higher education, internationalization at home

1 Texto da Oração de Sapiência proferida na cerimónia de Abertura Solene do Ano Lectivo 2019/2020 no ISMT a 6 de Novembro de 2019. Manteve-se o registo de oralidade presente no escrito.

2 A autora escreve de acordo com a antiga ortografia.

A Internacionalização do Ensino Superior Da Mobilidade de Pessoas à Internacionalização do Currículo

and internationalization of the curriculum - referring some of the institutional and pedagogical dynamics associated with them. At the end of the essay, the author notes the need to balance the requirements of quantification and standardization of the internationalization in-

dicators with an attention to the specificities of the disciplinary areas, and argues that these should play a crucial role in the institutional dynamics of the internationalization of the curriculum.

Keywords: Internationalization of higher education, internationalization at home, internationalization of the curriculum, students' mobility.

Quando me foi feita a sugestão de abordar aqui o tema da internacionalização da universidade³, aproveitei-a de imediato, pois iria ser para mim uma oportunidade para pesquisar e reflectir um pouco mais sobre uma área de trabalho que me tem ocupado bastante, desde há seis anos a esta parte, no âmbito da Coordenação do Gabinete de Relações Internacionais do ISMT. Uma ocupação, contudo, em constante premência de realizar esta ou aquela tarefa, de resolver este e aquele problema, em que pouca disponibilidade resta, portanto, para uma reflexão mais pausada e estratégica. Esta premência é, aliás, reflexo de uma dinâmica mais geral, que largamente ultrapassa esta instituição, de intensa e acelerada internacionalização do ensino superior. No espaço de poucos anos, e em virtude de dinâmicas tanto das próprias instituições como, de modo mais abrangente, de políticas de ensino superior e ciência, aos níveis nacional, europeu e internacional mais alargado, temo-nos visto – professores, investigadores, coordenadores de cursos e de gabinetes vários – progressivamente imersos em questões de internacionalização, por vezes mesmo lutando para nelas não ‘perecer’. Apenas alguns exemplos:

- A imensa pressão para publicar em revistas científicas internacionais (“*publicar ou perecer*” tornou-se já uma espécie mantra para qualquer académico);
- O acompanhamento de estudantes Erasmus, provenientes dos mais variados países, europeus e não só, nos vários aspectos do ensino – aulas, bibliografia, trabalhos, testes... – com a necessidade de recorrer às línguas inglesa ou castelhana para fazer esse acompanhamento;

³ Quero deixar aqui expressa a minha gratidão ao Sr. Professor Doutor Carlos Amaral Dias, que infelizmente já não se encontra entre nós, pelo convite que me dirigiu para proferir a Oração de Sapiência de que se publica aqui o texto integral, bem como a sugestão temática que desde logo fez.

- O crescimento, nas nossas turmas, do número de estudantes lusófonos não portugueses como alunos que se matriculam para fazer todo o seu curso, que trazem formações de base, motivações e traços culturais diversificados;
- O dar cumprimento aos indicadores de internacionalização na elaboração dos currículos, dos programas das unidades curriculares, no desempenho docente, na produção científica, na transferência de conhecimento e inovação, enfim...

A intensidade e aceleração de tais desenvolvimentos é deveras impressionante. Com frequência, é apenas de forma *ad hoc* e dispersa que vamos conseguindo dar resposta às várias solicitações e desafios, ficando pouca disponibilidade para entender e acolher devidamente o seu sentido e propósito estratégico.

Vou então aproveitar esta oportunidade para sistematizar alguns conceitos e ideias sobre processos de internacionalização do ensino superior, salientando a passagem geral de um enfoque na mobilidade de pessoas para um de internacionalização dos currículos.

*

A mais consensual e citada das definições de internacionalização do ensino superior é a de Jane Knight, que a define como “o processo de integrar uma dimensão internacional, intercultural ou global no propósito, funções e prestação de ensino pós-secundário” (2003, p. 2, tradução livre minha).

Esta é uma definição de 2003 – já com muitos anos, portanto. Existem algumas definições mais recentes, que, contudo, são essencialmente variações desta definição inaugural. No meu entender, não acrescentam valor heurístico ao conceito. O que acrescentam é sobretudo de carácter normativo e valorativo. Mas, desse modo, são reveladoras de aspectos críticos que mais recentemente a internacionalização tem assumido.

É, por exemplo, o caso da definição proposta num estudo promovido pelo Parlamento Europeu, em 2015, assumida como uma revisão da definição de Jane Knight, e que é reveladora de alguns desses desenvolvimentos, mesmo que apenas de modo negativo, ao tentar contrariá-los. Nesse estudo, a internacionalização do ensino superior é definida como:

A Internacionalização do Ensino Superior Da Mobilidade de Pessoas à Internacionalização do Currículo

“o processo **intencional** de integrar uma dimensão internacional, intercultural ou global no propósito, funções e prestação de ensino pós-secundário, **a fim de melhorar a qualidade da educação e da pesquisa para todos os alunos e staff, bem como dar um contributo significativo para sociedade**” (European Parliament, 2015, p. 29, ênfase do autor, tradução livre minha)

As expressões a negrito são as que foram acrescentadas à definição original de Jane Knight. E elas salientam algumas questões decisivas.

Em primeiro lugar, salientam a tendência para a profissionalização do processo de internacionalização das instituições de ensino superior, com a constituição de gabinetes que se especializam em tratar dos aspectos mais institucionais e burocráticos da internacionalização, ao mesmo tempo que o próprio processo assume progressivamente orientações mais estratégicas, a vários níveis.

Desde logo, as orientações estratégicas assumidas pelas próprias instituições ao nível dos seus órgãos de direcção. Depois, e no nosso contexto – Portugal –, é também crucial uma orientação europeia, que se faz sentir sobretudo a partir de 1987, ano da criação do Programa Erasmus, o qual surge com o objectivo de promover a mobilidade de estudantes universitários no interior da – então – comunidade económica europeia. Esta estratégia é depois reforçada com o chamado Processo de Bolonha, a partir de 1999, destinado a promover a harmonização dos sistemas europeus de ensino superior para, justamente, os flexibilizar e tornar mais abertos à internacionalização. Este processo tem visado a coesão da Europa, através da promoção de uma identidade europeia, mas também a competitividade do seu ensino superior. E vale a pena notar que a Europa é, hoje, modelo de internacionalização para o resto do mundo, sendo a região com mais mobilidade de estudantes e a mais atractiva para as actividades de internacionalização das instituições universitárias de outras partes do mundo.

Finalmente, mas não menos importante, é também uma orientação nacional, a qual converge com a orientação europeia, mas que, ao mesmo tempo, explora outras dimensões, nomeadamente no âmbito do espaço da lusofonia. Só este tópico poderia ser toda uma palestra, mas, aqui, refira-se apenas, a título ilustrativo, a legislação sobre o Estatuto do Estudante Internacional, a Resolução do Conselho de Ministros n.º 78/2016 com as orientações gerais para a política de internacionalização do ensino superior e da ciência e tecnologia, e a iniciativa *Study & Research in Portugal*.

Um aspecto interessante desta política, consagrado na referida Resolução, é o envolvimento do Ministério dos Negócios Estrangeiros neste âmbito – por um lado, em

actividades de divulgação do ensino superior português no estrangeiro, por outro, para agilizar os processos de candidatura e ingresso dos estudantes, em particular quanto à questão dos vistos. Contudo, estas articulações entre diferentes instâncias governativas e serviços, por vezes, revelam-se complexas e sujeitas a pressões políticas e burocráticas diversas, e até contraditórias – muito caminho a fazer-se ainda aqui, portanto.

Voltando à análise da definição, e em segundo lugar, cabe constatar que a ênfase na mobilidade de pessoas (sobretudo dos estudantes), como sendo a principal forma de realizar a internacionalização do ensino, tem um certo efeito elitista. De facto, os estudos mostram que, no caso dos estudantes, a mobilidade internacional se correlaciona com o estatuto socio-económico – isto é, são sobretudo os e as estudantes que já têm vantagens sociais quem, por exemplo, mais participa no Programa Erasmus (Brandenburg et al., 2016: 117). A partir daqui, e tendo em conta a melhoria das condições de empregabilidade que os estudos também demonstram estar associados à mobilidade, sobretudo por causa procura crescente, da parte do mercado de trabalho, de competências internacionais e interculturais (Teichler, 2017, p. 208), percebe-se que a opção por uma internacionalização centrada na mobilidade de estudantes pode contribuir para o reforço das desigualdades sociais. É também isto que aquela definição pretende contrariar, e note-se que o Programa Erasmus tem implementado várias medidas para esse efeito.

Em terceiro lugar, a constatação de que a internacionalização tem vindo crescentemente a acentuar uma vertente mais economicista no ensino superior, em detrimento de lógicas mais tradicionais no mundo académico, ligadas à universalidade e comunalidade do conhecimento científico. É aqui exemplo, entre outros, o que acontece com as mobilidades para a obtenção de grau, ou seja, os casos em que os estudantes se deslocam ao estrangeiro para fazer todo o seu curso. Estes estudantes pagam propinas e, nalguns contextos, até propinas superiores às dos estudantes nacionais do país, como é o caso nas instituições de ensino superior públicas em Portugal. A competição por estes estudantes internacionais assume então um carácter empresarial, pois é cada vez mais assumida como uma fonte de financiamento das instituições. Esta motivação começa mesmo a superar outras, que durante muito tempo estiveram subjacentes ao acolhimento de estudantes estrangeiros: a cooperação, a ajuda ao desenvolvimento, a promoção da paz, a promoção de identidades regionais e transnacionais. Então, o que poderia parecer uma redundância ainda não há muito tempo, tem hoje que ser afirmado explicitamente: que a internacionalização deve ser pensada também como contributo para a sociedade.

A Internacionalização do Ensino Superior Da Mobilidade de Pessoas à Internacionalização do Currículo

É, pois, no contexto destas várias evoluções que devemos entender o aparecimento e aprofundamento das ideias de ‘internacionalização em casa’ e ‘internacionalização do currículo’, hoje decisivas.

*

É na Europa, ainda no final do século passado, que um movimento de académicos e profissionais da internacionalização começa a argumentar por uma “internacionalização em casa” (*internationalization at home*), justamente como reacção a uma ênfase, considerada excessiva, na mobilidade de estudantes como a forma, por excelência, de aquisição de competências internacionais e interculturais durante o curso, devida sobretudo ao Programa Erasmus. Nessa altura, a meta do programa era a de que pelo menos 10% dos estudantes de ensino superior na Europa fizessem uma mobilidade noutro país; hoje, a meta é de 20%. O que os proponentes da internacionalização em casa advogavam, e advogam, era, e é, que também os restantes 90%, ou hoje 80%, dos estudantes – os que não fazem mobilidade – tenham também direito a uma componente de internacionalização na sua formação académica.

Tratava-se e trata-se de dar a todos uma oportunidade de aquisição de competências que têm estado a ser adquiridas essencialmente por uma minoria de estudantes, tendencialmente oriundos de classes sociais já favorecidas. Para além disso, e até independentemente do nível socio-económico, estes estudantes, mesmo antes da mobilidade, já revelam, por comparação com os restantes, mais competências de comunicação intercultural e mais motivação para experiências de internacionalização (Brandenburg et al., 2016: 117). Os estudos (Brandenburg et al., 2016, p. 119; Teichler, 2017, p. 179; Wit & Hunter, 2015, p. 46) revelam ainda que os estudantes que realizaram mobilidade Erasmus têm menos probabilidade de entrarem numa situação de desemprego de longa duração, mais probabilidade de terem uma atitude empreendedora, de chegarem a posições de administração e de prosseguirem uma carreira internacional. Revelam também que as competências de interculturalidade e internacionalidade adquiridas são genericamente valorizadas pelos próprios, pelas IES e pelas entidades empregadoras. Por estas razões, revela-se importante trazer competências de internacionalidade e interculturalidade ao conjunto dos e das estudantes do ensino superior.

A internacionalização em casa foi então definida como: “a integração propositada de dimensões internacionais e interculturais no currículo formal e informal para todos os estudantes, no ambiente de aprendizagem doméstico” (Beleen e Jones, 2015, p.

69, tradução livre minha). Para além de se destinar a todos os estudantes, este conceito tem ainda o interesse de incluir aspectos mais informais da experiência académica, nomeadamente o contacto com os serviços administrativos, gabinetes de apoio em variadas áreas, oportunidades de actividades culturais, desportivas, etc., que podem também assumir dimensões internacionais e/ou interculturais.

Contudo, um entendimento abrangente de internacionalização também não pode descartar nem minorizar a questão da mobilidade. Assim, o conceito de internacionalização do currículo – hoje predominante – abarca a ideia de internacionalização em casa e, ainda, a mobilidade internacional de estudantes. Betty Leask, a autora de referência para este conceito, define-o como

“o processo de incorporar dimensões internacionais, interculturais e globais no conteúdo do currículo, bem como nos resultados da aprendizagem, nas tarefas de avaliação, nos métodos de ensino e nos serviços de apoio de um programa de estudos” (Leask, 2009 cit. Leask, 2016, p. 50, tradução livre minha).

Vejamos algumas actividades que concorrem para a internacionalização do currículo.

Ainda e sempre, a mobilidade internacional de estudantes para estudos e estágios. Neste ponto, destaca-se a mobilidade para a obtenção de créditos, de que é, aqui na Europa, paradigmático o caso do Programa Erasmus. Esta é tendencialmente uma mobilidade de curta duração, e que costuma ser caracterizada como uma mobilidade de tipo horizontal, quer dizer, o que se procura não é melhor ensino, mas uma diversidade de experiências, nos planos científico, pedagógico, mas também socio-cultural – aquilo a que Ulrich Teichler chama “aprendizagem por contraste” (2017, p. 192, tradução livre minha).

Nesta linha, começam mesmo a surgir cursos em que a mobilidade é uma componente do currículo, seja nos chamados ‘graus conjuntos’ (*Joint Degrees*, que são cursos conferentes de grau – normalmente mestrado – que decorrem em duas ou mais instituições de países diferentes, e que requerem a mobilidade dos e das estudantes entre essas instituições), seja sob a forma das chamadas ‘janelas de mobilidade’ (*Mobility Windows*, em que os planos curriculares de um curso conferente de grau prevêm um período de mobilidade de curta duração noutra país, para a obtenção de créditos – normalmente 1 semestre / 30 ECTS).

Quanto ao programa Erasmus, tem vindo a reforçar os mecanismos de apoio à mobilidade para estudantes oriundos de meios sociais em desvantagem e estudantes

A Internacionalização do Ensino Superior Da Mobilidade de Pessoas à Internacionalização do Currículo

com necessidades especiais, ao mesmo tempo que dá directivas às instituições para incentivarem e apoiarem especialmente as mobilidades destes e destas estudantes.

Mas a relevância da internacionalização do currículo, hoje, é também a de reforçar a sua atractividade para os estudantes internacionais em mobilidade para obtenção de grau, ou seja, estudantes que procuram as instituições de outros países fazer integralmente a sua licenciatura, mestrado ou doutoramento, pagando as propinas nas instituições para onde se deslocam (pelo contrário, note-se que a maioria dos programas de mobilidade para obtenção de créditos isenta os estudantes de pagar propinas nas instituições de acolhimento). Esta mobilidade para obtenção de grau é, portanto, uma mobilidade de mais longa duração (há mesmo autores que consideram não se tratar de mobilidade), e que se pode considerar vertical, no sentido em que visa a aquisição de conhecimentos e competências a que se dá mais valor do que aos que se adquiririam ficando a estudar em instituições de ensino superior no país de proveniência (Teichler, 2017, p. 192).

Outra forma de internacionalizar o currículo pode ser a oferta de algumas unidades curriculares, ou, mesmo, de cursos inteiros conferentes de grau, em língua inglesa. Esta é hoje uma forte tendência no mundo inteiro, incluindo no nosso país. Visa, tanto a captação de estudantes internacionais, como o desenvolvimento das competências linguísticas dos estudantes locais.

Esta estratégia, contudo, tem sido alvo de aceso debate, em que muitos autores chamam a atenção de que, mudar simplesmente a língua em que os cursos são ministrados – sem que isso seja acompanhado por outro tipo de transformações nos conteúdos programáticos, métodos de avaliação, definição dos resultados de aprendizagem e das competências a adquirir –, não constitui, por si só, a internacionalização desses cursos (cf., entre outros, Wit, 2013, p. 29).

Por outro lado, outras línguas que não o inglês – nomeadamente, o francês, o alemão, o castelhano e, é claro, o português – são cada vez mais mobilizadas como factor de atracção de estudantes internacionais em países – como é o caso do nosso – que procuram constituir-se como “eixos [*hubs*] regionais de ensino superior e inovação” (Rumbley et al, 2012, p. 4, tradução livre minha). No caso de Portugal, a língua portuguesa, associada à nossa integração europeia, é decisiva na atracção de estudantes dos países da CPLP, mas também de estudantes proveniente de países em que o português não é língua oficial, mas que procuram essa competência linguística para trabalhar e investir no mundo lusófono, um mercado já a ultrapassar os 250 milhões de falantes. É, por exemplo, o caso de muitos estudantes chineses já aqui, na nossa cidade [Coimbra].

Em terceiro lugar, refiram-se formas internacionais de ensino e aprendizagem com recurso às tecnologias da informação e comunicação – é notadamente o caso dos conceitos de ‘mobilidade virtual’, ‘aprendizagem digital’ e ‘aprendizagem internacional colaborativa online’ (Wit e Hunter, 2015, p. 41).

Finalmente, há variadíssimos instrumentos pedagógicos, e aqui não consigo sequer ser exaustiva: bibliografia internacional comparada; estudos de caso internacionais; conferências e aulas abertas proferidas por profissionais de empresas internacionais, por representantes de grupos nacionais e étnico-culturais locais, ou por académicos de IES estrangeiras, por exemplo, em mobilidade académica; estágios curriculares em contextos de trabalho com populações migrantes, refugiadas, expatriadas ou de minorias étnico-culturais; também uma atenção especial à própria diversidade de nacionalidades, etnias e culturas que cada vez mais encontramos nas nossas turmas, seja por via da captação de estudantes internacionais, seja como reflexo da crescente diversidade das nossas sociedades, seja ainda em resultado do crescente ingresso no ensino superior de indivíduos de grupos étnico-culturais e socio-económicos que durante muito tempo dele estiveram mais arredados – há aqui um enorme potencial para enriquecer o trabalho pedagógico com dimensões de interculturalidade –; entre outros possíveis.

*

Note-se que muitos desses instrumentos são já adoptados por docentes e coordenadores por sua iniciativa própria, independentemente de políticas de internacionalização de cariz mais centralizado e formal.

A questão decisiva, contudo, é a de que, definir o que deve ser a forma de internacionalização no ensino superior depende dos contextos local, nacional, regional e internacional, mas, também, e talvez sobretudo, da área disciplinar.

Este ponto é especialmente crítico, porque entra em tensão com a necessidade de alguma standardização dos indicadores quantitativos de internacionalização das instituições, dos docentes, dos cursos e das unidades curriculares, para efeitos de processos de avaliação, interna e externa.

O ponto é saber como construir indicadores de internacionalização passíveis de proporcionar avaliação e comparação, ao mesmo tempo respeitando a diversidade disciplinar, institucional e cultural, bem como a autonomia e o potencial crítico, que devem estar presentes no ensino superior.

A Internacionalização do Ensino Superior Da Mobilidade de Pessoas à Internacionalização do Currículo

Este é ainda um processo em curso, envolvendo contributos teóricos, dinâmicas institucionais e orientações políticas diversas.

Melanie Agnew elaborou um estudo muito interessante sobre a internacionalização no contexto das disciplinas, chegando à elaboração do seguinte quadro, sobre o pensamento dos académicos relativamente à internacionalização nas suas áreas disciplinares (Tabela 1).

Tabela 1

A Internacionalização no Contexto das Categorias Disciplinares, segundo Melanie Agnew⁴

| Disciplinas | Aplicadas | Puras |
|-------------|--|---|
| | | CIÊNCIAS PURAS |
| | TECNOLOGIAS | <ul style="list-style-type: none"> • A disciplina não tem fronteiras • Linguagem universal • Transcende o contexto cultural • Neutralidade de valores; impessoalidade • Relevância do processo científico (dados) • Currículos estandardizados • Inglês como língua global / homogeneização • Inerentemente internacional • Inerentemente interdisciplinar • Altamente interpretativa |
| 'Duras' | <ul style="list-style-type: none"> • Competitiva; intencional; funcional • Imperativo económico • Orientada para a tecnologia e o produto • Regulações internacionais • Corpo docente internacional / pouca transferência tecnológica • Relevância da capacidade linguística | |
| | CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS | HUMANIDADES |
| | <ul style="list-style-type: none"> • Valorização da prática reflexiva • Relevância da cultura local • Desafiar crenças, valores, assumpções • Valorização da experiência humana • Aplicação da aprendizagem • Múltiplos modos de conhecer | <ul style="list-style-type: none"> • Empatia • Valorização da experiência humana • Relevância da cultura local • Imperativo moral |
| 'Moles' | | |

Fonte: Adaptado de Agnew (2012, pp. 187 e 190).

4 Tabela elaborada a partir de uma análise temática indutiva de material produzido em *focus groups* disciplinares, em que participaram 37 académicos de três universidades norte-americanas, solicitados a apresentar o seu pensamento sobre internacionalização do ensino no contexto das respectivas disciplinas.

Não havendo aqui espaço para comentar cada um destes tópicos, importa notar a existência de diferenças importantes entre os contextos disciplinares, diferenças que necessariamente implicam instrumentos de internacionalização diversificados.

Em suma, coloca-se o desafio de equilibrar os requisitos de standardização, para efeitos de avaliação e comparação – o que, aliás, desde logo, é institucionalmente induzido a partir das instâncias de acreditação do ensino – com a necessária atenção às especificidades temáticas, epistemológicas, pedagógicas e culturais das diversas áreas disciplinares, para as salvaguardar.

A questão de quais são as competências internacionais e interculturais que promovem a empregabilidade dos diplomados do ensino superior tem, portanto, também, que ser equacionada diferenciadamente na óptica das áreas disciplinares dos cursos. Aliás, a linha de argumentação mais recente nesta matéria é justamente a de que as formas de internacionalização devem ser definidas posteriormente e em resultado da prévia definição dos resultados da aprendizagem a atingir.

Isto significa que as áreas disciplinares e científicas, nomeadamente através do seu corpo docente e de investigação, não podem deixar de ser actores estruturantes da internacionalização, e não só na sua implementação, mas também, e logo à partida, na sua concepção. Nomeadamente, é insubstituível o seu papel na discussão e identificação dos resultados de aprendizagem e das competências de cariz internacional, intercultural e global que os e as estudantes deverão adquirir no decurso da sua formação, tendo em vista a sua inserção profissional e cívica no mundo global (Leask, 2016), mundo global este que não começa para lá da fronteira, começa já aqui, no ponto que cada um de nós está.

A internacionalização deve, então, ser feita no currículo a todos os níveis, com impacto em todas as unidades curriculares, e não apenas, por exemplo, nas unidades curriculares optativas – como é por vezes feito, e uma vez mais contribuindo para um enviesamento que faz com que mais beneficiem da internacionalização os e as estudantes que já à partida têm essa predisposição.

Finalmente, esta atenção às disciplinas pode também fazer algum contrapeso às motivações essencialmente económicas que orientam muitas das políticas nacionais e institucionais de internacionalização do ensino superior, já que as disciplinas trazem sobretudo motivações de ordem científica, cultural e cívica, e sob o signo da diversidade. O seu contributo é, pois, essencial para contrariar processos de uniformização e hegemonização que, a prazo, podem vir a revelar-se empobrecedores do ensino superior no seu conjunto (cf. Lima e Maranhão, 2011).

A Internacionalização do Ensino Superior Da Mobilidade de Pessoas à Internacionalização do Currículo

Em suma, é necessário consciencializar e discutir as questões de internacionalização a todos os níveis da academia, para sobre elas se adoptarem estratégias que sejam pertinentes e relevantes, que sejam claras e compreensíveis para todos os envolvidos, e, também, que sejam exequíveis com os recursos disponíveis. Parafraseando Laura Rumbley e colegas, é necessário passar de uma política de *mais* internacionalização, para uma de *melhor* internacionalização (2012, p. 17).

Muito obrigada pela vossa atenção!

REFERÊNCIAS

- Agnew, M. (2012). Strategic planning - An examination of the role of disciplines in sustaining internationalization of the university. *Journal of Studies in International Education* 17 (2), 183-202.
- Beelen, J., & Jones, E. (2015). Redefining internationalization at home. In A. Curaj, L. Matei, R. Pricopie, J. Salmi, & P. Scott (Eds.), *The European Higher Education Area. Between Critical Reflections and Future Policies* (pp. 59-72). Cham, Heidelberg, New York, Dordrecht, & London: Springer.
- Brandenburg, U., Taboadela, O., & Vancea, M. (2016). Mobility matters: The Erasmus impact study. In E. Jones, R. Coelen, J. Beelen, & H. de Wit (Eds.), *Global and Local Internationalization* (pp. 117-120). Rotterdam: Sense Publishers.
- European Parliament (2015). *Internationalization of Higher Education – Study*. European Union – The European Parliament Committee on Culture and Education.
- Knight, J. (2003). Updating the definition of internationalization. *International Higher Education*, 33, 2-3.
- Leask, B. (2016). Internationalizing curriculum and learning for all students. In E. Jones, R. Coelen, J. Beelen, & H. de Wit (Eds.), *Global and local internationalization* (pp. 49-53). Rotterdam: Sense Publishers.
- Lima, M. C., & Maranhão, M. S. A. M. (2011). Políticas curriculares da internacionalização do ensino superior: multiculturalismo ou semiformação? *Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação*, 19 (72), 575-598.

- Rumbley, L., Altbach, P. G., & Reisberg, L. (2012). Internationalization within the higher education context. In D. K. Deardorff, H. de Wit, J. D. Heyl, & T. Adams (Eds.), *The Sage Handbook of International Higher Education* (pp. 3-26). Thousand Oaks: Sage Publications.
- Teichler, U. (2017). Internationalisation trends in higher education and the changing role of international student mobility. *Journal of International Mobility*, 5, 177-216.
- Wit, H. (2013). Internationalisation of higher education, an introduction on the why, how and what. In Hans de Wit (Ed.), *An introduction to higher education internationalisation* (pp. 13-46). Milan (Italy): Centre for Higher Education Internationalisation (CHEI), Università Cattolica del Sacro Cuore.
- Wit, H. & Hunter, F. (2015). Understanding internationalisation of higher education in the European context. In European Parliament, *Internationalization of Higher Education – Study* (pp. 41-58). European Union – The European Parliament Committee on Culture and Education.

FICHA TÉCNICA

Editor: **Vasco Almeida**

Conselho de Redação/Associated Editors: **Fernanda Daniel, Henrique Vicente, Inês Amaral, Maria João Barata**

Conselho Editorial/Editorial Board:

Ana Albuquerque Queiroz, Escola Superior de Enfermagem de Coimbra

Ana Maria Botelho Teixeira, Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física, Universidade de Coimbra

Ana Maria Loffredo, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo

Arley Andriolo, Departamento de Psicologia Social e do Trabalho do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo

Carlos Flores Jacques, School of Humanities and Social Sciences, Al Ahkawayn University Ifrane, Marrocos

Fernanda Rodrigues, Faculdade de Ciências Sociais, Mestrado em Serviço Social, Universidade Católica Portuguesa, Braga

Francisco Esteves, Departamento de Psicologia Social e das Organizações, ISCTE-IUL - Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa, Instituto Universitário de Lisboa

Isabel Maria Farias Fernandes de Oliveira, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Departamento de Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal RN

Isabel Soares, Departamento de Psicologia Aplicada, Universidade do Minho, Braga

José A. Bragança de Miranda, Departamento de Ciências da Comunicação, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa

José Carlos Zanelli, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Departamento de Psicologia da Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis SC

José Esteves Pereira, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa

José Marques Guimarães, CEPES - Centro de Estudos da População, Economia e Sociedade, Porto

José Paulo Netto, Escola de Serviço Social da UFRJ, Rio de Janeiro

José Pedro Leitão Ferreira, Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física, Universidade de Coimbra

José Pinheiro Neves, Departamento de Sociologia ICS, Universidade do Minho

José Pinto Gouveia, Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação, Universidade de Coimbra

Jorge Trindade, Instituto de Psicologia, Porto Alegre

Lúcia Barroco, Programa de Estudos Pós-Graduados em Serviço Social, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

Leny Sato, Instituto de Psicologia, Departamento de Psicologia Social e do Trabalho da Universidade de São Paulo

Manuel Morgado Rezende, Programa de Graduação em Psicologia da Saúde, Faculdade de Psicologia e Fonoaudiologia, Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, SP

Maria Carmelita Yasbek, Programa de Estudos Pós-Graduados em Serviço Social, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

Maria José Aguilar Idáñez, Departamento de Derecho de Trabajo y Trabajo Social, Universidad de Castilla-La Mancha, Cuenca

Maria Nunes Dinis, Division of Social Work, California State University, Sacramento, USA

Mathilde Neder, Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica, Núcleo de Psicologia Hospitalar e Psicossomática, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

Paula Cristina Tavares, Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física, Universidade de Coimbra

Paulo Coelho de Araújo, Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física, Universidade de Coimbra

Paulo César Sandler, Sociedade Brasileira de Psicanálise

Pedro Nobre, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, Universidade do Porto

Yara Frizzera Santos, Escola de Serviço Social, Pontifícia Universidade Católica Belo Horizonte MG

Proprietário:
Instituto Superior Miguel Torga
NIPC 900201835
Sede de Redação:
Largo da Cruz de Celas n.º 1
3000-132 Coimbra

Design, Paginação e Web:
Paulo Pratas

ISSN: 2184-2929
